



CAROLINA TOSHIE KINOSHITA

**UM D. QUIXOTE CIENTÍFICO A PREGAR
PARA UMA LEGIÃO DE PANÇAS:
OS MANUAIS ESCOLARES DE HIGIENE
À SOMBRA DA EUGENIA (1923-1936)**

**CAMPINAS
2013**



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CAROLINA TOSHIE KINOSHITA

**UM D. QUIXOTE CIENTÍFICO A PREGAR
PARA UMA LEGIÃO DE PANÇAS:
OS MANUAIS ESCOLARES DE HIGIENE
À SOMBRA DA EUGENIA (1923-1936)**

Orientador(a): Profa. Dra. Heloisa Helena Pimenta Rocha

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do Título de **Mestra em Educação na área de**

concentração de Educação,

conhecimento, linguagem e arte

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA CAROLINA TOSHIE KINOSHITA E ORIENTADA PELA PROF.^a Dra. HELOISA HELENA PIMENTA ROCHA

Assinatura da Orientadora

Helôisa Helena Pimenta Rocha

Prof. Dr. Dario Fiorentini
Coordenador de Programa de Pós-Graduação
Faculdade de Educação - Unicamp
Matrícula: 21682-8

CAMPINAS
2013

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**
ROSEMARY PASSOS – CRB-8ª/5751

K624d Kinoshita, Carolina Toshie, 1985-
Um D. Quixote científico a pregar para uma legião de
panças: Manuais escolares de higiene à sombra da Eugenia
(1923-1936) / Carolina Toshie Kinoshita. – Campinas, SP:
[s.n.], 2013.

Orientador: Heloísa Helena Pimenta da Rocha.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Kehl, Renato, 1889-1974. 2. Manuais escolares. 3.
Higiene. 4. Eugenia. 5. História da educação. I. Rocha,
Heloísa Helena Pimenta da, 1963- II. Universidade Estadual
de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

13-018/BFE

Informações para a Biblioteca Digital

Título em inglês: A scientific D. Quixote preaching to a legion of "panças":
schoolbooks of Hygiene under the shade of Eugenics (1923-1936)

Palavras-chave em inglês:

Kehl, Renato, 1889-1974

Schoolbooks

Hygiene

Eugenics

History of Education

Área de concentração: Educação Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Heloísa Helena Pimenta Rocha (Orientadora)

Carmen Lúcia Soares

Angela Aisenstein

Bernardo Jefferson de Oliveira

Norma Sandra de Almeida Ferreira

Data da defesa: 28-02-2013

Programa de pós-graduação: Educação

e-mail: carolkino@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

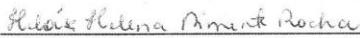
UM D. QUIXOTE CIENTÍFICO A PREGAR PARA UMA
LEGIÃO DE PANÇAS: MANUAIS ESCOLARES DE
HIGIENE À SOMBRA DA EUGENIA

Autor: Carolina Toshie Kinoshita

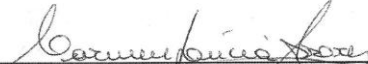
Orientador: Profa. Dra. Heloísa Helena Pimenta Rocha


Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação
de Mestrado em defendida por **Carolina Toshie Kinoshita**
e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data:28/02/2013


ORIENTADOR: Profa. Dra. Heloísa Helena Pimenta Rocha

COMISSÃO JULGADORA:


Profa. Dra. Carmen Lúcia Soares - UNICAMP


Profa. Dra. Angela Aisenstein - UNLu/UDESA

2013

Agradecimentos

Mais um ciclo se fecha. Chegar ao fim de uma pesquisa não é fácil. Tropecei bastante, mas também aprendi que uma “boa” pesquisa e uma “boa” escrita fazem-se em conjunto. Escrever essa parte – os agradecimentos – é apenas uma forma de reconhecer o trabalho desenvolvido pelas pessoas que contribuíram com esta dissertação e, também, de rememorar o carinho recebido durante essa minha trajetória.

Primeiramente, devo meu enorme agradecimento à professora Heloísa Helena Pimenta Rocha, que pacientemente tem me conduzido, desde a iniciação científica, ao mundo da pesquisa e da história da educação, ao mesmo tempo em que tem me deixado livre para caminhar por outros espaços... Aproveito esta ocasião para deixar registrado o meu carinho eterno por ter me acompanhado durante esses anos e, também, a minha mais profunda admiração pela profissional que é. Devo agradecer, também, pelas inúmeras leituras e inúmeras dicas para melhorar a minha escrita.

Sem o apoio financeiro da agência FAPESP seria inviável executar esse trabalho com tranquilidade e qualidade. Por isso agradeço à FAPESP por financiar esta pesquisa. Agradeço também ao parecerista anônimo por iluminar os caminhos deste trabalho.

Agradeço às professoras Angela Aisenstein, Carmen Lúcia Soares e Norma Sandra de Almeida Ferreira por, primeiramente, aceitarem o convite para participar da minha banca de qualificação e depois da defesa de mestrado e, também, por trazerem contribuições para esta pesquisa e por disponibilizarem um pouco do seu tempo para dialogar comigo. Obrigada, também, ao professor Bernardo Jefferson de Oliveira por aceitar participar da minha defesa de mestrado. Devo ainda à professora Carmen Lúcia

Soares os créditos pelo complemento do título da minha dissertação “à sombra da Eugenia”. Gostei e adotei.

Agradeço também às professoras das disciplinas do mestrado: Carmen Lúcia Soares, Ernesta Zamboni, Maria do Carmo Martins, Maria Carolina Bolvério Galzerani, Vera Lúcia Sabongi de Rossi e Regina Maria de Souza, pelas indicações bibliográficas e pelas discussões em sala de aula, que ajudaram a pensar a minha própria pesquisa.

Sou grata também à professora Vivian Bastista da Silva, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, por me aceitar na sua disciplina e depois, mesmo que não tenha lhe contado, com o redirecionamento da minha pesquisa e seu desenvolvimento.

Agradeço ao professor Michael Hall, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, pelas contribuições bibliográficas.

Ao longo dos três anos de mestrado, percorri diversos acervos e arquivos históricos em busca de fontes e objetos para a minha pesquisa. Nesse caminho, contei com a generosidade de muitas de pessoas, que não só facilitaram o contato com as fontes/objetos, mas também me ajudaram a localizá-los. Lembro e agradeço a Diogénes Lawand do CRE Mário Covas; Cristiano Diniz do CEDAE UNICAMP; Iracema Coutinho LIHED/UFF; Julieta Almada da Biblioteca Nacional de Maestros (Argentina); Jean Maciel e Claudio Arcoverde DAD/COC FioCruz. Ao Jean, agradeço também pelo passeio na parte histórica do Rio de Janeiro e pelas dicas de como me mover pelas partes não turísticas da cidade maravilhosa.

Ao professor Aníbal Bragança, expresso minha alegria e agradecimento, por me receber e me contar sobre a constituição do acervo do LIHED – UFF.

Sou imensamente grata, também, à professora Aparecida de Lourdes Paes Barreto, por disponibilizar a cópia da segunda edição de *A fada Hygia: primeiro livro de Higiene* (1930). Foi com imensa alegria que eu recebi o material em minha casa. À professora Célia Rocha, agradeço por me apresentar uma bibliografia extremamente rica sobre o tema. Sua generosidade enriqueceu a minha pesquisa.

Durante o meu mestrado, também fui contemplada com a bolsa CAPES de mestrado-sanduíche para Argentina. Tal bolsa está vinculada ao projeto *Circulação de modelos pedagógicos, sujeitos e objetos entre Brasil e Argentina (séculos XIX e XX)*, coordenado pelos professores Heloísa Helena Pimenta Rocha (UNICAMP) e Adrián Ascolani (UNR). Dessa forma, reforço, mais uma vez, o meu imenso agradecimento à professora Heloísa Rocha, pela oportunidade de participar do projeto, e à CAPES, por financiar a minha missão de estudos em Buenos Aires.

Agradeço novamente à professora Angela Aisenstein, pelo carinho, por me receber e me mostrar Buenos Aires, acompanhar a minha pesquisa e por facilitar o acesso a outras referências bibliográficas. Isso, sem dúvida, facilitou a minha estadia nessa cidade, ao mesmo tempo em que contribuiu enormemente para o desenvolvimento da minha pesquisa na Argentina. Sou imensamente grata também a Carla Paparella e Roberto Gabriel Pawlowicz, por me mostrarem os caminhos das fontes argentinas, isto é, por me mostrarem como entrar na biblioteca da Faculdade de Ciências Médicas da Universidad de Buenos Aires e localizar os periódicos para minha pesquisa.

Deixo registrada também a minha alegria de poder ter compartilhado a minha estadia em Buenos Aires, ou pedaços dela, com Kátia Stancato, Rosana Garcia, Rita Lages, Luciano Mendes de Faria Filho e Renan Gonçalves Leonel. Obrigada por alegrarem a minha vida na cidade portenha. Essa passagem deu leveza e energia para finalizar a minha

dissertação, ao mesmo tempo em que deixa registradas na minha mente lembranças maravilhosas.

Agradeço à professora Sandra Carli, pela milonga e por me mostrar o Gino Germani; e a Martín Aveiro, sua família e amigos, por me receber nas festas de final de ano em Mendoza e, também, por mostrar a Universidad de Cuyo. Agradeço também à professora Silvia Roitenburd, pela leitura dos primeiros resultados dessa pesquisa e por seus apontamentos. Seu interesse pela minha pesquisa me deixou imensamente feliz.

Tenho que agradecer também a Priscila Kaufmann Corrêa pelas traduções dos textos em alemão para o português. Muito obrigada!

Agradeço também aos funcionários da Pós-FE Unicamp, principalmente à Nadir Camacho e à Rita Preza, pelas orientações burocráticas, e aos bibliotecários Maria Alice Cherubim da FE-UNICAMP e Paulo Roberto Oliveira do IFCH-UNICAMP, por facilitarem o acesso às teses e dissertações de outras instituições de ensino.

Fico imensamente feliz com as contribuições generosas dos meus colegas do grupo de pesquisa: João Valerio Scremin, Maria das Graças Sandi Magalhães, Fernando Telles Rocha, Ana Cristina do Canto Lopes Bastos, Patrícia Pinto Braga, Flávia Rezende, Marisa da Cunha Silva, Nadja Bonifácio e Renata Esmi. Obrigada por esses anos de aprendizado. Obrigada, João e Graça, por me socorrerem nos momentos de total desconhecimento de bibliografias e fontes para a minha pesquisa.

Devo ainda agradecer Ana Paula Camelo, pela agradável companhia em Campinas e por me ajudar a navegar no sistema SAGe da FAPESP.

Obrigada aos meus amigos, Vinicius Wagner Oliveira Santos e Rafael Jannone, pelas correções das partes em inglês da minha dissertação.

À minha família, Sato e Kinoshita, que é o meu alicerce, minha base e minha essência. Obrigada pelo apoio e por compreender a minha ausência nesses últimos anos. À minha batian (avó) Shizui Sato, meu amor por ter me ensinado não com palavras, mas com gestos a ser sempre perseverante. Lição que levo para toda a vida e que foi essencial para a “finalização” desse trabalho.

À família Ferreira Overa obrigada pela acolhimento e aconchego.

Ao meu cúmplice, com quem eu venho amadurecendo e esverdeando durante esses anos, devo muito mais que obrigado. Para você, André Ferreira Overa, meu amor, meu carinho e meu reconhecimento por seus sacrifícios e por, principalmente, ter lido diversas vezes esse texto, mesmo não dominando os assuntos da minha pesquisa. Certamente sua leitura e suas dicas deixaram esse trabalho inteligível às pessoas de dentro e fora do campo do conhecimento em que me movimento.

Não, o problema real é: Como é que não posso, ou melhor, - porque, afinal de contas, sei perfeitamente que não posso – o que aconteceria se eu pudesse, se fosse livre – e não escravizado pelo meu condicionamento.

(Aldous Huxley - Admirável Mundo Novo)

Resumo

Esta dissertação versa sobre dois manuais escolares de higiene, *A fada Hygia: primeiro livro de Higiene* e *Cartilha de Higiene: alfabeto da saúde*, elaborados pelo farmacêutico e médico eugenista Dr. Renato Ferraz Kehl, entre os anos de 1923 e 1936. Esses materiais foram recomendados e adotados pela Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal e dos estados de São Paulo, Pará e Pernambuco e, posteriormente, pela Comissão de Educação, para os primeiros anos escolares. Além disso, foram mencionados nos principais impressos do Brasil, chegando a ecoar em alguns periódicos estrangeiros. Propomos analisar esses manuais escolares em suas diversas dimensões, que compreendem o contexto social de sua produção; a identificação dos círculos sociais criados para a sua difusão; as repercussões na imprensa de grande circulação e especializada; as modificações ao longo de suas reedições. Pretende-se, também, relacionar essas dimensões dos manuais com um estudo da trajetória profissional do seu autor. Os resultados dessa pesquisa nos apontam para o vínculo estabelecido entre os manuais escolares de higiene selecionados e um ideal de “eugenização” da sociedade, presente nas primeiras décadas do século XX.

Palavra chave: Manuais escolares – Higiene – Eugenia – Renato Kehl – História da Educação

Abstract

This study focus on two schoolbooks of Hygiene, *A fada Hygia: primeiro livro de Hygiene* and *Cartilha de Hygiene: alfabeto da saúde*, developed by the pharmacist and eugenicist doctor Renato Ferraz Kehl, between the years of 1923 and 1936. These materials were recommended and adopted by Office of Public Instruction (Diretoria Geral de Instrução Pública) of the Distrito Federal and by the states of São Paulo, Pará and Pernambuco and, later, by Education Committee (Comissão de Educação), for early school years. These manuals were also mentioned at the most important Brazilian newspapers, and yet reverberating in some foreign journals. We propose to analyze these schoolbooks in its various dimensions, regarding to the social context of their production; the identification of social circles created for their dissemination; the repercussions in specialized and mass circulation newspapers; the changes through the different editions. We also intended to relate these dimensions of the manuals with a study of the author professional path. The results of this research point to the bond established between the schoolbooks of Hygiene selected and an ideal of “eugenization” of society in the early decades of the 20th century.

Key words: Schoolbooks – Hygiene – Eugenics – Renato Kehl – History of Education

Lista de Imagens

Imagem 1 – Correspondência de Monteiro Lobato a Renato Kehl	13
Imagem 2 – Foto de Renato Kehl	17
Imagem 3 – Correspondência de Alfredo Verano a Renato Kehl	55
Imagem 4 – Obras de Renato Kehl.....	63
Imagem 5 – Obras de Renato Kehl (continuação)	64
Imagem 6 – Árvore da Eugenia.....	65
Imagem 7 – Menino rabujento	75
Imagem 8 – Propaganda de livros de Renato Kehl.....	102
Imagem 9 – Contrato entre a Livraria Francisco Alves e Renato Kehl (1923)	104
Imagem 10 – Crítica: <i>A fada Hygia</i> no jornal <i>O Paiz</i>	106
Imagem 11 – Resenha: <i>A fada Hygia</i> no jornal <i>O Paiz</i>	108
Imagem 12 – Resenha: <i>Afada Hygia</i> no jornal <i>O Malho</i>	114
Imagem 13 – Resenha: <i>A fada Hygia</i> no jornal <i>Deutsche Rio Zeitung</i>	117
Imagem 14 – Resenha: <i>A fada Hygia</i> no jornal <i>Deutsche Zeitung S. Paulo</i>	117
Imagem 15 – Resenha: <i>A fada Hygia</i> em <i>La Semana Médica</i>	119
Imagem 16 – Resenha: <i>A fada Hygia</i> em <i>O Commercio</i>	122
Imagem 17 – Anúncio de aprovação: <i>A fada Hygia</i> na <i>Revista de Hygiene e Saude Publica</i> ...	123
Imagem 18 – Anúncio de aprovação: <i>A fada Hygia</i>	123
Imagem 19 – Correspondência de Ulysses Pernambucano a Renato Kehl	124
Imagem 20 – <i>A fada Hygia: primeiro livro de Higiene</i> (1936).....	126
Imagem 21 – Belisário Penna.....	128
Imagem 22 – Oswaldo Cruz.....	128
Imagem 23 – Banho	132
Imagem 24 – Alimento.....	133
Imagem 25 – Alimento (continuação)	134
Imagem 26 – Doente	136
Imagem 27 – Maus habitos	136
Imagem 28 – Vício.....	136
Imagem 29 – Exercícios gymnasticos	138
Imagem 30 – Exercícios gymnasticos (continuação).....	138
Imagem 31 – Exercícios gymnasticos (continuação).....	139
Imagem 32 – Exercícios physicos	140
Imagem 33 – Exercícios physicos (continuação)	140
Imagem 34 – <i>A fada Hygia: primeiro livro de Higiene</i> (1937).....	142
Imagem 35 – Contrato entre a Livraria Francisco Alves e Renato Kehl (1936)	144
Imagem 36 – <i>Cartilha de Higiene: alfabeto da saúde</i> [1936?].....	145
Imagem 37 – Jogos.....	147
Imagem 38 – Repouso.....	147
Imagem 39 – Correspondência de Clementino Fraga a Renato Kehl	151
Imagem 40 – Correspondência de Barros Barreto a Renato Kehl	152
Imagem 41 – Correspondência de Maria Thereza S. de B. Camargo a Renato Kehl	153
Imagem 42 – Correspondência de Dr. Gustavo Armbrust a Renato Kehl.....	155
Imagem 43 – Livros aprovados	157
Imagem 44 – Correspondência de Prof. do Gymnasio Ipiranga a Renato Kehl	158
Imagem 45 – <i>Cartilha de Higiene: alfabeto da saúde</i> [1936?].....	166
Imagem 46 – <i>Alfabeto da saúde</i> (1985).....	166

Lista de tabelas

Tabela 1 – Divulgação d’ A fada Hygia nos impressos de 1924.....112

Abreviaturas e Siglas

ABE – Associação Brasileira de Educação
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCBE – Comissão Central Brasileira de Eugenia
CCLA – Centro de Ciências, Letras e Artes
DAD/COG – Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz
CEDAE – Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CRE Mário Covas – Centro de Referência em Educação Mário Covas
DNISP – Departamento Nacional de Saúde Pública
FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FEUSP – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
FE UNICAMP – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas
FioCruz – Fundação Oswaldo Cruz
FMSP – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
IEL UNICAMP – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas
IFCH UNICAMP – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas
LBHM – Liga Brasileira de Higiene Mental
LIHED – Núcleo de Pesquisa sobre Livro e História Editorial no Brasil
UdeSA – Universidad de San Andrés
UNLu – Universidad Nacional de Luján
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB – Universidade Federal da Paraíba
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
USP – Universidade de São Paulo
UBA – Universidad de Buenos Aires

Introdução	1
Capítulo I – Para além do autor	15
1.1. Renato Kehl: D. Quixote às avessas	17
Capítulo II – Eugenia como teoria social.....	35
2.1. Os primórdios da ciência eugênica	37
2.2. A circulação das ideias eugênicas na América Latina	48
Capítulo III – A eugenia em terras brasileiras.....	57
3.1 Saneamento, eugenia e higiene.....	59
3.2. Educação higiênica e educação eugênica.....	84
Capítulo IV – Os manuais escolares de Higiene à sombra da Eugenia	95
4.1. A trama da produção do manual: a relação entre editora e autor.	97
4.2. A circulação d' <i>A fada Hygia</i>	103
4.3. A materialização do manual: <i>A fada Hygia: primeiro livro de Higiene</i>	125
4.4. A publicação da <i>Cartilha de Higiene: alfabeto da saúde</i>	143
4.5. A recepção do segundo manual.	148
Conclusão.....	161
Bibliografia	165
Anexos.....	173

Introdução

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de manuais escolares de higiene localizados na pesquisa de iniciação científica, realizada sob a orientação da Profa. Dra. Heloísa Helena Pimenta Rocha (Faculdade de Educação/UNICAMP) e com apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/CNPq¹, entre os anos de 2007 a 2009. Nesse período, tivemos acesso a onze manuais: *Jeca Tatuzinho* (1924, 1930), *Rimas para a infância* (1927), *O livro de Hercules: lições de Higiene, Cívicas e Moraes* (1928), *Brasil Eugênico* (1933), *Vida Hygienica: alimentação* (1933), *A fada Hygia: primeiro livro de Higiene* (1936), *Cartilha de Higiene* (1936), *Cartilha de Higiene: alfabeto da saúde* [1936?], *Vida Hygienica: cartilha* (s/d) e *João Felpudo* (s/d). Esses manuais foram localizados por meio de uma minuciosa pesquisa empreendida nas seguintes bibliotecas e centros de documentação: Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio, vinculado ao Instituto de Estudos da Linguagem/Universidade Estadual de Campinas; Centro de Ciências, Letras e Artes; Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; Centro de Referência em Educação Mário Covas; Centro do Professorado Paulista; Banco de Dados de Livros Escolares Brasileiros – LIVRES (1810-2005), vinculado à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

No primeiro momento, pretendíamos realizar uma análise interna do conteúdo presente nos manuais escolares, no entanto, durante o desenvolvimento da pesquisa, fomos instigados a tomar esses materiais sob outra dimensão analítica. Diante desse “novo” posicionamento, redesenhamos o projeto, redirecionando a investigação para a intersecção entre análise do conteúdo, produção e circulação dos manuais escolares, pautando-nos,

¹ A pesquisa intitulou-se *Produzindo a criança higienizada: um estudo sobre manuais escolares*.

sobretudo, nos pressupostos de Gabriela Ossenbach e Miguel Somoza, que concebem os manuais como a

resultante del trabajo y la participación del autor, del editor, del diseñador, de la imprenta, del distribuidor, del maestro, de las autoridades educativas, etc., y constituyen un fenómeno pedagógico, pero también cultural, político, administrativo, técnico y económico (2001, p.15).²

Diante dessa opção, restava selecionar os manuais para a pesquisa. Este procedimento se fazia necessário para que pudéssemos apreender melhor o significado desses artefatos culturais, haja visto que o conjunto de manuais escolares de Higiene, localizados durante a iniciação científica, trazia uma pluralidade de informações e significados, pautados na presença de distintos autores, editoras e também na diversidade material.

Mas que critério(s) utilizar para seleção desses manuais?

Como um dos objetivos propostos na pesquisa era conhecer o circuito de produção destes manuais, procuramos junto às principais editoras (Livraria Francisco Alves, Companhia Editora Nacional e Companhia Melhoramentos de São Paulo) documentos ou quaisquer vestígios que nos contassem um pouco sobre esta história. No entanto, os acervos da Companhia Editora Nacional e Companhia Melhoramentos de São Paulo não estavam disponíveis para consulta no momento da nossa pesquisa. Em função disso, buscamos o acervo³ da editora Livraria Francisco Alves, constituído por documentos e livros, que estava de “portas abertas” aos pesquisadores.

² resultado do trabalho e da participação do autor, do editor, do ilustrador, da imprensa, do distribuidor, do professor, das autoridades educativas, etc., constituindo-se em um fenômeno pedagógico, mas também cultural, político, administrativo, técnico e econômico (tradução livre).

³ Esse acervo foi organizado pelo Prof. Aníbal Bragança e está vinculado à Universidade Federal Fluminense, na cidade de Niterói no Estado do Rio de Janeiro.

Do conjunto de manuais escolares que possuíamos, apenas dois foram publicados pela editora Livraria Francisco Alves: *A fada Hygia: primeiro livro de Higiene* e *Cartilha de Higiene: alfabeto da saúde*, os quais foram tomados como objetos e fontes da nossa dissertação. A partir desses manuais, delimitamos também o nosso recorte temporal, fixado entre os anos de 1923 e 1936, datas dos respectivos contratos assinados entre Renato Kehl e a Livraria Francisco Alves, para a publicação dessas obras.

Utilizaremos nesta dissertação a terminologia manual escolar para denominar os materiais selecionados. Segundo Alain Choppin (2009, p. 23), a expressão manual leva em conta a forma material assumida pelos livros escolares. Isto é, trata-se de obras de formato pequeno e que se pode levar nas mãos com facilidade. Choppin (2009, p. 23) informa, ainda, que alguns pesquisadores adotam a terminologia manual, tendo em vista a função organizacional desse tipo de material, em outras palavras, podemos denominar manuais todos aqueles livros pequenos que contêm as noções sucintas de uma determinada disciplina, a descrição de uma técnica, entre outros. Os materiais selecionados para esta pesquisa possuem estas duas características: são de pequeno porte, sendo que a maior obra selecionada mede 20x13cm (*Alfabeto da saúde* de 1985) – formato *in octavo*⁴, e se caracterizam, também, por condensar em poucas páginas os ensinamentos sobre os hábitos higiênicos.

Utilizamos, também, a terminologia escolar. Segundo o gramático britânico Ian Michael, “não é fácil de dizer se uma obra é ou não um livro escolar. Se importa pouco dar uma definição exata, no entanto, é necessário fornecer uma descrição aproximada, senão todas as obras remetem para essa categoria” (apud CHOPPIN, 2009, p. 27). Tendo em vista

⁴ In octavo é um termo técnico, que serve para designar o formato do livro. Seu formato pode variar entre 19 a 22 cm e 14 a 17 cm.

essa advertência, optamos pelo termo manual escolar, somente após a análise das contracapas, por meio da qual foi possível identificar que esses materiais foram elaborados especialmente para o ensino primário, sendo adotados por diversas diretorias gerais de instrução pública do país, como indicado em alguns manuais, vinculando, assim, essa produção ao uso no espaço escolar.

Os manuais selecionados são de autoria de Renato Ferraz Kehl (1889-1974). Para conhecer tal autor, pesquisamos, no Banco de Teses da CAPES, os trabalhos que versam sobre ele. Essa busca possibilitou localizar os trabalhos desenvolvidos por Marcos Alexandre Gomes Nalli (2000), Pietra Stefania Diwan (2003), Vanderlei Sebastião de Souza (2006), Ricardo Augusto dos Santos (2008), Andre Luiz dos Santos Silva (2008) e João Ítalo de Oliveira e Silva (2008). Suas contribuições foram fundamentais para a compreensão das intersecções entre Kehl, a eugenia, a higiene e a educação.

A primeira pesquisa localizada sobre a produção de Renato Kehl foi elaborada por Marcos Alexandre Gomes Nalli em 2000, sob orientação da professora Dra. Maria Lúcia Boarini – coordenadora do Grupo de Pesquisa sobre Higienismo e Eugenismo, sediado na Universidade Estadual de Maringá. Nessa dissertação, Alexandre Nalli teve-se principalmente à concepção de eugenia e educação presente no livro intitulado *Lições de Eugenia*, de autoria de Kehl, publicado em 1929 e reeditado em 1935. Nalli identificou nesta obra que a educação era pensada, por este médico, apenas para a classe aristogênica (“classe superior” determinada pela boa genética), isto é, para os indivíduos perfeitos, tanto sob o ponto de vista físico, como mental, uma vez que, para os cacogênitos (“classe inferior”), a educação seria ineficaz. As análises de Nalli chamam a atenção para um determinismo biológico presente nas obras de Renato Kehl.

Pietra Stefania Diwan investigou em sua dissertação de mestrado, defendida em 2003 no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, as práticas discursivas e as redes de poder presentes no campo da eugenia, campo no qual o médico Renato Kehl estava inserido. Seu objetivo foi compreender a maneira pela qual o corpo imperfeito, a fealdade e anormalidade foram sendo constituídas. Sua pesquisa, apesar de não traçar uma relação estreita entre eugenia e educação, subsidiou as nossas análises sobre a rede social fortalecida por Kehl para a divulgação dos seus manuais escolares, além de contribuir para a identificação dos intelectuais a ele vinculados.

O pesquisador Vanderlei Sebastião de Souza, associado à Fundação Oswaldo Cruz – FioCruz, empreendeu uma das primeiras pesquisas minuciosas sobre a trajetória profissional do médico Renato Kehl durante os anos de 1917 a 1932, atendo-se, sobretudo, à análise dos documentos presentes no Fundo Pessoal Renato Kehl DAD/COC. Suas análises contribuíram para o conhecimento mais detalhado do percurso profissional desse médico. Segundo Souza, é possível identificar duas fases distintas em seu pensamento, a primeira marcada pela eugenia preventiva, atrelada às concepções do sanitarismo, educação e propaganda; a segunda, compreendida entre os anos de 1928 a 1932, caracterizada como uma fase mais radical, conhecida como eugenia negativa, pautada na defesa da esterilização e no combate à imigração, principalmente dos considerados degenerados. Dessa forma, para o pesquisador, a partir desse momento, Renato Kehl afasta-se dos programas de prevenção, fundados nos ideais de saneamento e educação, e passa a assumir uma posição mais radical.

Ricardo Augusto dos Santos, que defendeu sua tese de doutorado em 2008, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense,

procurou demonstrar que Renato Kehl continuou, ao longo da década de 1930, a valer-se da eugenia positiva, pautada no incentivo aos casamentos eugênicos, e da eugenia preventiva para a conformação do indivíduo eugênico brasileiro, contrapondo-se à tese de ruptura no pensamento eugênico de Renato Kehl, presente na análise empreendida por Vanderlei Sebastião de Souza, e uma visão determinista identificada por Marcos Nalli. Tais conclusões foram sustentadas em uma extensa revisão bibliográfica sobre a trajetória do médico Renato Kehl e também no estudo das fontes localizadas no Fundo Pessoal Renato Kehl.

André Luiz dos Santos Silva, mestre em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pesquisou a constituição dos corpos nas seguintes obras de Renato Kehl: *Eugenia e Medicina Social: problemas da vida* (1920), *Melhoremos e prolonguemos a vida: a valorização eugênica do homem* (1922), *A cura da fealdade: Eugenia e Medicina Social* (1923), *Como escolher uma boa esposa* (1925), *Bíblia da saúde* (1926), *Aparas eugênicas: sexo e civilização* (1933), *Lições de Eugenia* (1935), *A fada Hygia: primeiro livro de Higiene* (1937), *Por que sou eugenista: 20 anos de campanha eugênica 1917-1937* (1937), *Bioperspectiva: dicionário filosófico* (1938), *A cura do espírito* (1947), *Tipos vulgares: a contribuição à Psicologia prática* (1958), além de analisar recortes de revistas, jornais, cartas e outras publicações localizadas no Fundo Pessoal Renato Kehl DAC/COC. Seu estudo contribuiu para observarmos o quanto o projeto voltado para a constituição dos corpos saudáveis e belos era importante para Renato Kehl, do mesmo modo que era para Fernando de Azevedo, um dos maiores defensores da educação física no Brasil. Nesse trabalho é possível observar a estreita e constante relação entre eugenia, educação e educação física nos trabalhos desenvolvidos por Kehl.

João Ítalo de Oliveira e Silva, mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, ateve-se à escrita da história da eugenia na América Latina (1918-1942), por meio da relação estabelecida entre os médicos Renato Kehl (Brasil) e Victor Delfino (Argentina). As fontes pesquisadas foram: dois livros de autoria de Renato Kehl, *Melhoremos e prolonguemos* (1922) e a *Bíblia da saúde* (1926); periódicos argentinos *La Semana Médica*, *La Medicina Argentina*, *Hijo Mío* e *Viva Cien Anõs* e os brasileiros *Brazil Médico* e a *Folha Médica*; o volume 1 das “Atas e Trabalhos” do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia; além de correspondências localizadas no Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD/COC.

A dissertação de mestrado de Oliveira e Silva veio complementar as informações referentes à atuação do médico Victor Delfino, ao mesmo tempo em que permitiu visualizar como as ações desse médico dialogavam com os trabalhos desenvolvidos por Renato Kehl no Brasil, contribuindo, assim, para a análise do intercâmbio das ideias eugênicas na América Latina, foco do nosso segundo capítulo.

Este pequeno mapa da produção acadêmica sobre Renato Kehl permitiu visualizar o foco das pesquisas empreendidas por outros pesquisadores sobre o mesmo autor e, também, identificar nesses trabalhos vestígios da relação do médico com o campo educacional, ao mesmo tempo em que possibilitou identificar as fontes eleitas por esses pesquisadores e os locais onde estão localizadas as mesmas, algumas das quais, de certa forma, também serão citadas neste trabalho. No entanto, mesmo reconhecendo a contribuição destes trabalhos e utilizando-os como bibliografia básica, é possível notar que há poucos trabalhos⁵ voltados para a análise da produção dos manuais escolares de higiene direcionados às escolas de

⁵ Souza (2006) e Silva (2008) chegam a versar brevemente sobre *A fada Hygia: primeiro livro de Higiene*. Mas nenhum trabalho analisado tratou da obra intitulada: *Cartilha de Higiene: alfabeto da saúde*.

ensino primário produzidos pelo autor, o que incentivou a decisão de empreender um estudo sobre esses materiais.

Salientamos também que foi, por meio desta revisão bibliográfica, que descobrimos que o médico Renato Ferraz Kehl era um dos maiores entusiastas da ciência eugênica no Brasil no início do século XX, tendo também contribuído para a formação de sociedades eugênicas na Argentina, Peru e Paraguai. Cabe lembrar que a concepção de eugenia foi desenvolvida pelo cientista britânico Francis Galton, em 1883, e o termo significa “bem nascido”. A ciência eugênica, por sua vez, teria a finalidade de contribuir para o aperfeiçoamento dos indivíduos. Para compreender melhor a ciência e o movimento eugenista, procuramos apoio teórico nos trabalhos desenvolvidos no campo da história da educação e história da ciência, dentre os quais destaco os seguintes autores: Peláez (1988), Marques (1994), Pichot (1995) e Stepan (2005).

Como já mencionamos anteriormente, esta pesquisa surgiu por meio da seleção de dois manuais escolares de Higiene localizados durante a pesquisa de iniciação científica. Ao longo do mestrado, procuramos localizar outras edições dessas obras, compondo, assim, três edições de *A fada Hygia: primeiro livro de Higiene* e duas edições da *Cartilha de Higiene: alfabeto da saúde*, as quais se constituem em objetos e fontes a serem analisados nesta dissertação. Vale destacar que esses manuais foram localizados nos seguintes locais: *A fada Hygia: primeiro livro de Higiene*, 2ª. edição de 1930, faz parte da biblioteca particular da professora Noemia Campos, e foi localizada e disponibilizada pela professora Dra. Aparecida de Lourdes Paes Barreto da Universidade Federal da Paraíba; a 4ª. edição da mesma obra, datada de 1936, pertence ao acervo do Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio, vinculado à Universidade Estadual de Campinas; e a 5ª. edição, de 1937, encontra-se no acervo documental e bibliográfico da Livraria Francisco Alves (1854

a 1954), que pertence ao LIHED, ligado à Universidade Federal Fluminense. *A Cartilha de Higiene: alfabeto da saúde* [1936?] foi localizada no Centro de Referência em Educação Mário Covas; a releitura deste material, que data de 1985, intitulada *Alfabeto da saúde*, foi adquirida em sebo, no âmbito do projeto “Manuais escolares de Higiene: produção, circulação e recomendações de usos”, coordenado pela Profa. Dra. Heloísa Helena Pimenta Rocha, com recursos do CNPq.

Para compreender as ações empreendidas pelo Dr. Renato Kehl para a produção e divulgação dos materiais, procuramos subsídios em outras fontes, encontradas em dois acervos: um situado na cidade de Niterói e outro na cidade do Rio de Janeiro. No acervo documental e bibliográfico da Livraria Francisco Alves, tivemos acesso ao livro de contratos manuscritos da Livraria Francisco Alves, em que acessamos os contratos firmados entre a livraria, Renato Kehl e seus ilustradores, para a publicação dos manuais selecionados para esta dissertação, além de outras obras de autoria de Renato Kehl⁶. No acervo do Fundo Pessoal Renato Kehl⁷, visitado por outros pesquisadores como já mencionado, foi possível localizar diversas correspondências, resenhas e anúncios de seus livros na imprensa brasileira e internacional, além de alguns artigos publicados pelo médico Renato Kehl, relacionados à educação e à eugenia.

Ressaltamos também que, além de buscar materiais no Fundo Pessoal Renato Kehl, procuramos documentos que vinculam Kehl a Monteiro Lobato e a Fernando de Azevedo (vínculo apresentado na revisão bibliográfica e também no Fundo Pessoal Renato Kehl), em arquivos como o Fundo Pessoal Monteiro Lobato, que está sob a guarda do Instituto de

⁶No acervo da editora Livraria Francisco Alves, conseguimos localizar 10 livros de autoria de Renato Kehl. Ver lista completa no anexo I.

⁷ Esse fundo reúne cartas, cartões, boletins, textos e artigos científicos, discursos, recortes de jornais e fotografias, entre outros documentos referentes à vida pessoal e à trajetória profissional frente à campanha pela implantação da eugenia no Brasil. Informações retiradas da Base Arch - Casa de Oswaldo Cruz. <http://icaatom.coc.fiocruz.br/index.php/renato-kehl;isad>.

Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas; e o Fundo Pessoal de Fernando de Azevedo localizado no Instituto de Estudos Brasileiros, na Universidade de São Paulo, com vistas a cruzar as informações. No primeiro, não encontramos nenhum vestígio da relação entre Kehl e Lobato, já no segundo acervo, localizamos dois artigos de autoria de Kehl: um publicado em *O jornal*, que versa sobre a publicação do livro *Da Educação Physica* (1920), de autoria de Fernando de Azevedo, e outro sobre mortalidade de crianças, publicado no *Correio da Manhã* de 18 de maio de 1927. No entanto, não foi possível identificar nenhum documento que verse sobre a produção ou circulação de manuais escolares, tampouco correspondências trocadas entre esses agentes. Dessa forma, esta pesquisa deteve-se, principalmente, na análise dos documentos presente no Fundo Pessoal de Renato Kehl.

A partir da análise destes documentos, foi possível identificar resenhas e anúncios que ofereceram indícios sobre a circulação dos manuais escolares selecionados nesta dissertação, tanto no Brasil como em países estrangeiros, como a Argentina. A leitura das correspondências nos indicou que Renato Kehl mantinha contato com dois médicos argentinos: Victor Delfino e Alfredo Fernandez Verano.

Em Buenos Aires, procuramos, em algumas bibliotecas, os manuais escolares de autoria de Renato Ferraz Kehl. Embora não tenhamos localizado esses materiais, localizamos outras obras do mesmo autor, num total de 16 livros, na Biblioteca Nacional de la República Argentina⁸, e um na biblioteca da Universidad Nacional de San Juan, sendo que, dentre esses títulos, localizamos duas obra em língua castelhana: *Tipos vulgares: contribución a la Psicología práctica* (1938) e *Conducta: guía para la formación del carácter* (1940), esta última traduzida pelo médico Alfredo Fernandez Verano.

⁸ Ver lista completa no anexo II.

Encontramos, também, resenhas sobre os manuais escolares selecionados para esta pesquisa, no periódico médico argentino *La Semana Médica*, pesquisado na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Buenos Aires. Esses documentos possibilitaram ampliar o escopo da pesquisa, trazendo indícios para pensarmos a circulação e as conexões de ideias, objetos e intelectuais latino-americanos no início do século XX, com foco na disseminação da eugenia e da educação eugênica e higiênica.

Dessa forma, estruturamos a dissertação em quatro capítulos e três eixos articulados. Convertendo a pesquisa em escrita, resolvemos partir da trajetória profissional do autor dos manuais, para, em seguida, examinar o contexto social em que emergem esses manuais, e, ao fim, analisar os manuais propriamente ditos.

Assim, no primeiro capítulo, examina-se a trajetória profissional do autor dos manuais, o médico eugenista Renato Ferraz Kehl, destacando suas principais ações no campo da eugenia, ações estas que contribuíram para que ele conquistasse grande notoriedade no campo científico. Tal prestígio pode ter contribuído também para a divulgação dos manuais escolares, como veremos mais detidamente no quarto capítulo.

No segundo capítulo, realiza-se uma breve incursão sobre o surgimento da ciência eugênica no mundo e sobre suas ressignificações na América Latina. Procura-se identificar suas especificidades e suas principais vertentes, além de destacar os principais intelectuais e médicos responsáveis por divulgar esta ciência e também por contribuir para a divulgação das obras de Renato Kehl em seus países, com destaque para a Argentina.

No terceiro capítulo, analisa-se o desenvolvimento da eugenia no Brasil e as articulações entre educação higiênica e educação eugênica, procurando identificar as questões sociais que impulsionaram esse médico a produzir manuais de ensino de higiene

para as escolas primárias, num contexto marcado pelo fortalecimento dos ideais eugênicos e higiênicos, bem como pelos movimentos em prol da educação.

No quarto capítulo, examina-se a rede social criada pelo Dr. Kehl para a elaboração e legitimação de seus manuais no campo educacional, bem como a percepção da imprensa nacional e internacional sobre os manuais escolares selecionados. Examinamos, também, as principais modificações ao longo de suas edições.

Concluimos esta dissertação, destacando que, durante as décadas de 1910 a 1930, Renato Kehl trabalhou intensamente em prol da eugenia no Brasil, valendo-se, para os seus propósitos, da educação higiênica como forma de preparar a população para a adesão aos preceitos da educação eugênica. Os manuais escolares surgem, nesse contexto, como um instrumento para auxiliar na educação dos indivíduos, visando fortalecer os corpos e afastá-los dos males causados pelas péssimas condições sanitárias e pelos hábitos sociais considerados viciosos.

Cabe justificar que, ao contrário do que sugere o título *Um D. Quixote científico a pregar para uma legião de panças* – trecho reelaborado a partir da correspondência que Monteiro Lobato enviou a Renato Kehl em outubro de 1929,

New York, 9, Out, 1929

Meu caro Renato,

Recebi tua comunicação ao 1º Congresso de Eugenia e li-a... Meu caro, dá-me a impressão de um D. Quixote científico, com todo o nobre entusiasmo do manhego mas sem a loucura delle, a pregar para uma legião de Panças. O que dizes é o que ha de sensato, de sabio, de util, de interessante, mas haverá quem te ouça? Haverá quem acorde? O nosso pobre paiz dorme o somno da lambança mais completa e sordida. Não vê nada, não quer ver nada, procura illudir-se com um milhão de mentiras e só recompensa aos que lhe mentem e lhe lisongeam as fraquezas. O livro do Prado é terrivel, é retrato fidelissimo. Prado portanto deve estar muito mal visto. Falar a verdade passou a ser crime entre nós. Voce vae-lhe nas aguas. Diz tudo que é preciso dizer. Cuidado! Elles acabam te linchando. Nossa gente quer dopes, cocainas - illusão. Está apodrecendo e em vez de curar-se, perfuma-se. É vivendo num paiz como este que se pode alcançar em toda a sua extensão a miseria economica, physica, biologica e moral da nossa pobre terra.

Rasgue esta incontinentemente, meu caro, antes que alguém metta o nariz nella. Tudo que te digo é estrictamente confidencial e só pode ser dicto a um espirito superior como o teu.

Adeus. Um abraço do desilludido

Lobato

Imagem 1 – LOBATO, M. Correspondência a Renato Kehl, 9/10/1929, New York⁹

⁹ Meu caro Renato. Recebi tua comunicação ao 1º Congresso de Eugenia e li-a... Meu caro, dá-me a impressão de um D. Quixote científico, com todo o nobre entusiasmo do manhego, mas sem a loucura delle, a pregar para uma legião de Panças. O que dizes é o que ha de sensato, de sabio, de util, de interessante, mas haverá quem te ouça? Haverá quem acorde? O nosso pobre paiz dorme o somno da lambança mais completa e sordida. Não vê nada, não quer ver nada, procura illudir-se com um milhão de mentiras e só recompensa aos que lhe mentem e lhe lisongeam as fraquezas. O livro do Prado [*Retrato do Brasil*, 1926] é terrivel, é retrato fidelissimo. Prado portanto deve estar muito mal visto. Falar a verdade passou a ser crime entre nós. Você vae-lhe nas aguas. Diz tudo que é preciso dizer. Cuidado: Elles acabam te linchando. Nossa gente quer dopes, cocainas - illusão. Está apodrecendo e em vez de curar-se, perfuma-se. É vivendo num paiz como este que se pode alcançar em toda a sua extensão a miseria economica, physica, biologica e moral da nossa pobre terra. Rasgue esta incontinentemente, meu caro, antes que alguém metta o nariz. Tudo que te digo é estrictamente confidencial e só pode ser dicto a um espirito superior como o teu. Adeus. Um abraço do desilludido Lobato. LOBATO, Monteiro. [Correspondência] 9 de out. de 1929, New York [para] KEHL, Renato. Rio de Janeiro. 1f. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

e como já demonstrado por diversos pesquisadores, como a historiadora Pietra Diwan (2007), Dr. Kehl não esteve sozinho a divagar sobre a ciência eugênica; muito pelo contrário, sempre esteve acompanhado de pessoas que ora compartilharam e o ajudaram a difundir suas ideias e seus feitos, ora debateram com ele e questionaram suas posições. Tudo isso demonstra que ele não estava a pregar para uma legião de “panças” (ignorantes), mas sim para uma legião consciente das ideias emergentes no período e do papel que as ciências biológicas vinham assumindo na (re)configuração social. Vale destacar, ainda, que esse período foi, também, marcado pela grande efervescência da produção de livros didáticos, como já mencionado por Alan Choppin (2004). Segundo este pesquisador, no começo do século XX no Brasil, dois terços dos livros publicados pertenciam ao gênero manual didático. Desse modo, a rede social na qual Renato Kehl estava inserido pode ter colaborado para que os manuais escolares de higiene viessem a ser produzidos, legitimados e difundidos nas diversas esferas sociais, podendo ter contribuído, inclusive, para a sua difusão nas escolas brasileiras, no período.

Capítulo I – Para além do autor

Renato tu és o pai da eugenia no Brasil
(LOBATO, s/d apud DIWAN, 2007, p.106).

1.1. Renato Kehl: D. Quixote às avessas



Imagem 2 – Dr. Renato Ferraz Kehl (1889-1974)¹⁰

O autor dos manuais escolares *A fada Hygia* e *Cartilha de Higiene* lhes confere uma particularidade. Seu nome assume uma posição de destaque nas capas dos manuais, ficando logo acima da imagem que ilustra o manual e do seu título. Acreditamos, dessa forma, que esta posição atribui um significado à obra, como bem lembra Foucault (1992, p.46),

(...) o nome do autor serve para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso ter um nome de autor, o fato de se poder dizer “isto foi escrito por fulano” ou “tal indivíduo é autor”, indica que esse discurso não é um discurso do cotidiano, indiferente, um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, num determinada cultura, receber um certo estatuto.

Partindo desta perspectiva, procuramos identificar o seu ator, de modo a buscar elementos que possibilitem compreender melhor a construção dos manuais escolares de higiene. No entanto, cabe assinalar que não pretendemos, com isso, realizar um estudo aprofundado de sua biografia, com base em uma crença de que, por meio do exame de sua

¹⁰Dados biográficos do Dr. Renato Kehl. *Revista Terapêutica*. s.d./s.n. Recorte Avulso. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC.

vida, poderemos traçar a história de seus manuais. A proposta desta dissertação é analisar os manuais em suas distintas dimensões, a começar por sua concepção, que emerge da mente e das mãos de seu autor, mas sem ignorarmos as contribuições de outros agentes, como alerta Roger Chartier. Para este pesquisador, não se deve buscar na figura do autor a “figura romântica, magnífica e solitária do autor soberano, cuja intenção (primeira e última) encerra a significação da obra, e cuja biografia dirige a escrita em uma transparente imediatez” (1999, p. 35).

Assim, recordamos e ressaltamos que há muitos agentes envolvidos na elaboração de uma obra e que, portanto, o manual é resultado de diversos esforços, e não somente da iniciativa de seu autor. Contudo, acreditamos que o autor, neste caso, assume um papel preponderante na produção e divulgação do manual. Dessa forma, iniciamos uma breve incursão pela trajetória profissional do autor dos manuais escolares selecionados, a qual, como sabemos, mescla-se com a própria história do movimento eugenista brasileiro.

Renato Ferraz Kehl é conhecido com um dos maiores entusiastas da eugenia no Brasil. Nascido em Limeira, interior do estado de São Paulo, no ano de 1889, Renato Ferraz Kehl¹¹ formou-se aos 20 anos na Escola de Farmácia de São Paulo por incentivo de seu pai, o farmacêutico Joaquim Maynert Kehl, um influente empresário do ramo farmacêutico paulista e presidente da Sociedade União Farmacêutica de São Paulo. No entanto, era a medicina que lhe chamava a atenção. Kehl então se muda para a capital federal, junto com seu irmão mais novo Vladimir Ferraz Kehl, para cursar medicina na então tradicional Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nessa instituição, Kehl entra em contato com obras estrangeiras de autores como: Jean-Baptiste de Lamarck (França), Charles Darwin

¹¹ Para conhecer a atuação e a produção profissional completa de Renato Ferraz Kehl, ver no anexo III.

(Inglaterra), Herbert Spencer (Inglaterra), Jean Louis Rodolphe Agassiz (Suíça), Francis Galton (Inglaterra) e August Weismann (Alemanha), entre outros cientistas que influenciaram não só a sua formação como médico, mas todo o pensamento médico social brasileiro entre o final do século XIX e início do século XX (SOUZA, 2006, p. 70). É neste período que Kehl também conhece importantes intelectuais brasileiros envolvidos com as questões ligadas à saúde, como Belisário Penna, Afrânio Peixoto, Miguel Pereira, Miguel Couto, que não só influenciariam sua vida intelectual e científica, mas que também vieram a se tornar seus parceiros na divulgação dos ideais eugênicos (SOUZA, 2006, p. 70).

Cabe notar que, em 1912, foi realizado em Londres o Primeiro Congresso de Eugenia, evento que influenciaria, de modo decisivo, a formação intelectual e profissional de Renato Kehl. Organizado pela Sociedade Eugênica de Londres, o congresso reuniu diversos médicos, biólogos e eugenistas vindos, principalmente, de outros países europeus e dos Estados Unidos, como Leonard Darwin (filho de Charles Darwin), Karl Pearson, Charles Davenport, August Weismann, todos voltados para o debate sobre a hereditariedade e a regeneração humana. Em 1913, entusiasmado pelas ideias debatidas nesse congresso, Renato Kehl escreve seu primeiro trabalho sobre eugenia, intitulado *Anexo a um estudo sobre as teorias de August Weismann*, desenvolvido para ser apresentado como trabalho de conclusão de curso de medicina. No entanto, como demonstra Souza (2006), a dificuldade e desconhecimento entre os intelectuais brasileiros sobre essa complexa e nova ciência, a eugenia, fez com que Renato Kehl desistisse de apresentar esse trabalho aos colegas da faculdade. Em 1915, Kehl gradua-se em medicina, defendendo a tese *Blastomicose*, aprovada com distinção.

Mesmo defendendo uma tese de conclusão do curso de medicina na área da medicina dermatológica, pautada no estudo do fungo *Blastomyces dermatitidis*, o seu interesse pela eugenia ainda permaneceria, como destaca Souza (2006, p. 71):

O interesse em publicar um estudo sobre eugenia e hereditariedade continuou presente mesmo após o término do curso de medicina. Em 1916, em correspondência encaminhada ao médico Lessa Neto, seu antigo colega da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Kehl parecia entusiasmado ao destacar os elogiosos comentários recebidos do Professor Gougenot, da Faculdade de Medicina de Paris, que ao ler sua tese sobre medicina dermatológica teria lhe enviado correspondência para parabenizá-lo. “Fiquei contentíssimo”, explica Kehl a Lessa Neto, “pois é um atestado, e isso me encoraja para terminar o meu livro sobre Hereditariedade Normal”.

Depois de graduar-se, Dr. Renato Kehl muda-se para a cidade de São Paulo, onde inicia a sua trajetória profissional. Em 1917, na sede da Associação Cristã de Moços de São Paulo, apresenta o seu primeiro trabalho intitulado *Eugenia*.

Essa conferência foi publicada, na íntegra, nas páginas do *Jornal do Comércio*, no dia 19 de abril de 1917, sendo bem recebida por seus leitores e chamando a atenção do escritor José Bento Monteiro Lobato (1882-1948)¹², já reconhecido no período como um dos mais importantes intelectuais brasileiros e um dos defensores do movimento sanitário. Lobato, depois de ter contato com o escrito do jovem médico eugenista, lhe envia uma carta pela qual comunica sentir-se “envergonhado por só agora travar conhecimento com um espírito tão brilhante como o teu, untado para tão nobres ideias e servido, na expressão do pensamento, para um estilo verdadeiramente ‘eugênico’ pela clareza, equilíbrio e rigor vernacular” (LOBATO, 1918 apud SOUZA, 2006, p. 73). A partir desse momento, Monteiro Lobato, juntamente com Kehl, passaria a desempenhar um importante papel na

¹² Depois de conhecer o trabalho desenvolvido por Renato Kehl, o escritor Monteiro Lobato começaria a se interessar pelas questões eugênicas, tornando-se um dos seus defensores. A relação entre o escritor Monteiro Lobato e a eugenia pode ser encontrada, de forma mais detalhada, na dissertação desenvolvida pela historiadora Habib, sob o título “*Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou*”: raça, Eugenia e nação (2003).

propaganda dos ideais eugênicos no país (SANTOS, 2008, p. 176), como demonstraremos ao longo desta dissertação.

Todavia, é necessário relembrar, como destaca Rocha (2010), que desde o final do XIX, havia registros, na Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, de trabalhos que versavam sobre a temática da eugenia: exame pré-nupcial, a proibição do casamento entre sífilíticos e tuberculosos, controle da sexualidade. Segundo Stepan (2005), os primeiros trabalhos sobre eugenia no Brasil começaram a ser publicados a partir da década de 1910, entre os quais se destacam: pequenos artigos escritos por Erasmo Braga, João Ribeiro, Horacio de Carvalho; a primeira tese sobre a eugenia no Brasil, desenvolvida pelo médico Alexandre Tepedino¹³, sob a orientação do Prof. Miguel Couto¹⁴, e apresentada à Academia de Medicina do Rio de Janeiro; e a publicação de um folheto intitulado *Pro-eugenismo*, de autoria do médico eugenista e diretor do Instituto de Proteção e Assistência à Infância da Bahia, Alfredo Ferreira Magalhães¹⁵. No entanto, como salienta Kehl, nesse momento, “a questão não lograra interessar os nossos homens de ciência, os nossos jornalistas e estudiosos. A doutrina teria, talvez, sido mal compreendida” (KEHL, 1933 apud SOUZA, 2006, p. 155).

Mas a partir de 1917, diversas atividades relacionadas à divulgação da ciência eugênica começariam a ser empreendidas. A primeira delas foi resultado da iniciativa de

¹³ Tese intitulada *Eugenia*, apresentada na Academia de Medicina do Rio de Janeiro no ano de 1914.

¹⁴ Miguel de Oliveira Couto nasceu no Rio de Janeiro no dia 1 de maio de 1864, formou-se em medicina em 1885 com a tese intitulada *Da etiologia parasitária em relação às doenças infecciosas*. Em 1891, assumiu a cadeira de Clínica Propedêutica na Faculdade de Medicina. No ano seguinte, ingressaria também na Santa Casa de Misericórdia e, em 1896, se tornaria membro titular da Academia Nacional de Medicina, sendo presidente dessa última instituição entre os anos de 1914 e 1934. Foi também membro da Academia Brasileira de Letras. Cf. ROCHA, 1995; SANTOS, 2008.

¹⁵ Alfredo Ferreira Magalhães era filiado à Sociedade Francesa de Eugenia desde 1913 e é considerado também um dos precursores da eugenia no Brasil. Segundo Kuhmann Jr., desde a reforma do ensino no ano de 1895, este médico assumiu o cargo de professor da matéria de higiene geral e infantil no curso normal. Em 1910, desenvolveu uma série composta por dez lições sobre a puericultura, que relacionava à eugenia, à educação higiênica e à moral (KUHLMANN JR., 2000).

Renato Kehl juntamente com Arnaldo Vieira de Carvalho¹⁶, em dezembro do mesmo ano. Na ocasião esses dois médicos reuniram, pela primeira vez, médicos e intelectuais paulistas na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, com o objetivo de discutir o código matrimonial civil brasileiro e algumas questões referentes à ciência eugênica. As discussões sobre as ideias eugênicas ganharam destaque no encontro, gerando debates que impulsionaram Kehl a promover ações em prol da fundação de uma sociedade científica de eugenia (SOUZA, 2006, p. 75).

Em janeiro de 1918, Kehl envia cartas a todos os médicos do estado de São Paulo e outros profissionais brasileiros, convidando-os a comparecer à Sociedade de Medicina e Cirurgia, com o propósito de discutir questões relativas à fundação de uma sociedade eugênica (SOUZA, 2006, p. 76). Por meio dessa carta, procurava fundamentar o seu interesse de organizar um movimento eugenista no Brasil, ressaltando as conquistas do movimento eugenista no mundo. Para este médico, “numerosas sociedades eugênicas fundadas na Europa e nos Estados Unidos (...) vão aí cooperando enormemente para o aperfeiçoamento das raças humanas” (KEHL, 1919 apud SOUZA, 2006, p. 76). Essa ação daria origem à fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo, no dia 15 de janeiro de 1918, a primeira instituição do gênero organizada na América Latina e contemporânea das mais importantes sociedades eugênicas da Europa, tais como Sociedade Eugênica (Londres) fundada em 1908 e a Sociedade Eugênica Francesa, criada em 1912.

A Sociedade Eugênica de São Paulo, segundo Souza (2006), teria surgido no auge do fortalecimento do movimento nacionalista no Brasil, período no qual grande parte da

¹⁶ Arnaldo Vieira de Carvalho foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, hoje conhecida como Academia de Medicina de São Paulo, por dois mandatos anuais não consecutivos: 1901-1902 e 1906-1907. Foi responsável pela fundação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo em 1912 e diretor desta mesma instituição entre os anos de 1913 e 1920. Disponível em: <<http://www.academiamedicinasaopaulo.org.br/?pg=download&acao=1&id=25&biografia=Arnaldo%20Augusto%20Vieira%20de%20Carvalho.>>

elite intelectual brasileira passou a direcionar seu olhar para as questões internas do país, já que o modelo de civilização representado pela Europa, até então, estava abalado como consequência da Primeira Guerra Mundial. Nesse momento, a ciência eugênica mostrava-se como um dos instrumentos para a formação de indivíduos saudáveis, fortes e homogêneos, compatíveis com os desejos nacionalistas, para a composição do “novo” Brasil. Fortalecidos pelo apoio do movimento nacionalista, os eugenistas proclamaram a si e à ciência eugênica como os porta-vozes de um discurso capaz de “elevar o vigor da raça”, ao mesmo tempo em que se diziam capazes de homogeneizar o Brasil, conduzindo-o rumo ao progresso e à civilização (SOUZA, 2006, p.39).

Muitos médicos, desse período, compartilharam dos ideais de Renato Kehl. Essa filiação é caracterizada pelo aceite do convite de Kehl para compor a Sociedade Eugênica de São Paulo.

Os diretores da Sociedade Eugênica de São Paulo eram: Arnaldo Vieira de Carvalho (presidente); Olegário de Moura (vice-presidente); Renato Kehl (secretário-geral); T. H. de Alvarenga e Xavier da Silveira (segundos secretários); Argemiro Siqueira (tesoureiro arquivista); Arthur Neiva, Franco da Rocha e Rubião Meira (conselho consultivo). É importante destacar algumas biografias desses diretores. Arnaldo Vieira de Carvalho (1867-1920) nasceu em Campinas, interior do estado de São Paulo, se tornou médico da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1889. Fundou e dirigiu o Instituto Vacinogênico de São Paulo, que em 1925 foi incorporado ao Instituto Butantã. Trabalhou no corpo clínico da Santa Casa de Misericórdia, a partir de 1897, foi um dos fundadores da Faculdade de Medicina de São Paulo. Dirigiu-a entre 1913 a 1920, ano em que faleceu. Fernando de Azevedo (1894-1974), crítico literário do interior de Minas Gerais, chegou a São Paulo em 1917, colaborando com o jornal *O Estado de S. Paulo*. Tornou-se um dos maiores educadores brasileiros e ajudou a fundar a Universidade de São Paulo. Arthur Neiva (1880-1943) era médico sanitariano e ficou famoso por viajar pelo nordeste brasileiro, em 1912, na companhia do também médico sanitariano Belisário Penna, tendo publicado em 1916 os resultados dessa viagem exploratória em saneamento do Brasil. Francisco Franco da Rocha (1864-1933) foi o médico fundador do Hospital Psiquiátrico do Juqueri, em São Paulo, e o primeiro professor de Clínica Neuro-psiquiátria da Faculdade de Medicina de São Paulo. Na aula inaugural, 1919, versou sobre a “Doutrina de Freud” e obteve espaço para publicar artigos no jornal *O Estado de S. Paulo* (DIWAN, 2007, p. 98).

Estes e outros integrantes formavam a sociedade, composta por cerca de 140 membros (STEPAN, 2005). Integraram a instituição, ainda, dois médicos estrangeiros, companheiros de Renato Kehl na divulgação da ciência na América Latina: o argentino Dr. Victor Delfino¹⁷, médico conhecido por propagar os ideais eugênicos em seu país, principalmente por meio do Comitê Eugênico, criado em 1914, e o peruano Dr. Carlos Enrique Paz Soldán, destacado eugenista e editor da revista *La reforma médica*, que publicava trabalhos sobre higiene, medicina social e eugenia, além de ser um profissional reconhecido não só no seu país, mas também na Venezuela e Colômbia (STEPAN, 2005; SOUZA, 2006).

A Sociedade Eugênica de São Paulo ganhou, também, o apoio da imprensa, principalmente dos jornais de grande circulação (*Jornal do Commercio*, *Correio Paulistano*, etc), o que contribuiu para que a entidade alcançasse o prestígio necessário para a divulgação de seus trabalhos, como demonstra a seguinte nota publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*¹⁸, do dia 27 de junho de 1919:

É digno de nota o que passou hontem na Sociedade Eugênica de São Paulo. Devia entrar em discussão uma das questões mais apaixonadas e mais debatidas de que temos notícia em São Paulo, nestes últimos tempos: a consaguinidade e o casamento. (...) Uns e outros sustentando os respectivos pontos de vista discutiram o assunto sem paixão e sem intolerâncias, mas com calma, com serenidade, com vontade de acertar. (...) foi uma noite memorável a de hontem (apud DIWAN, 2007, p. 99).

¹⁷ Para compreender melhor a relação entre os médicos Victor Delfino e Renato Kehl, ver a dissertação de João Ítalo de Oliveira e Silva, intitulada *Por uma eugenia latino-americana: Victor Delfino e Renato Kehl* (2008).

¹⁸ Diwan destaca que, o jornal *O Estado de S. Paulo* sofria de certo “beneficiamento de informação” no que diz respeito à Sociedade Eugênica de São Paulo, devido à relação de parentesco entre Vieira de Carvalho e Júlio de Mesquita. As famílias Mesquita e Vieira de Carvalho estavam unidas por três casamentos. Conterrâneos de Campinas, Júlio de Mesquita (1862-1927) e Arnaldo Vieira de Carvalho casaram seus filhos: Julio de Mesquita Filho (1892-1963) e Marina Vieira de Carvalho; Francisco Ferreira de Mesquita (1897-1963) e Alice Vieira de Carvalho (1901-1992) e, finalmente, Judith de Mesquita (1897-1963) e Carlos Vieira de Carvalho (1898-1954). “Casamentos entre a elite paulista eram muito comuns na época e não causam estranhamento a ninguém, mas servem para nos lembrar que, inevitavelmente, assuntos de foro público e de interesse político eram discutidos, e às vezes, decididos em âmbito privado. (...) Isso indica que parte desse grupo já estava sensibilizada pelas questões relativas ao tema da eugenia”(DIWAN, 2007, p.99-100).

Em 1918, a Sociedade Eugênica de São Paulo, em colaboração com a Liga Pró-Saneamento do Brasil¹⁹, fundada no mesmo ano dessa sociedade, publica a obra de autoria de Monteiro Lobato intitulada *O problema Vital*²⁰. O livro é uma coletânea de vários de seus artigos publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*, durante o ano de 1918, e registra a influência direta dos ideais sanitaristas na composição da escrita deste intelectual, representada por meio do ajuste de contas do autor com o seu antigo personagem *Jeca Tatu*, um caboclo fraco, indolente e incapaz de evoluir, alheio ao trabalho e à ideia de progresso, mas que, com o desenvolvimento das ciências médicas e do rigoroso trabalho dos laboratórios, aliado à educação sanitária, é salvo, transformando-se em *Jeca Bravo*²¹.

Kehl contribuiu com a obra escrevendo o prefácio, no qual, além de tecer elogios ao seu autor, também aproveita para chamar a atenção dos governantes que, segundo o médico, eram indiferentes aos problemas sanitários do país, e muitas vezes até escondiam o estado mórbido da grande maioria da população, largada à própria sorte. Para Kehl, Lobato tinha tido a coragem de mostrar ao Brasil o perfil de sua gente, divulgando o que cientistas como Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Belisário Penna e Arthur Neiva haviam encontrado pelo interior do Brasil (BIZZO, 1994, p.106). Nesse período, Kehl congregava concepções eugênicas, voltadas para aperfeiçoamento físico e mental dos indivíduos, às ações

¹⁹ A Liga Pró-Saneamento do Brasil foi fundada em fevereiro de 1918 e foi liderada pelo médico e inspetor-sanitário Belisário Penna. Essa organização pretendia alertar as elites políticas e intelectuais para a precariedade das condições sanitárias. Visava, com isso, obter apoio para a ação pública efetiva de saneamento no interior do país. Para Neiva e Penna (1916), “seriam o governo e a doença, e não mais a natureza, a raça ou próprio indivíduo, os grandes culpados pelo abandono da população à sua própria sorte. As autoridades públicas, em todos os níveis, são apontadas como as verdadeiras responsáveis pela situação vigente no interior do país, deixando como legado as endemias rurais e suas funestas consequências para o desenvolvimento do país” (LIMA; HOCHMAN, 2004. p. 498-501).

²⁰ *O Problema Vital* é uma obra que reúne 14 artigos publicados por Monteiro Lobato, durante o ano de 1918, no jornal *O Estado de S. Paulo*

²¹ Para mais detalhes, ver Lajolo, M. *Monteiro Lobato. Um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000 e, também, o texto de Lima e Hochman (2004), intitulada *Pouca saúde e muita saúde: sanitarismo, interpretações do país e ciências sociais*.

sanitárias, que abarcavam uma série de medidas em prol da construção de locais salubres, imprescindíveis para o desenvolvimento da sociedade.

A Sociedade Eugênica de São Paulo, por meio da atuação de Renato Kehl, também contribuiu para a formação de núcleos eugênicos em países da América Latina (KEHL, 1929 apud MARQUES, 1992, p. 40), dentre eles destacamos: a Sociedade Eugênica Argentina, fundada no mesmo ano da fundação da sociedade brasileira, por Victor Delfino; a Sociedade Eugênica do Paraguai, criada pelo médico eugenista Luis Zanotti em 1919 (SOUZA, 2006, p. 89) e a Sociedade Eugénica del Peru, resultado da iniciativa do médico Paz Soldán (DIWAN, 2007, p. 97). Em 1919, Kehl reuniu em um único volume, intitulado *Annaes de Eugenia*, todos os trabalhos desenvolvidos pela Sociedade Eugênica de São Paulo, publicados pela editora da Revista do Brasil de propriedade de Monteiro Lobato. (SOUZA, 2006, p. 37). Após ter desenvolvido diversas atividades durante os dois anos de institucionalização, a sociedade encerrou suas atividades em dezembro de 1920, por ocasião do falecimento de Arnaldo Vieira de Carvalho e da mudança de Kehl para a cidade do Rio de Janeiro (STEPAN, 2005, p. 57).

Segundo carta de Fernando de Azevedo, enviada a Renato Kehl no dia 20 de outubro de 1919, depois da saída de Kehl da Sociedade Eugênica, as atividades desenvolvidas pela entidade haviam perdido a sua expressão.

São Paulo, 20 de outubro de 1919

Renato amigo.

Recebi e agradeço tua carta. Folgo em saber que estás para visitar São Paulo. Espero que, chegando aqui, me comunique logo, para não me escapar a ocasião de abraçar-te, trocar ideias contigo. Ando por aqui ocupadíssimo. **Depois que daqui saíste, fez-se silêncio sobre a Sociedade Eugênica! Nada de conferência, nada de reuniões!...**

A propósito da Sociedade Eugênica, em que deu a discussão na Associação Nacional de Medicina sobre a questão do casamento consanguíneo? Foi aprovada a menção de Fernando de Magalhães contra reforma do código? Adeus. Escreve-me sempre. Abraço-te com saudades. Teu Fernando. (AZEVEDO, 1919 apud SILVA, 2008, p. 76, grifos nossos)

Após o fechamento da sociedade, os debates em torno da eugenia ainda continuariam presentes no estado de São Paulo, mas agora em outros espaços. Segundo Souza (2006), a *Revista do Brasil* permaneceu publicando artigos e comentários relacionados a tal ciência. Por outro lado, diversas teses que relacionavam a eugenia com a educação, a imigração e a higiene foram defendidas na Faculdade de Medicina de São Paulo, ao longo da década de 1920. Desse período, datam também os concursos eugênicos promovidos pelas autoridades públicas do estado de São Paulo, para escolher o “bebê eugênico” que melhor representasse a “estirpe paulista” (SOUZA, 2006, p.39), isto é, bebês saudáveis, que estivessem de acordo com o peso estipulado para cada idade²²; e o concurso “a criança eugênica” que premiava os candidatos após análise de sua própria constituição física e mental, bem como de seus antepassados, traçando e fomentando assim estereótipos ideais (MARQUES, 1994, p.47).

No início do ano de 1919, no governo do presidente Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa (1919 e 1922), é criado o “Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), para unificar e ampliar os serviços de higiene federais e subordiná-los a uma direção única e autônoma” (KOBAYASHI, 2007, p. 71). Com a criação deste departamento, a Liga Pró-Saneamento também encerrou suas atividades.

Em dezembro de 1920, Dr. Kehl assume o posto de inspetor sanitário rural do Departamento de Saneamento e Profilaxia Rural e chefe do posto de Merity. Entre os anos de 1920 e 1922, atua no DNSP, passando posteriormente a assumir um cargo no Serviço de Educação e Propaganda Sanitária, na mesma instituição, onde permanece até 1927, quando

²² Essa visão fomentava a diferença entre bebês robustos e bebês obesos; estes últimos, condenados pelos médicos eugenistas.

então ingressa na Indústria Química e Farmacêutica Casa Bayer, permanecendo na empresa até o ano de 1944 (SOUZA, 2006, p. 124).

No Serviço de Educação e Propaganda Sanitária, Renato Kehl “era responsável pelos serviços de educação e propaganda higiênica e antivenérea, bem como atividades em prol do saneamento e da profilaxia rural” (SOUZA, 2006, p. 105). Ele também foi responsável por promover “conferências públicas, elaborar folhetos e cartazes educativos que orientassem a população quanto aos preceitos da higiene e do saneamento” (SOUZA, 2006, p. 105). Em 1922, foi designado pelo DNSP para organizar também o Museu de Higiene, inaugurado na comemoração do centenário de independência (SOUZA, 2006, p. 105).

Vinculado ao DNSP, Kehl começaria a elaborar livros de divulgação científica e manuais escolares de higiene. Em 1923, Renato Kehl fecha o contrato com a editora Livraria Francisco Alves para a publicação do seu primeiro manual de higiene, *A fada Hygia: primeiro livro de Higiene*, direcionado às mães e professores para o ensino da Higiene às crianças, o qual foi publicado no mesmo ano. A obra foi adotada pela Diretoria Geral de Instrução Pública dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Paraíba e Pará, a partir de 1925²³. Anúncios e resenhas publicados nesse período indicam que o material foi bem recebido por diversos profissionais, sendo atualizado pelo autor em seis ocasiões²⁴.

Kehl, que já prestava serviços técnicos, como farmacêutico, na Casa Bayer, desde 1923, deixa o DNSP em 1927, para se dedicar exclusivamente às funções de diretor médico

²³ A última edição localizada data de 1937 e refere-se à 5a. edição do livro, publicada pela mesma editora.

²⁴ A pesquisa em banco de dados na internet indica que *A fada Hygia – Primeiro livro de Higiene* foi reeditada seis vezes, porém, sem indicação de data. Cf. Pérez-Ramos, Juan. Resgatando a memória dos patronos: Renato Ferraz Kehl, *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, ano XXII, n. 02/02, p. 15-19.

e chefe de laboratório da Indústria Química e Farmacêutica Casa Bayer no Brasil, permanecendo até 1944, quando a indústria alemã entrou em crise financeira devido ao caos econômico no continente europeu, resultante da Segunda Guerra Mundial (SOUZA, 2006, p. 124). Um ano após ter assumido as novas atividades na Casa Bayer, Kehl foi convidado pela multinacional alemã para realizar uma viagem de cinco meses pela Europa, com intuito de percorrer o território alemão e, também, conhecer a sede da empresa (SOUZA, 2006, p. 123).

No dia 5 de abril de 1928, Kehl e sua esposa Eunice Pena Kehl (filha de Belisário Penna) embarcam para a Europa. Tal viagem seria anunciada pela imprensa carioca, como se pode ver em nota publicada na *Revista Mundo Médico*, do dia 7 de abril de 1928:

Embarcou, anteontem, com destino à Alemanha, o conhecido médico e publicista Dr. Renato Kehl. Espírito brilhante, forrado com um grande amor ao trabalho, o Dr. Renato Kehl tem sido um devotado divulgador da eugenia entre nós, não só em colaboração ativa ente os nossos mais importantes diários, como em profusos livros que tem publicado, com o mais extraordinário sucesso. A sua viagem à Alemanha, como nos disse, é feita a título recreativo, mas estamos certos será mais uma viagem de estudos aos grandes centros da cultura germânica, sempre fonte de inesgotáveis ensinamentos científicos (apud SOUZA, 2006, p. 13).

Durante essa viagem, Renato Kehl visitou várias universidades e institutos de Antropologia e Eugenia. Na Alemanha, além de realizar visitas, Kehl desenvolveu pesquisas no Instituto de Eugenia de Berlim, conhecendo o seu diretor Hermann Mucksermann e o antropólogo Hans Haustein; conheceu o antropólogo e diretor do Instituto de Antropologia, Génética Humana e Eugenia da Universidade Kaiser Wihelm de Berlim, Eugen Fischer; visitou o museu de “Higiene Racial” da cidade de Dresden, dirigido pelo médico e eugenista Dr. Vogel Wissenschaftl (SOUZA, 2006, p. 124). Na Áustria, Kehl conheceu o diretor do Instituto de Antropologia de Viena, o médico e antropólogo Alfred Hermann. Na Suécia, país de grande tradição nos estudos sobre eugenia e biologia racial,

manteve estreito contato com o eugenista Hermann Lundborg, diretor do Instituto de Biologia Racial de Uppsala. Kehl conheceu o trabalho desenvolvido pelo eugenista norueguês John Alfred Mjöen, diretor do Winderen Laboratorium e da revista *Den Nordiske Race* (SOUZA, 2006, p. 125-126), ampliando, assim, a sua rede de contatos profissionais e, também, seu conhecimento sobre os estudos vinculados à eugenia desenvolvidos na Europa. Ao retornar ao Brasil, o médico brasileiro manteria essas relações por meio de correspondência, troca de bibliografia e estudos científicos sobre eugenia (SOUZA, 2006, p. 126). No Brasil, os trabalhos desenvolvidos por esses pesquisadores europeus seriam traduzidos e publicados no periódico *Boletim de Eugenia*, fundado por Renato Kehl em 1929. Essa rede internacional incentivou, ainda mais, o eugenista brasileiro a conduzir suas atenções em direção às ideias eugênicas de cunho mais radical (SOUZA, 2006, p. 126), defendendo com mais afinco políticas voltadas para o controle imigratório e defesa do exame pré-nupcial.

Kehl, por meio de Monteiro Lobato, que na ocasião tinha sido nomeado representante comercial do governo brasileiro nos Estados Unidos (HABIB, 2003, p. 124), teria tentado nesse período, também, divulgar e publicar os seus livros no exterior, principalmente nos Estados Unidos, como podemos observar nas correspondências abaixo.

Rio de Janeiro, 12 de junho de 1929

Caro amigo Lobato.

Há muito tempo não tenho notícias suas. Parece até que o Lobato deseja fugir dos velhos amigos. Nem um cartõesinho para dizer que ainda se lembra destes “jecas” que por aqui ficaram. Não tenho lido nada escripto por voce. Será que não sabe mais portuguez? Ou que resolveu só escrever para americano? Tenho lhe enviado, de vez em quando, o Boletim de Eugenia. Tem recebido? Envio-lhe hoje um novo livro. Creio não existir outro identico no gênero. Peço lel-o e me mandar dizer si é possivel publicar em inglez ahi na America. A pretensão é grande...mas quem sabe?

Faço votos para a sua felicidade e de todos os seus.

Um grande abraço do amigo,

(sem assinatura)²⁵

A correspondência reproduzida acima não possui assinatura de Renato Kehl, mas é possível afirmar que foi escrita pelo médico por meio da análise da correspondência enviada por Monteiro Lobato, em reposta a esta, que reproduzimos, na íntegra:

New York, 8, Julho, 929

Meu caro Renato,

Recebi tua carta e o livro. Muito obrigado por ainda te lembrares do velho Lobato, desertor das fileiras belletrísticas onde continuas firme como um rochedo, para bem do paiz. Teus livros se caracterizam por admirável senso de oportunidade e se fossem lidos na medida necessária, grandes benefícios trariam ao feio e doentio povo dessa nossa boa terra. Infelizmente a parte da população que mais necessita das tuas lições não as tomará, porque não tem dinheiro para livros, nem sabe ler...

Não creio, meu caro Renato, que possas editar teu aqui. Não pode haver paiz onde a eugenia esteja mais proclamada, estudada, praticada, “livrada” do que este. O número de estudos especializados que sobre tal assumpto apparecem é enorme e os manuaes como o teu circulam aos centos e estão em todas as escolas. A idéia está tão adiantada que já começam a apparecer “filhos eugênicos”. Uma senhora da alta sociedade mezes atraz occupou durante vários dias a front page dos jornaes mexeriqueiros graças á audácia com que, rompendo contra todos os preconceitos, resolveu ter um filho eugênico segundo todos os preceitos da sciencia e sem ligar legalmente a nenhum homem. Escolheu um admirável typo de homem (macho), fel-o estudar sobre todos os aspectos e achando para o fim que tinha em vista fez-se fecundar por elle. Disso resultou uma menina quê está sendo criada numa farm especialmente adaptada para nursery eugênica e lá vae (ela) conduzindo a sua experiência de ouvidos fechados a todas as censuras da bigotry.

Seu exemplo já foi imitado e dentro dalguns annos a sciencia terá alguns factos novos a estudar.

Eu, meu caro, retirei-me da activa. Aqui permaneço, sempre embasbacado deante da grandeza deste povo, em marcha segura para a criação de algo inteiramente novo nos annaes da humanidade. A razão de não escrever para ahi é uma razão psychologica: é psychologicamente impossível dar com palavras velhas de uma língua velha e pauperrima como a nossa, uma vaga ideia de que é e do que está fazendo o americano. A força, a grandeza, a novidade do phenomeno americano no mundo só pode(m) ser contada(s) em inglez e para allemães. Creio que no

²⁵ Foi possível encontrar várias cópias de cartas enviadas por Kehl. Geralmente cartas datilografadas e sem assinatura, mas guardadas próximas às cartas respostas, sendo possível assim, identificar os seus remetentes. No entanto, não conseguimos precisar qual foi “o livro novo” remetido a Monteiro Lobato, já que nesse mesmo ano, Kehl publicou: *Lições de Eugenia, Livro do chefe da família, Registro individual e arquivo genealógico e A Eugenia no Brasil*. KEHL, Renato. [Correspondência] 12 de jun. 1929, Rio de Janeiro [para] LOBATO, Monteiro. New York. 1p. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl - DAD/COC.

mundo, só o allemão, cujo cérebro é o que você sabe, pode compreender a America. Dahi vem a onda de imbecilidades que corre(m) mundo sobre este paiz. É daqui que se alcança bem (a humana) incapacidade de compreensão dos phenomenos novos, (quando não há) passagens anteriores a que possam ser referidos. Acabo de verificar isso com o caso da Miss Brasil. Assombrei-me com o que li nos jornaes do Brasil. Tres reporteres que vieram com ella phantasiaram á vontade o que “elles desejariam que fosse a estadia della aqui” e impingiram o sonho como cousa realisada. O desconhecimento e incompreensão da America no Brasil é tamanho que juro que 85% dos leitores dos nossos jornaes engulira(m) a mystificação e ficaram convencidos que a nossa pobre menina teve recepção em New York. A mostuosidade dessa peta vem provar a minha these. Adeus, meu caro. Vou ler o teu livro que assim tenha oportunidade, completando assim as lambidelas ao acaso com que já o estreei. Adeus. Muitas recomendações ao Dr. Belisario e mande (...) no velho camarada

Assinatura de Lobato.²⁶

Apesar de não ter conseguido publicar os livros nos Estados Unidos, Kehl continuaria desenvolvendo diversas ações em prol da divulgação eugênica, tanto em solo brasileiro como no exterior.

Segundo alguns historiadores, como Stepan (2005), Souza (2006) e Diwan (2007), a partir de 1928, quando Renato Kehl retorna de sua viagem à Europa, pode-se identificar traços mais intensos de uma eugenia negativa. Mas é nesse momento mais radical do pensamento deste médico, no qual em tese as ações educativas como forma de regeneração seriam descartadas do programa eugênico, que Renato Kehl e o ilustrador Francisco Acquarone assinam conjuntamente o contrato para publicação da segunda obra do gênero, intitulada *Cartilha de Higiene: alfabeto da saúde*, publicada provavelmente em 1936. Segundo consta no prefácio, escrito por Kehl, esse manual teria surgido a partir de inúmeros pedidos, como uma obra introdutória a *A fada Hygia: primeiro livro de Higiene*, que, na ocasião da publicação da *Cartilha de Higiene*, já tinha alcançado a sua 5ª edição. Em 1937, Kehl também reformulou *A fada Hygia: primeiro livro de Higiene*, adaptando a

²⁶ LOBATO. Monteiro. [Correspondência] 08 de jul. 1929, New York [para] KEHL, Renato. Rio de Janeiro. 2p. Grifos nossos. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

obra não só às novas regras ortográficas, mas também inserindo novos versos e melhorando as ilustrações, tornando torná-los mais atrativos aos ouvidos e aos olhos das crianças. Tal iniciativa nos faz crer que, apesar de Dr. Kehl, dar ênfase cada vez mais a uma eugenia negativa, após 1929, ele não descartaria a necessidade de uma eugenia preventiva, pautada no ensino da Higiene, para a conformação de uma sociedade eugenizada, visto que havia doenças atreladas ao social, como o alcoolismo e a sífilis, que poderiam ser contidas, segundo sua concepção, com a adoção de hábitos higiênicos.

Neste primeiro capítulo, procuramos descrever brevemente as primeiras aspirações do Dr. Kehl em relação à ciência eugênica, assim como algumas de suas principais atividades. Tudo isso com o propósito de esclarecer algumas das questões presentes nos manuais escolares, as quais serão tratadas ao longo desta dissertação. Nos próximos capítulos, iremos examinar alguns de alguns fatos políticos, sociais e culturais que marcaram o período entre 1923 e 1937, período em que Renato Kehl dedicou-se à elaboração dos manuais escolares de higiene, dando destaque aos movimentos higienista, sanitarista e eugenista, bem como aos movimentos em prol da expansão da escolarização e à emergência de publicações didáticas no Brasil. Esse cruzamento de informações permitiu observar como Renato Kehl articulou sua rede social para a divulgação de suas ideias, bem como para a produção e divulgação de seus manuais escolares, principalmente *A fada Hygia: primeiro livro de Higiene* (1923) e a *Cartilha de Higiene: alfabeto da saúde* [1936?].

Supongamos por un momento que la práctica de la eugenesia elevara, de aquí en adelante, la media de calidad de nuestra nación hasta alcanzar el nivel de la mejor parte de ella que hay actualmente, y consideremos el beneficio que se obtendría con ello. El trono general de la vida doméstica, social y política sería más elevado. La raza como un todo sería menos tonta, menos frívola, menos excitable y políticamente más prudente que ahora. Sus demagogos, que “actúan para galería”, actuarían para una galería más sensible que la de ahora. Estaríamos mejor adaptados para cumplir con nuestras vastas oportunidades imperiales. Finalmente, hombres de un nivel de habilidad que es ahora muy raro serían más frecuentes, porque el nivel del grupo del que surgen se habría asimismo elevado (GALTON, 1904, p. 167).²⁷

²⁷ Suponhamos por um momento que a prática da eugenia elevasse, daqui por diante, a média da qualidade da nossa nação até alcançar o nível da melhor parte da sociedade que há atualmente, e consideremos o benefício que se obteria com ela. O poder geral da vida doméstica, social e política seria mais elevado. A raça como um todo seria menos incapaz, menos frívola, menos excitável e politicamente mais prudente do que agora. Seus demagogos, que "atuam para museus", atuariam para um público mais sensível do que agora. Estaríamos melhor adaptados para cumprir nossas vastas oportunidades imperiais. Finalmente, os homens de um nível de habilidade que agora é mais raro seriam mais frequentes, porque o nível do grupo que surge, haveria, desse modo, se elevado (tradução livre).

2.1. Os primórdios da ciência eugênica

Segundo Stepan (2005), os ideais eugênicos propagados pelos médicos britânicos do século XIX retomam algumas práticas empregadas pelos gregos para fundamentar a concepção de preservação e desenvolvimento da nação. Renato Kehl (1917) também exaltaria em seus escritos essas práticas, como podemos verificar na conferência ministrada na Associação Cristã de Moços de São Paulo.

Já na antiga Grecia, Lycurgo, legislador que, excluído o radicalismo desumano de seus processos, poderia servir de modelo aos de hoje, cioso das glórias de Sparta, terra de homens fortes e valentes, foi o precursor da Eugenia. As leis spartanas attestam o culto desse illustre lacedomonio pela perfeição dos seus guerreiros. Elle procurava eliminar as creanças fracas ou invalidas e dictava aos pais que legassem aos filhos não a riqueza, mas a saúde e a robustez. (KEHL, 1917, p.5)

Foucault (2000) nos lembra de que, nesse período, o poder do soberano sobre os súditos incidia sobre o direito de “deixar viver” e “fazer morrer”, o que foi modificado, no século XIX. Segundo o autor, outro direito vai se constituir, a partir de então, e “que não vai apagar o primeiro, mas vai penetrá-lo, perpassá-lo, modificá-lo, e que vai ser um direito, ou melhor, um poder exatamente inverso: poder de ‘fazer viver’ e de ‘deixar morrer’” (FOUCAULT, 2000, p. 287). Na ciência eugênica, que se desenvolveu ao longo dos séculos XIX e XX, podemos observar exatamente a afirmação deste último posturado, o direito de “fazer viver” e “deixar morrer”, isto é, ao mesmo tempo em que a ciência eugênica condena e exclui os indivíduos considerados “degenerados” deixando-os morrer, a ela, também, cria “ferramentas” para “aperfeiçoar” os indivíduos “perfeitos”, fazendo-os viver. Contudo, na sua vertente mais radical, a ciência eugênica negativa, podemos observar, também, o poder pautado no direito de “deixar viver” e “fazer morrer”, presente na aplicação das práticas de esterilização e nos extermínios em massa.

Para alguns pesquisadores, como Pichot (2004), o estopim do desenvolvimento da eugenia estaria estritamente vinculado ao fenômeno da suposta degenerescência da espécie humana, causada por distúrbios e uma série de transformações sociais como a industrialização, a urbanização e a proletarização, que marcaram a segunda metade do século XIX, heranças da Revolução Industrial. É nesse período que as ciências biológicas começam a ganhar destaque na sociedade. A ciência eugênica, por sua vez, seria considerada o “regulador” dos processos sociais, exercendo, segundo alguns cientistas, por sua vinculação aos ideais biológicos, um poder sobre a vida, isto é, um poder que visa à preservação e aperfeiçoamento.

Nesse momento, observamos também que as intervenções dos homens de ciência não incidiam apenas sobre a vida individual, como ocorria nas sociedades dos séculos anteriores, XVII e XVIII, mas também sobre a massa, isto é, sobre a população. Tratava-se de um saber-poder que deveria diluir-se em todas as esferas sociais, disciplinando, regulando e normalizando as atividades humanas e sociais (FOCAULT, 2000, p. 288).

Com intuito de dominar o conhecimento sobre essa “esfera social”, muitos cientistas vincularam os conhecimentos estatísticos e antropológicos aos biológicos, visando fundamentar suas teorias e suas ações. Esse conjunto de conhecimento formou, inclusive, a base da ciência eugênica.

Apesar de a ciência eugênica ter surgido aparentemente da necessidade de controlar o corpo para fins econômicos, como aponta Pichot (2004), vale lembrar que tal corpo de conhecimentos e formas de intervenções só poderia ter-se desenvolvido no século XIX porque a ideia a ela relacionada já estava presente, anteriormente, de forma diluída, no

sistema social como um todo, como bem lembra Sérgio Adorno (1994). Sendo assim, a eugenia só serviria para legitimar tais acepções, sob um discurso cientificista.

De fato, toda a engenharia eugênica funda-se em pressupostos ditos científicos. Uma racionalidade percorre os discursos eugênicos, fixa familiaridades, estabelece conexões, constrói hipóteses, determina leis do acontecer natural. Trata-se de uma racionalidade que se opõe ao senso comum ou às formas habituais do conhecimento. Apresentando-se como saber superior, pois que penetra na profundidade dos corpos mediante técnicas e meios pouco acessíveis ao cidadão médio, ela institui verdades que se anunciam irrefutáveis. Torna o invisível visível e compreensível. O racismo, [segregação] que poderia ser condenável do ponto de vista moral, se converte em ideal fundamentado pela ciência (ADORNO, 1994, p.16).

Assim, colocamos em suspenso o status de “ciência racista” atribuído à ciência eugênica, e deslocamos o sentimento e prática racistas²⁸ para o plano social, do indivíduo, da sociedade e da cultura. Esse deslocamento permite compreender melhor como os diversos agentes, não só cientistas, mas também políticos, médicos, educadores, entre outros profissionais, de diversas nacionalidades, defenderam diretrizes para a vida pautadas na ciência eugênica.

O termo eugenia, de origem grega e que significa “bem nascido”, foi cunhado pelo cientista, geógrafo e estatístico britânico Francis Galton (1822-1911), em 1883, para designar a ciência responsável por melhorar a raça humana, por meio da identificação dos seres mais bem dotados física e mentalmente, e pelo incentivo ao casamento entre estes (MARQUES, 1994, p. 48). Dessa forma, a ciência eugênica também atuaria como uma teoria social:

²⁸ Ouçamos as reflexões de Foucault acerca do racismo: “O que é racismo? (...) No contínuo biológico da espécie humana, o aparecimento das raças, a distinção das raças como boas e de outras, ao contrário, como inferiores, tudo isso vai ser uma maneira de fragmentar esse campo do biológico de que o poder se incumbiu; uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros. Em resumo, de estabelecer uma cesura que será do tipo biológico no interior de um domínio considerado como sendo precisamente um domínio biológico. Isso vai permitir ao poder tratar uma população como uma mistura de raças ou, mais exatamente, tratar a espécie, subdividir a espécie de que ele se incumbiu em subgrupos que serão, precisamente, raças. Essa é a primeira função do racismo: fragmentar, fazer cesuras no interior desse contínuo biológico a que se dirige o biopoder” (2000, p. 305).

Una teoría así, que buscaba facilitar lo que consideraba acción de la evolución, podría convertirse en una nueva religión, una religión científica y moderna. Porque religión era, moral, ética, normas de conducta para organizar la sociedad. Normas de controle de la sociedad, en definitiva. En esencia, la eugenesia debería ser la ciencia que se preocupara de mejorar la raza humana. Para ello era necesario detectar a los seres mejor dotados física y mentalmente y favorecer sus matrimonios. Por otra parte había que detectar e identificar a todos aquellos que con sus taras pudieron contribuir al deterioro de la raza: enfermos, delincuentes, pobres endémicos, débiles mentales, para, por diferentes medios, evitar sus matrimonios y su reproducción. Esta será la eterna preocupación de Galton. Poder identificar en claridad los distintos tipos de seres y controlar su reproducción, para, por ese medio, perfeccionar la raza humana (PELÁEZ, 1988, p.15).²⁹

Contudo, apesar do *status* de ciência, a eugenia, como destaca Castañeda (1998), não teria emergido num terreno sólido, repleto de certezas científicas, muito pelo contrário, a ciência eugênica teria emergido num terreno movediço, marcado por disputas teóricas e pela ascensão da publicação de trabalhos que seguiam vertentes distintas, mas que se focavam indistintamente no aperfeiçoamento genético e no combate à degeneração humana, presentes na Europa entre os séculos XIX e XX, como destaca Del Conte (2007, p. 89):

Até meados do século XIX, os vários cruzamentos realizados e observados pelos seres humanos ao longo da história permitiam formar a percepção de que as crias reproduziam características de seus progenitores e isso também era amplamente admitido para os seres humanos. A existência de características individualizantes era geralmente explicada pela mistura de elementos, forças vitais ou espirituais, que ambos os pais forneciam aos filhos, a mistura poderia ser forte ou fraca ou ainda pendente para um dos lados; também se compreendia as características individualizantes como consequência de treino, educação e experiências que os indivíduos adquiriam durante sua trajetória de vida. Esse conjunto vago de ideias sobre como se dava o fenômeno da hereditariedade foi retratado e rearticulado nas diversas teorias que especularam, principalmente na segunda metade do século XIX, sobre o processo de transmissão de características entre as gerações.

²⁹ Uma teoria assim, que buscava facilitar o que considerava ação da evolução, podia converter-se em uma nova religião, uma religião científica e moderna. Porque religião era, moral, ética e normas de conduta para organizar a sociedade. Normas de controle da sociedade, em definitivo. Em sua essência, a eugenia deveria ser a ciência que se preocupava em melhorar a raça humana. Para isso, era necessário detectar os seres melhor dotados, física e mentalmente, e favorecer os seus matrimônios. Por outro lado, havia que detectar e identificar todos aqueles que com suas taras, poderiam contribuir para o deterioramento da raça: enfermos, delinquentes, pobres endêmicos, debéis mentais, para por diferente meios, evitar seu matrimônio e sua reprodução. Esta será a eterna preocupação de Galton. Poder identificar com clareza os distintos tipos de seres e controlar sua reprodução, afim de, por esse meios, aperfeiçoar a raça humana (tradução livre).

Os primeiros trabalhos sobre a hereditariedade com que Francis Galton teve contato foram desenvolvidos por seu primo Robert Charles Darwin, em meados da década de 1860. É desse período que data a publicação da sua obra mais famosa, intitulada *A origem das espécies por meio da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida* (1859), fruto de suas pesquisas sobre seleção natural, sobrevivência e a luta pela vida entre os animais. A obra tornou-se reconhecida no período, tanto que, a sua primeira edição foi inteiramente vendida no dia do seu lançamento (DIWAN, 2007, p. 30), despertando também a atenção de seu primo Francis Galton. Segundo suas próprias palavras, o livro *A origem das espécies* o teria tirado de uma grave crise profissional, decorrente das duras críticas recebidas por seus trabalhos sobre meteorologia, que o levaram a desistir do assunto (PELÁEZ, 1988). Após o contato com a teoria desenvolvida por seu primo, Galton teria se interessado pelas leis da hereditariedade, passando a se dedicar à pesquisa na área da biologia, juntamente com seu primo, até que as discordâncias sobre a interferência do meio externo na formação do indivíduo os afastassem:

Para Darwin era necesario que los caracteres adquiridos, por lo menos algunos que tuvieran una cierta influencia en el organismo y alteraran las “gémulas” – las unidades orgánicas transmisoras de los caracteres en su teoría – se transmitieran. Si esto no sucederá así, era muy difícil en aquel momento poder explicar la evolución por medio de la selección natural. Para Galton, sin embargo, era imprescindible considerar que la herencia de caracteres adquiridos era imposible. Para mantener su teoría de la posibilidad de mejorar la raza por medio, físicos y mentales, y preservar la pureza de las razas y clases, restringidas a sus propias dotaciones hereditarias, era necesario que el medio ambiente, y por lo tanto los caracteres adquiridos, no tuvieran influencia en la carga o dotación hereditaria. Para Galton, cada individuo hereda directamente de sus padres - padres y madres por igual - y por medio de ellos de todos sus antepasados directos. Y el medio ambiente no puede modificar tal herencia (PELÁEZ, 1988, p. 16-17).³⁰

³⁰ Para Darwin era necessário que os caracteres adquiridos, pelo menos alguns, tivessem uma certa influência no organismo e o alterasse as "gêmulas" - as unidades orgânicas transmissoras dos caracteres em sua teoria – modificando-as. Se isto não acontecesse assim, seria muito difícil naquele momento, explicar a evolução por meio da seleção natural. Para Galton, no entanto, era imprescindível considerar que a herança dos caracteres adquiridos era impossível. Para manter sua teoria da possibilidade de melhorar a raça, por meio físico e mentais, e preservar a pureza das raças e das classes [sociais], restritas às suas próprias condições hereditárias, era necessário que o meio ambiente, e portanto os caracteres adquiridos, não tivessem influência sobre a carga hereditária. Para Galton, cada indivíduo herda diretamente de seus pais - pais e mães por igual – e, por meio

Após conflito com Darwin, Galton lançaria sua própria teoria, desenvolvida no livro *Teoria da hereditariedade*, publicado em 1876. Nessa obra, Galton afirma que existem duas partículas, uma interna sem manifestação externa e outra que determina as características dos indivíduos, sendo que a primeira partícula passaria de pais para filhos sem alteração. Apesar de Galton não ter conseguido provar esta teoria por meio de experimentos científicos, isso não teria feito com que ele abandonasse tal suposição; muito pelo contrário, Galton embasaria sua teoria nos estudos sobre a hereditariedade do talento, realizados em diálogo com Darwin em 1869. O estudo provava, por método estatístico, que o talento era hereditário e que não se devia a nenhum estímulo externo. Para chegar a esses resultados, Galton teria enviado aos intelectuais e a membros de sociedades científicas um questionário, perguntando-lhes se eles consideravam que seu talento era inato ou adquirido. A compilação dos resultados confirmou a sua ideia de que o talento era hereditário e de que o meio ambiente e as possibilidades sociais só atuavam quando existisse uma pré-disposição hereditária (PELÁEZ, 1988, p. 17-16). Este estudo deu origem à obra *A herança do gênio* (1869). Mas como ressalta Bizzo (1994), em nenhum momento, esse questionário foi aplicado em comerciantes e industriais (emergentes burgueses da época), assim como nos trabalhadores, apontando, assim, os limites analíticos da amostra.

Galton descreveria em diversas ocasiões a sua própria genealogia para fundamentar a sua teoria do talento hereditário. Descendente de duas famílias prestigiadas na Inglaterra, Darwin e Wedgwood, Galton alegava que seus atributos físicos e mentais eram de origem genética (CASTAÑEDA, 1998, p. 31). Neto, por parte de mãe, de Erasmus Darwin (1731-

destes, e de todos os seus antepassados diretos. E o meio ambiente não pode modificar tal herança (tradução livre).

1802), um médico aclamado e cientista reconhecido por escrever diversas obras importantes para o período, dentre elas a *Zoonomia* (1796)³¹, primo de Charles Robert Darwin, cientista reconhecido por desenvolver a teoria da evolução, e de Samuel Galton (1753-1832), um grande estudioso dos fenômenos visuais, e membro da famosa *Sociedad Lunar* de Birmigham (PELÁEZ, 1988, p. 10). Assim, Galton argumentava que sua genealogia teria determinado suas próprias aptidões científicas.

Em 1873, o cientista suíço Alphonse de Candolle, publica a obra *Historie des sciences et de savants depuis deux siècles* (História das ciências e dos sábios nos dois últimos séculos), como crítica à teoria da herança do talento desenvolvida por Galton. Para Candolle, a educação e o meio ambiente eram fatores fundamentais para o desenvolvimento científico e intelectual de qualquer indivíduo. Mas Galton continuaria convicto em relação à sua teoria, expressando suas afirmações no livro *English men of science: their nature and nurture* (1874) (Homens ingleses de ciência: sua natureza e nutrição) como resposta às teorias de Candolle (PELÁEZ, 1988, p. 18).

Nas três últimas décadas do século XIX, o otimismo, característico dos meados da era vitoriana, começou a dar lugar a um generalizado pessimismo em relação à vida moderna e seus males (STEPAN, 2005, p. 31), fruto do aumento desordenado dos centros urbanos, da criminalidade, dos vícios, da imigração e das péssimas condições urbanas. Aliadas aos problemas sociais, as doenças como tuberculose, sífilis, alcoolismo e doenças mentais começaram a ser consideradas como problemas ligados à população pobre. Embasada nas teorias da hereditariedade, a elite britânica começava a acreditar que a alta taxa de natalidade entre as camadas pobres aumentava os males sociais, propagando o

³¹ Na obra *Zoonomia* (1796), Erasmus Darwin expõe sua teoria sobre a evolução, a qual teve grande repercussão em sua época.

medo da decadência social. Nesse contexto, Galton defendia, com base nas leis da evolução de Darwin, que a sociedade estava vivenciando já o processo de seleção natural, expresso pelo surgimento de doenças que eliminavam a população mais “fraca”. Para Galton, esse processo poderia ser acelerado, amenizando os males da degeneração, por meio do aprimoramento do estoque genético humano, realizado pela seleção e pelo incentivo de casamentos entre os “adequados”, em detrimento dos “inadequados” (STEPAN, 2005, p. 32).

Nesse período histórico, de intenso debate sobre os principais males que afligiam a elite britânica, outros grandes estudos no campo da hereditariedade ascenderiam e dialogariam com as teorias desenvolvidas pelo “pai da eugenia”, Francis Galton, teorias essas que visavam à eliminação dos problemas sociais que tanto ameaçavam o desenvolvimento dos países, por meio do aperfeiçoamento físico e mental da população. Os trabalhos mais famosos do período foram desenvolvidos pelo alemão August Weismann (1834-1914) e pelo austríaco Gregor Mendel (1822-1884).

August Weismann, professor de Zoologia e Anatomia Comparada e, posteriormente, diretor do Instituto de Zoologia da Universidade de Freiburg, formulou em 1893 a teoria sobre o plasma germinativo, fornecendo novos aportes argumentativos para a teoria da hereditariedade, em detrimento das hipóteses sobre os caracteres adquiridos, elaboradas principalmente pelo francês Jean-Baptiste Lamarck³² (STEPAN, 2005, p. 35). Segundo Haller (1984 apud CASTAÑEDA, 1998, p. 35), Weismann defendia a ideia de que não era possível haver a transmissão de características hereditárias, pois, durante a

³² Em síntese, a teoria de Lamarck prega que o meio ambiente e o comportamento têm a capacidade de influenciar os caracteres hereditários. Os higienistas e sanitaristas, de modo geral, irão fundamentar suas teorias e suas ações nessa concepção (DIWAN, 2007, p. 31). No entanto, vale salientar que a Eugenia desenvolvida em solo francês, diferente da eugenia britânica, baseava-se nas concepções ambientalistas, de matriz lamarckiana.

formação desses genes, ocorriam fenômenos que poderiam modificá-los (processo conhecido como meiose). Contudo, apontava alguns raros casos em que era possível admitir que, durante o processo, fatores externos, gerados por carência alimentar ou pela presença de álcool no sangue, poderiam vir a modificar os genes. Tais fatores poderiam agir diretamente no plasma germinativo e afetar a prole, sem determinar os caracteres hereditários do plasma, ou seja, seria possível gerar uma prole com má formação física ou mental, mas não uma prole com vícios alcoólicos (CASTAÑEDA, 1998).

Outra teoria, de grande impacto no período, foi desenvolvida por Gregor Mendel em 1865. Em 1866, *Proceedings of the Brunn Natural History Society* (Stern & Sherwood, 1966) (Anais da Sociedade de História Natural de Brunn) publicou a pesquisa sobre a teoria da mutação desenvolvida por Mendel, que provava, por meio de testes aplicados em ervilhas, que o material hereditário era transmitido dos genitores para a prole, mantendo-se intacto. Tais testes indicaram, ainda, que alguns fatores hereditários só se expressam se um mesmo fator for herdado de ambos os pais, ao passo que os demais poderiam vir a se expressar se apenas um fator dominante estivesse presente. Ao primeiro fenômeno, Mendel denominou fatores recessivos e, ao segundo, de fatores dominantes (CASTAÑEDA, 1998, p. 28-29). Em 1900, essa teoria ganharia uma nova leitura, elaborada por três botânicos: De Vries, Tschermak e Correns. Segundo os referidos cientistas, as teorias de Mendel ampliariam os estudos sobre a genética dos seres humanos.

Como lembra Castañeda (1998), a teoria de Mendel e seus seguidores teria gerado grande controvérsia entre os cientistas, provocando reações de oposição principalmente de Galton e seus seguidores, que acreditavam na teoria da hereditariedade. No entanto, apesar do ceticismo em relação à teoria desenvolvida por Mendel, essa invalidaria os estudos de Galton, por meio da comprovação da presença da herança descontínua, na qual somente os

fatores herdados dos pais, e não de seus ancestrais mais remotos, seriam transmitidos para a prole. Segundo essa concepção, apenas em alguns raros casos, fatores herdados de seus progenitores poderiam se expressar, se um mesmo fator estivesse presente em ambos os genitores (DEL CONTE, 2008). Segundo Bizzo (1994, p. 60), o mendelismo foi um dos primeiros modelos a defender a impossibilidade de livre modificação das partículas hereditárias, constituindo assim a “herança dura”.

As disputas no campo científico não teriam enfraquecido os esforços de Francis Galton no sentido de promover a ciência eugênica, muito pelo contrário, tal ciência passaria a estar cada vez mais presente nos discursos de diversos intelectuais e acadêmicos do início do século XX, segundo Peláez (1998, p. 24). É nesse período, também, que Galton passa a contar com a ajuda de dois colaboradores, Karl Pearson (1857-1936) e Frank Raphael Weldon (1860-1906), cujos estudos se voltavam para a aplicação dos conhecimentos estatísticos nas ciências biológicas, sociológicas e na medicina, culminando na fundação da biometria. Em 1901, esses três cientistas começaram a editar a revista *Biometria*³³, que permitia a publicação de artigos recusados por outras revistas. Fortalecido com as ações no campo da biometria, Galton decidiu intensificar a campanha em prol da Eugenia, agora promovendo a ciência junto às principais instituições científicas e acadêmicas do período, o que poderia lhe conferir certo prestígio e legitimar as suas teorias.

(...) Galton introdujo la eugenia en la Universidad. Se reunió con el rector de la Universidad de Londres y le propuso entregar 1.500 libras para pagar a dos personas, un becario y un ayudante, y después 500 libras al año, todo ello a cambio de locales y medios de trabajo para organizar en la universidad una oficina de registros o historiales eugénicas, que además fueron estudiados y analizados estadísticamente. Esta oficina, la Eugenics Records Office, comenzó a funcionar en 1904. Un año después Galton pidió a Pearson que la oficina y el Laboratorio de Biometría, que él dirigía, se fusionaran, quedando bajo el control del propio Pearson. Este, aunque algo reticente al comienzo, aceptó y en 1906

³³ No decorrer da décadas de 10 e 20 do século XX, alguns adeptos do mendelismo desenvolveram teorias com base nas teorias biométricas, conferindo uma nova leitura da Eugenia. Este é o caso de Wilhelm Wienberg (1862-1937) e Ronald Fisher (1890-1962).

surgió el Laboratorio Galton para la Eugenesia Nacional (PELÁEZ, 1988, 27).³⁴

Galton também procurou difundir a ciência eugênica no Instituto de Antropologia e na Sociedade de Sociologia, no entanto seus trabalhos não foram bem aceitos por essas instituições. Dessa forma, Galton decidiu organizar, com apoio de seu amigo Montagu Crackanthorpe, um grupo de profissionais e intelectuais voltados para o estudo das ideias sobre o melhoramento e o aperfeiçoamento da raça. Surge, então, em 1907, a Sociedade de Educação Eugênica. Galton, apesar de ter ajudado a organizar a instituição, só viria a tornar-se membro com a nomeação de seu amigo Crackanthorpe à presidência. Posteriormente, Crackanthorpe foi substituído pelo conhecido e prestigiado Leonardo Darwin, que permaneceu no cargo por 30 anos. A atuação de tal sociedade não teria agradado muitos cientistas, que, como Pearson, acreditavam que se tratava de uma instituição de cunho puramente propagandista e que, portanto, não executava nenhum trabalho sério (PELÁEZ, 1988, p. 28).

Em 1911, Galton falece, no início do período de ascensão da ciência eugênica pelo mundo. Em 1912, um ano após o seu falecimento, a Sociedade de Educação Eugênica, que passaria a se chamar Sociedade Eugênica, organizaria o primeiro Congresso Internacional de Eugenia em Londres, que voltaria a ocorrer em 1921 e 1932, em Nova Iorque. A sociedade contribuiu para a difusão dos ideais eugênicos por todo o país, organizando cursos e conferências sobre diferentes temas relacionados à eugenia, educação sexual, e

³⁴ (...) Galton introduziu a eugenia na Universidade. Reuniu-se com o reitor da Universidade de Londres e lhe propôs o repasse de 1.500 libras para pagar duas pessoas, um bolsista e um ajudante, e mais 500 libras por ano. Tudo isso, em troca de local e meios de trabalhos para organizar, na universidade, um escritório de registros e históricos eugênicos, que já haviam sido estudados e analisados estatisticamente. Este escritório, a "Eugenics Records Office", começou a funcionar em 1904. Um ano depois de Galton ter pedido a Pearson que o escritório e o Laboratório de Biometria, que ele dirigia, se unissem, ficando sob o controle do próprio Pearson. Este, apesar de reticente no começo, aceitou e em 1906 surgiu o Laboratório Galton para a Eugenia Nacional (tradução livre).

proporcionando a formação de outras sociedades na Índia, Austrália, Nova Zelândia, França, Itália, Alemanha, Noruega, Suécia, Espanha, Estados Unidos, entre outros países do hemisfério norte, e mais tarde nos países da América Latina, como o Brasil e Argentina.

2.2. A circulação das ideias eugênicas na América Latina

Alguns estudos que versam sobre o desenvolvimento da eugenia na América Latina (STEPAN, 2005; DIWAN, 2007; SILVA, 2008) destacam três articulistas no movimento em prol desta ciência, são eles: Dr. Renato Ferraz Kehl (Brasil), Dr. Victor Delfino (Argentina) e Dr. Carlos Henrique de Paz Sórdan (Peru).

Mesmo seguindo vertentes teóricas distintas, esses médicos empreenderam um conjunto de inúmeras e variadas ações voltadas para a divulgação das ideias eugênicas, que contribuiriam para a formação de diversas sociedades científicas no continente latino-americano³⁵.

Dr. Victor Delfino³⁶ foi um dos únicos médicos da América Latina a participar do Primeiro Congresso Internacional de Eugenia, realizado em Londres em 1912, participando também de mais duas edições do congresso, ambas realizadas em Nova Iorque, em 1921 e 1932. Delfino foi reconhecido por sua intensa atuação na propagação dos ideais eugênicos na Argentina, e também, por ser fundador e integrante de diversas instituições simpatizantes do ideal eugênico, como o Comitê Eugênico, em 1914. Foi diretor do

³⁵ Apesar dos indícios do surgimento de diversas sociedades eugênicas na América Latina, ressalto a escassez de trabalhos que versem sobre os ideais divulgados por essas instituições, as vertentes que seguiam, as ações que empreendiam, entre outras questões.

³⁶ Médico argentino, graduado pela Faculdade de Ciências Naturais de La Plata e também pela Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Bolonha, chegou a ser docente na Universidade de Roma e na Escola Politécnica de Paris. Regressando a seu país, empreendeu diversas ações em prol da divulgação da ciência eugênica. Ganhará mais destaque no campo da ciência eugênica como membro da Sociedade de Biotipologia, Eugenesia e Medicina Social, fundada em 1932, de grande projeção internacional. Teria seguido uma linha mais radical da eugenia, de viés mais racista. Para mais informações, ler Stepan, 2005, p. 64-67; Sánches, 2007, p. 586-587.

periódico *La República* e redator de *La Semana Médica*. Nesse último periódico, escrevia diversos artigos relacionados aos temas da higiene, eugenia e educação, além de dedicar-se a divulgar as obras e estudos desenvolvidos em outros países (SILVA, 2008).

Em 1918, o médico Victor Delfino, depois de estreito contato com as ideias eugênicas difundidas na Europa e de sua ligação com o médico eugenista brasileiro Renato Kehl, fundaria a Sociedade Eugênica Argentina. Na ocasião, Kehl escreveu uma nota, publicada em abril de 1918, no periódico *La República* e transcrita em *La Semana Médica*, parabenizando Dr. Delfino por tal ação e desejando que “a sociedade Argentina se transformasse num paradigma a ser imitado pelos países irmãos do continente sul-americano” (SOUZA, 2006, p. 89).

A sociedade argentina seguiria os mesmos preceitos da sua congênere brasileira, já que se propunha a trabalhar na divulgação dos ideais eugênicos e no fortalecimento da ciência, no campo médico e intelectual, em detrimento das pesquisas científicas. Em cartas trocadas entre Victor Delfino e Renato Kehl, Delfino comunica que o médico eugenista e sanitarista peruano, Carlos Henrique de Paz Soldán³⁷, também estaria entusiasmado a criar uma sociedade similar em seu país (SILVA, 2008, p. 50), concretizando tal ideal no mesmo ano da fundação da sociedade argentina (STEPAN, 2005, p. 97). Paz Soldán tornar-se-ia um dos principais eugenistas da América Latina, contribuindo com ações de divulgação da ciência por meio da publicação de artigos na revista peruana *La reforma médica*, e mobilizando médicos eugenistas na Venezuela, Colômbia, México e Cuba (SOUZA, 2006; SILVA, 2008).

³⁷ Não foi possível localizar muitas informações sobre a trajetória profissional do médico Carlos Henrique Paz Soldán. Na Universidad de San Martín de Porres (Lima/Peru) - Facultad de Medicina Humana, localizamos a referência do médico como “peruano precursor de la higiene, salud pública y medicina social”. Ver no endereço eletrônico:

< <http://www.medicina.usmp.edu.pe/biblioteca/hallfamed/medico.htm> >

Em 1919, o eugenista paraguaio Luis Zanotti Cavaziani envia uma carta endereçada ao Dr. Renato Kehl, comunicando-o sobre as ações empreendidas em prol da divulgação das ideias eugênicas em seu país, demonstrando interesse em fundar, juntamente com alguns colegas de profissão, uma sociedade científica nos mesmos moldes da brasileira. Para tanto, solicita o estatuto da Sociedade Eugênica de São Paulo. Kehl atende o seu pedido e, no mesmo ano, é criada a Sociedade Eugênica do Paraguai (SOUZA, 2006, p. 91).

Neste período, médicos eugenistas latino-americanos, principalmente Delfino, Kehl e Paz Soldán, mantiveram uma intensa troca de correspondências. Uma das cartas trocadas entre Paz Soldán e Renato Kehl expressa o interesse do primeiro de criar uma organização continental de estudos eugênicos (SILVA, 2008, p. 50) com objetivo de:

(...) empreender uma propaganda harmônica e simultânea em todos os países da América do Sul, desabitado em grandes extensões e com problemas raciais de uma dificuldade e complexidade desconcertante. Se poderia fixar previamente com base de organização, a investigação e definição dos principais problemas eugênicos que tem por resolver os países do Sul da América, tratando depois de estudá-los em comum e divulgar as soluções correspondentes em uma revista que se fundará com este objetivo, com base no apoio das instituições e poderes públicos (PAZ SÓLDAN, 1919 apud SOUZA, 2006, p. 92).

Entre as décadas de 1920 e 1930, as ideias eugênicas tiveram uma ampla difusão na América Latina, angariando cada vez mais adeptos e suscitando a realização de diversos encontros voltados para o debate sobre a eugenia. Países como México, Cuba, Venezuela, Uruguai, Panamá, Porto Rico (DIWAN, 2007; SILVA, 2008) já possuíam comitês de divulgação da ciência. Cuba, em especial, se aproximaria mais do modelo eugenista norte-americano, desenvolvido por Charles Benedict Davenport³⁸, adepto da eugenia mendeliana.

³⁸ Charles Benedict Davenport foi um dos líderes do movimento eugenista norte-americano. Suas ações foram financiadas pelas agências Carnegie Institution e Fundação Rockefeller.

Segundo ele, cada raça tinha sua própria identidade biológica fixa. Sobre os princípios da genética mendeliana, Davenport afirmava, ainda, que as unidades de caracteres que determinavam os traços dos seres humanos não se combinavam durante a reprodução. Antes, persistiam em sua forma independente. Na miscigenação racial, um tipo ou indivíduo inferior não teria suas más características obliteradas, mas preservadas. Em 1926, Davenport supervisionou um estudo sobre cruzamentos raciais na Jamaica que, a seu ver, provou a falta de harmonia fisiológica e psicológica nos híbridos raciais. Em consequência, para Davenport, os países compostos por híbridos raciais eram anátemas (STEPAN, 2005, p. 188).

A relação entre Cuba e os Estados Unidos, segundo Stepan (2005, p. 190), teria sido favorecida por duas razões: primeiro pela aproximação geográfica e política, já que, entre os anos de 1898 e 1902 e, posteriormente, entre 1906 e 1908, os Estados Unidos teriam ocupado as terras cubanas, regulamentando não só a sua economia, mas também as políticas públicas de saúde; além disso, a longa história de racismo no país teria possibilitado o desenvolvimento da ciência eugênica de cunho mais radical (STEPAN, 2005). O defensor desta eugenia foi o médico cubano Domingos F. Ramos.

O médico cubano e Charles Davenport mantiveram estreitas relações, culminando na elaboração do Código de Eugenia e Homicultura para a América Latina, apresentada na Primeira Conferência Pan-Americana de Eugenia, realizada em Havana em 1927 (STEPAN, 2005, p. 190). Cabe ressaltar que

O código abria com uma inovação para que todas as nações pan-americanas estabelecessem arquivos nacionais de eugenia e institutos de antropologia e homicultura. O capítulo 2 propunha que se exigisse que todos os indivíduos, quando necessário, divulgassem suas condições biológico-eugênicas a seus governos para que pudessem ser classificados como “bons”, “duvidosos” ou “maus”; a vida reprodutiva das pessoas classificadas como más ou duvidosas seria supervisionada por autoridades eugênicas, sendo que os indivíduos “irresponsáveis” teriam de submeter-se a isolamento, segregação ou esterilização. O capítulo 3, sobre imigração, conclamava para que só se permitisse a livre imigração dos indivíduos germinalmente classificadas como bons e somaticamente “responsáveis”; e dava a todas as nações pan-americanas o direito de controlar as decisões sobre a imigração e proibir a entrada dos eugenicamente inadequados (ou qualquer outro pretendente a imigrante de qualquer nação americana que não tivesse assinado o Código Pan-Americano). Mais ainda, o código propunha que se desse a cada nação o direito de estabelecer as medidas sociais que considerasse necessárias para conservar sua pureza racial, e o direito de escolher as raças que seriam admitidas e comporiam sua população. O capítulo 5 voltava ao problema da reprodução eugênica e da aptidão para o casamento.

Neste ponto, a sugestão mais controversa foi a que dava aos governos o direito de anular casamentos com base em critérios eugênicos – crime, loucura, sífilis não tratada ou alcoolismo contraído após o matrimônio seriam motivos para tal anulação (STEPAN, 2005, p. 194).

O código gerou muita polêmica, causando repulsa entre 28 delegados de 16 países presentes no evento³⁹, os quais consideravam os artigos do código extremamente radicais e impraticáveis num continente de intensa diversidade racial. Diante dessa situação, os integrantes do evento votaram contra a aprovação do código, mas instituíram um compromisso em prol do desenvolvimento da eugenia mais branda (STEPAN, 2005).

Para a maioria dos eugenistas latino-americanos, os programas eugênicos deveriam estar atrelados à educação e à propaganda. Além disso, esses médicos acreditavam que os países deveriam ser responsáveis por estabelecer suas próprias medidas de controle migratório e matrimonial, negando, assim, as imposições extremistas assumidas pelos norte-americanos sobre as ações eugênicas a serem implementadas nos países latino-americanos (STEPAN, 2005).

Apesar do grande embate político e teórico sobre as questões eugênicas, o código impulsionaria a realização de diversos eventos similares pelo continente. Em 1929, Dr. Kehl organizaria o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado na cidade do Rio de Janeiro. A Segunda Conferência Pan-Americana de Eugenia aconteceria em 1934, na cidade de Buenos Aires, Argentina. Esse último evento ocorreu dois anos depois do Terceiro Congresso Internacional de Eugenia, nos Estados Unidos, evento este, marcado pela ascensão do extremismo teórico de alguns eugenistas que defendiam o controle mais efetivo sobre o casamento, como também sobre a imigração. Nesse período, o radicalismo dos eugenistas norte-americanos, principalmente, começaria a incomodar alguns

³⁹ O Brasil não enviou representantes.

profissionais mais sensíveis. Entretanto, esse incômodo seria mantido em “silêncio” (STEPAN, 2005, p. 197). Tal tensão repercutiria na segunda conferência realizada em Buenos Aires, evento marcado pelo acirramento entre os eugenistas mais radicais (em sua maioria norte-americanos) e eugenistas mais moderados (representados por alguns profissionais latino-americanos), culminando no desgaste do diálogo entre os eugenistas e, posteriormente, causando o fim do projeto de uma eugenia pan-americana.

Mesmo antes da realização da Segunda Conferência Pan-Americana de Eugenia, os médicos latino-americanos e europeus que defendiam uma eugenia mais branda já estariam articulando a criação de outra entidade que melhor expressasse a relação entre latinidade e eugenia (STEPAN, 2005, p. 203). Em 1935, surgiria, então, a Federação Internacional Latina de Sociedades Eugênicas, marcada por uma breve atuação⁴⁰, já que neste período os ideais que relacionavam a ciência eugênica ao nazismo começavam a ascender na Alemanha, minando pouco a pouco as iniciativas em prol da eugenia no mundo.

Ao descrever o movimento em prol da divulgação e institucionalização das ideias eugênicas na América Latina, temos a dimensão de que “a eugenia foi mais que um conjunto de programas discutidos nos debates nacionais; era parte, também, das relações internacionais” (STEPAN, 2005, p. 187), contribuindo para o intercâmbio de ideias e ações voltadas para o fomento dessa nova ciência, ao mesmo tempo em que permitiam que seus principais agentes, como Renato Kehl, Victor Delfino e Paz Soldán, ganhassem notoriedade pelos seus feitos. Esse contato foi de extrema importância para o eugenista brasileiro que, por meio da interlocução e do diálogo com os pares latino-americanos, ganharia espaço para publicar suas ideias em periódicos estrangeiros. Victor Delfino inclusive convida Dr.

⁴⁰ No encontro promovido pela Federação em 1937, em Paris, não houve a participação de nenhum médico latino americano. Renato Kehl foi o único a enviar trabalho, mas também não teria comparecido.

Kehl para contribuir com publicações em periódicos argentinos, como fica explícito no trecho de uma carta enviada no dia 12 de março de 1925 e que transcrevemos abaixo:

(...) Espero siempre sus prometidas colaboraciones para “La Semana Médica”, y me complazco ahora em ofrecerle las columnas de la “Revista Científica Argentina”, de la cual soy también Redactor-em-gefe, por si desen honrarias em alguna producción suya.⁴¹

Delfino apresentaria Renato Kehl ao médico argentino Alfredo Fernández Verano, seu companheiro na divulgação das ideias eugênicas, e também de ideias eugênicas, e também de ideias antivenéreas e de propostas de controle sobre a sexualidade da população. Verano⁴² foi fundador da Liga Argentina de Profilaxia Social, em 1921, e foi membro do Instituto de la Maternidad, entre os anos de 1931 e 1937. Foi Verano, inclusive, o responsável por traduzir um livro de Kehl para a língua espanhola, *Conducta: guía para la formación del carácter* (1940). Esse mesmo médico ainda teria demonstrado o interesse em publicar um material similar à *Cartilha de Higiene – alfabeto de saúde* (1936) em seu país, como demonstra a seguinte correspondência enviada por Kehl, como resposta a Alfredo Fernández Verano:

⁴¹(...) Espero lhe sempre suas prometidas colaborações para “La Semana Médica”, e tenho agora o prazer de oferecer as colunas da “Revista Científica Argentina”, da qual sou também redator-chefe, que se honrariam com sua produção. (tradução livre). DELFINO, Victor. [Correspondência] 12 de mar. De 1925, Buenos Aires [para] KEHL, Renato. Rio de Janeiro. 1p. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC. Para ler a correspondência na íntegra, ver no anexo IX.

⁴² Alfredo Fernández Verano era defensor da doutrina eugênica, tendo atuado em diversas intuições de cunho eugenista, além, de ter produzidos diversos livros que versam sobre os temas da eugenia, luta antivenérea e sexualidade. Para mais detalher, ler Sánches, 2007, p. 567-568.

Rio de Janeiro, 2 de Fevereiro de 1937.

Senhor

Dr. Alfredo Fernández Verano

Buenos Aires.

Meu caro e ilustre amigo.

Acabo de receber sua amavel carta de 21 de Janeiro dando, entre outras, a infausta noticia do falecimento do Snr. Rosso. Em vista da promessa feita por esse senhor, é bem certo que os seus filhos executarão a obra, em atençaõ ao compromisso assumido pelo Pai. Ficarei muito satisfeito, se assim acontecer.

Quanto á "Cartilha de Higiene", ha um recurso facil para aumentar-lhe as paginas: acrescentar uma parte do "primeiro livro de higiene" que já está no 20º milheiro, e intitulado "Fada Higia". Será muito facil ao amigo escolher os capitulos mais adequados ás crianças dessa Republica amiga. Dou-lhe inteira liberdade de ação. Farei remeter por este correio um exemplar da referida obra. Lamento, apenas, não poder enviar a 5ª edição, que aparecerá dentro de alguns meses com figuras inteiramente novas. A "Cartilha de Higiene" está sendo muito bem recebida pelos educadores e higienistas do país.

Estimarei muito que o amigo com a Exma. senhora venham ao Rio antes de 21 de Abril, porque nessa data deverei partir com a familia para a Alemanha, a bordo do "Antonio Delfino". Ficarei ausente cinco ou seis meses.

Li com toda atençaõ a "Lei de Profilaxia das Doenças Venereas" e, pelos termos, verifiquei que ela teve a sua sabia e patriotica assistencia. Faço sinceros votos para que o amigo possa, agora, com a ajuda do Governo, tornar ainda mais rapida e eficiente a sua bellissima campanha anti-venerea.

Agradecendo os votos de felicidade, retribuo-os com toda efusão, extensivos á sua distinta Esposa.

Com todo afeto e admiração, seu amigo e colega,

Imagem 3- Correspondência de Alfredo Verano a Renato Kehl, 02/02/1937, Bueno Aires.⁴³

⁴³ Rio de Janeiro, 2 de Fevereiro de 1937. Senhor Dr. Alfredo Fernández Verano. Buenos Aires. Meu caro e ilustre amigo. Acabo de receber sua amavel carta de 21 de Janeiro dando, entre outras, a infausta notícia do falecimento do Snr. Rosso. Em vista da promessa feita por esse senhor, é bem certo que os seus filhos executarão a obra, em atençaõ ao compromisso assumido pelo Pai. Ficarei muito satisfeito se assim acontecer. Quanto á "Cartilha de Higiene", ha um recurso facil para aumentar-lhe as páginas: acrescentar uma parte do "primeiro livro de higiene" que já está no 20º milheiro, e intitulado "Fada Hygia". Será muito facil ao amigo escolher os capitulos mais adequados às crianças dessa Republica amiga. Dou-lhe inteira liberdade de ação. Farei remeter por este correio um exemplar da referida obra. Lamento, apenas, não poder enviar a 5ª edição, que aparecerá dentro de alguns meses com figuras inteiramente novas. A "Cartilha de Higiene" está sendo muito bem recebida pelos educadores e higienistas do país. Estimarei muito que o amigo com a Exma. senhora venham ao Rio antes de 21 de Abril, porque nessa data deverei partir com a família para a Alemanha, a bordo do "Antonio Delfino". Ficarei ausente por cinco ou seis meses. Li com toda atençaõ a "Lei de Profilaxia das Doenças Venéreas" e, pelos termos, verifiquei que ela teve a sua sabia e patriotica assistencia. Faço sinceros votos para que o amigo possa, agora, com a ajuda do Governo, tornar ainda mais rapida e eficiente a sua bellissima campanha anti-venerea. Agradecendo os votos de felicidade, retribuindo-os com toda efusão, extensivos à sua distinta Esposa. Com todo afeto e admiração, seu amigo e colega. KEHL, Renato. [Correspondência] 02 fev, 1937, Rio de Janeiro [para] VERANO, Alfredo Fernandez. Buenos Aires. 1p. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

As correspondências e os trabalhos divulgados em periódicos indicam a estreita relação que mantinham, mas também nos informam sobre as atividades desenvolvidas em seus países e os intercâmbios de conhecimentos científicos. Fica claro também o conhecimento por parte dos médicos argentinos a respeito da produção dos manuais escolares elaborados por Renato Kehl e o seu interesse em tê-los publicado em língua espanhola, bem como os esforços do médico Alfredo Fernández Verano no sentido de realizar tais intentos. Dessa forma, os empreendimentos voltados para a divulgação da ciência eugênica na América Latina também podem ter favorecido o intercâmbio de manuais escolares de higiene produzidos por esses médicos, bem como suas possíveis traduções e adaptações e, quem sabe, a influência desses materiais na elaboração dos próprios manuais de higiene argentinos.

Capítulo III – A eugenia nas terras brasileiras

O Brasil será o Brasil da nossa aspiração, será o grande Brasil de amanhã, quando nelle se implantar a consciencia sanitaria e cívica, quando todos os brasileiros souberem zelar a saúde physica e psychica, quando todos os brasileiros, enfim, se tornarem aptos para o trabalho e para a cidadania (KEHL, 1926).

3.1. Saneamento, eugenia e higiene

Dizem que quando Deus collocou Adão e Eva no jardim das delicias, destinava-os a reprodução asexuada. O mundo estaria mais ou menos isento dos males, que o perseguem, se assim tivesse sido. Nós estaríamos ainda hoje gozando o viver no paraíso – mas, as más fadas mostraram-nos o reverso da medalha da vida. O mundo deixou de ser o doce seio de Abrahão, para ser o valle de lagrimas dos poetas. Mas aqui está a nossa esperança, que serve de lenitivo para os descabros da hora presente. Crêmos na victoria da eugenia. Quando as reformas eugenicis forem realidade, o que talvez se dará daqui a algumas gerações, então os homens serão formados de um physico e de uma moral perfeita. A saúde imperará, a sociedade tornar-se-em organizada sobre as bases sólidas da Verdade e da Justiça, e o homem poderá dizer que, partindo do pecado original de Adão, peregrinára seculos e seculos, para voltar de novo ao Paraiso. O Paraiso biblico o homem destruiu, o paraiso terrestre o homem creará (KEHL, 1917, p. 16).

O trecho acima faz parte do trabalho intitulado *Eugenía*, apresentado por Renato Kehl, em 1917, na Associação Cristã de Moços de São Paulo. Esse trabalho, de certa forma, inaugura⁴⁴ um período marcado por ações em prol da eugenia no Brasil, já que, como ressalta Kehl, muitos intelectuais começariam a empreender ações em prol da “victoria da eugenia”. Veremos, ao longo deste capítulo, como diversos profissionais e intelectuais brasileiros se associaram para promover os ideais da boa saúde, principalmente por meio da eugenia.

Quando as discussões sobre a eugenia foram introduzidas no Brasil nas primeiras décadas do século XX, suas ideias e pressupostos tornaram-se recorrentes no meio intelectual e científico, especialmente entre médicos, higienistas, juristas e educadores. Na literatura nacional, o termo “eugenia” aparecia sempre como símbolo de modernidade cultural, assimilada como um conhecimento científico que expressava muito do que havia de mais “atualizado” na ciência moderna. Falar sobre a eugenia significava automaticamente pensar em evolução, progresso e civilização termos que constituíram o imaginário nacionalista das elites brasileiras. Em muitos casos, a eugenia era interpretada como a “nova religião da humanidade”, tamanha a admiração e a crença que os “homens de ciência” depositavam neste saber científico (SOUZA, 2006, p. 20).

Ao ler de modo apressado o trecho do trabalho de Souza (2006), sobre a presença das ideias eugênicas no Brasil, tem-se a ligeira impressão de que a eugenia imperou no

⁴⁴ No primeiro capítulo desta dissertação, mencionamos diversos trabalhos de cunho eugenista desenvolvidos antes deste período. No entanto, é a partir da década de 1920, que observamos um movimento mais intenso em prol dos ideais eugênicos.

Brasil, constituindo-se como pensamento hegemônico. Entretanto, essa percepção é ilusória, mesmo porque falar sobre eugenia é também discorrer sobre temas controversos ligados ao controle da sexualidade, doenças venéreas, prática de esterilização, nacionalismo, racismo, leis matrimoniais, saúde pública, alcoolismo, controle da imigração, educação higiênica e eugênica, entre outros (CASTAÑEDA, 1998, p. 2), que nem sempre foram bem aceitos pela comunidade científica, intelectual, política e pela sociedade civil do país. Isso indica que as práticas propagadas na Europa e nos Estados Unidos não foram simplesmente assimiladas no território brasileiro, havendo, sim, adaptações ao contexto vivenciado em nossas terras, com seus valores políticos, sociais, econômicos e culturais. Houve também inúmeros debates em torno da legitimação da ciência eugênica e suas implicações no país. Stepan (2005), ao estudar o eugenismo nos países da América Latina, já ressaltava que a história da eugenia no Brasil talvez fosse um dos casos mais complexos por ela estudado. Isso se deve, em parte, ao fato de a ciência eugênica no Brasil ter-se mesclado com as diversas teorias sobre hereditariedade, que pareciam antagônicas entre si nos mesmos projetos, mas que, neste território, mantinham uma estreita relação de aproximação e distanciamento, impossibilitando assim uma descrição linear do seu desenvolvimento.

Em seu trabalho de dissertação, Diwan pontua diversas personalidades que discordavam de Renato Kehl, enviando-lhes cartas, ou mesmo recusando seus convites para participar de eventos de divulgação da ciência eugênica⁴⁵, dentre os quais destacamos a escritora Cecília Meirelles⁴⁶. Além disso, pessoas muito próximas a Renato Kehl também

⁴⁵ Para conhecer os nomes dos que se opuseram ao projeto eugênico de Renato Kehl, ver capítulo 2 – *Bastidores eugênicos* presente na dissertação de Diwan (2003).

⁴⁶ Cecília Meirelles foi uma das pessoas a recusar o convite para participar do Congresso de Eugenia, que foi organizado pelo Renato Kehl (DIWAN, 2003).

expressariam algumas de suas discordâncias, como é caso do seu irmão, também médico, Wladimir Ferraz Kehl. As diferenças de concepções ficaram expressas numa carta enviada por ele a Renato Kehl no dia 19 de abril de 1923, como resposta ao recebimento da obra intitulada *Como escolher um bom marido* (1923), que tinha como objetivo ensinar as jovens a selecionar, com base nos preceitos eugênicos, os seus futuros maridos. Nesta carta, Wladimir Kehl questiona o irmão sobre os limites da racionalidade no amor e pergunta-lhe “se é possível fazer uma escolha calculista quando um casal se ama e, dessa forma, dar prioridade ao fator eugênico?” (KEHL, W. 1923 apud. DIWAN, 2003, p. 85).

Tais discordâncias não surgiram, apenas, no plano nacional. Mais tarde a Igreja Católica também se manifestaria contra o crescimento do movimento eugênico no mundo. Tal posição ficou expressa na Encíclica *Casti connubii*, publicada no dia 30 de dezembro de 1930.

Alguns há que, demasiado zelosos pelos fins “eugênicos” não se contentam somente com alguns conselhos úteis para velar com mais segurança pela saúde e vigor da prole – o que decerto não é contrario a reta razão -, mas antepõem o fim “eugênico” a todo outro fim, ainda que de ordem mais elevada, e desejariam que a autoridade publica proibisse o matrimonio a todos os que, segundo as normas e conjecturas de sua ciência, julgam que haveriam de gerar filhos defeituosos devido à transmissão hereditária, ainda quando sejam de si aptos para contrair matrimonio [...] atribuindo aos governantes civis, contra todo o direito e legalidade, uma faculdade que nunca tiveram e nem podem ter legitimamente [...] Todos quantos agem desse modo, perversamente se esquecem de que é mais santa a família do que o Estado, e que os homens não nascem para a terra, mas para o céu e para a eternidade (PAPA PIO XI, 1930 apud BOARINI, 2003, p. 17).

Segundo Souza, “a despeito do contexto social e das críticas formuladas por intelectuais e autoridades da igreja católica, alguns eugenistas brasileiros continuaram recorrendo aos princípios da ‘eugenia negativa’” (2006, p. 147). No pensamento de Renato Kehl, observa-se uma adaptação dos ideais eugênicos negativos com os preceitos religiosos, que de certo modo, faziam parte da sua própria formação social e cultural. Dessa forma, Kehl era contrário ao aborto e ao divórcio, praticados nos Estados Unidos e em

alguns países europeus, mas era defensor da esterilização dos indivíduos que sofriam de alguma “anomalia”, como a “loucura”, a “epilepsia”, a “idiotia” e a “esquizofrenia”, bem como de “surdos-mudos” e daqueles que apresentassem qualquer “estigma de degeneração” (SOUZA, 2006, p. 147), considerados, portanto, inaptos a gerar filhos saudáveis, em sua concepção.

Entretanto, esses embates, dentro do campo da Eugenia, não teriam freado as iniciativas de Renato Kehl, que teria publicado, ao longo das décadas de 1920 e 1930, diversos livros e artigos que transitavam entre os ideais eugênicos, higiênicos, e sanitários⁴⁷, como é possível observar no material escrito por ele para divulgação de seus livros pela editora Livraria Francisco Alves.

⁴⁷ Esses ideais são distintos, porém não antagônicos. A ciência eugênica, por exemplo, se valeu tanto da do sanitarismo como da higiene para se desenvolver. De modo geral, podemos dizer que a eugenia compreendeu uma série de ações que visam ao aperfeiçoamento da raça; a higiene visa modificar os modos de vida, com vistas a preservar e regenerar a vida dos indivíduos; e o saneamento tem como objetivo melhorar o meio onde está inserida a população. Em muitos momentos históricos, esses ideais se distanciam, porém, no início do século XX, observamos, principalmente nos trabalhos de Renato Kehl, que esses ideais sobrepuseram, tendo em vista a consolidação, sobretudo, dos ideais eugênicos.

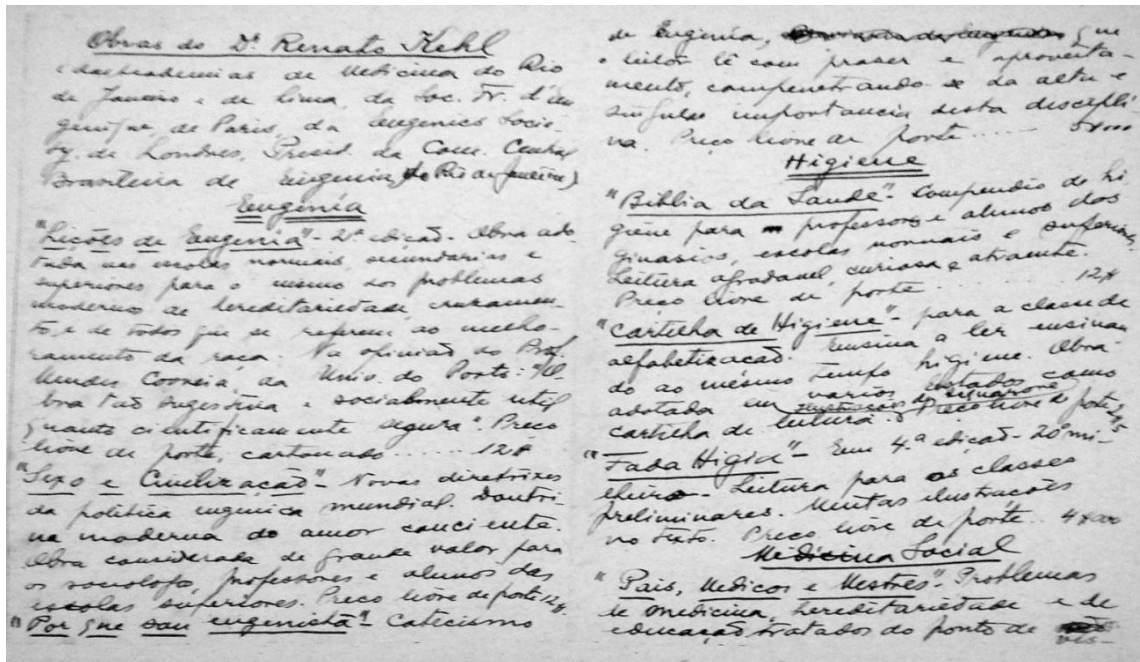


Imagem 4 – Obras de Renato Kehl. Fonte: Fundo Pessoal de Renato Kehl, DAD-COC

<p>Obras do Dr. Renato Kehl⁴⁸ (das academias de Medicina do Rio de Janeiro e de Lima, da Soc. Fr. d'eugenique de Paris, da Eugenics Society de Londres, Presid. da Com. Central Brasileira de Eugenia do Rio de Janeiro)</p> <p>Eugenia</p> <p>“<u>Lições de Eugenia</u>” – 2ª. edição – Obra adotada nas escolas normais secundárias e superiores para o ensino dos problemas modernos de hereditariedade, cruzamento e de todos que se referem ao melhoramento da raça. Na opinião do Prof. Mendes Correa da Univ. do Porto: “Obra tão sugestiva e socialmente útil quanto cientificamente segura”. Preço livro de porte, cartonado..... 12\$</p> <p>“<u>Sexo e Civilização</u>” – Novas diretrizes da política eugenica mundial. Doutrina moderna do amor consciente. Obra considerada de grande valor para os sociólogos, professores e alunos das escolas superiores. Preço livro de porte 12\$</p> <p>“Por que sou eugenista” – Catecismo de Eugenia, que o leitor lê com prazer e aproveitamento, penetrando-se da alta e singular importância</p>	<p>desta disciplina. Preço livro de porte.....5\$000.</p> <p>Higiene</p> <p>“<u>Bíblia da Saúde</u>” – Compendio de higiene para professores e alunos dos ginásios, escolas normais e superiores. Leitura agradável, curiosa e atraente. Preço livro de porte..... 12\$</p> <p>“<u>Cartilha de Higiene</u>” – para a classe de alfabetização. Ensina a ler ensinando ao mesmo tempo higiene. Obra adotada em vários estados (ilustrações de Acquarone) como cartilha de leitura. Preço livro porte 2\$5</p> <p>“<u>Fada Hygia</u>” – Em 4ª edição – 20º milheiro. Leitura para as classes preliminares. Muitas ilustrações no texto. Preço livro de porte.....4\$000</p> <p>Medicina Social</p> <p>“<u>País, Meios e Mestres</u>” – Problemas de medicina, hereditariedade e educação tratados do ponto de vis – [...]</p>
---	--

⁴⁸ O recorte não possui data, mas presumimos que seja da década de 1930, pois a primeira edição da *Cartilha de Higiene*, possivelmente data de 1936; *Sexo e Civilização* é de 1933; *Conduta* é de 1933; a quarta edição de *A Fada Hygia* é de 1936; e *Lições de Eugenia* data de 1929; a primeira edição de *a Bíblia da Saúde* data de 1926. Grifos nossos.

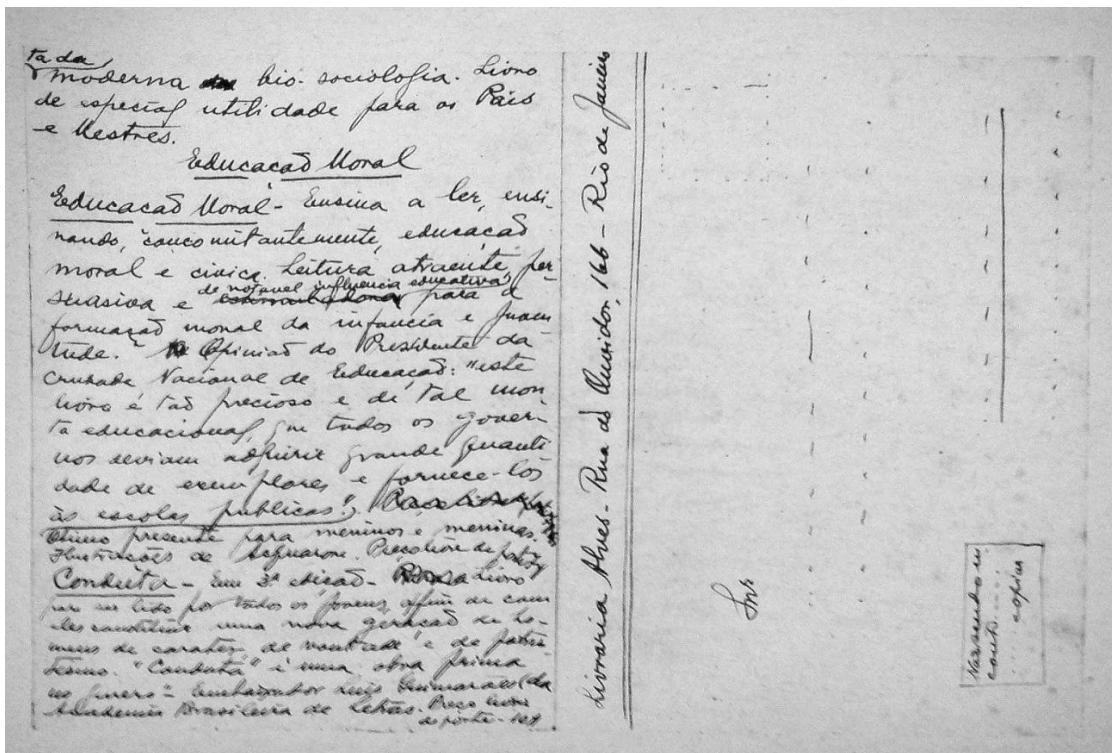


Imagem 5 – Obras de Renato Kehl (continuação). Fonte: Fundo Pessoal de Renato Kehl, DAD-COC

<p>[...] ta da moderna bio-sociologia. Livro de especial utilidade para os Pais e Mestres.</p>	<p>Livraria Alves – Rua do ouvidor, 166 – Rio de Janeiro</p>	
<p><u>Educação Moral</u> - Ensina a ler ensinando concomitantemente educação moral e cívica. Leitura atraente persuasiva e de notável influencia educativa para formação moral da infância e juventude. Opinião do Presidente da Cruzada Nacional de Educação: “este livro é tão precioso e de tal monta educacional, que todos os governos deveriam auferir grande quantidade de exemplares e fornece-los às escolas públicas” O livro presente para meninos e meninas. Ilustrações de Acquarone. Preço livro de porte.....7\$</p> <p><u>Conduta</u> – Em 3ª edição – Livro para ser lido por todos os jovens, afim de com eles constituir uma nova geração de homens de caráter, de vontade e de patriotismo. “Conduta” é uma obra prima no gênero. – “Embaixador Luis Guimarães (da Academia Brasileira de Letras). Preço livro de porte10\$</p>		

Essas diversas publicações, nos mostram que, além de ser um incansável defensor da eugenia, Kehl também conhecia muito bem as outras áreas que compunham as ciências

médicas, retirando delas alguns conceitos e procedimentos para fortalecer o projeto de sociedade eugênica. A trajetória de Kehl e suas diversas iniciativas editoriais expressam as representações em circulação no período sobre a Eugenia, uma ciência fortalecida por suas diversas ramificações. A imagem abaixo é ilustrativa dessa concepção. Tendo sido elaborada na ocasião do II Congresso Internacional de Eugenia, realizado 1921 nos Estados Unidos, sendo identificada como o símbolo do movimento eugênico mundial, essa imagem cumpriu o papel de enfatizar o papel da eugenia no mundo, por meio da mescla entre a ilustração de uma árvore saudável e a seguinte frase: “Eugenia é o caminho certo da evolução humana. Como uma árvore, a eugenia extrai os materiais de muitas fontes e os organiza dentro de uma entidade harmoniosa”.

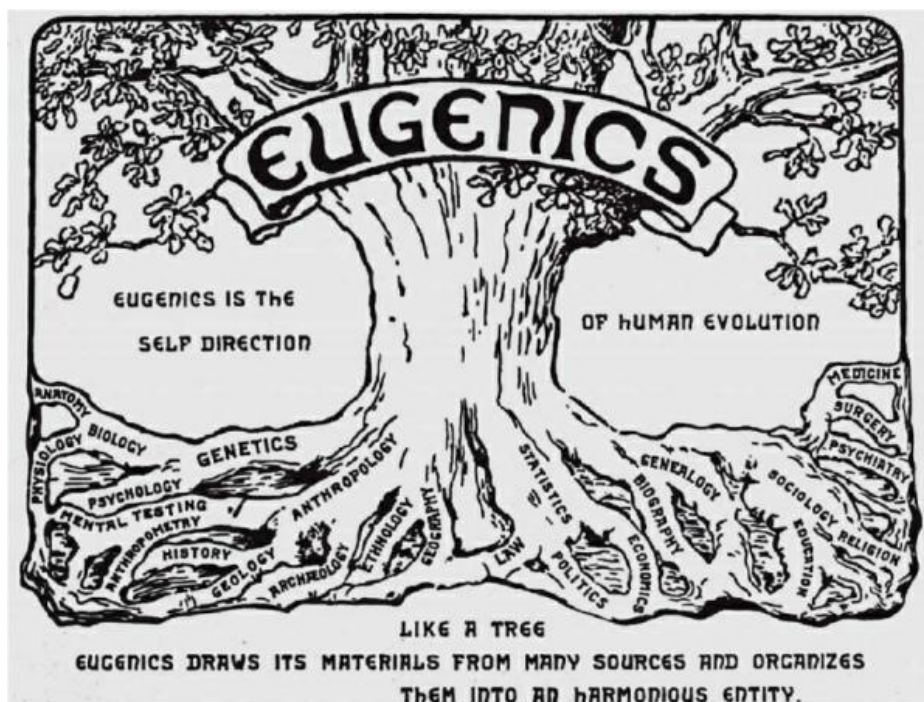


Imagem 6 – Árvore da Eugenia. Fonte: DIWAN, 2007, p. 15.

Com isso, a imagem nos mostra como a ciência eugênica é constituída e fortalecida pelas diversas áreas do conhecimento, em especial, pela sociologia, estatística,

antropologia, genética e genealogia, que se apresentam como as raízes mais grossas dessa árvore, conferindo mais sustentabilidade. Essas diversas áreas do conhecimento unidas fortalecem a árvore da Eugenia, que floresce e gera frutos. Assim como esta árvore, a ciência eugênica, por meio das diversas áreas do conhecimento, tinha a pretensão de se fortalecer e de se disseminar na sociedade e, assim, formar indivíduos fortes, belos e saudáveis.

O Brasil, desde a segunda metade do século XIX, já era considerado por muitos cientistas e intelectuais estrangeiros um país composto por degenerados, impossibilitado de acessar os valores do “mundo civilizado”. Segundo Lima (2002, p. 39-40), até a segunda metade do século XIX acreditava-se em um Brasil caracterizado por uma natureza e um clima benévolo, marcado pela longevidade de seus habitantes. Após o impacto da epidemia da febre amarela no Rio de Janeiro, entre os anos de 1849 e 1950, essa visão foi alterada. Do “mundo sem o mal”, o Brasil passou a ser o país das enfermidades. No início do século XX, o país viveria o surto de peste bubônica que assolou Santos. É desse período, que datam a criação do Instituto Butantan (SP) e do Instituto Soroterápico Federal, atual Fundação Oswaldo Cruz (RJ).

A visão de um país doente, também, está presente nos escritos de alguns viajantes como Arthur Gobineau⁴⁹, Gustave Le Bon⁵⁰ e Louis Agassiz⁵¹ que, ao passarem por nossas terras tropicais, concluíram que o povo brasileiro era constituído de “seres

⁴⁹ “O Conde de Gobineau (1816-1882) esteve no Brasil em 1876, como representante diplomático da França a pedido de Napoleão III e travou um relacionamento bastante estreito com D. Pedro II. Não poupou críticas à miscigenação em seu livro *Essai sur l'Inégalité des races humaines* (1853-5) e defendeu fervorosamente a superioridade da raça humana” (DIWAN, 2007, p. 90).

⁵⁰ “Gustave Le Bon (1841-1931), sociólogo e psicólogo francês, defendia as teorias de superioridade racial (...), baseando-se em critérios anatômicos como cor da pele” (DIWAN, 2007, p. 89). Para o cientista, o mestiço era um ser degenerado e inferior.

⁵¹ Louis Agassiz (1807-1873), professor de Geologia na Universidade de Harvard, Estados Unidos, esteve no Brasil entre os anos de 1865 e 1866, numa expedição antidarwiniana. Para o estudioso, a miscigenação prejudicava a evolução da espécie. (DIWAN, 2007, p. 90)

assustadoramente feios” e “degenerados”, devido à conjunção de fatores climáticos e raciais (SOUZA, 2006; DIWAN, 2007). Intelectuais brasileiros como Raimundo Nina Rodrigues⁵², Euclides Rodrigues da Cunha⁵³ e Silvio Romero⁵⁴ também compartilhavam deste conjunto de pressupostos (SKIDMORE, 1989 apud MARQUES, 1992, p. 10), que atrelava, em grande medida, o desenvolvimento cultural, social e político de determinado país à constituição de sua população (entendida, nesse contexto, como raça).

Somadas a essa produção de textos que versam sobre o contexto brasileiro, sob um viés negativo e muitas vezes eurocêntrico, as péssimas condições sociais vivenciadas no período pareciam contribuir ainda mais para a construção da imagem de um Brasil “degenerado”. O período de 1870 a 1914 é marcado pelas imensas transformações políticas, sociais, econômicas e culturais no Brasil, em que se destacam a transição da monarquia para o regime republicano, o colapso do regime escravocrata e a abertura do país aos imigrantes europeus e asiáticos em grande escala, bem como a sustentação do país numa posição periférica no sistema capitalista. Tais fatos contribuiriam para um desenvolvimento econômico cada vez mais desigual, aumentando os índices de pobreza, os distúrbios sociais e a desigualdade social e racial, redundando em certo desconforto nas elites intelectuais e científicas do país (STEPAN, 2005, p. 46).

O Brasil ingressava no século XX sob a bandeira do regime republicano e caracterizado por uma sociedade altamente estratificada, tanto social como racialmente. Um país governado por uma pequena elite de cor branca (STEPAN, 2005, p. 46), mas composto

⁵² Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), médico-legista e antropólogo baiano. Para compreender a trajetória profissional de Nina Rodrigues, ver Corrêa, 1998.

⁵³ Euclides Rodrigues da Cunha (1866-1909), escritor conhecido por ser autor do livro *Os Sertões*, mantinha estreitas relações com Raimundo Nina Rodrigues. Também defendia a ideia de que a miscigenação era mal brasileiro (SANTOS, 1998).

⁵⁴ Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851-1914), crítico, ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador da literatura brasileira. Foi também partidário e defensor das ideias sobre o mal da miscigenação propagadas por Nina Rodrigues e Euclides Cunha.

em sua maioria por negros e mestiços, seguidos de índios e sertanejos, adjetivados como degenerados, que viviam ainda num estado de extrema pobreza e sob péssimas condições sanitárias e higiênicas, de norte a sul do Brasil. Concomitantemente, a expansão da imigração, o crescimento descontrolado dos centros urbanos, das indústrias e da mão-de-obra operária, especialmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, só intensificavam os problemas sanitários e aumentavam o temor por novas epidemias como a febre amarela, a peste bubônica, a tuberculose e a varíola (SOUZA, 2006, p. 22). Diante desse cenário, apesar da Proclamação da República, o Brasil continuava sendo, “aos olhos do mundo civilizado”, uma nação incivilizada e degenerada (SOUZA, 2006, p. 22).

Na primeira década do século XX, que um grupo de importantes intelectuais começaria a produzir trabalhos sobre outra perspectiva analítica. Parte dos materiais produzidos nesse período era elaborada por sanitaristas, que visavam descrever a realidade do país, expondo os problemas sociais e apontando soluções para a regeneração do seu povo, embasados em premissas científicas. Esses trabalhos seriam desenvolvidos, principalmente, por médicos vinculados ao Instituto Oswaldo Cruz, os quais seriam citados por diversos profissionais da área da medicina, principalmente os eugenistas e higienistas.

Entre os anos de 1911 e 1913, o Instituto Oswaldo Cruz financiou cinco longas expedições de médicos sanitaristas ao interior do Brasil. Os mesmos profissionais tinham como objetivo descrever as condições e os modos de vida das regiões visitadas, sendo suas observações registradas em diários de viagem. Posteriormente, os materiais seriam organizados e disponibilizados em forma de inventários. O inventário mais conhecido do período foi produzido a partir da expedição dos médicos sanitaristas Belisário Penna e Arthur Neiva, em 1912, pelos estados da Bahia, Pernambuco, Pará e Goiás.

O material produzido por Belisário Penna, que no período já era considerado um dos principais líderes do movimento sanitarista, em conjunto com Arthur Neiva⁵⁵, ganhou visibilidade na imprensa paulista e carioca, chamando a atenção dos leitores, por denunciar o abandono e a precariedade das condições sanitárias enfrentados pelos estados do Brasil, por meio da divulgação de uma vasta documentação (texto e fotografias) repleta de observações sobre as condições das comunidades visitadas (SANTOS, 2008, p. 55).

Não agradará certamente a franqueza com que expomos nossa impressão, mas julgamos ser isso um dever de consciência e de patriotismo. É indispensável dizer a verdade embora dolorosa e cruciante e não iludir de forma alguma a nação para que não sofram os jovens de hoje a triste desilusão por que nós passamos quando através dos livros e romances havíamos imaginado um país privilegiado, de terras ubérrimas, matas infindáveis, jazidas auríferas e diamantíferas, inesgotáveis pedras preciosas rolando pelos leitos dos seus rios, povoados seus sertões por uma raça forte e destemida, um paraíso enfim (...). Os sertões que conhecemos, quer os do extremo norte os centrais, quer os do norte de Minas são pedaços do purgatório (NEIVA; PENNA, 1999, p. 222 apud SANTOS, 2008, p. 48).

A realidade descrita por Neiva e Penna denunciava a calamidade social apresentada pelos sertões, marcada pela presença da doença, da falta de conhecimento, e altas taxas de analfabetismo. Mas isso, também não queria dizer que as considerações sobre a vida do sertanejo eram totalmente pessimistas, como pregavam os deterministas biológicos da segunda metade do século XIX. Para estes sanitaristas, a miséria e a degeneração tinham cura, sendo que a resposta estava diretamente relacionada ao investimento do Estado em políticas públicas direcionadas à saúde, ao trabalho desenvolvido pelos médicos e à promoção do ensino das práticas higiênicas. Como destaca Santos,

⁵⁵ Médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1903. Exerceu diversas atividades, dentre as quais destaque: cientista do Instituto Oswaldo Cruz (1903-1942); diretor-geral do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo (1916-1920); diretor do Museu Nacional (1923-1927); deputado federal pelo Partido Social Democrático (1935-1937); diretor do jornal *A Nação*, do Rio de Janeiro; fundador das revistas *Ciência Médica e Boletim Biológico*; colaborador científico da *Revista do Brasil*; autor de cerca de duzentos trabalhos, a maioria sobre assuntos científicos, além de dois livros, *Daqui e de longe* (1927) e *Estudos da língua nacional* (1940). Informações retiradas do Fundo Pessoal Arthur Neiva, localizado no CPDOC/FGV. <<http://www.fgv.br/cpdoc/guia/detalhesfundo.aspx?sigla=AN>>

O relato de viagem Neiva-Penna forneceu os símbolos que ajudaram a formular um país moderno, saudável e culto. O diário da empreitada contribuiria para o diagnóstico definitivo do Brasil – o país é pobre, doente e analfabeto – e para a solução: somente com o esforço dos cientistas e intelectuais no trabalho de construção da nação, empreendidos na reforma dos serviços de saúde pública e educação, seríamos, enfim, uma grande nação (2008, p. 48).

Dessa forma, essas expedições médico-científicas, financiadas pelo Instituto Oswaldo Cruz, não tinham apenas como objetivo descrever as situações sociais do nosso sertão, mas também, de certa forma, tinham o interesse de fomentar os discursos em prol da importância da atuação dos homens da ciência (principalmente dos médicos) na constituição de um país mais saudável, subsidiando assim, as propostas em prol da saúde presentes na década de 1920. Aliada a essas novas propostas no campo da saúde, a educação era também considerada pelos médicos sanitaristas como um dos caminhos por onde as ideias sobre a boa saúde deveriam perpassar, contribuindo para a formação de uma nação “moderna”.

Os relatos de viagem de Neiva-Penna não circularam apenas no plano científico e político, mas também, no plano da cultura. O escritor Monteiro Lobato foi um dos intelectuais que, após entrar em contato com o inventário produzido por Neiva e Penna, teria aderido à campanha em prol do saneamento e da defesa da formação da consciência sanitária nacional (SANTOS, 2008, p. 55). Esse movimento de “transformação” do pensamento social brasileiro expressa-se, inclusive, por meio da releitura de um dos seus personagens mais famosos, o Jeca Tatu, e na publicação do livro *O problema Vital* (1918).

É nesse contexto, em que o poder dos homens de ciência se afirmava e o pensamento sanitarista se transformava na base para a construção da nacionalidade, que os eugenistas encontraram um solo fértil para a difusão dos seus ideais e para a conformação do campo científico, contribuindo com o discurso de regeneração da nação (SOUZA, 2006, p. 27). Nesse primeiro momento, a eugenia estaria atrelada às concepções sanitaristas. O

Dr. Olegário de Moura, vice-presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo, afirmava inclusive que “sanear é eugenizar”. Para o médico, o saneamento e a eugenia deveriam ser compreendidos como sendo a mesma coisa (SOUZA, 2006, p. 44).

Vale ressaltar que a aproximação entre a eugenia e o sanitarismo, nesse período, só foi possível por meio da associação desses dois movimentos em torno da teoria neolamarckiana. Teoria que prega que as ações externas ao indivíduo podem modificar internamente seu organismo, alterando suas características físicas, fazendo-o adaptar-se ao meio ambiente. Para os neolamarckianos, esse processo ocorreria de forma sutil ao longo das gerações. Essa corrente estava presente principalmente na França e chegou ao Brasil por meio da elite intelectual e científica. Segundo Stepan, isso ocorreu porque:

O francês era a segunda língua da elite educada, e muitos trabalhos científicos estrangeiros chegavam à região em tradução francesa. Assim, a biologia francesa era a fonte cultural natural das novas ideias biológico-sociais, fonte esta, que se refletia no fato de que os nomes invariavelmente citados pelos latino-americanos eram de autoridades francesas – Adolphe Pinard, Frédéric Houssay, Louis Landouzy, Edmond Perrier, Emile Guyenot, Charles Richet e Eugène Apert. Até a década de 1920, era para a França se pudessem, que se dirigiam os estudantes latino-americanos de ciência e medicina para sua formação médica e biológica, e era lá que aspiravam a ser publicados e reconhecidos. Em consequência desses laços linguísticos e culturais, as ideias biológicas frequentemente chegaram à América Latina vindas da França, e fortemente matizadas de tons lamarckianos (STEPAN, 2005, p. 81-82).

Dessa forma, apesar de Renato Kehl ser um dos seguidores das teorias de Weismann, Galton, entre outros teóricos eugenista de cunho mais radical, ele, em conjunto com outros médicos, organizou a Sociedade Eugênica de São Paulo, estruturada segundo o molde francês, pautando-se, inclusive, em estatutos análogos à sua congênere, situada em Paris (SOUZA, 2006, p. 44).

No primeiro artigo do estatuto da sociedade, é possível identificar os seus propósitos:

Ella estuda as leis da hereditariedade, esmiuçalha as questões da evolução e descendência, tirando desses conhecimentos as bases applicaveis á conservação e melhoria da espécie humana. Nesta sociedade serão discutidas as questões relativas á influência do meio, do estado econômico, da legislação dos costumes, do valor das gerações sucessivas e sobre as aptidões physicas, intellectuaes e moraes, sempre tirando dessas discussões idéias mais palpáveis desta aggremação e ao qual dou a maior importância, é o de divulgar, entre o público, conhecimentos eugênicos e destinados a bem da nossa raça (...). Um dos fins, de resultados hygienicos, que o tirem da ignorância, no que refere aos vícios sociaes e às doenças infecciosas. Por meio de conferencias públicas e nas escolas, sempre procurando mostrar o que é o alcoolismo, a syphilis, a tuberculose, ensinar como escapar as suas garras. Entre outros fins da sociedade está o estudo da importantíssima questão da regulamentação do meretrício (...) bem como a importante questão do exame pré-nupcial, um dos meios de cercear a liberdade de dar nascimento a uma prole de degenerados, de idiotas, de tarados de toda espécie” (ANNAES DE EUGENIA, 1919, p. 6-7 apud MARQUES, 1994, p. 53-54).

Dessa forma, observamos que a Sociedade Eugênica de São Paulo pautava-se mais nos ideais eugênicos de cunho preventivo, com base na educação e na puericultura⁵⁶. Esses propósitos orientavam as definições dos temas centrais das reuniões, realizadas no salão nobre da Santa Casa de Misericórdia⁵⁷, dando origem a inúmeros artigos difundidos na imprensa paulista, principalmente na *Revista Brasil-Médico* e na *Revista do Brasil* (SOUZA, 2006, p. 39).

Durante os anos de 1918-19, a Sociedade Eugênica de São Paulo atuou em diversas frentes para a divulgação da ciência eugênica no Brasil. Uma das grandes iniciativas empreendidas por esta instituição foi a publicação dos *Annaes de Eugenia*, organizados e publicados em único volume por Renato Kehl, em 1919. Nesses *Annaes*, consta uma série de conferências e artigos produzidos pelos integrantes da sociedade, dentre os quais estão:

⁵⁶ Segundo Patricia Fortunado Dias, a Eugenia praticada na França pautava-se na Puericultura. “Aquele que definiu Francis Galton, não é outra coisa senão ‘puericultura antes da procriação’ estudada na França desde algum número de anos e que constitui a primeira parte da Puericultura, ciência que tem como objetivo a pesquisa dos conhecimentos relativos à reprodução, à conservação e à melhoria da espécie humana” (PINARD, 1912, p. 837 apud DIAS, 2008, p.53).

⁵⁷ Além da Sociedade Eugênica de São Paulo, reunia-se no mesmo salão nobre da Santa de Misericórdia outra grande entidade, a Sociedade de Medicina e Cirurgia. (MARQUES, 1994:54). O Presidente da Sociedade Eugênica de São Paulo, o médico Arnaldo Vieira de Carvalho, também foi presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia nos anos de 1901 a 1902 e 1906 a 1907 (*Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*).

Que é a eugenia, por Renato Kehl; *O segredo de Marathona, conferência sobre atletica e eugenia*; *Meninas feias e meninas bonitas*, por Fernando de Azevedo; *Moral e eugenia*, por Noé de Azevedo; e *Eugenização no Brasil*, por Olegário de Moura (DIWAN, 2007, p. 100). Segundo Diwan (2007), apesar dos textos presentes nos *Annaes* apresentarem visões distintas sobre a ciência eugênica, a análise do conjunto indica um objetivo em comum, o anseio de intervir diretamente nos corpos dos indivíduos com a intenção de mudar o “corpo coletivo”, tendo em vista a construção da nação brasileira.⁵⁸ Nesse sentido, os eugenistas acreditavam que suas ações deveriam direcionar-se para as reformas sociais mais amplas, combatendo as doenças consideradas hereditárias, eugenizando ou saneando e, posteriormente, moralizando os hábitos e a vida da população, por meio do ensino de preceitos higiênicos. Para os médicos eugenistas que compartilhavam das ideias otimistas de Olegário de Moura, as teorias neolamarckianas possibilitavam estas ações. Este eugenista defendia:

Eis a grande bandeira desfraldada aos ventos... O símbolo da nossa nacionalidade é representado pelas palavras “Ordem e Progresso”. Saneamento-Eugenia é Ordem e Progresso. E, afirmamos com convicção e consciência inabaláveis que só a Eugenia e o Saneamento serão os únicos fatores capazes de consolidar definitivamente o emblema do nosso pavilhão: Ordem e Progresso, símbolo... da nossa soberania no mundo. Eugenia é Ordem e Progresso. Saneamento é Ordem e Progresso (MOURA, 1919, p. 89 apud SOUZA, 2006, p. 48).

Após o encerramento da Sociedade Eugênica e o início das atividades no âmbito do DNSP, Renato Kehl continuaria vinculando as concepções eugênicas às propostas sanitaristas, por meio da divulgação de filmes, folhetos, cartazes educativos e da realização de palestras que visavam à orientação do povo quanto à importância dos hábitos salutar

⁵⁸ Vale ressaltar que a vontade de contribuir para a construção da nação brasileira não era exclusiva do movimento eugenista; diversos movimentos políticos, sociais e culturais trabalhavam em prol desse objetivo. Segundo Stepan, esse processo coincidia diretamente com o fim da Primeira Guerra Mundial. No Brasil, segundo Souza, a elite intelectual começaria a enfatizar a necessidade da construção de um olhar capaz de visualizar o país de modo distinto do Velho Mundo. “Calcado numa ‘força nativa’, os intelectuais visavam reconfigurar a consciência nacional como meio de ‘redescobrir’ as especificidades que formavam a nação brasileira [...]” (2006, p. 38).

(SANTOS, 2008, p. 183). Algumas dessas imagens ainda atrelariam os maus hábitos aos problemas de saúde, decorrentes da falta de higiene e saneamento, como é possível observar na imagem a seguir:



Imagem 7 – Menino Rabujento⁵⁹

⁵⁹ Menino rabujento. Pouco desenvolvido. Em aproveitamento na escola. Em regra geral. Tem vermes intestinaes. Leve-o ao posto sanitário para ser examinado e tratado de graça. Essa imagem foi localizada no Fundo Pessoal Renato Kehl, Dossiê 2 – Educação Sanitária, responsável por abrigar os folhetos educativos e as fotos do Museu de Higiene. O material pode ter sido produzido tanto no âmbito do DNSP, como da Sociedade Eugênica de São Paulo, como indica a descrição do arquivo. Infelizmente é impossível identificar a instituição responsável por produzir esta imagem. Mesmo a imagem indicando uma possível vinculação ao Departamento Nacional de Saúde Pública, por meio da presença da seguinte frase: *Leve-o ao posto sanitário para ser examinado e tratado de graça*, não podemos concluir qual foi a instituição responsável por sua produção. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC

Por outro lado, Kehl tentaria fortalecer ações em prol da Eugenia, dentro do DNSP, por meio da criação de um “dispensário eugênico”, com

objetivo de tratar os doentes acometidos por diversas enfermidades, especialmente aquelas de caráter hereditário, sendo possível proteger os indivíduos saudáveis e impedir as degenerações que, segundo as concepções dos médicos e higienistas brasileiros, até então se propagavam em grande número pelo território nacional (SOUZA, 2006, p. 102).

Apesar dos esforços de Kehl em divulgar a importância da criação desse órgão entre os seus colegas, esses não viam a empreitada com o mesmo entusiasmo, inviabilizando, assim, a concretização de tal projeto. No entanto, isso não teria abalado a crença no poder da ciência eugênica por parte de Kehl, que continuaria desenvolvendo ações em prol da sua divulgação. Nesse período, Kehl publicaria periodicamente nos jornais cariocas, principalmente na *Gazeta de Notícias*, artigos sobre a ciência eugênica.

Kehl tornou-se, também, membro da recém-criada Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), em 1923. Essa instituição foi fundada pelo psiquiatra Gustavo Riedel, em 1922, e pautava-se nos seguintes pressupostos:

a) prevenção das doenças mentais pela observação dos princípios de higiene geral e especial do sistema nervoso; b) proteção e amparo no meio social dos egressos dos manicômios e dos doentes mentais passíveis de internação; c) melhoria progressiva dos meios de assistir e tratar os doentes nervosos e mentais em asilos públicos, particulares ou fora deles; d) realização de um programa de Higiene Mental e Eugenia no domínio das atividades individual, escolar, profissional e social (LBHM, 1925 apud REIS, 1994, p. 50).

O estatuto da LBHM evidencia que a eugenia esteve presente desde a criação da instituição, reforçando assim a afirmação de Diwan (2007) de que foi entre os médicos psiquiatras da cidade do Rio de Janeiro que a ciência eugênica teria se desenvolvido.

A Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) formou-se nos moldes das ligas psiquiátricas que já existiam no restante do mundo. Participavam da LBHM a elite da psiquiatria nacional, médicos, educadores, juristas, intelectuais em geral, empresários e políticos. Juliano Moreira, diretor do Sanatório de Saúde Mental; Miguel Couto, presidente da Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro; Fernando Magalhães, professor de Ginecologia e Obstetrícia da Escola Médica do

Rio de Janeiro; Carlos Chagas, “descobridor” das doenças de Chagas e diretor do Instituto Oswaldo Cruz e Departamento Nacional de Saúde Pública; Edgar Roquette-Pinto, diretor do Museu Nacional, e os psiquiatras Henrique Roxo e Antonio Austregésilo estavam entre os mais de 120 associados da LBHM em 1929 e, sem dúvidas representavam a elite médica e científica do Rio de Janeiro. (DIWAN, 2007, p. 103-104)

Constituída por eminentes profissionais, a LBHM consagrar-se-ia como uma das mais importantes instituições no campo da higiene mental e eugenia do Brasil, entre as décadas de 1920 e 1930, promovendo propagandas e participando ativamente da construção de um projeto preventivo, pela via eugênica, de “salvação” da nação (SANTOS, 2008, p. 119).

O médico eugenista Renato Kehl contribuiu intensamente com a LBHM, organizando as “campanhas antialcoólicas”, as “semanas de combate ao álcool”; produzindo artigos para os *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental* e para os principais periódicos do período; procurando levar à sociedade as informações sobre os problemas causados pela sífilis, alcoolismo, lepra, tuberculose, ancilostomíase e outras endemias (SOUZA, 2006).

Dessa forma, nota-se que, até a metade da década de 1920, o movimento eugenista seria caracterizado pela defesa intensa de uma “eugenia preventiva”, associada às campanhas sanitaristas e higienistas de caráter reformista. É nesse período que Renato Kehl inicia a sua trajetória de escritor de livros de divulgação da ciência eugênica, mas também de divulgador de conhecimentos de higiene, medicina social e moral. Uma das primeiras obras científicas publicadas por esse médico foi *Eugenia e Medicina Social* em 1920. Cabe notar que é nesse período, também, que começam a ser publicadas os manuais escolares de Higiene pesquisados.

Outros profissionais também começaram a publicar livros sobre a temática, como o escritor Monteiro Lobato, que em 1918 já tinha publicado um livro que versava sobre os benefícios do saneamento. Na década de 1920, Lobato lança outra obra, na qual deixava transparecer a nítida influência recebida do movimento eugenista e das recorrentes discussões sobre as questões raciais. Tal obra receberia o título de *O choque das raças* ou *O presidente negro* (1926). Trata-se do único romance futurista escrito por Monteiro Lobato. Nessa obra, Miss Jane, uma das personagens centrais do livro, narra os benefícios da ciência eugênica na formação da sociedade norte-americana, composta por “brancos” e negros. Segundo esta personagem, a Eugenia seria responsável pelo desaparecimento dos

surdos-mudos, os aleijados, os loucos, os morpheticos, os hystericos, os criminosos natos, os fanaticos, os grammaticos, os mysticos, os rhetoricos, os vigaristas, os corruptores de donzellas, as prostitutas, a legião inteira de mal-formados no physico e no moral, causadores de todas pertubações da sociedade humana (LOBATO, 1926, p. 123).

No entanto, esses processos não afetariam a “raça negra [que] começaria desde logo a apresentar um índice mais alto de crescimento populacional”. (LOBATO, 1926, p.123). Assim durante a eleição, que ocorreu em 2228, é eleito o primeiro presidente negro dos Estados Unidos, após uma sucessão de 87 presidentes “brancos”. A classe política dirigente, até o momento, não conformada com a vitória do presidente negro, cria mecanismos para impedir a sua posse e também o crescimento demográfico da raça negra no país. Segundo o presidente branco derrotado nas eleições, Kerlog, esse episódio histórico apresentava-se como um “o problema [que] transcende a esfera política e tornava-se racial” (LOBATO, 1926, p. 209). Tendo em vista solucionar a questão,

O governo oferece aos negros a possibilidade de alisar o cabelo em postos públicos pela aplicação de “raios ômega”, uma invenção recente. Formam-se filas imensas e todos os negros acorrem desesperadamente aos postos de “despixinização”, sem saber de seus efeitos esterilizantes sobre os homens. Nove meses depois, o país viu as cifras de natalidade dos negros despencarem

vertiginosamente. O presidente negro recém-eleito aparece morto e, lentamente, a prosperidade volta a reinar na América do Norte. O futuro dos negros estava selado para sempre (BIZZO, 1994, p. 111-112).

Observamos, assim, que a eugenia presente nessa obra tinha objetivo não apenas de “eliminar” os indivíduos considerados degenerados, mas pressupunha, também, a “preservação” dos privilégios políticos e sociais, e a “purificação” da raça branca (ariana).

Lobato dedicaria a obra a dois intelectuais de grande destaque nas políticas de saúde pública nacional, Arthur Neiva e Coelho Neto. Arthur Neiva, inclusive, teria sugerido o tema a Lobato, como indica Habib (2003). Posteriormente, Lobato remeteria uma correspondência a Kehl, afirmando:

Renato, tu és o pai da eugenia no Brasil e a ti devia eu dedicar meu *Choque*, grito de guerra pró-eugenia. Vejo que errei não te pondo lá no frontispício, mas perdoai a este estropeado amigo. [...] Precisamos lançar, vulgarizar estas ideias. A humanidade precisa de uma coisa só: póda. É como a vinha. Lobato (LOBATO, s/d apud DIWAN, 2007, p. 106).

No ano de 1929, a eugenia passou a ganhar mais destaque no campo médico, distanciando-se dos pressupostos sanitaristas e higienistas, assumindo, assim, posições mais radicais, direcionadas à defesa do controle matrimonial, esterilização e controle imigratório. Tal movimento é visualizado na própria história da LBHM. Segundo Stepan (2005, p. 59), esse movimento de radicalização pode ser notado por meio da aprovação da lei de assistência aos mentalmente doentes, elaborada por Afrânio Peixoto, um dos membros da LBHM, em 1927.

Esta lei deu aos psiquiatras e higienistas mentais o poder de internar os indivíduos mentalmente doentes em asilos, além de expandir uma rede de dispensário e implantar serviços ambulatoriais locais nas diversas cidades. Para significar o aprimoramento mental da raça, os psiquiatras cunharam um novo termo: “eufrenia” (STEPAN, 2005, p. 59).

Outro campo científico que incorporou a ciência eugênica nos seus projetos foi a medicina legal. Segundo Stepan (2005, p. 60), a partir da segunda metade do século XX, muitos órgãos e institutos de medicina legal haviam se estabelecido no Brasil, sendo que muitos dos empreendimentos estavam vinculados às faculdades de medicina já existentes. Escritores como Souza Lima, Afrânio Peixoto e Leonídio Ribeiro trabalharam na interface entre a antropologia física, a medicina legal, a biometria e a eugenia, com o intuito de criar métodos para a identificação de comportamentos criminosos que, segundo os médicos legistas, estariam relacionados a fatores hereditários e raciais.

A partir de julho de 1928, a eugenia ganharia ainda mais destaque no campo médico, principalmente em função do anúncio da realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia⁶⁰, feito pelo médico e presidente da Academia Nacional de Medicina, Miguel de Oliveira Couto. A divulgação de tal evento ganharia destaque nos principais impressos do período, chegando ao conhecimento de diversos profissionais. No ano seguinte, o evento se realizaria na cidade do Rio de Janeiro, sob a presidência do médico Edgard Roquette-Pinto⁶¹, reunindo cerca de duzentos profissionais, entre os quais estavam: médicos, autoridades das instituições e serviços estatais de psiquiatria e saneamento, jornalistas e deputados, além de profissionais da Argentina, Peru, Chile e Paraguai, filiados a diversas matrizes teóricas.

⁶⁰ Na mesma semana da realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, outros quatro eventos aconteceram simultaneamente. A 4ª Conferência Pan-Americana de Higiene, Microbiologia e Pathologia, o 2º Congresso Pan-Americano de Tuberculose, o 10º Congresso Brasileiro de Medicina e o 1º Centenário da Academia Nacional de Medicina. Todos realizados na cidade do Rio de Janeiro (DIWAN, 2007, p. 113).

⁶¹ Edgar Roquette-Pinto nasceu no dia 25 de setembro de 1884 na cidade do Rio de Janeiro. Graduou-se em medicina em 1905 pela Faculdade Medicina do Rio de Janeiro, com especialização em medicina legal. No ano seguinte foi nomeado assistente da Seção de Antropologia e Etnologia do Museu Nacional. Em abril de 1911, Roquette participou do Primeiro Congresso das Raças. Foi diretor do Museu Nacional entre os anos de 1926 e 1936 (SANTOS, 2008, p. 142).

Segundo Santos, os trabalhos apresentados nesse congresso deixavam claros os objetivos da eugenia, que se pautavam na defesa da “regulamentação dos casamentos, educação eugênica, proteção da nacionalidade, controle da imigração, campanhas antivenéreas, tratamento da doença mental, esterilização, além de vários temas ligados à infância, nutrição e maternidade” (2008, p. 130). Contudo, esse evento não serviria apenas para delimitar o lugar da eugenia em relação a outras áreas da ciência médica, como o saneamento, mas seria, principalmente, um espaço para que agentes favoráveis à ciência eugênica defendessem com maior afinco os projetos voltados para a construção de políticas públicas de saúde a serem adotadas pelo governo que se iniciaria no ano seguinte, 1930.

O Congresso Brasileiro de Eugenia estava dividido em três sessões: “Antropologia”, “Genética” e “Educação e Legislação”, essa última a mais concorrida e polêmica, uma vez que somente as atas de reunião desse grupo foram publicadas na íntegra, de acordo com as Actas de Trabalho do Congresso Brasileiro de Eugenia. Evidencia-se uma hierarquia no interior do Congresso, uma vez que as discussões sobre a legislação eram mais valiosas do que as questões de genética e de antropologia. Isso sugere o interesse dos participantes do Congresso Brasileiro de Eugenia na disputa pela formulação de leis entre médicos e advogados em favor da eugenia (DIWAN, 2007, p. 112).

Mas, como lembra Diwan (2007), apesar dos esforços empreendidos nesse congresso a favor da construção de um consenso sobre temas que regiam a ciência, poucas foram as resoluções. O único ponto convergente foi relativo às políticas de restrição imigratória, principalmente da população asiática que, segundo os eugenistas, não contribuiria em nada para a formação da população brasileira. Os demais temas foram discutidos intensamente, demonstrando que a ciência eugênica ainda não estava segmentada.

Ainda no ano de 1929, Renato Kehl, já afastado da Diretoria Nacional de Saúde Pública e compondo o quadro de funcionários da Indústria Química e Farmacêutica Casa

Bayer desde 1927, começou a editar e a publicar *O Boletim de Eugenia*⁶², o primeiro impresso direcionado à “cruzada eugênica”. Além de levar ao leitor artigos e notas sobre os eventos relacionados à eugenia no Brasil e no mundo, o boletim veiculava artigos produzidos no Brasil, Espanha, França, Itália, Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos, ora traduzidos ora no idioma original (DIWAN, 2007, p. 112). Nos primeiros anos de sua edição (1929-1932), o impresso foi distribuído gratuitamente mediante solicitação dos interessados, mas, a partir de 1932, se tornaria suplemento da revista “Medicamenta, que circulava por todo o Brasil, expandindo assim o alcance da propaganda em prol da eugenia” (SANTOS, 2000, p. 125).

O início da década de 1930 foi marcado pelo otimismo em relação à ciência eugênica, consequência das diversas ações empreendidas no final da década de 1920. Um ano após a posse do Getúlio Vargas no governo provisório, em 1930, Kehl criaria a Comissão Central Brasileira de Eugenia, órgão filiado à Federação Internacional das Associações Eugênicas e organizado segundo os moldes da Sociedade Alemã de Higiene Racial, uma entidade científica voltada para a regeneração integral da nação (SOUZA, 2006, p. 173). A CCBE tornou-se o principal órgão voltado para o fomento da ciência eugênica no país, na década de 1930, sendo composto por Ernani Lopes (presidente da LBHM); Porto Carrero (vice-presidente da LBHM); Cunha Lopes (psiquiatra e eugenista da Assistência a Psicopatas do Rio de Janeiro); Toledo Piza Júnior e Octávio Domingues (professores da Escola Agrícola Luiz de Queiroz); Gustavo Lessa e Caetano Coutinho (autoridades ligadas ao DNSP); Belisário Penna (que assumia um cargo no Ministério da Educação e da Saúde Pública) e Eunice Penna (esposa de Kehl), entre outros (SOUZA, 2006, p. 174; DIWAN, 2007, p. 116). Os contatos de Renato Kehl com as teorias eugênicas

⁶² Sobre o Boletim de Eugenia, ver a dissertação de Mai (1999).

da Alemanha foram intensificados principalmente após a sua admissão na Casa Bayer em 1927, como já indicamos no primeiro capítulo.

Ao longo da década de 1930, Kehl trabalhou intensamente na divulgação da eugenia negativa⁶³, mas sem deixar de defender as ações em prol da eugenia positiva⁶⁴, pautada no incentivo ao casamento entre indivíduos perfeitos, combate à imigração, entre outras ações, ao mesmo tempo em que se debruçaria sobre a tarefa de vulgarizar tais preceitos por meio de livros didáticos, tanto para jovens como para adultos. E sem esquecer-se em nenhum momento das crianças, Kehl reeditaria, ao longo das décadas de 1920 e 1930, *A fada Hygia*, que chega à sexta edição, sendo submetida ao crivo de seus colegas, ao longo desse período. Como é possível constatar na carta enviada por Paulo Vianna a Kehl,

Rio, 29/6/1933

Prezado am^o Renato Kehl

Envio-lhe com esta o exemplar da “Fada Hygia” que teve a bondade de me confiar para que lhe sugerisse as alterações caso necessárias.

Agora fiquei conhecendo melhor seu trabalhinho, o qual, posso agora afirmar, sem lisonja, que não é meu feitio, considero seu valioso serviço á nossa gente e ao seu ensino.

Ousei apontar nelle pequenas [...] senão orthographicos e outras de linguagem. Os primeiros na época da nova edição já terão com certeza perdido a razão de ser. Os outros embora não cheguem a prejudicar a conexão, podem tornar os conceitos emittidos menos danosos para a intelligencia rudimentar do leitor. O caso mais frequente resultou do uso exagerado do infinitivo e do gerúndio, formas sempre ingratas e pouco didacticas possível.

Peço que me perdoe, se, sem sentir, entrei, porventura, em seara alheia. Receba meu affectuoso abraço de quem se confessa

seu am^o e (...)

Assinatura de Paulo Vianna.⁶⁵

⁶³ “O eugenismo negativo pretende impedir a multiplicação de indivíduos supostamente ‘inferiores’ de um ponto de biológico, psicológico ou intelectual. Postula que essa ‘inferioridade’ é hereditária e pretende proibir (mais raramente, desaconselhar) os referidos individuos de terem filhos. Os métodos utilizados são mais ou menos brutais e coercivos: proibição do casamento, internamento, mas também, e sobretudo, esterilização (é essencialmente neste caso que se fala de eugenismo). A versão mais dura é a eliminação física pura e simples dos indivíduos ‘inferiores’, que só na Alemanha nazi foi praticada de maneira sistemática” (PICHOT, 2000, p. 128).

⁶⁴ “O eugenismo positivo, pretende melhorar a sociedade encorajando a reprodução de indivíduos ‘superiores’” (PICHOT, 2000, p. 129).

⁶⁵ VIANNA, Paulo. [Correspondência] 29 de jun., 1933, Rio de Janeiro [para] KHEL, Renato. Rio de Janeiro. 1p. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

Entre as edições publicadas em 1930 e 1936, não foi localizada nenhuma modificação no manual, nem nas ilustrações, nem na estrutura do texto. No entanto, entre a 4ª edição de 1936 e a 5ª edição de 1937, observamos grandes transformações, como Renato Kehl anunciou ao seu colega Alfredo Fernández Verano (na correspondência transcrita na íntegra na página 55), incluindo a modificação nas ilustrações e adaptação ortográfica.

Dessa forma, é possível identificar ações pautadas na concepção negativa da eugenia, nos trabalhos desenvolvidos por Renato Kehl, que se caracterizam por uma intensa campanha em defesa do controle imigratório, pela luta contra os casamentos realizados entre os indivíduos considerados degenerados e pelo incentivo às campanhas em prol da esterilização. Entretanto, sem desconsiderar essa dimensão, compartilho da tese central do trabalho de Ricardo Santos (2008, p. 24), de que o médico não teria abandonado a crença na tarefa do aperfeiçoamento humano, que seria executada por meio da relação entre o saneamento, a eugenia, a higiene e a educação – ideia fundamentada a partir da localização de textos que versam sobre a importância da educação higiênica e eugênica, durante a década de 1930, mas também pela observação do empenho deste médico em reeditar o manual *A fada Hygia: primeiro livro de Higiene*, ao longo das décadas de 1920-30, e pela elaboração e publicação da *Cartilha de Higiene: alfabeto da saúde* na segunda metade da década de 1930.

Vale ressaltar que as ideias eugênicas ascenderam no Brasil até o período da ascensão do nazismo, quando as práticas eugênicas passaram a ser identificadas ao genocídio praticado na Alemanha, sendo logo “silenciadas” ou (re)significadas no contexto científico, político e social brasileiro, pós-segunda Guerra Mundial.

3.2. Educação Higiênica e Educação Eugênica

O ensino da Hygiene nas escolas primarias

O progresso de um povo, o papel attribuído ao mestre-escola, de principal fator, na victoria allemã de 1870. Cabendo-lhe a honrosa tarefa de educar e de ensinar, tem enorme responsabilidade perante a Patria. Assim, pois, ao receber um discípulo, assume o mestre o sério compromisso de o fazer um perfeito cidadão, na justa accepção do termo, encarregando-se, para isso, de sua educação intelectual, moral, cívica e, concomitantemente, da educação hygienica. Por meio desta ultima o individuo aprenderá a proteger a vida e a saúde e a respeitar a dos semelhantes, obedecendo os preceitos-sanitários indicados, para evitar a propagação dos males infecto-contagiosos.

Não compreendo como pode ser esquecido, entre nós, pela maioria dos mestres, esta ultima parte do programma educativo. Esmerando-se na instrucção dos alummos, em múltiplas disciplinas, relegam a mais importante delas para o segundo plano quando não a deixam no completo olvido, o que é, infelizmente, a regra. Folheando o programma do curso primário das escolas de S. Paulo, notei que o ensino da hygiene é sempre conjunto ao das sciencias phisicas e naturaes, que, como se sabe, por serem matérias vastas, não dão margem para o cultivo daquela. Sou de opinião que a hygiene deve, por isso, constituir uma disciplina à parte e ser ministrada pelo menos 3 a 4 vezes por semana. Não vejo vantagem do ensino da hygiene fazer parte do “curso de moral”, e ser feito ao tratar dos deveres do individuo para consigo mesmo e para com os seres semelhantes, como deseja Henry Monod ou como Goblod, que entende ser vantajoso ensinar a toda, e a todo propósito, nas lições de historia, de literatura, de sciencias, etc.

A hygiene, repito, deve constituir uma disciplina isolada e, quanto possível, demonstrativa, acompanhada de uma parte pratico-experimental, de vivo effeito, no espirito das crianças. Existem, actualmente, meios valiosos e fáceis para esse fim, e assim como se organisam laboratorios para chimica, phisica e historia natural, o mesmo se poderá fazer quanto á hygiene. Vale menos ensinar ensinando do que ensinar mostrando ou fazendo.

O dia que for comprehendida, pela generalidade dos professores patricios, a importância capital do ensino desta matéria, e fôr considerada, a importancia capital do ensino desta matéria, e for considerada, como deve, teremos dado um grande passo para a reabilitação sanitária do paiz, actualmente flagelado por inumeras endemias. E que não bastam para exterminal-as os trabalhos officiaes de saneamento; faz-se mister que o povo se eduque nos preceitos elementares de hygiene que auxilie esses serviços prestigiando-os e obedecendo, “conscientemente”, os regulamentos estabelecidos.

As crianças aprendem e acertam com prazer esses ensinamentos, como verifiquei pessoalmente, na propaganda dos meios prophylacticos contra a opilação e a malaria.

Ao lado, porém, do “ensino de hygiene” far-se-á a “educação hygienica”, inculcando no dócil e receptível espirito das crianças a necessidade e as vantagens da pratica dos bons hábitos de saúde e outros que dizem respeito á sua conservação. Desse modo, a pouco e pouco será creado nelas uma segunda natureza, como que novo “instincto” tornando-as “automaticamente” praticantes das regras de hygiene.

Essa educação deve, com vantagem, iniciar-se desde tenra idade, pelas mães, no lar, e pelos mestres nos jardins da infância e nas escolas primarias.

Aos professores e professoras faço, destas colummas, o apelo para não descurarem o ensino desta matéria nas suas classes. Vós representaes a principal alavanca para o progresso do Brasil. De vós depende a desanalphabetização nacional e a implantação, entre nós, da “consciência sanitária”, único meio para a

regeneração da massa doentia e decadente que constitue a grande parte dos nossos trabalhadores ruraes.

R.K.

(Columna assinada por Renato Kehl nas quintas-feiras e domingos)⁶⁶

Como já destacamos, as primeiras décadas do século XX foram marcadas pela intersecção entre a Eugenia, a Higiene e o Sanitarismo. Essa intersecção fica explícita principalmente no campo educacional. O artigo acima reforça essa afirmação, com a defesa do médico eugenista em relação à implementação da educação higiênica no ensino primário, pautada também no ensino dos preceitos sanitários como meio de evitar a propagação dos males infecto-contagiosos. Dessa forma, segundo o discurso dos médicos, a Higiene e a Eugenia atreladas à educação trabalhariam em conjunto para a formação do corpo individual disciplinado e consciente de suas ações, com vistas a contribuir com as ações governamentais em prol do saneamento das cidades; tudo isso, visando ao propósito de construção de uma nação moderna.

Segundo Kehl, apesar de as noções de higiene estarem presentes no currículo das escolas primárias, atreladas às disciplinas ciências físicas e naturais e ao ensino da moral, era necessário empreender mais esforços em prol da educação higiênica. Era importante que essa disciplina se tornasse autônoma em relação às demais. Isso porque a higiene era mais do que uma disciplina teórica, era uma disciplina que deveria ser ensinada na prática, como ocorria com o ensino da química e, para isso, era importante destinar mais horas para seu aprendizado. Segundo Kehl, o ensino prático da higiene teria como objetivo incutir

⁶⁶KEHL, R. O ensino da Hygiene nas escolas pedrimarias. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, s/n, jun. 1923. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

hábitos, forjar um novo espírito ou constituir o *Homo hygienicus*⁶⁷ (GONDRA, 2003). Essa visão permaneceria ao longo das edições de *A fada Hygia: primeiro livro de Higiene*, publicadas entre 1930 e 1937, como podemos observar no prólogo destinado às mães e professores:

Qual, perguntamos, dentre as disciplinas ministráveis às crianças, a mais importante, senão a que lhes ensina a defender a saúde, melhorando e preparando a constituição física em evolução, para atingir a maturidade em completo estado de hygiene física, intelectual e, correlativamente, moral?

Certamente, é a higiene.

Tal disciplina, - que estabelece as regras de viver de acordo com as exigências da natureza e do nosso organismo, que indica, enfim, os meios de nos tornarmos “bons animais”, mantém-se, não obstante, muito descuidada, quando deveria merecer dos mestres e das mães, a maior atenção, timbrando uns e outros em vulgarizar os seus preceitos às crianças, mesmo às de tenra idade, e aos jovens (KEHL, 1930, p. 8).

Kehl também defendeu a importância do papel do professor na disseminação dos preceitos higiênicos, como demonstra o último parágrafo de seu artigo “Vós representaes a principal alavanca para o progresso do Brasil”. Para Kehl, os professores seriam os intermediários entre o conhecimento presente nos livros de educação higiênica e as crianças.

(...) direi que os professores cooperação, desse modo, valiosamente, para a educação higienica do povo, base da sua regeneração e do progresso do nosso país, no seio do qual vegetam, miseravelmente, muitos milhões de victimas da opilação, do impaludismo, da lues, males tanto **evitáveis**, quanto **curáveis** (KEHL, 1930, p.10, grifos nossos).

As expressões destacadas neste trecho extraído da obra *A fada Hygia* também revelam outra faceta da percepção do médico eugenista sobre a educação higiênica. A atuação dos professores na difusão dos preceitos de higiene teria como objetivo prevenir, mas também curar as crianças e jovens dos males que prejudicavam o seu desenvolvimento.

⁶⁷ “Utopia cunhada sob o signo da razão que, até hoje, contrariando os iluministas mais otimistas e radicais - das grandes verdades e dos valiosos conselhos -, tem demonstrado ser insuficiente para promover de modo igualitário o tão perseguido e tão sonhado projeto higienista” (GONDRA, 2003, p. 35).

Dessa forma, a eugenia como meio de aperfeiçoar o homem mescla-se, nesse período, com o discurso higienista e sanitaria de regeneração do homem. Tal discurso se manterá, ao longo das primeiras décadas do século XX, constituindo-se como uma característica singular do movimento eugenista brasileiro, como aponta Stepan (2005). “Para muitos eugenistas, e durante muito tempo, sanear foi entendido como eugenizar, assim como também, para muitos a eugenia fora entendida como um ramo da higiene” (ROCHA, 2010, p. 97). A produção e atuação de Kehl são marcadas por essa mescla de concepções, principalmente no que se refere à educação. A higiene serviria, assim, de apoio às concretizações dos ideais eugênicos.

Dessa forma, o discurso enunciado por Renato Kehl, tanto no artigo como no manual, de certo modo, alinha-se ao discurso propagado por sanitaria e higienistas, que concebem na relação entre a saúde e a educação a saída para os males da degeneração social. Como aponta Carvalho (1997, p. 305),

o movimento protagonizado por médicos e higienistas em favor da reforma dos serviços de saúde tem inúmeros pontos de contato com o promovido por amplos setores da intelectualidade em favor da “causa educacional”, nos anos 20. Não apenas porque ambos tinham como objetivos comuns a reforma dos serviços públicos, a modernização do país e a ampliação de possibilidades de participação política e de atuação profissional; mas, principalmente, porque saúde e educação se apresentavam, para seus agentes, como questões indissociáveis. No campo da saúde, firma-se nos anos 20, a convicção de que medidas de política sanitária seriam ineficazes se não abrangessem a introjeção nos sujeitos sociais, de hábitos higiênicos, por meio da educação. No movimento educacional da mesma década, a saúde é um dos pilares da grande campanha de regeneração nacional pela educação.

É possível também considerar que a defesa da educação higiênica que perpassa as iniciativas de Renato Kehl se explique em função do fato de que, de certa forma, as medidas eugênicas de cunho negativo não eram bem aceitas pela população, principalmente entre a classe dirigente do país, como é possível notar sutilmente no artigo *A esterilização*

sob o ponto de vista eugênico publicado no dia 26 de março de 1921, no periódico *Brazil Médico*.

Quanto ao verdadeiro fim da esterilização, que é a melhoria eugênica da raça, temos a dizer que esse processo oferece certas dificuldades para tornar eficiente, além das que referimos. Para se chegar a um resultado completo seria necessário que a esterilização fosse aplicada compulsoriamente, de um modo permanente, e em vasta escala, não poupando mesmo os indivíduos que aparentemente superficialmente normalidade e que, no entanto, intrinsecamente, são defeituosos (...) a esterilização é de efeitos indubitáveis e claros. Mas a sua prática encontra sérios embaraços. O nosso entusiasmo por essa operação regeneradora não vai de encontro de desconhecemos as dificuldades que ela encontra na sua execução (...). A esterilização, pois, deve ser considerada um processo eugênico importantíssimo, mas não um meio único de elevação somática e física da espécie humana, que só será alcançada pelos processos combinados de eugeniização (apud SANTOS, 2008, p. 104).

Além disso, as ações autoritárias em nome da preservação da saúde já tinham sido rejeitadas pela população, como demonstrava a Revolta da Vacina, que aconteceu em 1904, na cidade do Rio de Janeiro, justamente como resposta às ações em prol da vacinação impostas pelo governo, que previam inclusive a invasão de agentes sanitários às casas de indivíduos que se negassem a participar da campanha. Dessa forma, a educação seria o meio mais brando e também necessário, como defendia a na eugenia preventiva, para se alcançar os fins da eugenia.

Observa-se nesse período, também, a expansão dos discursos, e das iniciativas em favor da alfabetização e da ampliação das escolas, com vistas a incorporar amplas camadas da população. Discurso endossado pelos sanitaristas, que vislumbravam a possibilidade de educar uma grande parcela da população, fazendo-a assimilar como uma necessidade as práticas higiênicas.

O combate ao analfabetismo era questão preponderante no período, as estatísticas chamavam a atenção dos chefes de estado das cidades mais desenvolvidas

economicamente, como destaca Rocha (2011, p. 154). Nesse período (1920), quase 65%⁶⁸ da população brasileira era constituída por analfabetos. Em 1940, a taxa cai, mas ainda é alta, chegando a 56%. Embora a denominação “população analfabeta” seja muito ampla, sendo difícil precisar qual a porcentagem da população brasileira analfabeta por gênero, idade e área urbana e rural, esses dados servem para ilustrar a importância da luta em prol da educação no Brasil.

Renato Kehl conhecia esses argumentos e compartilhava dessa visão, como demonstrou no artigo publicado em 1923 na *Revista Nacional*, no qual afirmava “que além do saneamento e da eugeniização, a grandeza política, econômica e racial do Brasil dependeria do combate ao analfabetismo”⁶⁹ (SOUZA, 2006, p. 109). Defendia, em particular, a importância da educação vinculada à higiene e à eugenia, como se pode observar nas posições assumidas no Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, realizado em 1922, na cidade do Rio Janeiro. Nesse evento, Kehl reforçou mais uma vez a tese de que “instruir é eugениizar, sanear é eugениizar” e complementou afirmando que a educação higiênica e eugênica eram essenciais para elevar o grau da civilização de um povo, para aprimorar a saúde, e para “extinguir doenças” do meio social, colaborando assim com esforços de médicos no país (SOUZA, 2006, p. 110).

No entanto, é em 1927, na Primeira Conferência Nacional de Educação, organizada pela Associação Brasileira de Educação⁷⁰, que observamos a influência do higienismo no projeto político educacional do país. Segundo Carvalho (1997), o tema da “educação

⁶⁸ Dados retirados do Mapa do analfabetismo no Brasil, produzido pelo Ministério da Educação. As primeiras pesquisas demográficas desenvolvidas pelo IBGE consideravam alfabetizada a “pessoa capaz de ler e escrever pelo menos um bilhete simples no idioma que conhece”. Atualmente o instituto adota o seguinte conceito: considera-se alfabetizadas pessoas com ao menos quatro séries de estudos concluídas. Os dados estatísticos sobre analfabetismo apresentados pelo IBGE datam a partir do ano de 1900. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

⁶⁹ Para compreender melhor a relação entre analfabetismo e saúde, ver Rocha (1995).

⁷⁰ Para mais detalhes sobre as conferências nacionais de educação, ver Carvalho (1997).

higiênica” não fazia parte da programação oficial, no entanto, o higienismo vinha ganhando importância e se articulando cada vez mais aos temas educacionais do período, a tal ponto que se fez necessário criar uma comissão especialmente destinada a discutir essa temática, no âmbito do evento. O trabalho do médico Belisário Penna, presidente da comissão, defendendo a importância da educação higiênica e eugênica, teria ganho destaque nesse evento. Segundo Penna, na sua tese intitulada *Por que se impõe a primazia da educação higiênica escolar*, era extremamente importante que a educação higiênica e eugênica fosse propagada já nas escolas primárias, pois só assim seria possível formar a “consciência sanitária nacional”, isto é, um espírito coletivo consciente da importância dos princípios higiênicos e eugênicos na vida dos indivíduos e da sociedade. Isso porque, segundo esse médico, compartilhando das palavras do eugenista espanhol Luis Huerta, o “problema humano é um problema de higiene, resolvido o qual, desaparecerão as causas da miséria humana” (PENNA, 1927, p. 32).

Impõem-se, portanto, a primazia da educação higiênica e eugênica na escola e no lar, como medida fundamental para a formação de uma mentalidade coletiva equilibrada e de uma consciência sanitária, isto é, de um espírito nacional absolutamente compenetrado do valor inestimável da prática dos preceitos da higiene e da eugenia, como indispensáveis à prosperidade individual, da família, da sociedade e da espécie (PENNA, 1927, p. 33).

Penna seria um dos maiores defensores da educação higiênica no Brasil, posição defendida a partir das suas pesquisas, realizadas nos estados do norte do Brasil, nas quais observou que os males sociais e biológicos da população decorriam, principalmente, das péssimas condições de saneamento, além da ignorância em relação às causas das endemias. A partir desse período, Penna, em conjunto com alguns agentes sociais, passaria a discorrer sobre os efeitos da educação higiênica, lançando mão de diversos espaços de divulgação, dentre eles os congressos de educação e saúde. Entre 1920 e 1930, ao lado de Renato Kehl, seu genro, foi possível observar a atuação de Penna junto aos eugenistas, defendendo a

importância da educação eugênica, como se pode notar na participação na Primeira Conferência Nacional de Educação.

Renato Kehl também participou desse evento apresentado a tese intitulada *O problema da educação sexual: a importância eugênica, falsa compreensão e preconceitos – como, quando e por quem deve ser ela ministrada*, na qual ressaltava a importância da educação sexual desde a mais tenra idade, embasado nos estudos desenvolvidos por Freud que indicavam que as crianças, diferentemente do que pregava o senso comum, eram atormentadas pela curiosidade da geração. Segundo o eugenista, era necessário que as curiosidades fossem desvendadas por meio de explicações claras e sem reticências. Para tanto, argumentava que

os pedagogos modernos são favoráveis à educação sexual, bem assim as maiores autoridades médicas que se dedicam aos estudos médico-sociais. Na reunião anual da American Medical Association havida em 1903, preponderou este critério. No Congresso realizado em Berlim, em 1905, do Bund fuer Mutterschutz, foi aprovada, por unanimidade, uma resolução declarando que é absolutamente necessária a explicação dos fatos da vida sexual às crianças. No Congresso Internacional de Higiene havido em maio de 1923 em Paris, bem como em muitos outros certames, não só de médicos, higienistas, como de pedagogos e eugenistas, o ensino sexual foi sempre muito debatido, vencendo a corrente que entende ser ele imprescindível para a defesa do indivíduo, da sociedade e progresso biológico da espécie (KEHL, 1927, p. 434).

Segundo Kehl, naturalmente, o ensino das questões relacionadas à sexualidade deveria acontecer conforme a curiosidade manifestada pelos filhos; nessa primeira fase, a mãe estaria incumbida das primeiras instruções. O pai deveria alertar os filhos um pouco mais crescidos sobre as más companhias e os perigos resultantes das perversões sexuais. Já aos educadores, caberia a missão de instruir didaticamente sobre as funções referentes à reprodução. (SOUZA, 2006, p. 117). Sua tese foi aprovada na conferência, o que indica a inclinação dos educadores em favor das propostas educacionais elaboradas por Renato

Kehl. Segundo Manuel Bergström Lourenço Filho, presidente da Comissão de Educação Higiênica:

A tese do doutor Renato Kehl impõe-se por sua clareza da finalidade. Sou do parecer que a Conferência de Educação aprove as conclusões, sem restrições com louvares à idéia (Lourenço Filho, 1927, p. 672).

Outro defensor da educação eugênica atrelada às concepções de higiene é o educador Fernando de Azevedo que, como já vimos, era membro da Sociedade Eugênica de São Paulo, criada em 1918 e que, mais tarde, tornar-se-ia conhecido por capitanear as reformas no sistema de ensino do Rio de Janeiro (1926-1930), por participar da redação do Manifesto dos Pioneiros e também por sua participação na Universidade de São Paulo. Desde o início da década 1910, Azevedo manifestava a sua preocupação com a questão educacional, por meio da publicação de textos que tratavam, dentre outros temas, das práticas de exercício ginástico. Segundo Gualtieri (2008), Azevedo inclusive teria tratado do tema na tese preparada para concorrer à cadeira de Educação Física do Ginásio do Estado, em Belo Horizonte, a qual foi impressa sob o título *A poesia do corpo*, em 1915, e que ganharia outro título em 1920, *Da educação Física. O que ela é. O que tem sido. O que deveria ser*. Para Azevedo, a ginástica ou educação física estaria atrelada às concepções eugênicas (SOARES, 2007), isso porque a prática sistemática dos exercícios poderia fortalecer os corpos, contribuindo para a formação de indivíduos aptos à reprodução. Discurso que se voltava, sobretudo, para a formação das mulheres.

A eugenia brasileira – pedra angular da sociedade teria na solução nacionalista deste problema uma grande vitória para a regeneração física e moral deste país, cujos colégios parecem ainda desconhecer por completo a influência visceral e definitiva, que sobre a geração de amanhã exerceria a aplicação às meninas de uma cuidada educação física, não de processos anódinos, mas eficazes, de exercícios adequados, constantes e sistematizados. A regeneração física da mulher brasileira é certamente o meio mais lógico, mais seguro e mais direto de obter-se de futuro uma geração sadia e robusta, em substituição a esta de hoje, que, em geral, se anquilosa em atitudes scohóticas e enfezadas, estiolando-se nos rebentos de uma prole franzina, que surge muitas vezes sobre as ruínas da saúde

das mães, quando não seja sobre o sacrifício de uma pobre vida... Que podemos de fato esperar de meninas fracas, para quem a maternidade seria uma catástrofe, sendo uma floração cada vez mais raquítica e doentia? (AZEVEDO, 1919 apud SOUZA, 2006, p. 54)

A partir da década de 1930, observamos nos trabalhos de Renato Kehl uma nítida diferença entre as concepções higiênicas, sanitárias e eugênicas. Segundo o médico, a higiene agiria na preservação e melhoramento dos indivíduos já saudáveis e a eugenia seria responsável por gerar seres perfeitos, evitando a proliferação de indivíduos disgênicos. A educação higiênica deveria ser, então, destinada às crianças do ensino primário; já entre os jovens e adultos, o eugenista defendia o ensino eugênico, pautado na instrução referente a questões relacionadas à sexualidade e também ao matrimônio, como demonstra o artigo publicado no *Boletim de Eugenia* de 1930.

O ensino da Eugenia nas escolas secundarias

O que a natureza realiza ás cegas e impiedosamente, deve o homem fazer precavida e suavemente – F. Galton

Não é meu propósito desenvolver no presente artigo considerações sobre as vantagens do cultivo da Eugenia nas escolas secundarias do paiz. Desejo apenas, apresentar o esboço de um programma para o ensino desta disciplina que, como a hygiene, tem grande importancia social e racial.

A hygiene, como disse em um dos meus livros “A Biblia da Saúde”, constitue a arte de conservar a saúde, “e sendo verdadeira a sabedoria antiga que diz representar primeiro dos bens, ipso facto, deve a hygiene ser considerada a primeira das artes”. A eugenia por sua vez, creada por Francis Galton, constitue verdadeira sciencia-religião: harmoniza e concretiza idéias e intuitos regeneradores, esforçando-se para a formação de caracteres optimos, transmissíveis por herança, e concorrendo, ao mesmo tempo, para a eliminação das taras e degenerações. Ella visa, pois, a elevação physica e moral dos homens, de modo a que se constituam e se multipliquem os elementos de paz na família, na sociedade e na humanidade.

As bases e a alta finalidade da sciencia de Galton, são sufficientemente conhecidas; dispenso-me, por isso, de entrar em detalhes, de referir-me aos seus fundamentos, aos seus princípios, methodos e meios, limitando-me a estabelecer, de modo synthetico, o esboço de um programma didactico exequivel como parte da cadeira de historia natural ou, melhor, isoladamente, na ultima ou na penúltima série do curso gymnasial.

(...)

O ensino será desenvolvido com o elevado propósito de despertar no espirito dos discentes o respeito de si próprio e dos semelhantes, tendo sempre em vista a implantação do grande ideal da regeneração moral e physica do homem.

(...)

A educação eugenica é imprescindível para o progresso biológico, moral e social dos homens, devendo configurar, obrigatoriamente, no programma dos cursos gymnasiaes e normaes, como matéria á parte ou, não sendo possível, como parte da historia natural ou da hygiene.

Renato Kehl⁷¹

A Eugenia e Higiene seriam assim, para Kehl, concepções distintas, todavia complementares e de extrema importância para a formação dos indivíduos, o que fundamentava o seu empenho em publicar manuais de higiene para o ensino primário.

Vale recordar também, como já enunciado anteriormente, que esse período é marcado por uma série de ações voltadas para a expansão das escolas primárias no Brasil. As escolas, por sua vez, tornar-se-iam os maiores compradores de livros didáticos no país, impulsionando sua produção. Portanto, é nesse clima favorável, tanto do ponto de vista social, como cultural, econômico e político que Renato Kehl dedicou-se à produção de manuais escolares de higiene, entre os quais se destacam como objetos deste estudo, *A fada Hygia* e a *Cartilha de Higiene*.

⁷¹ Kehl, R. O ensino da Eugenia nas escolas secundarias. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, n.30, p. 5, jun. 1930. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC. Artigo completo ver no anexo IV.

Capítulo IV – Os manuais escolares de Higiene à sombra da Eugenia

Considerando a necessidade de propagar os conhecimentos de hygiene e, ao mesmo tempo, de tornal-os mais faceis e agradaveis ás crianças, resolvi publicar este modesto livrinho (KEHL, 1936).

4.1. A trama da produção do manual: a relação entre editora e autor

Como observamos nos capítulos anteriores, a higiene fazia parte do programa eugênico que Renato Ferraz Kehl vinha desenvolvendo desde a década de 1910. Defensor da importância da assimilação das práticas higiênicas para o projeto de sociedade eugenizada, Kehl tomou, a partir da década de 1920, a iniciativa de elaborar manuais de Higiene para o ensino primário, tendo como público alvo as crianças, mas não somente elas, como também todos os indivíduos que as circundavam, isto é, os professores e seus pais.

Vale ressaltar que muitos agentes contribuíram para que os manuscritos de Renato Kehl se tornassem livros, entre esses agentes, destacamos os ilustradores, editores e críticos literários. Esse trabalho, realizado em conjunto, possibilitou a materialização dos manuais, posteriormente remetidos às autoridades educacionais responsáveis por sua avaliação. Somente depois de receber o aval das autoridades, o manual poderia ser reimpresso em tiragens mais amplas, podendo ser, assim, distribuído e adotado pelas escolas.

Até a década de 1930, a avaliação dos livros didáticos era realizada de forma descentralizada, isto é, os processos de avaliação e adoção dos manuais escolares eram realizados pelos estados, por meio das Diretorias de Instrução Pública. Com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, houve uma centralização das decisões referentes à educação e saúde no plano federal⁷². Em 1938, por meio do decreto-lei nº 1.006, é criada a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), “encarregada, entre outras funções, de examinar e autorizar o uso dos livros didáticos que deveriam ser adotados no ensino das

⁷² Segundo Gonçalves apesar da institucionalização da Comissão Nacional do Livro Didático, em 1938, o estado de São Paulo continuou a possuir uma legislação específica para avaliação das cartilhas e livros de leitura que seriam utilizadas nas escolas daquele estado (apud FILGUEIRAS, 2011, p. 21).

escolas pré-primárias, primárias, normais, profissionais e secundárias de toda a República (escolas públicas e privadas)” (FILGUEIRAS, 2011, p. 32). Os manuais escolares de Higiene de autoria de Renato Kehl em estudo, passaram por processos de avaliação de diferentes estados brasileiros. Nesse contexto, no qual os livros didáticos tinham que receber o aval do Estado para chegar às escolas, as editoras assumiram um papel importante na produção dos manuais escolares, em parceria com os seus autores, já que muitas casas editoras conheciam as normas estabelecidas pelas autoridades educacionais, tornando mais fácil a conversão dos manuscritos em manuais escolares (BITTENCOURT, 1993).

A editora que compartilhou com Renato Kehl o empreendimento de materializar as ideias e os discursos eugênicos, higiênicos e morais em formato de livro foi a Livraria Francisco Alves – Paulo de Azevedo & Cia.

Kehl começou a publicar os livros, entre o final da década de 1910 e início de 1920, período marcado pela gestão de Paulo Ernesto de Azevedo⁷³, seu amigo pessoal. Essa relação favorecia Kehl, que conseguia contratos vantajosos e, por certo, exclusivos, o que lhe deixava satisfeito em editar livros por essa editora, como fica expressa nas seguintes correspondências.

Universidade de São Paulo
Piracicaba, 30 de julho de 1935

Meu caro am^o

(...)

Agora, mais um aborrecimento para o meu amigo. Quem manda ter amizades com gente da roça... É que estou com os originais de um livro – “Limalhas de um eugenista” – e ando á caça de editor... Lembro-me de que me disse uma vez estar satisfeito com a Livraria Alves. **Pergunto-lhe: Terei eu credenciais para ser editado pelo Alves? Qual a base de contratos num caso de livros de especiais, como seria o meu?** Desde logo devo dizer que não tenho exigências a fazer. O que quero é editar o livro, por uma casa que o possa distribuir com seriedade. E sobretudo dar um cheque no Octales Ferreira, que já começou a dar coices.

⁷³ Segundo Hallewell (1985), Francisco Alves deixa em testamento a livraria à Academia Brasileira de Letra. Como esta estava estatutariamente impedida de gerir qualquer tipo de negócio, vende então a livraria a um grupo de velhos funcionários de Francisco Alves, liderados por Paulo Ernesto Azevedo e Antônio de Oliveira Martins.

(...)
Meus votos de felicidade, extensivos aos seus.
Abraça-o afetuosamente
O am^o certo,
Domingues.⁷⁴

O autor dessa correspondência é o professor da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ) Octávio Domingues⁷⁵, que, assim como Kehl, era um defensor das ideias eugênicas. Em resposta à correspondência enviada por Octávio Domingues, Kehl responde:

Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1935
Meu caro amigo Domingues.
(...)
Sobre a sua pergunta no tocante á publicação do seu novo livro “Limalhas de um Eugenista”, penso que fará bem em publica-lo numa editora aí de São Paulo, pois as desta Capital vão de mal a peor. **Com a Livraria Alves costumo fazer o seguinte negocio: mando imprimir o livro numa tipografia, e quando ele está pronto, levo a fatura ao Snr. Paulo de Azevedo para pagar. Como sabe, ele é meu velho amigo. Parece-me que só faz isto comigo. No fim do ano é dado um balanço e creditados na minha conta 50% do saldo dos livros vendidos, isto depois de coberta a despesa da impressão. Os lucros são repartidos em partes iguais entre o autor e a Livraria Alves. Sei que o Snr. Paulo de Azevedo compra de alguns autores toda a tiragem de certas obras que sejam de caráter didático.**
(...)

Lembranças ao Piza e um afetuoso abraço do seu amigo certo,⁷⁶

Kehl deixa claro, na correspondência acima, que o laço de amizade que mantinha com Paulo de Azevedo o favorecia enormemente. No entanto, apesar das vantagens contratuais, a livraria parece não ter contribuído, com o passar do tempo, com a propaganda e divulgação dos manuais e livros elaborados por Renato Kehl como ele desejava, fato que

⁷⁴ DOMINGUES, Octavio. [Correspondência] 30 de jul., 1935, Rio de Janeiro [para] KEHL, Renato. Rio de Janeiro. 1p. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC. Grifos nossos. Ver carta completa no anexo V.

⁷⁵ Para compreender melhor as posições de Octavio Domingues em relação à eugenia, ver tese de Habib (2010). Para conhecer a relação estabelecida entre Domingues, Kehl, em torno da eugenia ver dissertação de Rosa (2005).

⁷⁶ KEHL, Renato. [Correspondência] 09 de ago., 1935, Rio de Janeiro [para] DOMINGUES, Octavio. Rio de Janeiro. 1p. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC. Grifos nossos. Ver carta completa no anexo VI.

fica registrado na correspondência enviada a Antonio Augusto Mendes Corrêa⁷⁷, um dos divulgares da eugenia em Portugal.

Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1936

Meu querido amigo Mendes Corrêa

Porto.

Atenciosas saudações.

(...)

Fui visitar o Snr. Antunes, que continua a merecer a máxima confiança, tais as informações que tenho obtido na Livraria Alves. Informa-me este senhor que prestou contas dos livros vendidos ao Snr. Fernando Machado, do Porto. Lamenta que o preço de 12\$000 por volume tenha impedido venda. Ultimamente a produção livresca no Brasil é imensa, mas o que aparece é para ser vendido em pequeno numero, pois as tiragens, em geral, não ultrapassam 1.000 exemplares. Pedi ao Snr. Antunes que me fornecesse uma relação dos exemplares que ainda tem em seu poder, a qual vai junto a esta. Se o livreiro em questão tivesse um serviço de propaganda bem organizado, estou certo de que seus livros teriam melhor saída não entre portugueses como também entre os brasileiros. Suponho, entretanto, que ele não tem organização neste gênero, o que é lamentável. Não envio sugestão alguma porque receio que seus livros caiam em mão de alguns livreiros, como muitos que aqui existem, que não prestam contas aos autores. **O meu editor é o Snr. Paulo Azevedo (Livraria Alves), que também não faz propaganda alguma dos livros e nem os distribue**, porque diz que pequenos livreiros do interior e mesmo muitos da Capital não prestam contas regularmente. Como vê, os autores aqui no Brasil não dispõem de qualquer meio seguro e prático para fazer valer seus esforços de publicistas.⁷⁸

Vale ressaltar que, no início da década de 1930, outras editoras começavam a adquirir visibilidade no mercado editorial de livros didáticos, dentre os quais destacamos a Companhia Editora Nacional, de Octalles Marcondes Ferreira, surgida das cinzas da Editora Monteiro Lobato & Cia. Esse novo cenário colocou a Livraria Francisco Alves no segundo lugar no *rank* das maiores editoras brasileiras. Apesar das queixas e de a livraria não ocupar o mesmo lugar de prestígio, Dr. Kehl continuaria editando seus livros pela casa editorial Francisco Alves.

⁷⁷ Antonio Augusto Mendes Corrêa (1888-1960) foi um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Informações retiradas da Universidade de Porto, no seguinte endereço eletrônico <http://sigarra.up.pt/up/web_base.gera_pagina?P_pagina=1004189> e na Ata do Terceiro Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia, realizado em Lisboa em 2006.

⁷⁸ KEHL, Renato. [Correspondência] 30 de set., de 1936, Rio de Janeiro [para] CORRÊA, Augusto Mendes. Porto. 1p. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC. Grifos nossos. Ver carta completa no anexo VII.

Essa trama de tensões que envolvia a relação do autor com a editora coloca uma questão: se a livraria não fazia propaganda e também não distribuía os livros, quem os fazia?

A pesquisa no Fundo Pessoal Renato Kehl e em outros arquivos permitiu constatar duas situações complementares: a primeira, que indica não ser totalmente verdadeira a afirmação de Kehl de que a livraria não distribuía os seus livros. Na pesquisa empreendida na Biblioteca Nacional de la República Argentina, foi possível localizar cinco obras⁷⁹ com carimbo que indicava que o material foi doado pela Livraria Francisco Alves⁸⁰. Localizamos, também, folhetos com as propagandas dos livros de Renato Kehl confeccionados pela Livraria Francisco Alves, como o que segue,

⁷⁹ Das treze obras em língua portuguesa encontradas nessa biblioteca, cinco possuíam o carimbo com a seguinte inscrição: “Donación de Livraria Francisco Alves – 1941”. As obras são as seguintes: *Educação moral: falando aos jovens de minha terra* (s/d), *Por que sou eugenista: 20 anos de campanha eugenica (1917-1937)* (s/d), *Psicologia da personalidade: guia de orientação psicológica* (1941), *Apararas eugenicis: sexo e civilização* (s/d) e *Tipos vulgares: introdução à Psicologia da Personalidade* (1940).

⁸⁰ Ver exemplo de uma das obras com o carimbo no anexo VIII.

ALGUMAS OBRAS DE RENATO KEHL

"LIÇÕES DE EUGENIA" — para o estudo das questões de hereditariedade, cruzamento, consanguinidade, seleção, em linguagem clara e compreensível a todos.	12\$000
"SEXO E CIVILIZAÇÃO" — complemento do anterior. Princípios, métodos e aspectos. Fatores de degeneração. Eugenia e hereditariedade	12\$00
"TIPOS VULGARES" — Ensina, de modo simplíssimo, a descobrir as características que identificam os "Velhacos", os "Mentirosos", os "Ciumentos", os "Preguiçosos", os "Impulsivos", os "Criticadores", etc., etc., <i>Gentes a evitar</i>	6\$000
"CONDUTA" — Ótimo presente para os jovens. Verdadeiro breviário do homem honrado	10\$000
"EDUCAÇÃO MORAL" — Excelente livro recreativo, para meninos e meninas. Ilust. de Acquarone	8\$000
"FADA HIGIA" — Livro de leitura para crianças. Inúmeras gravuras	5\$000
"BIBLIA DA SAÚDE" — Conselhos para conservar a saúde e prolongar a vida. Leitura agradável, curiosa, atraente, ao alcance de todos	12\$000
"POR QUE SOU EUGENISTA"	5\$000
"COMO ESCOLHER UMA BOA ESPOSA" — (Amor experimental)	4\$000
"COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO" — (Conselhos às moças) — 2. ^a Edição — 5. ^o milheiro	4\$000
"EUGENIA E MEDICINA SOCIAL" — 2. ^a edição	7\$000
"MELHOREMOS E PROLONGUEMOS A VIDA" — 2. ^a edição	7\$000
"FORMULÁRIO DA BELEZA" — (Eugenia e Cosmética).	14\$000
"CARTILHA DE HIGIENE" — (Livro de leitura) — 2. ^a edição	2\$000
"BIO-PERSPECTIVAS" — (Dicionário Filosófico)	8\$000
"PSICOLOGIA DA PERSONALIDADE" — 2. ^a edição — 1942	15\$000
"CATECISMO PARA ADULTOS" — 1942	12\$000

Remetemos qualquer livro anunciado pelo sistema de reembolso

— o —

Livraria Francisco Alves
RUA DO OUVIDOR, 166
RIO DE JANEIRO

JORNAL DO COMMERCIO-Rodrigues & Cia.-Av. R. Bco, 117-R. de Janeiro-1942

Imagem 8 – Propaganda de livros de Renato Kehl.⁸¹

que evidenciam o trabalho da livraria na divulgação dos livros de autoria de Renato Kehl.

Por outro lado, foi possível identificar que o médico eugenista trabalhava, de fato, intensamente na divulgação de suas próprias obras, inclusive, dos manuais escolares de higiene. Tal percepção é confirmada com a localização de correspondências remetidas pelo próprio Kehl às autoridades educacionais, solicitando uma avaliação de suas próprias obras, bem como de correspondências enviadas pelos diversos profissionais, agradecendo a Kehl

⁸¹ Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

pelo envio dos livros. Isso tudo demonstra o grande empenho do autor na divulgação dos manuais e o desejo de vê-los circulando nas escolas brasileiras.

Nos próximos itens, examinaremos como as atividades profissionais desenvolvidas por Renato Kehl, desde 1910, contribuíram para que ele fosse notoriamente reconhecido, conferindo às suas obras um estatuto de confiabilidade que, muitas vezes, era endossada pelas palavras de outras autoridades públicas. Veremos também como esses diversos agentes, que, em sua maioria, faziam parte da rede social na qual Dr. Kehl estava inserido, compartilharam dos mesmos ideais de Saneamento, Higiene e Eugenia como pilares da construção de uma sociedade civilizada.

4.2. A circulação d' *A fada Hygia*

Antes de publicar o primeiro manual de ensino de higiene, Kehl encaminha o material para ser avaliado por um dos críticos literários mais temidos do período, Joaquim Osório Duque-Estrada⁸². Em resposta ao pedido de Renato Kehl, Duque-Estrada lhe envia uma correspondência em outubro de 1922, nos seguintes termos:

Rio, 14 -10-1922

Exmo. Sr. Dr. Renato Kehl

Attenciosas saudações.

Acabo de ler, com a devida atenção, a synthese, que teve a bondade de me confiar, de seu novo trabalho intitulado *A Fada Hygia*. Nele pretende (símbolo) ministrar a puerícia da nossa terra as mais necessárias noções de hygiene, tomando por base o conhecido conselho de Calkins⁸³: “O mais natural e salutar incentivo para obter, entre as crianças, a atenção e a aquisição de conhecimentos, é associar a recreação ao ensino”. Nada mais louvável, nem mais digno de aplauso, dada a grande escassez da literatura didactica na nossa terra.

Com as únicas restrições relativas a conveniência de serem substituídas algumas palavras cujo sentido escapará seguramente á comprehensão infantil (tais como: larvas, parasitas,

⁸² Osório Duque-Estrada, crítico, professor, ensaísta, poeta e teatrólogo, nasceu em Pati de Alferes, município de Vassouras-RJ. Foi eleito sucessor de Silvio Romero, na cadeira 17 da Academia Brasileira de Letras. < <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=361&sid=197>>

⁸³ Norman Allison Calkins (1822-1895) escreveu *Primary object lessons for a graduated course of development* no ano de 1861, em Nova York. Ruy Barbosa introduz a obra em terras brasileiras, sob o título *Lições de coisas*, traduzindo-a e adaptando-a. Segundo Hallewell (1985, p. 211) “a influência desse livro na educação brasileira foi enorme e o número de referências contemporâneas demonstra ter sido o manual par excellence para a formação de professores de escola primária”.

etc.), e á necessidade de introduzir na obra um pouquinho mais de fantasia, para justificar a intervenção da fada Hygia em assumptos tão pouco poéticos, como os preceitos higiênicos, não tenho senão palavras de incitamento e de applauso ao novo trabalho com que se vai recommendar a admiração e a estima de todos os bons Brasileiros o já conhecido e festejado autor da Eugenia e Medicina Social e de recente obra do mesmo gênero Melhoremos e Prolonguemos a Vida.

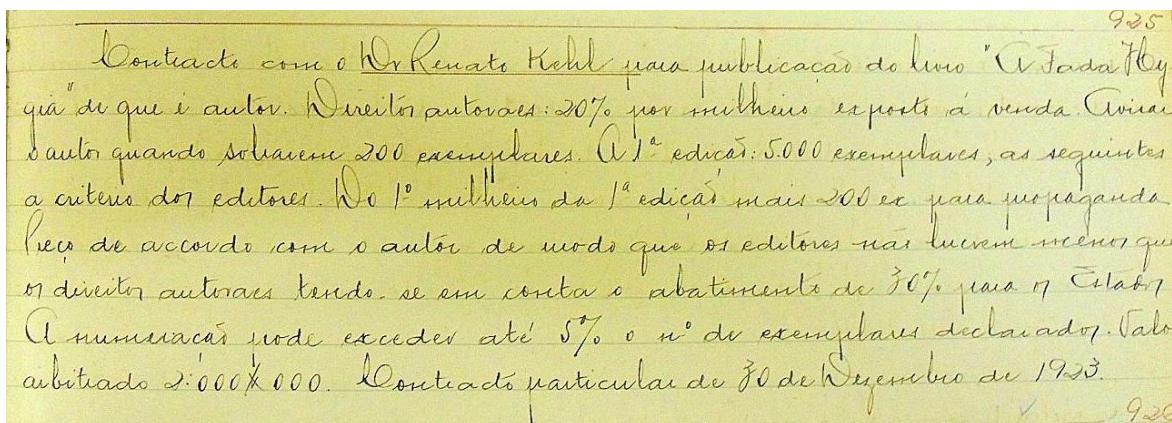
Receba, pois, com os agradecimentos, pela distincção com que me penhorou, as felicitações que ex abundancia cordiais, lhe envia o

Patricio e caro admirador

Osório Duque-Estrada⁸⁴

Duque-Estrada teceu elogios à iniciativa de Kehl de publicar um manual escolar de Higiene destinado às crianças, fazendo apenas algumas ressalvas em relação ao linguajar empregado e à necessidade de lançar mão da fantasia no tratamento dos preceitos higiênicos e, assim, aproximar a obra das crianças, por meio do apelo à imaginação infantil.

Após o aval do crítico literário, Kehl assina, em 1923, o contrato de publicação do manual *A fada Hygia: primeiro livro de Hygiene* com a editora Livraria Francisco Alves, como consta no livro de contrato da editora.



Contracto com o Dr Renato Kehl para publicação do livro "A Fada Hygia" de que é autor. Direitos autorais: 20% por milheiro exposto á venda. Avisar o autor quando sobrarem 200 exemplares. A 1ª edição: 5.000 exemplares, as seguintes a critério dos editores. Do 1º milheiro da 1ª edição mais 200 ex para propaganda. Preço de accordo com o autor de modo que os editores não lucrem menos que os direitos autorais tendo se em conta o abatimento de 30% para o Estab. A numeração pode exceder até 5% o nº de exemplares declarados. Valor abilitado 2:000\$000. Contracto particular de 30 de Dezembro de 1923.

Imagem 9 – Contrato entre a Livraria Francisco Alves e Renato Kehl para a publicação da obra *A Fada Hygia – Primeiro livro de Hygiene*. Fonte: Livro de Contrato da Livraria Francisco Alves, s/d⁸⁵

⁸⁴ DUQUE-ESTRADA, Osório. [Correspondência] 14 de out., de 1922, Rio de Janeiro [para] KEHL, Renato. Rio de Janeiro. 1p. Grifos do autor. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

⁸⁵ Contracto com Dr. Renato Kehl para publicação do livro "A Fada Hygia" de que é autor. Direitos autorais: 20% por milheiro exposto á venda. Avisar o autor quando sobrarem 200 exemplares. A 1ª edição 5000 exemplares, as seguintes a critério dos editores. Do 1º milheiro da 1ª edição mais de 200 ex. para propaganda. Preço de accordo com o autor de modo que os editores não lucrem menos que os direitos autorais tendo se em conta o abatimento de 30% para o Estado. A numeração pode exceder 5% o nº de exemplares declarado. Valor abilitado 2:000\$000. Contracto particular de 30 de dezembro de 1923. Fonte: Livro de Contrato da Livraria Francisco Alves, s/d – Acervo LIHED/UFF.

Não foi possível localizar a primeira publicação da obra, lançada entre os anos de 1923 e 1924, a qual circulou entre os jornalistas, médicos e algumas autoridades públicas, nem tampouco sua primeira edição datada de 1925, que recebeu o aval das diretorias de ensino. Como já mencionado anteriormente, tivemos acesso apenas à segunda (1930), quarta (1936) e quinta (1937) edições da obra. Mesmo não podendo conhecer as primeiras publicações do material, o que impossibilitou a realização da comparação entre as demais edições, foi possível observar, por meio dos anúncios, algumas de suas características iniciais, assim como algumas das percepções da imprensa sobre a obra.

O jornal *O Paiz* foi uns dos primeiros a publicar uma crítica sobre *A fada Hygia*. Tal jornal era mantido pelo Estado e caracterizava-se como um impresso de ampla circulação na cidade do Rio de Janeiro, constituindo-se também como um excelente veículo de divulgação de livros lançados no período, já que costumava publicar resenhas e críticas às obras em sua primeira página (BARBOSA, 2007, p. 47).

O Paiz - 28 Nov.º 1924

A FADA HYGIA (primeiro livro de hygiene) — Renato Kehl — Livraria Francisco Alves.

O Sr. Renato Kehl, autor de varios livros de divulgação medica popular, dá agora á estampa uma obra magnifica pelas intenções.

No desejo de propagar entre as crianças os modernos, bemfazejos preceitos de hygiene, o autor compoz bem architectado volume e por elle distribuiu sábiamente, como medico, a materia a tratar. Fez mesmo ainda mais: conseguiu descobrir a fórmula simples e amena de interessar os pequenos leitores pela boa fada Hygia.

Essas são, no nosso entender, as virtudes da obra, e o seu merito restricto.

Isso, porém, não basta. Quem publica livros deve saber escrever — e escrever bem. E quando esses livros se destinam a escolas, o escrever mal deixa de ser simples defeito de professor ou poeta incompetente e passa a ser verdadeiro crime!

Nós bem sabemos que a maioria, ou, pelo menos, parte grande dos livros em uso nos estabelecimentos escolares do Brasil, e especialmente nos estabelecimentos públicos de instrução primaria, denotam claramente que quem os escreveu não passou por tas casas de ensino... Isso, porém, não é razão bastante para que tal abuso continue a ser perpetrado sem protestos vehementes, sobretudo quando quem os commette é, como neste caso, pessoa de merito.

O caso do Sr. Kehl é typico: homem intelligente, conhecedor enamorado da propria profissão, esse medico dirige-se sempre ao publico nas suas obras, já numerosas, para expor idéas nobres e conhecimentos úteis. Tal o porquê como escriptor — de tal modo, que só com sacrificio as pessoas que prezem a lingua se dão ao doloroso trabalho de lê-lo.

O livro de que tratamos aqui abre com "Algumas palavras", dirigidas ás mães e aos professores.

E começa: "A carencia do ensino da Hygiene nas nossas escolas é um facto, tão sabido quanto lamentavel, etc."

O autor pensou que *carecer* e *faltar* fossem synonymos, esquecido de que o verbo *carecer* exprime a falta de coisa antes possuida, ou tida. Só se carece do que já se teve. Os doentes carecem da saúde que lhes fugiu, os commerciantes falidos, do credito, que arruinarão. Mas os nossos estabelecimentos escolares, absolutamente não *carecem* do ensino da Hygiene porquanto jámais o tiveram!

E logo adiante, referindo-se á mesma disciplina:

"Algumas escolas há que a incluem nos seus programmas apenas a titulo *figurativo*."

É evidente que a palavra *figurativo* é nesse passo derivada da accepção, dada pela gíria carioca ao substantivo *figuração*.

E mais longe, na pagina seguinte, julga o autor (com bons propositos) que as crianças devem chegar á maturidade "em perfeito estado de *hygides* physica, intellectual e, *correlativamente* moral."

Hygides! Onde, em que autoridade da lingua, terá o operoso medico descoberto esse horresco, esse hediondo vocabulo? Desde quando e por obra de que penna illustre essa palavra pertence á nossa rica, sonora lingua?

O adverbio *correlativamente*, empregado na mesma phrase não tem razão de ser, não exprime o pensamento de quem o escreveu como synonymo provavel de *simultaneo*.

E assim por diante...

Em relação ao estylo, as baldas não são menos frequentes na obra. Logo ás primeiras linhas, lê-se:

"Antigamente era o mundo invadido por doenças perigosas, que matavam muita gente."

Quando uma d'ellas cahia sobre os habitantes de uma villa ou de uma cidade, era um pavor."

Os defeitos de estylo, porém, só devem ser reprimidos aos literatos, aos artistas; não já, entretanto, os de linguagem, que, esses, são imperdoaveis mesmo a quem use da penna tão sómente para difundir conhecimentos scientificos... e deturpar o idioma.

A obra do Sr. Renato Kehl merecia, entretanto, ser cuidadosamente revista e republicada, porquanto a sua utilidade é real. — *Alô.*

Nota:

Não tendo a pretensão de ter escripto um livro esculpado de erros. Belle sera, naturalmente, muitas folhas, de quaes de reprobo, mas, do go com couvidas, — não são as que o critico do "Paiz", infelizmente bafou.

Carência — acta, affirmada. Nota mto certo.

Figurativo — acta mto bem empregado e de t. b. que deixava.

Hygides — termo logico mto empregado por Oswald de Andrade, na phra. "A Hygides no Andarões é um mytho".

Correlativamente —

Ent' mto bem usado pa. usca. tra e... sem favor, lá podra' ficar

Um, uma — reflicta' proposito da a justifica vel mto livro de crianças.

Si tenho deturpado o idioma, não tenho deturpado, estragado, ficiado, ou afecis proprios qua, muito os conta- res dos do critico de obra, fct. q. só tem p. b. p. o. t. o. ao servico de Hygien e da lingua, e não no servico de invaga no respeito.

So largo... reficão!

Ho a resposta, no proprio "Paiz" em 13 pagina

Imagem 10 – Crítica da obra Fada Hygia no jornal O Paiz⁸⁶.

⁸⁶ A fada Hygia (Primeiro de hygiene) - Renato Kehl - Livraria Francisco Alves. O Sr. Renato Kehl, autor de varios livros de divulgação medica popular, dá agora á estampa uma obra magnifica pelas intenções. No desejo de propagar entre as crianças os modernos, bemfazejos preceitos de hygiene, o autor compoz bem architectado volume e por elle distribuiu sábiamente, como medico, a materia a tratar. Fez mesmo ainda mais: conseguiu descobrir a fórmula simples e amena de interessar os pequenos leitores pela boa fada Hygia. Essas

Como observamos no recorte mencionado anteriormente, o crítico do jornal o *Paiz* não poupou Dr. Kehl de suas observações quanto à linguagem, ao estilo de escrita e também, de certo modo, ao próprio autor da obra. Fica claro que, para o crítico, o material publicado pelo médico eugenista deveria ser revisto, para que, assim, pudesse ser adotado pelas escolas. Diante dessa crítica, Dr. Kehl teria respondido de forma detalhada, com uma

são, no nosso entender, as virtudes da obra, e o seu merito restricto. Isso, porém, não basta. Quem publica livros deve saber escrever- e escrever bem. E quando esses livros se destinam a escolas, o escrever mal deixa de ser simples defeito de prosador ou poeta incompetente e passa a ser verdadeiro crime. Nós bem sabemos que a maioria, ou, pelo menos, parte grande dos livros em uso nos estabelecimentos escolares do Brasil, e especialmente nos estabelecimentos públicos de instrução primaria, denotam claramente que quem os escreveu não passou por taes casas de ensino... Isso, porém, não é razão bastante para que tal abuso continue a ser perpetrado sem protestos vehementes, sobretudo quando quem os commette é, como neste caso, pessoa de merito. O caso do Sr. Kehl é typico: homem intelligente, conhecedor enamorado da propria profissão, esse medico dirige-se sempre ao publico nas suas obras, já numerosas, para expor idéas nobres e conhecimentos uteis. Fal-o, porém - como escriptor - de tal modo, que só com sacrificios as pessoas que prezem a lingua se dão do doloroso trabalho de lel-o. O livro de que tratamos aqui abre com “Algumas palavras”, dirigidas ás mães e aos professores. E começa: “A Carencia do ensino da Hygiene nas nossas escolas é um facto, tão sabido quanto lamentavel, etc.”. O autor pensou que carecer e faltar fossem synonymos, esquecido de que o verbo carecer exprime a falta de coisa antes possuida, ou tida. Só se carece do que já se teve. Os doentes carecem da saude que lhes fugiu, os commerciantes fallidos, do credito, que arruinaram. Mas os nossos estabelecimentos escolares absolutamente não carecem do ensino de Hygiene porquanto jámais o tiveram! E logo adiante, referindo-se á mesma disciplina: “Algumas escolas ha que a incluem nos seus programmas apenas a titulo figurativo.” É evidente que a palavra figurativo é nesse passo derivada da accepção dada pela gyria carioca ao substantivo figuração. E mais longe, na pagina seguinte, julga o autor (com bons propositos) que as crianças devem chegar á maturidade “em perfeito estado de hygidez physica, intelectual e, correlativamente moral”. Hygidez! Onde, e que autoridade da lingua, terá o operoso medico descoberto esse horresco, esse hediondo vocabulo? Desde quando e por obra de que penna illustre essa palavra pertence á nossa rica, sonora lingua?! O adverbio correlativamente, empregado na mesma phrase não tem razão de ser, não exprime o pensamento de quem o escreveu como synonymo provavel de simultaneo. E assim por diante... Em relação ao estylo, as baldas não são menos frequentes na obra. Logo ás primeiras linhas, lê-se: “Antigamente era o mundo invadido por doenças perigosas, que matavam muita gente. Quando uma d'ellas cahia sobre os habitantes de uma villa ou de uma cidade, era um pavor”. Os defeitos de estylo, porém, só devem ser recriminados aos literatos, aos artistas; não já, entretanto, os de linguagem, que, esses, são imperdoaveis mesmo a quem use da penna tão somente para difundir conhecimentos scientificos...e deturpar o idioma. A obra do Sr. Renato Kehl merecia, entretanto, ser cuidadosamente revista e republicada, porquanto a sua utilidade é real - Aloá. *O Paiz*. s/n, nov. de 1924. Recorte avulso. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

Nota: Não tenho a pretensão de ter escripto um livro escoimado de erros. Elle terá naturalmente, muitas falhas, dignas de refraxo (reflexão), mas digo com convicção, não são as que o critico do “Paiz”, injustamente apontou. Carencia – falta, deficiência. Está muito certo. Figurativo : está muito bem empregado e diz bem o que desejava. Hygidez : neologismo empregado por Oswaldo Cruz, na phrase “A hygidez no (...?) é um mytho”. Correlativamente: Está muito bem onde se encontra e.... sem favor, lá poderá ficar. Um, uma – repetição proposital e justificável num livro de crianças. Si tenho deturpado o idioma, não tenho deturpado, estragado, viciado, os meus propósitos que, muito ao contrario do critico de obras feitas, só tem sido feitos ao serviço da hygiene e da eugenia, e não ao serviço da inveja ou do despeito. Ao largo...rufião! Eis a resposta, ao próprio “Paiz” na 1ª pagina. Recorte avulso. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC

nota resposta publicada na primeira página do jornal, como indicam as anotações próprio do médico.

Alguns dias depois, em 12 de dezembro, esse mesmo jornal publicou uma nota assinada pelo ex-chefe do Serviço de Saneamento Rural da Bahia, Dr. Sebastião Barroso, na qual esse médico destacava a importância de tal obra.

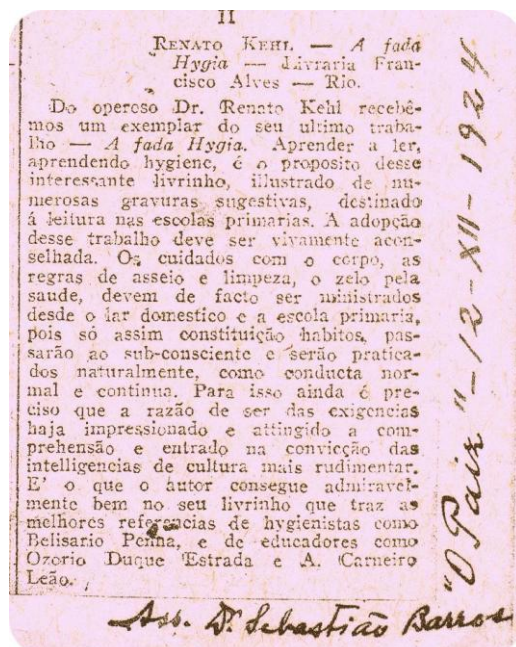


Imagem 11 – Resenha da obra *Fada Hygia* no jornal *O Paiz*. Assinado por Dr. Sebastião Barroso.⁸⁷

Dr. Sebastião Barroso nos informa que, desde as primeiras edições de *A fada Hygia*, o manual já contava com as referências e apoio de higienistas e educadores renomados do período, como Belisário Penna, Osório Duque-Estrada e Antonio Carneiro Leão. Essas

⁸⁷ Renato Kehl - *A fada Hygia* _ Livraria Francisco Alves - Rio. Do operoso Dr. Renato Kehl recebemos um exemplar do seu ultimo trabalho - *A fada Hygia*. Aprender a ler, aprendendo hygiene, é o proposito desse interessante livrinho, illustrado de numerosas gravuras suggestivas, destinado á leitura nas escolas primarias. A adopção desse trabalho deve ser vivamente aconselhada. Os cuidados com o corpo, as regras de asseio e limpeza, o zelo pela saude, devem de facto ser ministrados desde o lar domestico e a escola primaria, pois só assim constituição (sic!) habitos passarão ao sub-consciente e serão praticados naturalmente, como conducta normal e continua. Para isso ainda é preciso que a razão de ser das exigencias haja impressionado e attingido a comprehensão e entrado na convicção das intelligencias de cultura mais rudimentar. É o que o autor consegue admiravelmente bem no seu livrinho que traz as melhores referencias de higienistas como Belisario Penna, e de educadores como Ozorio Duque Estrada e A. Carneiro Leão. *O Paiz*. s/n, dez. de 1924. Recorte avulso. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC

referências foram reproduzidas, sem alteração, desde a segunda até a quinta edição e estão inseridas nas últimas partes do manual, denominadas *Apreciações de higienistas e educadores*.

A primeira apreciação apresentada é do Diretor da Instrução Pública do Rio de Janeiro, Antônio Carneiro Leão, responsável pelas reformas educacionais no Distrito Federal (1922-1936) e no estado de Pernambuco (1928)⁸⁸, e conhecido como um dos maiores defensores do ensino da higiene nas escolas brasileiras. Suas palavras ocuparam uma página inteira do manual.

Apreciações de Higienistas e Educadores - Este livrinho é um bello serviço prestado ao Brasil. Escripto em pequenos capitulos, elle leva á criança, aos mestres e ás mães os conhecimentos indispensaveis á defesa da saúde e ao desenvolvimento do vigor physico. Por toda a parte se está fazendo, hoje, da cultura physica a base da educação. Ha, em todos os meios cultos, preocupação do conhecimento da puericultura, pediatria, hygiene e até da eugenia, para completa a preparação do verdadeiro educador. Agora, mesmo, nos Estados Unidos, se organiza o Conselho Nacional de Saúde Infantil para coordenar os esforços de todas as corporações interessadas com a hygiene e a saúde publica, de modo a zelarem pelo vigor e pela felicidade da infancia norte-americana. A “Child Health Organization” (Organização da Saúde da Criança) iniciou a publicação de livrinhos de historietas, cujo intuito fosse vulgarizar os melhores habitos de hygiene e as melhoras medidas prophylacticas, para uso da propria infancia. Povo algum mais do que o nosso necessita de uma orientação dessa natureza. A ignorancia e o pauperismo de um lado, o descaso dos poderes publicos do outro, deram logar a que o nosso povo se contaminasse e compremettesse por innumeras doenças evitaveis. Felizmente a organização do “Departamento Nacional de Saúde Publica” vae combatendo as endemias existentes no paiz. Faz-se indispensavel, porém, a par da obra sanitaria, a preparação popular, intelligente e methodica nas questões de hygiene, na prophylaxia defensiva do individuo e da raça. Essa a tarefa do livro e da escola. “A fada Hygia” - é o primeiro volume de uma biblioteca que precisamos possuir para a cultura da infancia escolar e das mães brasileiras. Em poucos capitulos o autor discorre com singeleza, pelos pontos mais fundamentaes da hygiene e prophylaxia applicaveis á vida corrente. Sobre o ar e a agua, o alimento e a habitação, o asseio, os exercicios physicos, os bons e os máos habitos, as doenças e os perigos que nos ameaçam, diariamente, por toda a parte, as advertencias e os conselhos que este livrinho nos dá são todos inestimaveis. Cheio de illustrações expressivas e interessantes. “O meu primeiro livro de hygiene” ha de constituir, além de uma excellente lição de hygiene e prophylaxia, um verdadeiro prazer para a criança que o manuseie e escude. A. Carneiro Leão. Diretor Geral da Instrucção Publica (KEHL, 1936, p. 167).

⁸⁸ Para mais detalhes sobre atuação de Antonio Carneio Leão, ver a tese de Bezerra (2010), intitulada: *Higiene escolar em Pernambuco: espaços de construção e os discursos elaborados*.

As palavras de Carneiro Leão indicam não somente o quanto este político e educador apreciou a obra, mas também mostram que a iniciativa de Renato Kehl de produzir manuais voltados para o ensino da higiene às crianças estava de acordo com o movimento mais amplo, internacional, visto que, no mesmo momento em que Kehl publicava seus manuais escolares, a Organização da Saúde da Criança dos Estados Unidos também ingressava no ramo da produção de materiais de leitura do mesmo estilo. A partir desse texto, observamos uma conexão entre países distintos, que vislumbraram no livro a possibilidade de divulgar os ideais da “boa” saúde e da “boa” moral. Portanto, as iniciativas voltadas para a produção e divulgação de manuais escolares de Higiene inseriam-se num movimento transnacional, que elegeu o livro escolar como propagador dos preceitos higiênicos.⁸⁹

Na página seguinte, temos as palavras de Belisário Penna, que também contribuiu para a legitimação da obra:

O autor deste interessante e utilíssimo livrinho apenas exigio de mim uma apresentação, o que faço com vivo prazer, embora certo de que, não esta, mas o proprio e incontestavel valor do precioso opusculo, dar-lhe-á asas para penetrar todas as escolas, todos os lares do nosso querido Brasil. Foi muito bem imaginado o processo adoptado de illustrações expressivas, seguidas de sentenças e conselhos de hygiene, em phrases curtas e incisivas, que infiltram nos cerebros receptiveis das crianças e forçam, professores e paes, a estudar e reflectir sobre estes assumptos, attendendo professores e paes, a estudar e a reflectir sobre estes assumptos, attendendo á natural curiosidade das crianças no querer saber o “porque” das cousas. As crianças guardarão na memoria o essencial dos conhecimentos, e os professores e responsaveis por ellas, serão obrigados a estudar esses assumptos primordiaes, de natureza vital para o progresso e grandeza de nossa patria. É bom systema de educação de pequenos e grandes. Este livrinho é, além do mais, um attestado valioso da victoria da propaganda pelo saneamento do Brasil, da transcendente criação da consciencia sanitaria, que redimirá a nossa gente do opprobio, da incapacidade, da preguiça e das doenças. Recommendando a leitura attenta e repetida dos pequenos capitulos deste livrinho tenho a convicção de prestar ao meu paiz inestimael serviço. Belisario Penna - Da Academia Nacional de Medicina (KEHL, 1936, p. 168).

⁸⁹ Cabe destacar que não estamos afirmando que os manuais escolares de Higiene surgiram nesse período, no contexto mundial. Mesmo porque sabemos da existência desses manuais já no século XIX, em países como a França. Estamos apenas indicando que a sua publicação, nesse período específico, pode estar vinculada à demanda do movimento eugenista, também.

Belisário também apoiava e reforçava a ideia de que o manual era uma excelente ferramenta de inculcação de preceitos higiênicos, constituindo-se como “bom systema de educação de [para] pequenos e grandes”, ao mesmo tempo em que contribuía para as iniciativas de fortalecimento da propaganda pró-saneamento do Brasil e de formação de “consciencia sanitaria” a que ele, entre outros médicos, se lançaram.

A correspondência que Osório Duque-Estrada enviou a Renato Kehl, reproduzida no início deste capítulo⁹⁰, foi transcrita integralmente no manual *A fada Hygia*. Nesta carta Duque-Estrada afirmava que

as únicas restricções relativas á conveniencia de serem substituidas algumas palavras cujo sentido escapará seguramente á comprehensão infantil (taes como: larvas, parasitas, etc.), e a necessidade de introduzir na obra um pouquinho mais de fantasia, para justificar a intervenção da fada Hygia em assumptos tão pouco poeticos, como os preceitos higienicos não tenho senão palavras de incitamento e de applauso ao novo trabalho (...) (KEHL, 1936, p. 168).

Logo abaixo da carta transcrita de Duque-Estrada, numa nota, Kehl sinaliza que procurou aceitar “as justas ponderações do eminente mestre e publicista patricio” (KEHL, 1936, p. 168), que, no período, já pertencia à Academia Brasileira de Letras e também era professor da Escola Normal do Rio de Janeiro, constituindo-se, assim, numa autoridade no que se refere à produção literária e também didática.

Ao longo do ano de 1924, outros profissionais (professores, médicos, jornalistas, entre outros) contribuiriam para a divulgação do manual *A fada Hygia* e engrossariam o coro em favor da adoção desse material nas escolas primárias brasileiras. Essas opiniões ficaram expressas, em sua maioria, em notas, resenhas, anúncios publicados nos principais impressos brasileiros, como podemos observar no quadro que segue:

⁹⁰ A carta foi transcrita integralmente nas páginas 103-104, desta dissertação.

Tabela 1 – Divulgação d’A fada Hygia – Primeiro livro de Higiene nos impressos brasileiros de 1924

Impresso	Assinatura	Local	Data	Resumo da nota
Deutsche Zeitung – S. Paulo	T. Paulo		19/12/XXXX	Livro útil para crianças, paes e professores.
O jornal			XX/XX/1924	Indica que o livro possui mais de duzentas paginas escritas.
Patria			25/11/1924	Livro indicado para uso nas escolas primárias
Deutsche Rio Zeitung			06/11/1924	Livro útil e necessário, um grande mérito, pois mesmo nos melhores círculos, sabe-se que há grande ignorância e falta de conhecimento em relação aos cuidados com a saúde.
A escola normal	Barbosa Vianna		XX/12/1924	Um dos melhores que existem hoje no meio escolar pela clareza e brilho na linguagem.
Revista do Brasil			XX/12/1924	Quanto à feição didactica, algo poderá arguir-se contra, assim como quanto ás ilustrações, que clamam aos céos. Isso tudo, porém, há de ter remédio em subsequentes edições.
O malho	Xavier Pinheiro		13/12/1924	O livro que acaba de aparecer através da Livraria Francisco Alves, do Dr. Kehl, sob o título “A fada Hygia”, é um trabalho suggestivo e que é preciso ser adoptado em nossas escolas, porque os seus ensinamentos só trarão resultados benéficos.
Diario de Medicina	Freire		17/11/1924	Este livrinho, o primeiro no gênero, completa a grande obra da Educação Infantil, prehenchendo, de modo intelligente, todas as lacunas que esta ultima ainda hoje se nos apresenta. É mais louvável, é justo recommendar aos dirigentes do ensino primário no nosso paiz a salutar leitura deste livrinho precioso, tão interessante quão útil.
A comarca		Mogi-Mirim – SP	21/12/1924	Dr. Renato Kehl com mais essa publicação presta ao seu paiz inestimável serviço.

Fonte: elaboração própria

A partir desse quadro, nota-se que comentários sobre o manual circularam em diversos impressos de diversas áreas (educação, médica e jornais de ampla circulação), no período muito curto de novembro a dezembro de 1924, cerca de um ano após o fechamento do contrato para sua publicação.

Foram poucas as notas que compartilharam das críticas publicadas em novembro de 1924 no jornal *O Paiz*. Somente a *Revista do Brasil*⁹¹ - que contava com a colaboração de intelectuais e escritores ilustres, como Olavo Bilac, Mário de Andrade, Monteiro Lobato, Manuel Bandeira e Graciliano Ramos – apontava que a linguagem e as ilustrações podiam comprometer a qualidade do material, embora destacasse que, apesar disso, “O Dr. Renato Kehl realiza[va] com este livro um trabalho de sã patriotismo, qual o de pôr em linguagem ao alcance de crianças preceitos que levem à conquista da saúde. Só louvores merece”⁹².

Nem mesmo a revista *O Malho*, conhecida no período por realizar duras críticas por meio de sátiras humorísticas, teceria críticas ao material elaborado pelo Dr. Renato Kehl, muito pelo contrário, o autor da resenha, Xavier Pinheiro, tece um longo texto elogiando o empenho do médico eugenista e ressaltando:

Por isso é que louvamos a atitude do perseverante e competente Sr. Renato Kehl, que não cessa de dar o seu conselho amigo e fraternal aos que não ligam a essa “insignificâncias”.... Prosiga o illustre professor na sua missão, porque ella é salvadora e benefica⁹³

Segundo este crítico, não bastava “ensinar a ler, escrever e contar”, era imprescindível, também, ensinar às crianças conhecimentos relativos a higiene, “educando-se na sua pratica, afim de não se expor” às “investidas constantes dos males, sem saber delles se defender”, como indica nota a seguir, na íntegra.

⁹¹ Para compreender melhor a história da Revista do Brasil, Cf. *Leituras, projetos e (RE)vista(s) do Brasil (1916-1944)*, de autoria de Tânia Regina de Luca.

⁹² *Revista do Brasil*. s/n, dez. de 1924. Recorte avulso. Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC

⁹³ *O Malho*. s/n, dez. de 1924. Recorte avulso. Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC

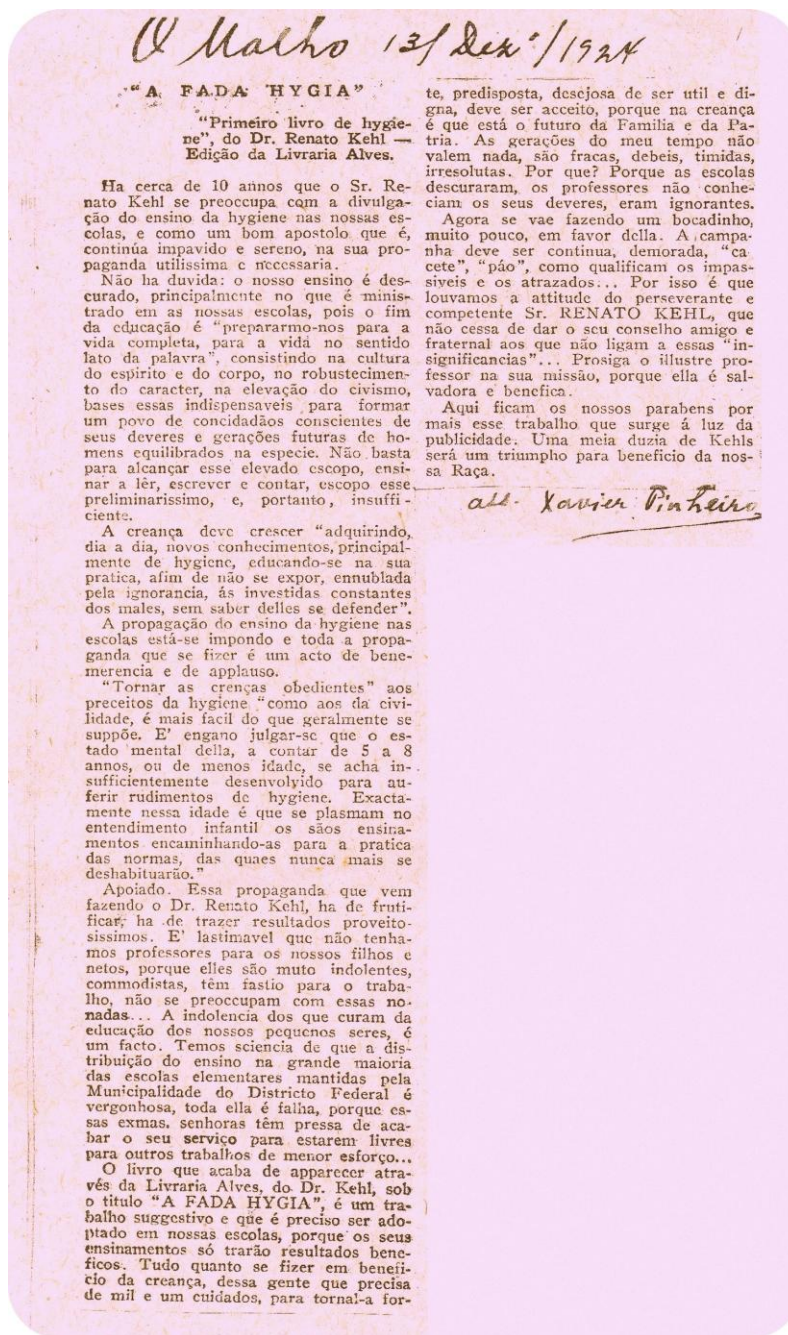


Imagem 12 – Resenha da obra *A fada Hygia* no jornal *O Malho*.⁹⁴

⁹⁴“A FADA HYGIA” – “Primeiro livro de hygiene”, do Dr. Renato Kehl - Edição da Livraria Alves. Ha cerca de 10 annos que o Sr. Renato Kehl se preoccupa com a divulgacao do ensino da hygiene nas nossas escolas, e como um bom apostolo que e, continua impavido e sereno, na sua propaganda utilissima e necessaria. Não ha duvida: o nosso ensino e descurado, principalmente no que e ministrado em as nossas escolas, pois o fim da educacao e “prepararmo-nos para a vida completa, para a vida no sentido lato da palavra”, consistindo na cultura do espirito e do corpo, no robustecimento do caracter, na elevacao do civismo, bases essas indispensaveis para formar um povo de concidadãos conscientes de seus deveres e gerações futuras de homens equilibrados na especie. Não basta para alcançar esse elevado escopo, ensinar a ler, escrever e contar, escopo esse preliminarissimo, e, portanto, insufficiente. A creanca deve crescer “adquirindo, dia a dia, novos conhecimentos, principalmente de hygiene, educando-se na sua pratica, afim de não se expor, ennuclada pela

Os discursos presentes nesses anúncios, resenhas, apreciações são muito similares, contudo, a intensidade das afirmações indica um grande “esforço” em prol da divulgação desse manual, que não ocorre somente na esfera educacional, como se esperava, visto que o manual é direcionado para as escolas, mas antes, procura abranger todas as esferas sociais, na medida em que se ocupa, sobretudo, os impressos de grande circulação, como *O Paiz*, o *Malho*, a *Revista do Brasil* e *O Jornal*. Vale destacar, ainda, que boa parte dos anúncios sobre *A fada Hygia* vinha acompanhada de um discurso em prol da educação higiênica. O *Diario de Medicina* de 17 de dezembro de 1924, por exemplo, publica as seguintes palavras:

Em nossos dias, os ensinamentos hygienicos, de par com os princípios da eugenia, são muito descuidados na educação escolar, desprezados quase todos os mais rudimentares preceitos de preservação da saúde.⁹⁵

ignorancia, ás investidas constantes dos males, sem saber delles se defender”. A propagação do ensino da hygiene nas escolas está-se impondo e toda a propaganda que se fizer é um acto de benemerencia e de applauso. “Tornar as creanças (sic!) obedientes” aos preceitos da hygiene “como aos da civilidade, é mais facil do que geralmente se suppõe. É engano julgar-se que o estado mental della, a contar de 5 a 8 annos, ou de menos idade, se acha insufficientemente desenvolvido para auferir rudimentos de hygiene. Exactamente nessa idade é que se plasmam no entendimento infantil os são ensinamentos encaminhando-as para a pratica das normas, das quaes nunca mais se deshabituarão”. Apoiado. Essa propaganda que vem fazendo o Dr. Renato Kehl, ha de frutificar ha de trazer resultados proveitosissimos. É lastimavel que não tenhamos professores para os nossos filhos e netos, porque elles são muto (sic!) indolentes, commodistas, tem fastio para o trabalho, não se preocupam com essas nonadas... A indolencia dos que cuidam da educação dos nossos pequenos seres, é um facto. Temos sciencia de que a distribuição do ensino na grande maioria das escolas elementares mantidas pela Municipalidade do Districto Federal é vergonhosa, toda ella é falha, porque essas exmas. senhoras têm pressa de acabar o seu serviço para estarem livres para outros trabalhos de menor esforço...O livro que acaba de apparecer através da Livraria Alves, do Dr. Kehl, sob o titulo “A FADA HYGIA”, é um trabalho suggestivo e que é preciso ser adoptado em nossas escolas, porque os seus ensinamentos só trarão resultados beneficos. Tudo quanto se fizer em beneficio das creanças, dessa gente que precisa de mil e um cuidados, para tornal-a forte, predisposta, desejosa de ser util e digna, deve ser acceito, porque na creança é que está o futuro da Família e da Patria. As gerações do meu tempo não valem nada, são fracas, debeis, timidias, irresolutas. Por que? Porque as escolas descuraram, os professores não conheciam os seus deveres, eram ignorantes. Agora se vae fazendo um bocadinho, muito pouco, em favor della. A campanha deve ser continua, demorada, “cacete”, “pão”, como qualificam os impassiveis e os atrazados... Por isso é que louvamos a attitude do perseverante e competente Sr. RENATO KEHL, que não cessa de dar o seu conselho amigo e fraternal aos que não ligam a essas “insignificâncias”...Prosiga o illustre professor na sua missão, porque ella é salvadora e benefica. Aqui ficam os nossos parabens por mais esse trabalho que surge á luz da publicidade. Uma meia duzia de Kehls será um triumpho para beneficio da nossa Raça. (Ass. Xavier Pinheiro). *O Malho*, s/n, dez. de 1924. Recorte avulso. Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC

⁹⁵ *Diario de Medicina*. s/n, dez. de 1924. Recorte avulso. Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

O jornal da cidade de Mogi-Mirim, *A Comarca*, publica também, no dia 21 de dezembro de 1924, um discurso similar:

Algumas verdades ditas às mães, aos professores: “a carência do ensino da hygiene nas nossas escolas é um facto, tão sabido, quanto lamentavel. Raras, mui raras mesmo, as que apresentam, nos seus programmas lectivos, essa importantíssima disciplina. Algumas há, que a incluem, apenas a titulo figurativo. Nisso consiste uma das notáveis falhas do nosso systema educativo.”⁹⁶

É um discurso que marca uma disputa de campo. Não bastava divulgar os manuais, era imprescindível conquistar um espaço, formar consumidores desses materiais e adeptos desse discurso. Além disso, com a expansão das escolas públicas, atreladas à efervescência dos movimentos em prol da alfabetização, o Estado certamente poderia se apresentar como um dos maiores nichos consumidores, mas, para tanto, era necessário que as escolas incluíssem em seu currículo uma disciplina exclusivamente voltada para o ensino de higiene, de modo que os professores e alunos pudessem ter, assim, mais contato com as práticas higiênicas e mais tempo para se dedicarem à leitura dos livros do gênero. Portanto, o discurso visava não só cativar os professores, possíveis consumidores desses manuais, mas, antes de tudo, era necessário ganhar o apoio dos dirigentes públicos que poderiam contribuir para a constituição dessa disciplina e, também, para a adoção e difusão desses manuais na escola.

A divulgação do manual *A fada Hygia* foi tão intensa, no período, que até jornais de língua estrangeira como *Deutsche Zeitung – S. Paulo* e *Deutsche Rio Zeitung* publicaram notas sobre a obra.

⁹⁶ *A Comarca*. s/n, dez. de 1924. Recorte avulso. Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.



Imagem 13 – Resenha da obra *A Fada Hygia* no jornal *Deutsche Rio Zeitung*⁹⁷

Jornal Alemão – São Paulo – 19 de dezembro 19XX - O Dr. Renato Kehl, conhecido por seu trabalho de divulgação dos conhecimentos acerca da higiene, publicou um manual escolar sobre a higiene, pela Livraria Francisco Alves. É intitulado “A Fada Hygia” e pretende transmitir os princípios mais importantes da higiene às crianças da escola primária de forma clara e inteligível. Na primeira parte o autor ensina às crianças na forma de uma narrativa sobre a Fada Hygia os termos gerais de higiene, para então, na segunda parte, se deter sobre os detalhes: ar, água, alimento, abrigo, higiene, exercício, sono, vestimentas, micróbios, moscas, doenças, vícios, vermes, mosquitos, animais domésticos, etc. O final consiste em um minucioso capítulo sobre exercícios físicos sem equipamentos de ginástica. Este, como os capítulos anteriores, é ricamente ilustrado e as ilustrações complementam o trabalho muito bem. Se fosse possível transformar os ensinamentos da “A Fada Hygia” em um bem comum de nossas crianças, isso significaria dar um grande passo adiante no caminho para a saúde da população, porque quem tem as crianças, tem o futuro! De qualquer forma, o Dr. Renato Kehl merece sinceros agradecimentos ao se propor a tentar fazer a sua parte e contribuir para alcançar esse objetivo importante. Gostaríamos de chamar a atenção de todos os pais e professores sobre o livro, cujo estudo é útil para eles também. (tradução livre)



Imagem 14 – Resenha da obra *A Fada Hygia* no jornal *Deutsche Zeitung – S. Paulo*⁹⁸

⁹⁷ *Deutsche Rio Zeitung*. s/n, dez. de 1924. Recorte avulso. Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

⁹⁸ *Deutsche Zeitung – S. Paulo*. s/n, dez. de [192?]. Recorte avulso. Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC

O discurso vinculado por esses periódicos era muito similar ao enunciado nos periódicos de língua portuguesa, isto é, sempre se procurava enfatizar a importância do livro para o ensino da higiene nas escolas, destacando como essa instrução era, antes de tudo, necessária. Vale assinalar ainda, que Renato Kehl era descendente de alemães, o que pode explicar sua aproximação com a cultura alemã. A circulação da propaganda da obra, na imprensa alemã visava, provavelmente, alcançar também a população de alemães radicados no Brasil, mas que mantinham uma estreita relação com a cultura alemã, principalmente com a língua, por meio da leitura de jornais específicos. Por mais que não fosse elaborado na língua nativa de seus leitores imigrantes, o manual poderia fazer parte do cotidiano de seus filhos, que frequentassem as escolas brasileiras. Era necessário mostrar a importância da educação higiênica e a utilidade dos manuais para toda a sociedade brasileira, incluindo a população de nativos e de imigrantes.

No ano seguinte à sua publicação, o manual recebe uma resenha elaborada por um argentino, o médico Victor Delfino. É por meio de suas palavras que o manual chega ao conhecimento de uma parcela da população argentina. A nota foi publicada em 15 de janeiro de 1925, no periódico *La Semana Médica*, de ampla circulação entre os médicos do período.

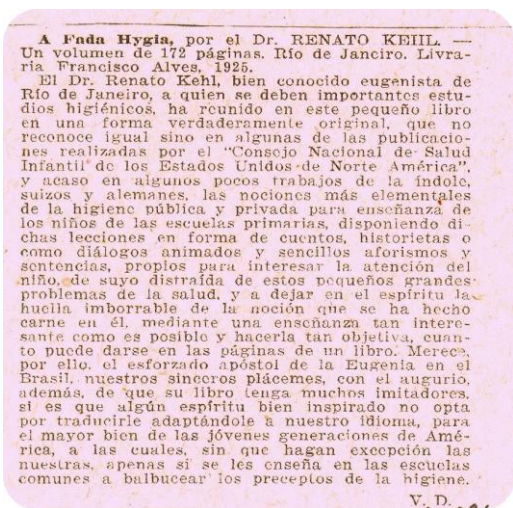


Imagem 15 – Resenha da obra *A Fada Hygia* no jornal *La Semana Médica*⁹⁹

A Fada Hygia, pelo Dr. Renato Kehl – Um volume de 172 páginas. Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves, 1925.

O Dr. Renato Kehl, renomado eugenista do Rio de Janeiro, a quem se deve importantes estudos higiênicos, reuniu neste pequeno livro, em forma verdadeiramente original, que não se reconhece igual, senão em algumas publicações realizadas pelo Conselho Nacional de Saúde dos Estados Unidos da América do Norte, e em alguns poucos trabalhos do gênero, suíços e alemães, as noções mais elementares de higiene pública e privada para o ensino das crianças das escolas primárias, expondo estas lições em forma de contos, historietas ou como diálogos animados e conselhos e sentenças morais, próprios para despertar a atenção das crianças, distraídas destes pequenos e grandes problemas de saúde e que têm deixado marcas indeléveis na própria pele, mediante a um ensino tão interessante e possível de fazer de forma objetiva, principalmente, quando se pode dar por meio das páginas de um livro. Merece, por isto, o esforçado apóstolo da Eugenia do Brasil, nossos sinceros parabéns, com votos, ademais, que seus livros tenham muitos imitadores, e que algum espírito bem inspirado opte por traduzir adaptando a obra a nossa língua, para o bem maior das jovens gerações da América, as quais, sem fazer exceção às nossas, só se ensina nas escolas comuns a balbuciar os preceitos da higiene. (tradução livre)

Além de tecer elogios à obra e à iniciativa de Renato Kehl de publicar livros escolares de higiene e de engrossar o coro¹⁰⁰ daqueles que propalavam que essas ações faziam parte de um empreendimento internacional, Delfino ainda teria expressado, nessa nota, a vontade de ter *A fada Hygia* traduzida para língua espanhola. Vontade essa, que foi ratificada na carta enviada a Kehl no dia 12 de março de 1925, como resposta ao pedido do médico brasileiro para que este traduzisse a sua obra:

⁹⁹ Victor Delfino. *La semana médica*. Buenos Aires, s/n, fev. de 1925. Fonte: Faculdade Ciências Médica/Universidad de Buenos Aires.

¹⁰⁰ O educador Carneiro Leão já mencionava nas “Apreciações de Hygienistas e Educadores” à Fada Hygia que “nos Estados Unidos, se organiza o Conselho Nacional de Saúde Infantil para coordenar os esforços de todas as corporações interessadas com a higiene e a saúde pública, de modo a zelarem pelo vigor e pela felicidade da infância norte-americana. A ‘Child Health Organization’ (Organização da Saúde da Criança) iniciou a publicação de livrinhos de historietas, cujo intuito fosse vulgarizar os melhores hábitos de higiene e as melhores medidas prophylacticas, para uso da propria infância” (KEHL, 1936, p. 167).

Exemo Sr. Dr. D:

Renato Kehl:

Mi ilustre y queridíssimo

amigo: De regreso a Buenos-Aires, de donde estuve ausente por espacio de casi tres semanas, encuéntrome com su afectuosa carta del 21 de enero ppdo, que me apresuro a contestar. No tiene Vd. mio querido amigo Dr. Kehl, porque agradecerme las palabras que dedicara em “La Semana Médica” a su precioso librito de higiene para los niños (A Fada Hygia), cuya version espanola Vd. se digna sugerirme. En principio acepto gustosísimo y honrado su propuesta, pero para trarla en firme, desea antes hablar com algún editor, a ver en que condiciones tomaria la obra. Le contestaré entonces, dando-le la impresión de un librero-editor sobre las posibilidades de la difusión y venta de su bello librito. Yo, por mi parte, desearía para bien de nuestros niños que A fada Hygia, se difundiera muchíssimo en nuestro medio escolar; pero para lanzarnos a una edición espanola, es necesario esperar el parecer del editor y del Consejo de Educación, si ló cual, no pueden usarse em la escuelas, libros didáctivos de ningún gênero. Mil gracias por suas buenas palabras, que agradezco em todo ló que valen. (...)

Assinatura de Victor Delfino.¹⁰¹

Apesar de Delfino expressar seu interesse em ter a obra em língua espanhola, ele lembra Kehl de que essa proposta deveria passar por outras instâncias, antes do ser concretizada. Processo muito semelhante ao vigente no Brasil, no período, que implicava que o manuscrito tinha que passar pelo editor, depois fosse aprovado pelas autoridades educacionais, para que então, o livro pudesse ser adotado pelas escolas.

Anos mais tarde, em 1937, outro médico argentino, Alfredo Fernandez Verano, expressou o interesse de ter os manuais escolares de higiene de Renato Kehl traduzidos e adaptados em língua espanhola, como já registramos no capítulo II. No entanto, parece que

¹⁰¹ Exmo. Sr. Dr. D: Renato Kehl: Meu ilustre e queridíssimo amigo: Regressando a Buenos Aires, de onde estive ausente por quase três semanas, encontro sua afetuosa carta de 21 de janeiro passado, que me apresso para responder. Não tem na verdade, meu querido amigo Dr. Kehl, porque agradecer-me pelas palavras que dediquei em “La Semana Médica” a seu precioso livro de higiene para as crianças (A Fada Hygia), cuja versão espanhola você se digna a sugerir-me. Em princípio aceito o convite e me sinto honrado com a sua proposta, mas para tomá-la com certeza, desejo antes falar com algum editor, e ver em que condições tomaria a obra. Respondo-lhe então, dando-lhe a impressão de um livreiro-editor sobre as possibilidades de difusão e venda do seu belo livro. Eu, por minha parte, desejaria para o bem de nossas crianças que A fada Hygia, se difundesse amplamente em nosso meio escolar, mas para alcançar uma edição espanhola, é necessário esperar o parecer do editor e do Conselho de Educação, sem o qual não podem ser usados nas escolas, livros didáticos de nenhum gênero. Muito obrigado por suas boas palavras, que agradeço por tudo o que valem. Assinatura de Victor Delfino. (tradução livre) Parte dessa correspondência já foi mencionada nesta dissertação, na p. 62. DELFINO, Victor. [Correspondência] 12 de mar. De 1925, Buenos Aires [para] KEHL, Renato. Rio de Janeiro. 1p. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC. Para ler a correspondência na íntegra, ver no anexo IX.

essa proposta pode não ter se concretizado, pois não conseguimos localizar esses manuais, ou mesmo obras semelhantes, nas bibliotecas argentinas.

Retornando aos impressos brasileiros, ainda no primeiro mês de 1925, temos a publicação de uma nota sobre *A fada Hygia* no *Jornal do Commercio*, impresso de grande circulação entre a elite brasileira, lido por políticos, empresários e funcionários graduados, considerado o periódico mais caro do Rio de Janeiro, como pontua Barbosa (2007, p. 45). A divulgação da obra em um impresso voltado para a classe dirigente poderia fortalecer, ainda mais, a avaliação favorável ao livro *A fada Hygia* nas escolas. Segundo o jornal, a obra era tão importante para a sociedade que os profissionais do jornal acreditavam que logo em breve o manual tornar-se-ia um sucesso, como fica claro na nota:

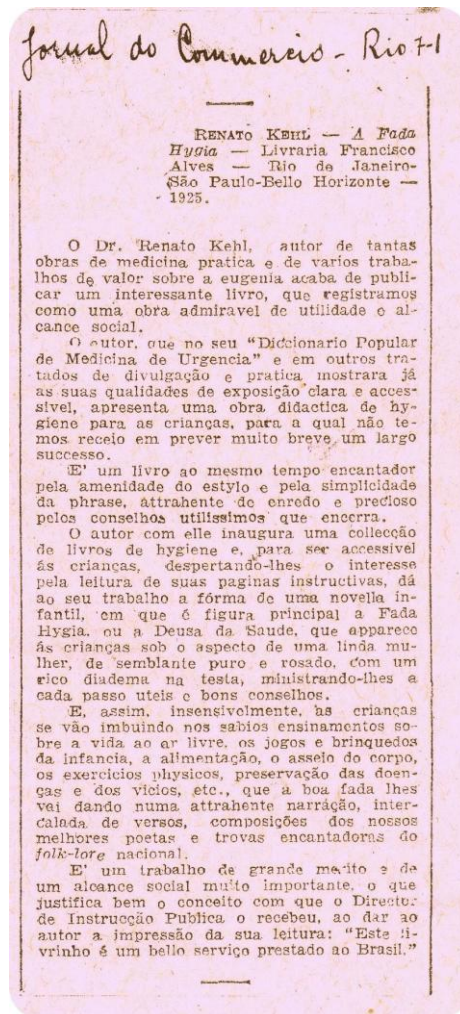


Imagem 16 – Resenha da obra *A Fada Hygia* no *Jornal do Commercio*.¹⁰²

¹⁰² Renato Kehl - A fada Hygia - Livraria Francisco Alves - Rio de Janeiro - São Paulo - Belo Horizonte - 1925. O Dr. Renato Kehl, autor de tantas obras de medicina pratica e de varios trabalhos de valor sobre a eugenia acaba de publicar um interessante livro, que registramos como uma obra admiravel de utilidade e alcance social. O autor que no seu "Dicionario Popular de Medicina de Urgencia" e em outros trabalhos de divulgação e pratica mostrara já as suas qualidades de exposição clara e acessivel, apresenta uma obra didactica de hygiene para as crianças, para a qual não temos receio em prever muito breve um largo successo. É um livro ao mesmo tempo encantador pela amenidade do estylo e pela simplicidade da phrase, attrahente de enredo e precioso pelos conselhos utilissimos que encerra. O autor com elle inaugura uma collecção de livros de hygiene e, para ser acessivel ás crianças, despertando-lhes o interesse pela leitura de suas paginas instructivas, dá ao seu trabalho a fórmula de uma novella infantil, em que é figura principal a Fada Hygia, ou a Deusa da Saude, que apparece ás crianças sob o aspecto de uma linda mulher, de semblante puro e rosado, com um rico diadema na testa, ministrando-lhes a cada passo uteis e bons conselhos. E, assim, insensivelmente, as crianças se vão imbuindo nos sabios ensinamentos sobre a vida ao ar livre, os jogos e brinquedos da infancia, a alimentação, o asseio do corpo, os exercicios physicos, preservação das doenças e dos vicios, etc., que a boa fada lhes vai dando numa attrahente narração, intercalada de versos, composições dos nossos melhores corpos melhores poetas e trovas encantadoras do folk-lore nacional. É um trabalho de grande merito e de uma alcance social muito importante, o que justifica bem o conceito com que o Director de Instrução Publica o recebeu, ao dar ao autor a impressão da sua leitura: "Este livrinho é um bello serviço prestado ao Brasil". *Jornal do Commercio*. s/n, jan. de [192?]. Recorte avulso. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC

Finalmente, em fevereiro de 1925, depois das inúmeras avaliações favoráveis à utilização do manual nas escolas, a *Revista de Hygiene e Saúde Pública* anuncia a aprovação do manual pela Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal e do Estado de São Paulo.

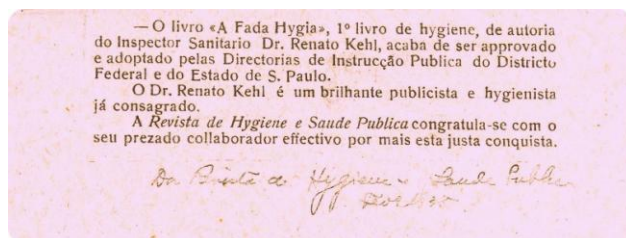


Imagem 17 – Anúncio da aprovação da obra *A Fada Hygia* na *Revista de Hygiene e Saude Publica*.¹⁰³

Em outro recorte, sem identificação e sem data, temos a informação de que as Diretorias de Instrução Pública dos Estados do Pará e de Pernambuco também aprovaram e adotaram o manual.



Imagem 18 – Anúncio de aprovação da obra *A Fada Hygia*.¹⁰⁴

¹⁰³ - O livro "A fada Hygia", 1º livro de hygiene, de autoria do Inspector Sanitario Dr. Renato Kehl, acaba de ser approved e adoptado pelas Diretorias de Instrução Publica do Districto Federal e do Estado de S. Paulo. O Dr. Renato Kehl é um brilhante publicista e higienista já consagrado. A *Revista de Hygiene e Saude Publica* congratula-se com seu prezado collaborador effectivo por mais esta justa conquista. *Revista de Hygiene e Saude Publica*. s/n, fev. de 1925. Recorte avulso Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC

¹⁰⁴ O Ensino da Hygiene - Acaba de ser aprovado e adoptado pelas Diretorias de Instrução Publica do Districto Federal, do Estado de S. Paulo, Pará e Pernambuco, o livro "A Fada Hygia", primeiro livro de hygiene, de autoria do Sr. Dr. Renato Kehl, publicista e higienista patricio. É um livro ao mesmo tempo encantador pela simplicidade da phrase e amenidade do estylo, considerado pelo Director Geral de Instrução Publica Dr. A. Carneiro Leão "um bello serviço prestado ao Brasil". Recorte avulso. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC

O relator da comissão do Conselho de Educação de Pernambuco, Ulysses Pernambucano, inclusive, remeteu uma correspondência, escrita de próprio punho, a Renato Kehl, informando-lhe sobre a aprovação da obra.

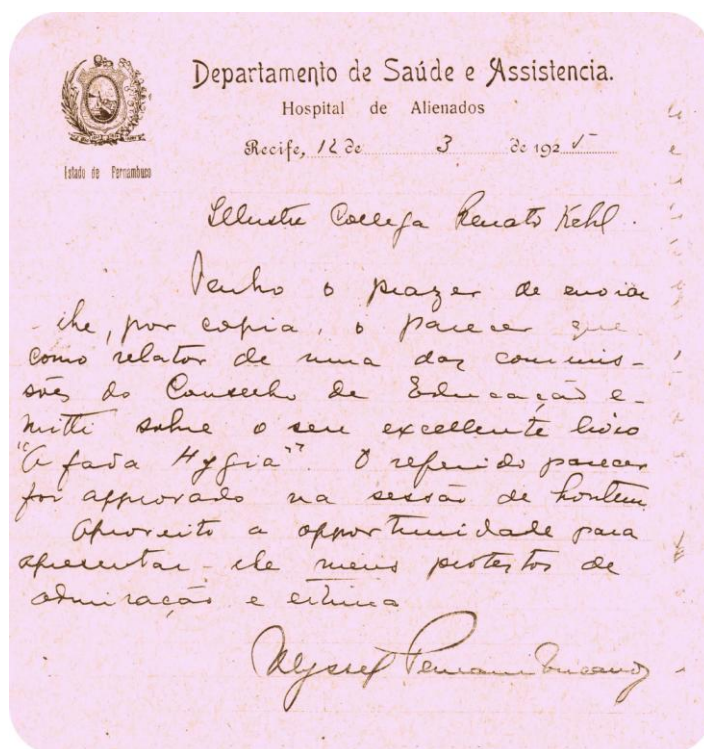


Imagem 19- Correspondência de Ulysses Pernambucano a Renato Kehl, 12/03/1925. Recife ¹⁰⁵

Vale ressaltar, também, que Ulysses Pernambucano estava envolvido, nesse período, com as reformas educacionais em seu estado e, como diversos profissionais e educadores do periódico, estava imbuído da áurea do movimento higienista, defendendo a instrução da higiene nas escolas primárias, o que deve ter contribuído para que *A fada Hygia* fosse aprovada pelo conselho educacional de Pernambuco.

¹⁰⁵ Ilustre colega Renato Kehl. Tenho o prazer de anunciar-lhe, por copia, o parecer que como relator de uma das comissões do Conselho de Educação emitti sobre o seu excelente livro "A fada Hygia". O referido parecer foi approved na sessão de hontem. Aproveito a oportunidade para apresentar-lhes meus protestos de admiração e estima. Assinatura de Ulysses Pernambucano. PERNAMBUCANO, Ulysses [Correspondência] 12 de mar. De 1925, Recife [para] KEHL, Renato. Rio de Janeiro. 1p. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

Em pesquisas recentes, como a desenvolvida por Karina Klinke (2003), podemos observar a presença desse manual em algumas bibliotecas de Minas Gerais, mais precisamente na biblioteca do Grupo Escolar Barão do Rio Branco. Já Aparecida de Lourdes Paes Barreto localizou o manual no acervo pessoal de uma professora do ensino primário da Paraíba. Esses dados podem indicar que o manual não circulou somente nos escritórios jornalísticos, entre médicos, intelectuais e profissionais de diversas áreas, mas que, de fato, pode ter chegado a algumas escolas primárias brasileiras.

4.3. A materialização do manual: *A fada Hygia: primeiro livro de higiene*

O manual *A fada Hygia*, que chega às escolas, é um material bem acabado esteticamente, com capa dura, com um tecido vermelho que encobre a lombada e que traz o título da obra grafado em dourado. Alguns desses aspectos podem ser observados na imagem de um exemplar publicado em 1936, em tamanho similar ao original, 18 cm de altura, 13 cm de largura e 1 cm de espessura, idêntica à 2ª edição, publicada em 1930.



Imagem 20 – *A Fada Hygia: primeiro livro de hygiene* (1936)¹⁰⁶

Apesar de o manual ter sido elaborado para o público infantil, observamos por meio da leitura sobre a imagem apresentada, que os brinquedos que remetem a uma atmosfera

¹⁰⁶ Fonte: CEDAE – Unicamp

lúdica não estão no mesmo plano das crianças, nem do adulto (mãe), criando, assim, uma sensação de distanciamento entre a prática de leitura e a brincadeira. Além disso, esta capa nos dá a impressão de que os ensinamentos de higiene e as crianças estão distantes, sendo mediatizados pelo adulto que lê o material, a mãe neste caso. Por isso, ao observar a capa desse manual temos a ligeira impressão que os preceitos higiênicos parecem estar distantes das crianças.

A ilustração da capa, então nos sugere que a leitura do livro deveria ser introduzida nos lares, chegando às crianças por meio de suas mães.¹⁰⁷ Mas como Renato Kehl pretendia conseguir isso? Fornecendo ao leitor um manual, que, apesar de ser elaborado para as crianças do ensino primário, era também direcionado para todos os indivíduos que rodeiam as crianças, isto é, pais e professores, inculcando em todos a necessidade de contribuir para a construção de uma sociedade saneada. Sociedade esta, que já vinha sendo “construída” por médicos como Oswaldo Cruz e Belisário Penna, desde o século XIX, mas que, conforme mencionado anteriormente, vinha sofrendo resistências de uma parcela da população.

Dessa forma, o manual surge como instrumento de diálogo entre os médicos e a população e, também, de convencimento em relações aos benefícios da higiene para os indivíduos. Logo no início do manual, Renato Kehl apresenta ao público o sanitarista Belisário Penna

¹⁰⁷ Para compreender melhor a relação estabelecida entre as casas editoriais, manuais, mães e campanhas educativas de saúde, ver a tese de Maria das Graças Sandi Magalhães, intitulada *Medos, mimos e cuidados. Leituras úteis para educar as mães: os guias maternos brasileiros (1919-1957)*. Nesse trabalho, a pesquisadora examina os materiais produzidos para a educação higiênica de um público mais amplo, principalmente às mães.

Belisário Penna

- É a paixão feita homem. É o grande apóstolo do saneamento - Monteiro Lobato

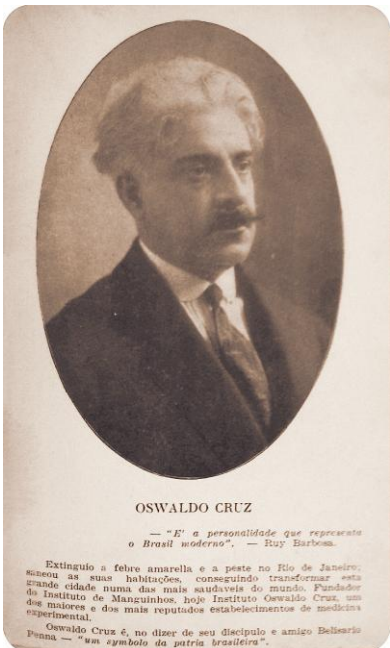
Grande higienista brasileiro que, depois da morte do sabio Oswaldo Cruz, mais tem feito pelo saneamento do Brasil. Foi após a sua patriótica e tenaz campanha de propaganda, que o governo federal, estaduais e municipais iniciaram os atuais serviços sanitarios.

(KEHL, 1936, p. 5)



Imagem 21 – Belisário Penna
(KEHL, R. 1936, s/n)

E, mais adiante, surge a imagem de Oswaldo Cruz.



- "É a personalidade que representa o Brasil moderno". - Ruy Barbosa

Extinguiu a febre amarella e a peste no Rio de Janeiro; saneou as suas habitações, conseguindo transformar esta grande cidade numa das mais saudaveis do mundo. Fundador do Instituto de Manguinhos, hoje Instituto Oswaldo Cruz, um dos maiores e dos mais reputados estabelecimentos de medicina experimental.

Oswaldo Cruz é no dizer de seu discípulo e amigo Belisario Penna - "um symbolo da patria brasileira"

(KEHL, 1936, p. 55)

Imagem 22 – Oswaldo Cruz
(KEHL, R. 1936, s/n)

Ao inserir essas imagens acompanhadas de comentários e elogios no manual, Renato Kehl deixa claro que *A Fada Hygia* estava alinhada às ações empreendidas por esses médicos, vinculando os benefícios do ensino higiênico ao projeto de melhoria social, que já vinha sendo desenvolvido por esses profissionais na esfera pública. Segundo Kehl, “a finalidade educativa, diz bem Ricardo Jorge, citando Angiulli é fornecer ao indivíduo os meios indispensáveis para preparar e melhorar a própria existência, no seio da natureza, da família, da sociedade” (KEHL, 1936, p. 8), fundamentando, assim, a importância social da educação e o seu papel na constituição de uma sociedade higienizada e higienizadora.

Visando contribuir com essa transformação social e, ao mesmo tempo, superar a precariedade das práticas higiênicas, Renato Kehl publicou um manual denso em texto, com detalhes de como deveria ser o cotidiano das crianças, contendo algumas ilustrações em preto e branco e um caderno detalhado, contendo orientações em relação à realização dos exercícios ginásticos, distribuídos ao longo de mais de 170 páginas (2ª a 4ª edição). A princípio, tudo isso parece não condizer com a frase que sintetiza a essência da obra, gravada logo nas primeiras páginas do manual: “O mais natural e saudável incentivo para obter, entre as crianças a atenção e a aquisição de conhecimentos é associar a recreação ao ensino” (KEHL, 1936). Observa-se, entretanto, que o manual, por si só, enfatiza mais a importância do ensino do que a recreação.

Renato Kehl parece ter claro que o livro é bem denso para as crianças, por isso atribui, no prefácio intitulado *Algumas Palavras – às mães/aos professores*, a responsabilidade por cuidar da recreação das crianças às mães e aos professores, chamando-os a participar do projeto de educação higiênica. Para o autor, caberia aos responsáveis pelas crianças tornar o aprendizado mais atraente, mas sempre verificando se

os preceitos higiênicos foram assimilados. Renato Kehl dá exemplos do que para ele seria a melhor forma de utilização de sua obra:

A professora ou o professor lerá ou determinará que as crianças leiam um capítulo por dia, explicando o que ouvirem ou leram e a razão higiênica de cada conselho, quando fôrem inquiridas.

Por exemplo: “não beba agua sem ser fervida ou filtrada”

Perguntará o mestre:

- Por que é preciso esse cuidado?

- Qual a consequencia de beber agua contaminada?

- Porque ferver ou filtrar a agua antes de beber-a?

Esse methodo de ensaio tem a vantagem de interessar a criança e, além della, os paes ou tutores que, muitas vezes, serão solicitadas a dar as explicações, diffundindo-se assim, no lar, os simples conhecimentos contidos no livro. (KEHL, 1936, p. 9)

Para Dr. Kehl, os benefícios do ensino da higiene na mais tenra idade poderiam se estender para a vida adulta. Mas tudo isso dependia da forma como os professores e pais ensinariam e persuadiriam as crianças a assimilarem os hábitos higiênicos. Nesse sentido, logo no começo do manual, Renato Kehl dedicou-se a dialogar com eles, pais e professores, procurando convencê-los de que eram os verdadeiros responsáveis por formar “cidadãos fortes, belos e disciplinados”, contribuindo, assim, para a “regeneração e progresso” do país.

Para auxiliar os responsáveis pelas crianças no ensino dos preceitos higiênicos, Kehl dividiu o manual em três partes: na primeira, temos uma história introdutória que ressalta a importância da prática da higiene; a segunda versa sobre as normas que devem ser seguidas; e, por fim, um encarte traz o detalhamento de como devem ser praticados e ensinados os exercícios ginásticos, necessários para o fortalecimento dos corpos.

Na primeira parte do manual, Renato Kehl parte da concepção de que a doença é sinônimo de morte e que as causas das doenças estão estritamente relacionadas à falta de asseio do indivíduo e do cuidado com a habitação, assinalando que isso acontece

independentemente da classe social. Nesse sentido, afirma, em tom metafórico, que há pessoas abastadas que padecem devido à falta de asseio.

Houve reis e rainhas que nunca tomaram banho. Viviam imundos, exhalando mau cheiro. Seus palacios eram sujos, sem ar e sem luz; as tapeçarias bordadas a ouro, que revestiam os aposentos, escondiam paredes humidas, mas rebocadas, onde se occultavam ratos e outros bichos damnhos (KEHL, 1936, p. 14).

Assim, aparentemente para o autor, a falta higiene não estava relacionada às condições sociais e econômicas, mas sim à falta de conhecimento sobre os benefícios da vida higiênica, podendo ser observada tanto em ricos como em pobres. No entanto, vale ressaltar que apesar de Renato Kehl construir por meio do discurso, uma possível igualdade social perante os cuidados com a saúde, eram poucos os indivíduos que tinham acesso, nesse período, ao conhecimento sobre as práticas higiênicas, principalmente os ensinamentos propagados pelo manual. Devemos recordar que no início da década de 1920, as taxas de analfabetos eram elevadas, o que nos indica que acesso aos ensinamentos higiênicos propagados pelos livros era desigual, e que, portanto, as condições sócio-econômicas poderiam, sim, interferir nas condições de preservação e melhoria da saúde.

Mesmo diante desse quadro social, Renato Kehl vai construindo um discurso por meio do qual vai delegando as responsabilidades quanto ao cuidado com a saúde ao próprio indivíduo. Nessa perspectiva, vai introduzindo a concepção de que, se o indivíduo é sujo e doente é porque ele é ignorante, desconhece os ensinamentos da higiene, responsabilizando o próprio indivíduo pela sua condição higiênica, desconsiderando, assim, o seu contexto social.

Segundo esse médico, a partir do momento em que a população começa a tomar conhecimento dos preceitos higiênicos, principalmente por meio da expansão das escolas, da regulamentação da disciplina higiene nas escolas e da vulgarização dos preceitos

higiênicos, os indivíduos não deveriam mais se eximir de suas responsabilidades em relação à preservação da sua própria saúde. Por essa via, mesmo os menos favorecidos economicamente não poderiam alegar que a falta de condições materiais para obter uma casa, roupas e para manter os seus corpos bem asseados fosse a causa das suas doenças, como podemos notar nas seguintes frases:

- Tornar a casa agradável, higienica, confortavel, é um dever de toda gente. Para isso, não é preciso ser rico. Basta boa vontade, gosto e capricho (KEHL, 1936, p. 38).
- Minhas crianças, disse a fada em voz alta, - saibam vocês que se póde ser pobre e andar asseiado; basta um pouco de boa vontade e de capricho (KEHL, 1936, p. 48).
- A pobreza não impede a limpeza (KEHL, 1936, p. 9).

E em ilustrações como esta, presente ao longo da obra:



Imagem 23 – Banho (KEHL, 1936, p. 80).

Kehl afirma: “quem não tem banheira arranja uma tina! O principal é tomar o banho diariamente”. Bastava, assim, nas palavras do médico, ter “boa vontade”.

Dessa forma, o discurso presente no manual pretendia alcançar as diversas camadas sociais, instruir os sujeitos, principalmente as crianças, sobre os preceitos higiênicos que deveriam reger todas as esferas da vida cotidiana, sem deixar de enredar os adultos à sua volta na obra de difusão desses preceitos. Esse objetivo, de tentar abranger o todo, fica mais claro na segunda parte do manual, intitulada *Os conselhos da fada Hygia*, na qual o autor trata detidamente de cada componente da vida do indivíduo: o ar, a água, o alimento, a habitação, o asseio do corpo, os exercícios físicos (que podemos considerar como brincadeiras), os maus hábitos, os bons hábitos, o sono, as vestes, os micróbios, as doenças, os vícios, os vermes intestinais, o mosquito, os animais peçonhentos, como podemos observar em um dos seus capítulos.

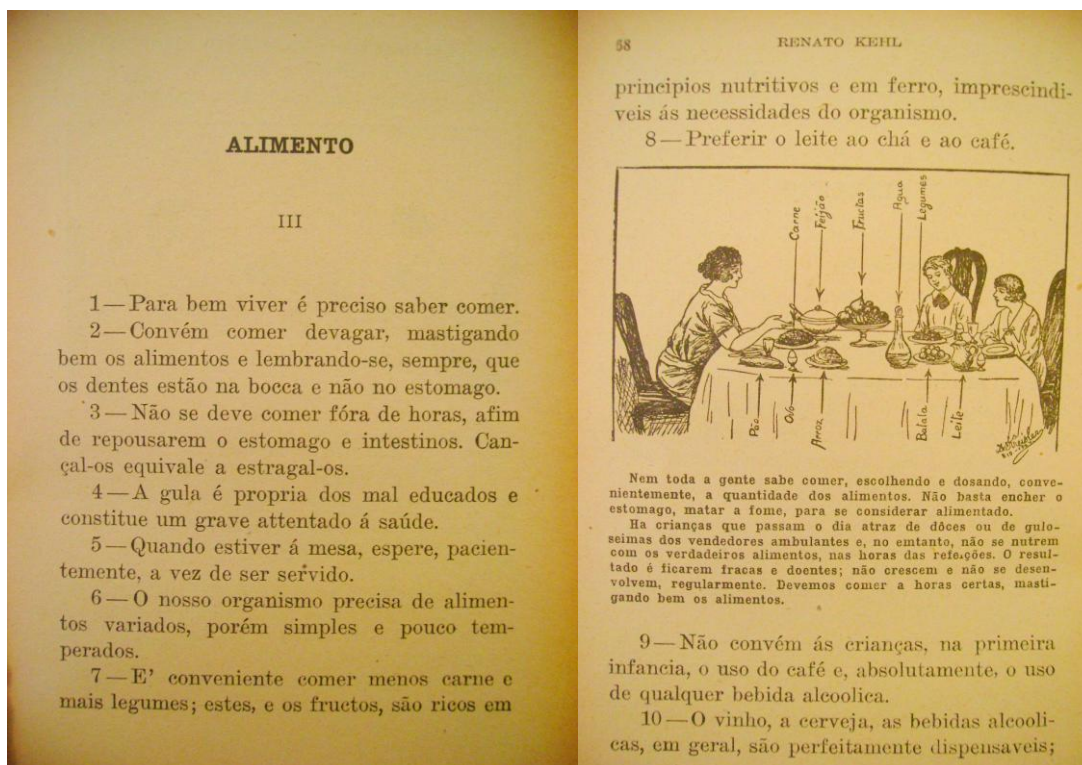


Imagem 24 – Alimento (KEHL, 1936, p. 67-68).

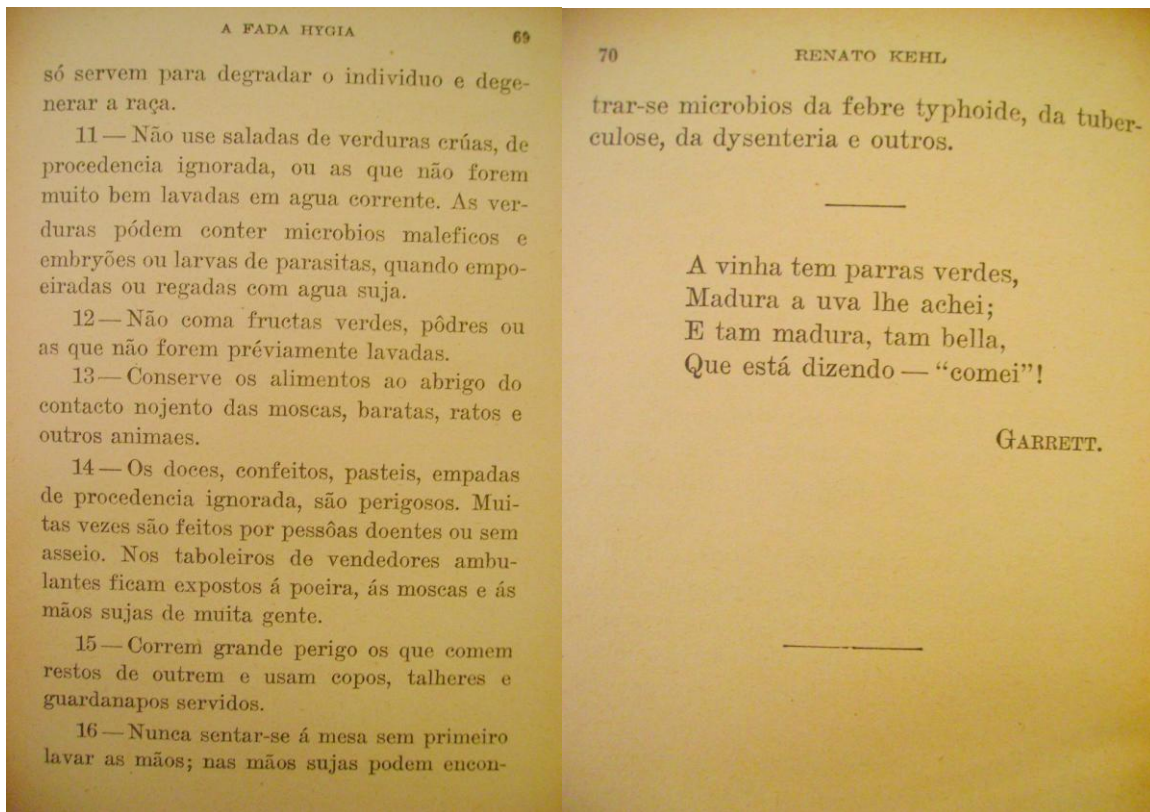


Imagem 25 – Alimento - Continuação (KEHL, 1936, p. 69-70).

O exame dessas “lições” permite notar, ainda, que Kehl não aborda apenas o alimento em si, mas todo o ritual que o envolve, isto é, a influência do alimento no corpo, como a criança deve mastigar o alimento, de quanto em quanto tempo ela pode alimentar-se, ensinando a selecionar os alimentos para uma refeição equilibrada, a preservar o alimento, indicando quais alimentos devem ser evitados pelas crianças, e, ainda, instruindo-a sobre os modos como deve comportar-se ao sentar-se à mesa.

Segundo Aisenstein, em seus estudos sobre a relação entre alimentação, educação e políticas públicas na Argentina, a educação alimentar faz parte de uma educação do corpo, tanto do ponto de vista do corpo físico como do corpo social, uma vez que, por meio da educação alimentar, é possível, também, normalizar, educar e civilizar os indivíduos. (AISENSTEIN; CAIRO, 2012, p. 233). Ao analisar as prescrições, em conjunto com as ilustrações sobre alimentação, presentes na obra de Renato Kehl, podemos observar esse

intento. Não se trata apenas de mostrar às crianças os benefícios de determinados alimentos para o corpo, mas também de forjar um corpo saudável, sob a perspectiva eugênica, e inculcar modos “civilizados” (modos “europeus” de alimentação), de sociabilização do alimento, como mostra a ilustração da família bem asseada, em volta da mesa de jantar.

Vale ressaltar que esse detalhamento está presente não somente no tratamento das questões referentes à alimentação, mas em todos os outros capítulos, que versam sobre os diferentes aspectos envolvidos no cotidiano dos indivíduos, mostrando como a higiene deveria orientar as práticas da vida cotidiana, configurando-a como vida “civilizada”.

Além dessas questões, o autor ensina as crianças como identificar os doentes, bem como os costumes e os vícios condenáveis, os quais deveriam ser evitados. Na primeira imagem a seguir (esquerda para direita), temos uma nítida contraposição entre as práticas adotadas pelos indivíduos representados: de um lado, um menino sentado no chão com roupas mais simples; do outro, três personagens em pé, vestidos com indumentárias mais sofisticadas. Aliada a essa imagem, a mensagem, disposta logo abaixo, é “A fada explicando a causa da doença do menino que está sentado” (KEHL, 1936, p. 24), constituindo-se essa na primeira imagem associada ao doente presente no manual.

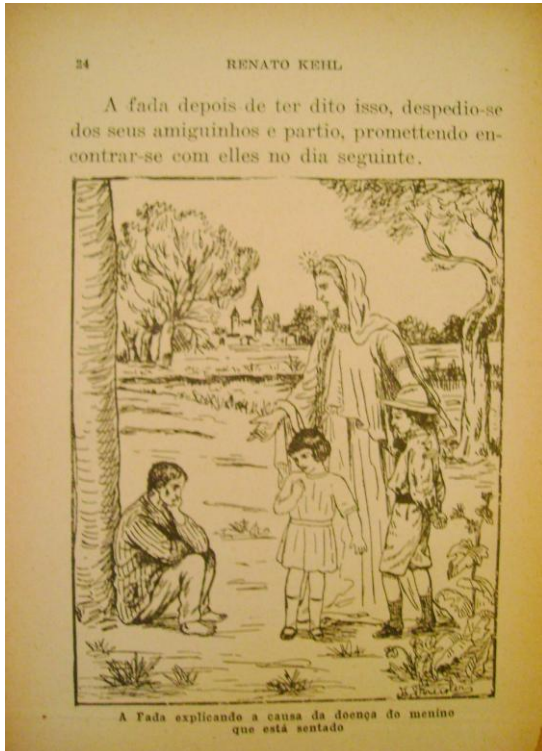


Imagem 26 – Doente (KEHL, 1936, p. 24)



Imagem 27 – Maus Habitos (KEHL, 1936, p. 90)

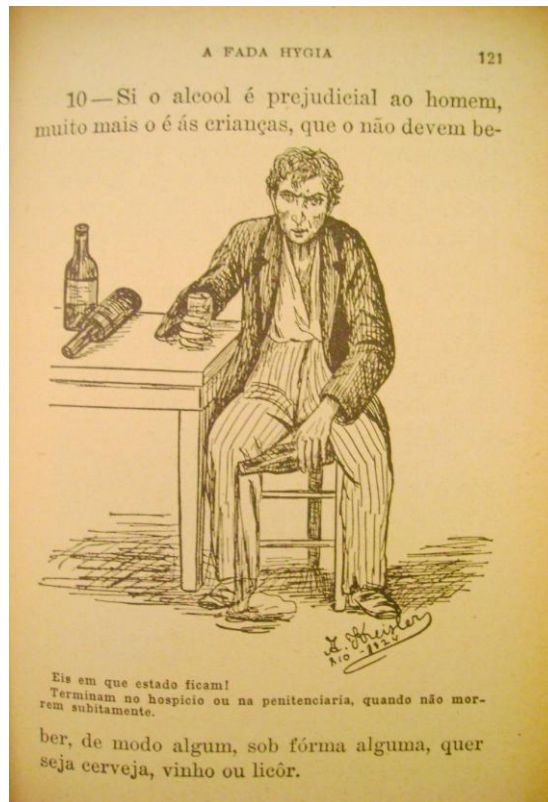


Imagem 28 – Vício (KEHL, 1936, p. 121).

Ao observar a imagem da porta-voz dos ensinamentos higiênicos, a fada Hygia, é possível notar que a sua imagem muita se assemelha à representação de uma santa, o que pode denotar um diálogo entre a ciência e a religião, ou mais, uma tentativa de associação da higiene a uma religião, cujos preceitos conduziam à salvação da vida. Vale ressaltar, também, que ao longo do manual o autor infantiza que a fada Hygia está, apenas, dando bons conselhos, pois ela é uma senhora bondosa que somente quer manter a saúde e bem estar das crianças. O discurso assume um tom misericordioso e, de certo modo, persuasivo, por meio do qual vão sendo construídas as oposições entre o doente x o saudável, o incivilizado x o civilizado, tendo como objetivo afastar os indivíduos daqueles que eram considerados os males, capazes de prejudicar a saúde.

Com isso, Renato Kehl nos mostra duas vertentes de ensino higiênico: uma que fortalece os corpos, por meio da assimilação de hábitos saudáveis, e outra, que tenta afastar as crianças saudáveis dos malefícios causados pelo contato com doentes, crianças que possuem maus hábitos e vícios sociais, como o álcool, criando, por essa via, uma separação entre indivíduos saudáveis e os degenerados sob o ponto de vista físico, mental e moral, ao mesmo tempo em que fortalece uma cultura segregacionista.

Na última parte do manual, Renato Kehl deixa claro que compartilhava das ideias de Fernando de Azevedo, ao defender a importância da prática dos exercícios ginásticos¹⁰⁸ como meio para manter a robustez do corpo e o espírito vigoroso (KEHL, 1936, p. 154), imprescindível ao desenvolvimento saudável do corpo, da mente e do espírito. Forma de combater a fealdade dos corpos, tida como sinônimo de doença e de disgenia.

¹⁰⁸ Segundo Soares (2007), o termo “ginástica”, nesse período, pode ser considerado como sinônimo de Educação Física.

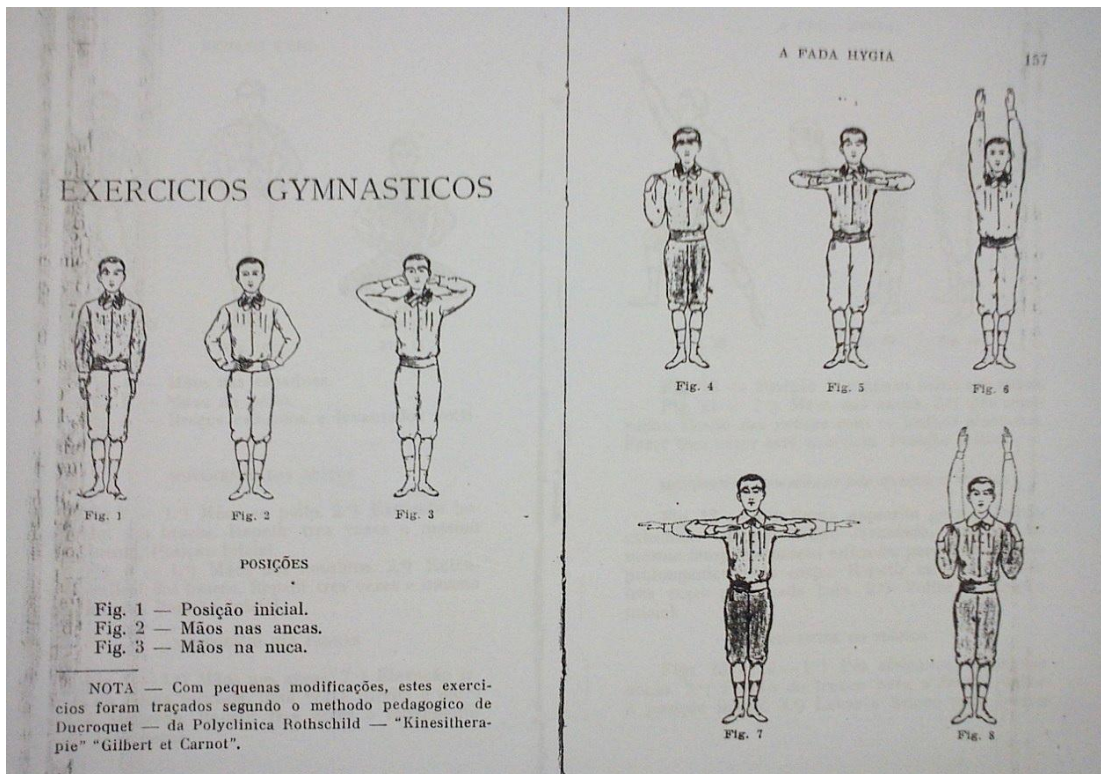


Imagem 29 – Exercicios Gymnasticos (KEHL, 1930, p. 156-157).

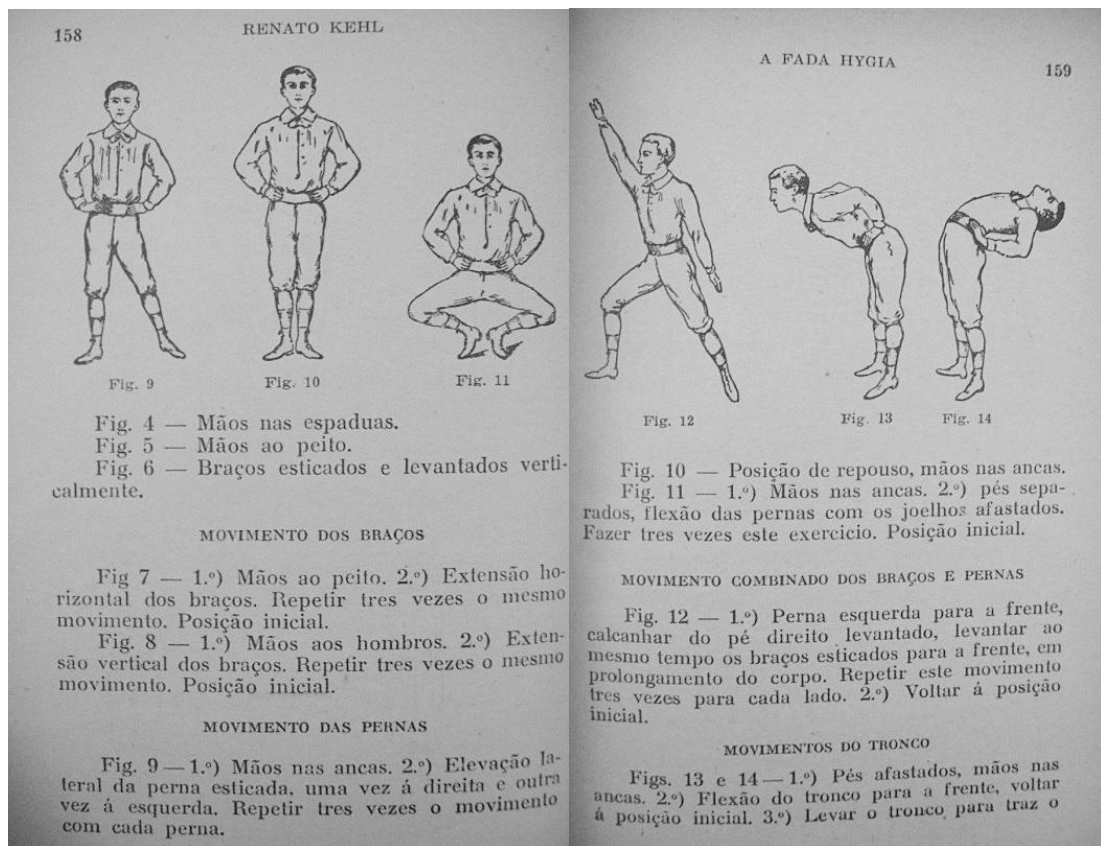


Imagem 30 – Exercicios Gymnasticos (continuação) (KEHL, 1930, p. 158-159).

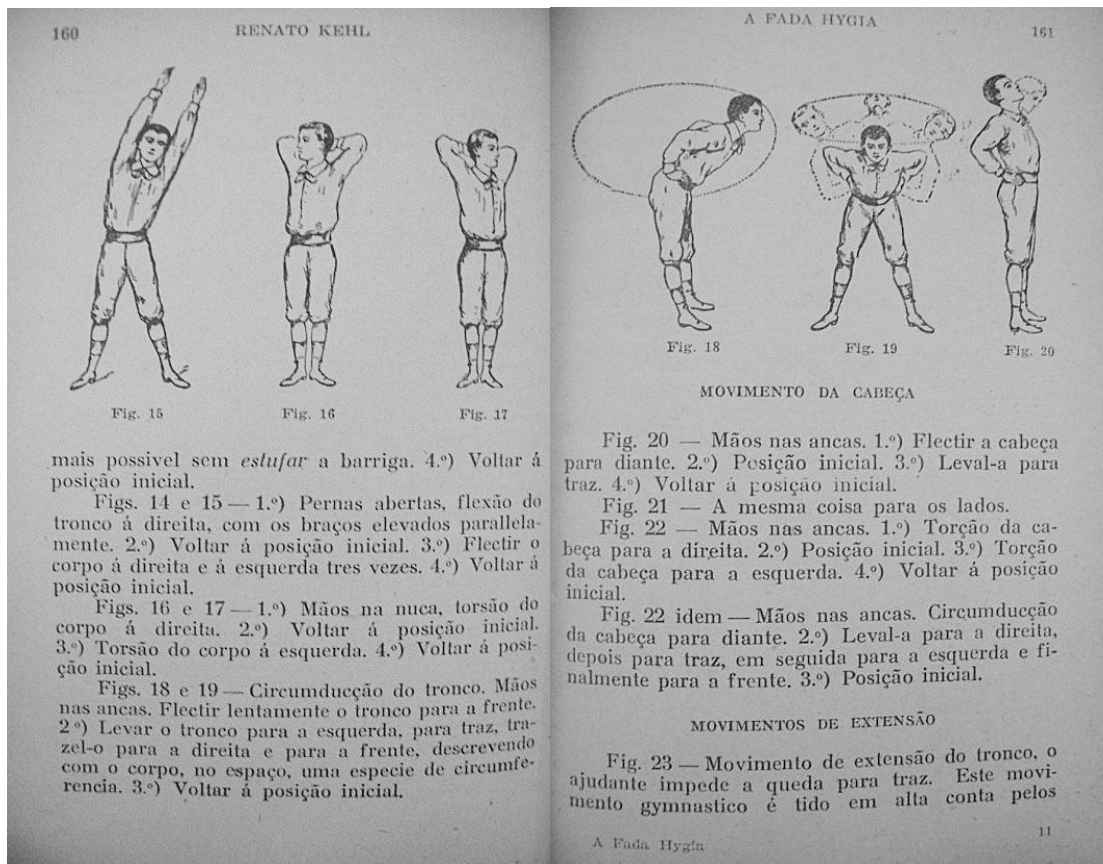


Imagem 31 – Exercícios Gymnasticos (continuação) (KEHL, 1930, p. 160-161).

O detalhamento dos exercícios representados nas figuras e nas prescrições minuciosas demonstra a preocupação do médico em relação à prática correta dos exercícios e à constituição dos corpos. Observa-se também que esses exercícios deveriam ser praticados sob a supervisão de um adulto responsável, cabendo a ele a responsabilidade de observar a execução dos exercícios e administrar bem as horas destinadas a essas práticas, com vistas a evitar que as crianças ficassem fatigadas ou estafadas, condições condenadas pelo médico.

Kehl alerta, ainda, que esses mesmos exercícios não deviam ser praticados por crianças menores de 10 anos, pois seus órgãos ainda não estariam totalmente desenvolvidos, fato que as impediria de praticar exercícios lentos e ritmados, pois estes exigiam mais dos corpos das crianças. Caberia às crianças menores de 10 anos a prática dos

jogos infantis, com vistas a mantê-las sempre ativas e alegres. Dessa forma, Kehl apresenta algumas sentenças que afirmam a importância dos *folgedos*, ou brincadeiras, no linguajar contemporâneo, tanto na escola quanto fora dela, para a formação dos corpos infantis.

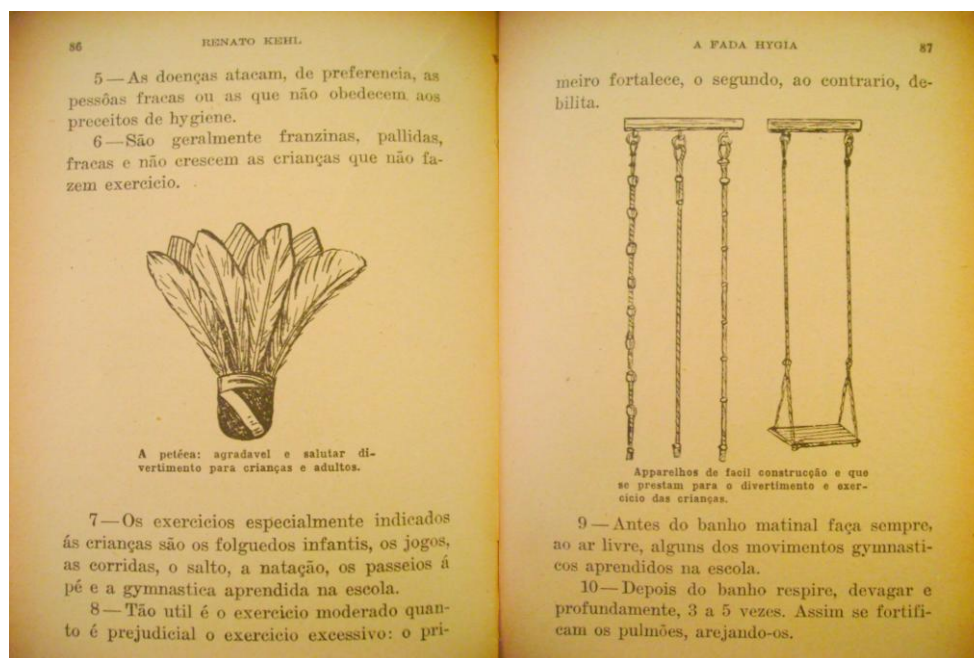


Imagem 32 – Exercicios Physicos (KEHL, 1936, p. 86-87).



Imagem 33 – Exercicios Physicos (continuação) (KEHL, 1936, p. 89).

As brincadeiras teriam, desse modo, a função de manter os corpos das crianças saudáveis, evitando que elas ficassem “preguiçosas”, “pálidas”, “franzinas”, o que prejudicaria o seu desenvolvimento físico e mental. Segundo acreditava o médico, era por meio dessas brincadeiras que os corpos iam, pouco a pouco, sendo preparados para a prática dos exercícios mais metódicos, isto é, a ginástica.

Tudo indica que esse discurso foi bem recebido entre os educadores e outros leitores do manual no período, já que ele chegou a ser editado por, pelo menos cinco vezes, sendo que, na última edição, datada de 1937, o autor mudou a ilustração da capa do manual, adaptou-o às regras ortográficas vigentes no período, “modernizou” as ilustrações, inseriu um poema popular na página 38,

“Quem planta um árvore enriquece
A terra mãe piedosa e bôa,
E a terra aos homens agradace
E a mãe os filhos...”
(KEHL, 1937, p. 38)

além de trocar um verso sem assinatura na página 129, por outro poema, de autoria de Bilac.

Já pedi a morte a Deus
Elle disse que m'a não dava,
Que pedisse a salvação,
Que a morte certa estava
(KEHL, 1936, p. 129)

Mais vale o mérito próprio
Sentir, guardar e ocultar:
Porque o verdadeiro merito
Não gosta de se mostrar
Bilac
(KEHL, 1936, p. 129)

Essas adaptações fizeram com que o manual ganhasse mais três páginas, passando de 170 a 173 páginas, mas mantendo-se internamente similar às edições anteriores a 1937. Segue a capa da edição publicada em 1937, em tamanho similar ao original de 18 cm de comprimento, 12,5 de largura e 1 cm de espessura.

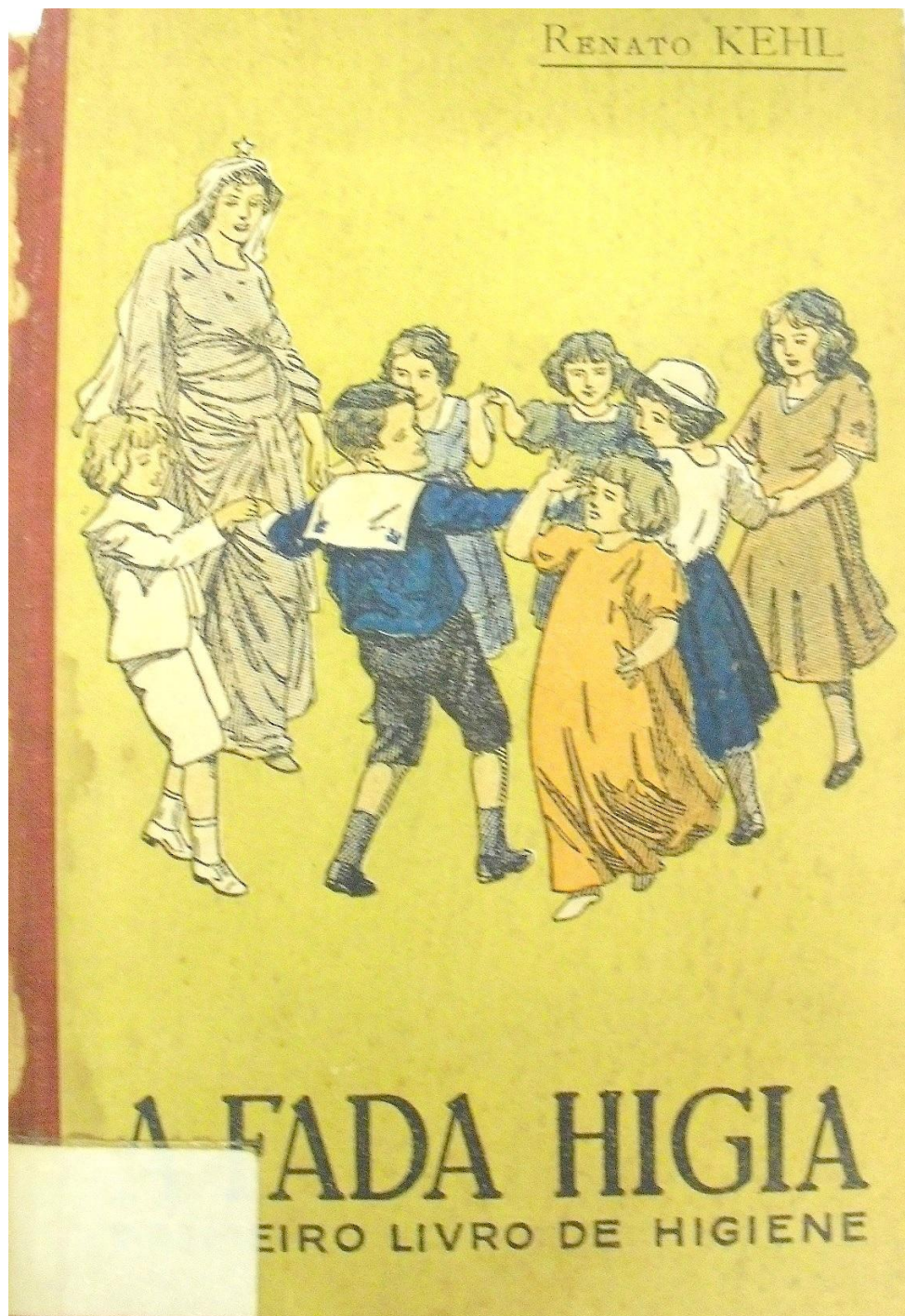


Imagem 34 - *A Fada Hígia: primeiro livro de Higiene* (1937).¹⁰⁹

Deve-se destacar que a grande transformação de uma edição para outra, isto é, da quinta para sexta edição, está nitidamente expressa na capa do material, que está mais

¹⁰⁹ Fonte: LIHED – UFF.

colorida, trazendo a imagem das crianças brincando, em ciranda, com a fada Hygia, sugerindo que a leitura do material seria agradável às crianças. Vale recordar que, na capa de 1936, observamos um distanciamento entre os preceitos de higiene e seu público alvo, as crianças, em particular. Já nesta capa de 1937, observamos uma situação inversa, uma estreita relação entre a fada Hygia e as crianças que brincam, deixando transparecer aos leitores que o ensino da higiene pode converter-se em prática agradável e assimilável pelas crianças, integrando-se ao seu cotidiano.

Por meio d' *A fada Hygia*, Renato Kehl se propõe a modificar os costumes sociais dos indivíduos e a fortalecer os corpos das crianças, a fim de conquistarem uma saúde plena. Esses pressupostos são imprescindíveis para formar jovens saudáveis e aptos a praticarem e absorverem os ensinamentos eugênicos, que seriam vistos com mais detalhamento no ensino secundário, como observamos nos discursos propalados por Renato Kehl em meados da década de 1930, configurando-se a obra na materialização dessas concepções.

4.4. A publicação da *Cartilha de Higiene: alfabeto da saúde*

Após o “sucesso” d' *A fada Hygia*, Renato Kehl resolve, então, lançar uma segunda obra do mesmo gênero, intitulada *Cartilha de Higiene: alfabeto da Saúde*, em parceria com o ilustrador e caricaturista Francisco Acquarone (1900-1959)¹¹⁰. Juntos, eles assinam o contrato para a produção do manual com a Livraria Francisco Alves, em 1936, como consta no contrato a seguir.

¹¹⁰ Francisco Acquarone nasceu no Rio de Janeiro. Foi pintor, mas também ilustrador e caricaturista do *Don Quixote*, *O Globo*, *O Jornal*, *Don Casmurro*, *A noite*, *O malho*, as *Ilustrações brasileiras* e entre outros. Publicou diversos livros, dentre eles o primeiro livro dedicado ao ensino de arte editado no Brasil, intitulado *História da Arte no Brasil* (ACQUARONE, 1980).

Contrato com Dr. Renato Kehl e Francisco Acquarone para publicação e venda do livro "Cartilha de Higiene". Desconto de 30%. Direitos autorais: 10% por milheiro posto à venda a cada um dos autores. Avisar aos autores quando restarem 200 ex. Tiragens a critério dos editores. Preço de acordo com os autores, garantidos aos editores um lucro equivalente aos direitos autorais. A numeração pode exceder até 5% o n.º de exemplares declarados por cada edição. Valor arbitrado: 2:000\$000.
Contrato particular de 7 de Janeiro de 1936.

Imagem 35 – Contrato entre a Livraria Francisco Alves e Renato Kehl para a publicação da *Cartilha de Higiene*.¹¹¹

A *Cartilha de Higiene*, cuja capa reproduzimos em tamanho reduzido, é muito distinta da primeira obra infantil do médico eugenista, a começar por suas dimensões que são maiores: 23,5 cm de comprimento, 16,1 cm de largura e 0,4 de espessura.

¹¹¹ Contrato com Dr. Renato Kehl e Francisco Acquarone para publicação e venda do livro “Cartilha de Higiene”. Desconto de 30%. Direitos autorais 10% por milheiro posto à venda a cada um dos autores. Avisar aos autores quando restarem 200 ex. Tiragens a critério dos editores. Preço de acordo com os autores, garantidos aos editores um lucro equivalente aos direitos autorais. A numeração pode exceder até 5% o n.º de exemplares declarados por cada edição. Valor abilitado 2:000\$000. Contrato particular de 7 de Janeiro de 1936. Livro de Contrato da Livraria Francisco Alves, s/d. Fonte: Acervo LIHED-UFF.

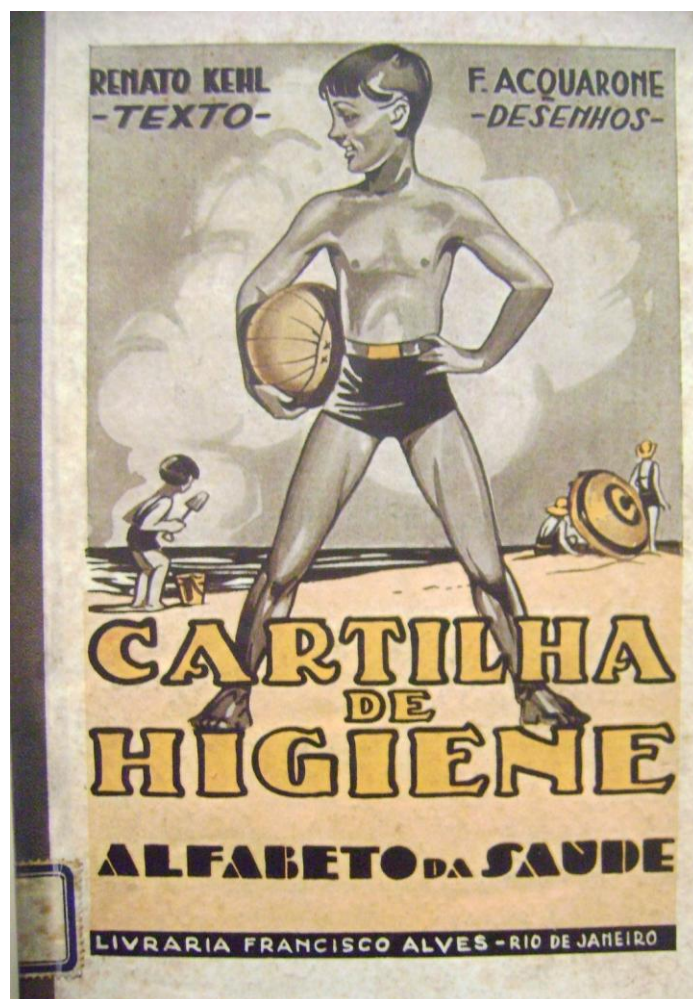


Imagem 36 – *Cartilha de Higiene: alfabeto da saúde* [1936?].¹¹²

As ilustrações de Francisco Acquarone possuem uma dimensão maior e parecem relacionar melhor os ideais higiênicos e eugênicos defendidos por Renato Kehl ao mundo infantil de seus possíveis leitores. Esse trabalho, desenvolvido em conjunto, é representado por meio da projeção de uma criança com feições de um adulto robusto e forte, a exibir os músculos que sobressaem nas pernas, nos braços e no peito. Ideais de beleza, força e saúde defendidos pelos eugenistas brasileiros.

Vale a pena estar atento, também, para o modo como o jogo de luz e sombra projeta o título em direção ao menino, compondo essa representação de um corpo forte e

¹¹² Fonte: CRE – Mário Covas

saudável. A sobreposição do título nos pés da criança, em destaque no material, também nos faz acreditar que a *Cartilha de Higiene* deveria servir como base, alicerce para a formação desse indivíduo. Portanto, não bastava ser saudável, era necessário possuir um corpo forte e bonito, que só poderia ser alcançado com as práticas de higiene prescritas no interior do manual.

Como n' *A fada Hygia*, Renato Kehl elege como interlocutores também os professores, seus intermediários na disseminação dos preceitos higiênicos. Logo no início do manual, Kehl ressalta que esse material foi elaborado, a pedido do professorado, como uma obra introdutória ao primeiro livro de higiene, sugerindo, assim, ao leitor a relação entre os professores e o autor da obra. Ao mesmo tempo, indicava que o material apresentado seria mais inteligível do que a *fada Hygia*, o que facilitaria utilização do mesmo pelos professores. Nesse sentido, Kehl constrói um manual menor em relação ao anterior, que continha 170 páginas. O segundo manual escolar, a *Cartilha de Higiene*, possui apenas 48 páginas, repletas de ilustrações, já que se tem, pelo menos, uma imagem em cada página.

O manual começa com a apresentação do dia-a-dia de três irmãos: Yolanda, Xisto e Zenaide. Nessa narrativa, Renato Kehl tenta convencer os leitores dos benefícios de uma vida moldada pelos preceitos higiênicos, enfatizando que isso lhes trará a saúde e por consequência, a felicidade. Partindo da vida exemplar desses três irmãos, o autor apresenta às crianças as práticas higiênicas, como se elas estivessem aprendendo as primeiras letras do alfabeto. Essa relação entre primeiras letras e primeiros ensinamentos de higiene dá origem a um “catálogo de preceitos higiênicos organizados da letra A ao Z: o A desdobra-se em três lições que versam sobre o ar, a água e os alimentos; o B tematiza o banho; o C, a

casa; o D, os dentes; e assim sucessivamente” (ROCHA, 2011, p. 166). Em cada lição é apresentada primeiro a letra, em destaque, ao lado de uma imagem que logo remete ao sistema normativo higiênico; abaixo, uma palavra que se inicia com a letra destacada e que, ao mesmo tempo, sintetiza a imagem, seguida de frases que explicam a importância das práticas higiênicas, como podemos observar na imagem a seguir:



Imagem 37 – Jogos (KEHL, 1936?, p. 31)



Imagem 38 – Repouso (KEHL, 1936?, p. 42)

Nessa obra, Renato Kehl se aproximará mais do universo das crianças, tanto por meio das ilustrações, como dos textos, substituindo alguns temas próprios das ciências naturais tratados n’ *A fada Hygia*, como micróbios, vermes intestinais, doenças contagiosas, animais peçonhentos por questões que são mais “perceptíveis” ou próximas do cotidiano

das crianças e, ao mesmo tempo, abordando temas como os períodos de descanso durante o dia, as férias, a importância do controle do peso, os cuidados com o nariz (respiração), os olhos (a vista) e o asseio das unhas, sem desconsiderar o trabalho. Esse último, tomado como sinônimo de estudo para as crianças, um importante elemento de preparação para a vida adulta.

No entanto, uma leitura das imagens produzidas por Acquarone permite observar que o ilustrador não faz nenhuma menção às distinções de classe em suas ilustrações, silenciando-as. Para ele, o mundo higienizado, representado por Yolanda, Xisto e Zenaide, só é composto por crianças educadas, saudáveis, felizes e abastadas. A obra pode ser lida, em seu conjunto, como uma representação do mundo ideal propagado por diversos médicos, sanitaristas e eugenistas, que atrelava a saúde ao progresso social. Discurso esse, compartilhado por diversos intelectuais e profissionais de várias áreas, no início do século XX, como podemos observar nas correspondências localizadas e nos anúncios publicados nos impressos no período. Nesse sentido, a apresentação dos três protagonistas é exemplar:

Xisto, Yolanda e Zenaide são três irmãos que gozam ótima saúde. Vivem alegres e dão alegria a seus pais, porque nunca adoecem.
Na escola são os primeiros da classe e muito queridos dos professores e colegas.
Quem quer se parecer com os três irmãos?
- Nada mais fácil. Basta seguir os conselhos deste livrinho. Quem o fizer, tornar-se-á logo uma criança forte e bonita.
- Não se esqueça de que não há felicidade sem saúde e só se pode conservá-la vivendo *hi-gi-e-ni-ca-men-te*.
(KEHL, 1936?, p. 48)

4.5. A recepção do segundo manual

A divulgação da *Cartilha de Higiene* circulou nas páginas de *O Imparcial*, *Diario Carioca*, *Correio do Brasil*, *O Globo*, *Revista Sul America* e *Farmaceutico Brasileiro* no

mesmo ano da assinatura do contrato para a sua publicação, isto é, 1936. É interessante notar, por meio dos impressos, a transformação do discurso utilizado na divulgação dessa obra. Se por volta dos anos de 1923 e 1924, por ocasião do lançamento d' *A fada Hygia*, observamos um discurso mais intenso em prol da instauração de uma disciplina higiênica nas escolas primárias brasileiras, na década de 1930¹¹³, o discurso presente nos impressos tinha sido, então, remodelado. Faltavam agora materiais didáticos voltados para o ensino da higiene nas escolas primárias.

Em vista da carência de obras didáticas para o ensino de higiene nas classes primárias, e em vista do aspecto atraente do presente livro, de autoria do conhecido higienista e publicista patricio, - é certa a sua adoção nas escolas públicas e particulares de todo o país¹¹⁴.

Diante do novo quadro, a imprensa do período indicava que a *Cartilha de Higiene* seria facilmente adotada. Além disso, o nome de Renato Kehl como autor de livros didáticos já estava consolidado, o que também poderia facilitar a aprovação do material.

Editada pela Livraria Francisco Alves, em magnífica apresentação foi dada a publico, a “Cartilha de Higiene”, mais um esplêndido trabalho de Kehl que se tem especializado nesse ramo da literatura infantil¹¹⁵.

Além disso, o trabalho desenvolvido pelo ilustrador Acquarone era visto pela imprensa como um elemento que agradava e cativava ainda mais o público leitor:

Acquarone está tornando-se ilustrador indispensável aos livros didacticos fazendo pela imagem melhor, ás vezes, compreender os textos, do que a letra morta typografica. Os assumptos bem esclarecidos e concludentes tornam-se attractivos pelas ilustrações. Boas autoridades tenho em casa, nas minhas netas que muito se deliciam e aprendem na Cartilha de Higiene¹¹⁶.

No entanto, apesar dos elogios à *Cartilha de Higiene*, esse manual não chegou a alcançar a mesma projeção de *A fada Hygia* na imprensa. Poucos foram os que anunciaram o material, se compararmos com o primeiro manual de higiene de Renato Kehl. Por outro

¹¹³ Pykosz fala sobre a inserção da higiene como disciplina curricular nos grupos escolares curitibanos entre os anos de 1917 e 1932. Para mais detalhes, ver sua dissertação de Pykosz (2007).

¹¹⁴ *Farmaceutico Brasileiro*. s/n, s/d. Recorte avulso Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

¹¹⁵ *Diario Carioca*. s/n, jul. de 1936. Recorte avulso Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

¹¹⁶ *Correio do Brasil*. s/n, jul. de 1936. Recorte avulso Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

lado, o pouco impacto na imprensa não é um indicativo de que a *Cartilha de Higiene* fosse desconhecida pelas autoridades públicas, mesmo porque, logo após a publicação da obra, Renato Kehl encaminhou alguns exemplares da obra a diversas autoridades públicas, que imediatamente lhe responderam acusando o recebimento da obra. É o caso do Dr Francisco Borges Vieira, diretor do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo; do Dr. Octavio de Oliveira, da Diretoria Geral de Saúde Pública do Estado da Paraíba; do Dr. Clementino Fraga, da Diretoria de Saúde Pública do Estado do Espírito Santo; e do Dr. Barros Barreto da Diretoria Nacional de Saúde e Assistência Médico-Social.

Muitos desses agentes não só confirmariam o recebimento da obra, mas também expressariam sua admiração ao trabalho desenvolvido pelo médico, fortalecendo, assim, os vínculos profissionais, como o Dr. Clemente Fraga¹¹⁷ que escreveu uma carta de próprio punho.

¹¹⁷ O sanitarista Clementino Fraga participou das campanhas sanitárias empreendidas por Oswaldo Cruz. Em 1917, assumiu a chefia da Comissão Sanitária Federal da Bahia, combatendo a febre amarela. No ano seguinte, colaborou com Carlos Chagas no combate a epidemias de gripe espanhola, e em 1926, sucedeu Carlos Chagas na direção do DNSP, sendo substituído na década de 1930 por Belisário Penna.

L. S. Renato Kehl

Tenho a satisfação de comunicar ao eminente colega o recebimento dos dois exemplares, da "Cartilha de Higiene" e o "Sexo e civilização", excelentes publicações que ilustram [sobremaneira] a cultura brasileira, além do grande impulso que fazem ao movimento de educação sanitária, que apenas alvorece em nosso país.

Agradecendo a gentileza do oferecimento, vale-me este ensejo para justificar-me a expressão de mui cordial estima e especial admiração.

Clementino Fraga

20.7.1936

Imagem 39 – Correspondência de Clementino Fraga a Renato Kehl, 20/07/1936, Espírito Santo¹¹⁸.

Nessa correspondência, Clementino Fraga, além de deixar registrada sua admiração pelo trabalho desenvolvido pelo Renato Kehl, nos informa que recebeu do eugenista duas obras: *a Cartilha de Higiene* e o livro *Sexo e civilização: novas diretrizes* (1933). Esse último constitui-se como uma obra densa e teórica sobre os fatores que poderiam melhorar ou degenerar a humanidade, por meio das heranças biológicas e da sexualidade. Nas primeiras páginas de *Sexo e civilização*, Renato Kehl deixa explícitos os embates sobre as questões referentes à eugenia no período.

É este um pequeno livro lançado no campo agitado das atuais renovações doutrinárias. (...) Muitos remedios preconizados serão rejeitados pelos conservadores, que “escoram todas as rotinas e prejuizos consolidados através de

¹¹⁸ L. S. Renato Kehl. Tenho a satisfação de comunicar ao eminente colega o recebimento dos dois exemplares, da “Cartilha de Higiene” e o “Sexo e Civilização”, excelentes publicações que ilustram [sobremaneira] a cultura brasileira, além do grande impulso que fazem ao movimento de educação sanitária, que apenas alvorece em nosso país. Agradecendo a gentileza do oferecimento, vale-me este ensejo para justificar-me a expressão de mui cordial estima e especial admiração Assinatura de Clementino Fraga. FRAGA, Clementino. [Correspondência] 20 de jul. 1936, Espírito Santo [para] KEHL, Renato. Rio de Janeiro. 1p. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

seculos” ou por adeptos de arcaicas ortodoxias metafísicas. Não há mal em entrecabo de opiniões. O principal é que sejam emitidas e estudadas. “O sucesso de uma doutrina, - no caso a “eugénia – está ligado, antes de tudo, á conquista da opinião das pessoas cultas e sensatas” (KEHL, 1933, s/n)

Este “choque de opiniões”, atrelado à filiação cada vez maior de Renato Kehl aos preceitos da eugenia negativa, pode ser a justificativa para o pouco alcance da *Cartilha de Higiene* na imprensa do período. Contudo, muitas autoridades públicas continuaram expressando apoio a Renato Kehl, como o Dr. João de Barros Barreto¹¹⁹, que foi Diretor Geral do Serviço Sanitário em 1931, como se pode observar na correspondência de Barreto remetida à Kehl, em 1936.

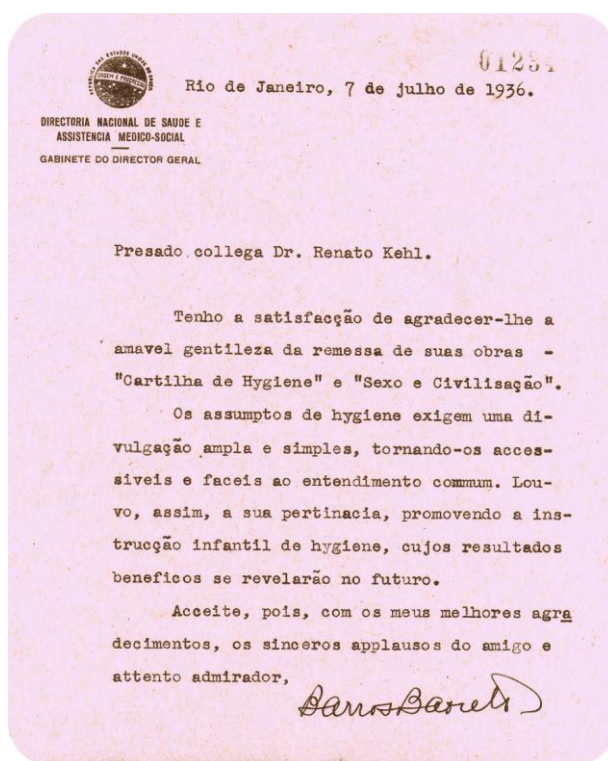


Imagem 40 – Correspondência de Barros Barreto a Renato Kehl, 07/07/1936, Rio de Janeiro¹²⁰

¹¹⁹ Entre os anos de 1938 e 1945, Barros Barretos assumiu a diretoria do Departamento Nacional de Saúde Pública, sendo responsável pela ampliação dos postos de saúde em nível nacional. (LIMA, 2002, p. 46)

¹²⁰ Rio de Janeiro, 7 de julho de 1936. Presado collega Dr. Renato Kehl. Tenho a satisfação de agradecer-lhe a amavel gentileza da remessa de suas obras – “Cartilha de Hygiene” e “Sexo e Civilização”. Os assumptos de hygiene exigem uma divulgação ampla e simples, tornando-os acessiveis e faceis ao entedimento commum. Louvo, assim, a sua pertinencia, promovendo a instrucção infantil de hygiene, cujos resultados beneficos se revelarão no futuro. Acceite, pois, com os meus melhores agradecimentos, os sinceros applausos do amigo e attento admirador. Barros Barreto. BARRETO. João Barreto [Correspondência] 07 de jul. de 1936, Rio de Janeiro [para] KEHL, Renato. Rio de Janeiro. 1p. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

Segundo esse sanitarista, os assuntos relacionados à higiene deveriam ser amplamente divulgados em linguagem simples. Por isso, louvava as ações de vulgarização da ciência empreendidas pelo médico eugenista Renato Kehl.

Outras autoridades, como Maria Thereza Silveira de Barros Camargo que estava vinculada à política e ao Estado, também enviaram correspondências a Kehl, parabenizando-o pela publicação da *Cartilha de Higiene* e da obra *Educação moral – Falando aos jovens da minha terra (s/d)*¹²¹, informando, inclusive, que mantinha uma coleção sobre eugenia em sua biblioteca particular.

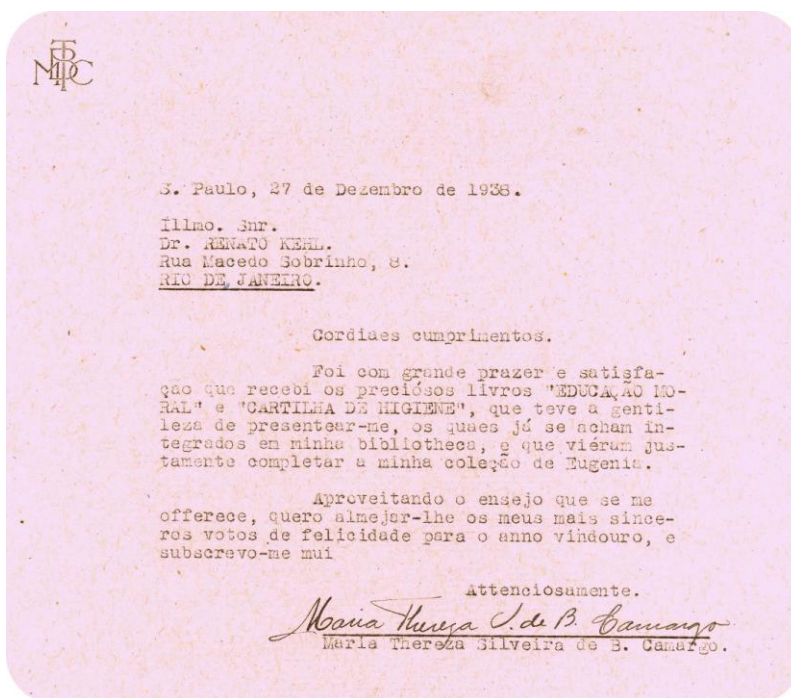


Imagem 41 – Correspondência de Maria Thereza S. de B. Camargo a Renato Kehl, 27/12/1938, Rio de Janeiro¹²².

¹²¹ *Educação moral – Falando aos jovens da minha terra (s/d)* é um manual destinado, como o próprio título da obra indica, ao ensino da moral e “bons” costumes sociais entre os jovens maiores de 10 anos. Este livro também conta com as ilustrações de Francisco Acquarone.

¹²² S. Paulo, 27 de Dezembro de 1938. Illm. Snr. Dr. Renato Kehl. Rua Macedo Sobrinho, 8. Rio de Janeiro. Cordiaes cumprimentos. Foi com grande prazer e satisfação que recebi os preciosos livros “Educação Moral” e “Cartilha de Higiene”, que teve a gentileza de presentear-me, os quaes já se acham integrados em minha biblioteca, e que vieram justamente completar a minha coleção de Eugenia. Aproveitando o ensejo que se me offerece, quero almejar-lhe os meus mais sinceros votos de felicidade para o anno vindouro, e subscrevo-me mui. Attenciosamente. Maria Thereza Silveira de B. Camargo. CAMARGO. Maria Thereza S. [Correspondência] 27 de dez. de 1938, Rio de Janeiro [para] KEHL, Renato. Rio de Janeiro. 1p. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

Camargo¹²³ era uma mulher conhecida no período, pois era neta do ex-presidente Prudente de Moraes, uma das primeiras prefeitas do Brasil, no ano de 1934, pela cidade de Limeira, cidade natal de Renato Kehl. Além de ter sido a segunda mulher a ocupar o cargo na Assembléia Constituinte de São Paulo em 1935.

A Cruzada Nacional de Educação, órgão que pretendia combater o analfabetismo, também recebeu os manuais de Renato Kehl, remetendo uma correspondência com suas apreciações à obra.

¹²³ Essas informações foram retiradas do Museu do Tribunal da Justiça. <<http://www.tjsp.jus.br/Institucional/Museu/Comunicados/Memoria/MemoriaMuseu.aspx?Id=149>>

CRUZADA NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Reconhecida de utilidade pública pelo decreto N. 21.731 de 15 de Agosto de 1932

PELO BRASIL SEM ANALPHABETOS

Secretaria: LARGO DA CARIOCA, 5 — Edifício Carioca - 3.º - sala 316
Telephone 22-2989 — Rio de Janeiro

DIRECTORIA:

Presidente de Honra: Sr. Ministro da Educação e Saúde
Presidente: Dr. Gustavo Armbrust
Directores: Dr. Alberto Teixeira Boavista
Dr. Francisco O. Passos
Secretário: Dr. Luiz Sobral Pinto

Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1937

"Um Brasil grande? Não; um grande Brasil pela cultura de seus filhos!"

"No combate ao analfabetismo, só não tomam parte os indiferentes à sorte do Brasil!"

"Instruir e educar o povo é assegurar a independência da pátria!"

"Iluminemos a Bandeira da Pátria com as 25 letras do alfabeto!"

"O Brasil será aditado, quando no mais longínquo dos seus sertões não houver um analfabeto!"

"Ler para ver. Demos às almas cegas a luz do alfabeto!"

"É grande o teu país? será maior (ainda). Quando sob este céu, de deslumbrante (teco). Num sagrado fervor, numa cruzada (linda). Um homem se fizer de cada analphabeto!"

"O Brasil precisa diminuir os analphabets, para que os analphabets não diminuam o Brasil!"

"Se é penoso contarmos no Brasil, com uma elevada percentagem de analphabets, é vergonhoso e covarde não fazermos algo para alphabetisá-los!"

"O Brasil precisa alphabetisar o povo para acelerar a sua civilização e consolidar a sua nacionalidade!"

Emx. Sr.

Dr. Renato Kehl
Rua Macedo Sobrinho 8
Capital

Illustre compatriota e collega.

É com a mais viva satisfação que venho apresentar-lhe os meus melhores e mais sinceros agradecimentos pela gentileza da offerta de livros de sua autoria "Cartilha de Higiene" e "Educação Moral" com delicada dedicatória.

Apreciei-os de tal forma que só me cumpre dizer-lhe: "Lamento Cruzada Nacional de Educação não ter fundos para adquirir milhares exemplares e espalhar-os gratuitamente por todo o nosso Brasil".

Essas suas duas obras vêm preencher um grande vacuo em materia de educação physica e de educação moral em nosso país. Ellas são tão preciosas e de tal monta educacional que todos os governos devem adquirir grande quantidade de exemplares e fornecel-os ás escolas publicas.

Infelizmente a situação financeira da Cruzada não permite que se adquira as suas obras. O meu illustre collega bem sabe como é miseravel a situação dos nossos patricios nos sertões; é para lá que temos enviado dezenas de milhares de cartilhas, cadernos, lapis e taboadas, além de grande quantidade de medicamentos contra o impaldismo e verminose.

Eu teria grande prazer em receber a sua visita aqui em nossa secretaria onde me encontrará das 8-11 e das 15 ás 17 horas nos dias uteis.

Renovando os meus agradecimentos formúlo os meus votos de saúde e de sua felicidade pessoal, apresentando-lhe, tambem, os protestos de minha estima e grande admiração com as minhas

Cordiais Saudações.

Gustavo Armbrust
Dr. Gustavo Armbrust
Presidente

Imagem 42 – Correspondência de Dr. Gustavo Armbrust a Renato Kehl, 17/09/1937, Rio de Janeiro¹²⁴.

¹²⁴ Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1937. Emx. Sr. Dr. Renato Kehl. Rua Macedo Sobrinho 8. Capital. Illustre compatriota e collega. É com a mais viva satisfação que venho apresentar-lhe os meus melhores e mais sinceros agradecimentos pela gentileza da offerta de livros de sua autoria "Cartilha de Higiene" e "Educação Moral" com delicada dedicatória. Apreciei-os de tal forma que só me cumpre dizer-lhe: "Lamento Cruzada Nacional de Educação não ter fundos para adquirir milhares exemplares e espalhar-os gratuitamente por todo o nosso Brasil". Essas suas duas obras vêm preencher um grande vacuo em materia de educação physica e de educação moral em nosso país. Ellas são tão preciosas e de tal monta educacional que todos os governos devem adquirir grande quantidade de exemplares e fornecel-os ás escolas publicas. Infelizmente a situação financeira da Cruzada não permite que se adquira as suas obras. O meu illustre collega bem sabe como é miseravel a situação dos nossos patricios nos sertões; é para lá que temos enviado dezenas de milhares de cartilhas, cadernos, lapis e taboadas, além de grande quantidade de medicamentos contra o impaldismo e verminose. Eu teria grande prazer em receber a sua visita aqui em nossa secretaria onde encontrará das 8-11 e das 15-17 horas nos dias uteis. Renovando os meus agradecimentos formúlo os meus votos de saúde e de sua felicidade pessoal, apresentando-lhe, tambem, os protestos de minha estima e grande admiração com as minhas cordiais saudações. Dr. Gustavo Armbrust. AMBRUST, Gustavo. [Correspondência] 17 de set. 1937, Rio de Janeiro [para] KEHL, Renato. Rio de Janeiro. 1p. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

Segundo Armbrust, presidente da cruzada, os livros de Renato Kehl preenchem o grande vácuo em matéria de educação física e moral. E, portanto, apesar de a instituição por não poder adquirir e distribuir tais obras gratuitamente pelo Brasil, a cruzada defendia que todos os governos deveriam adquirir em grande quantidade tais exemplares, para assim distribuir pelas escolas públicas.

Em meados de setembro de 1937, Kehl remeteu algumas cartas para autoridades educacionais, como Cantídio de Moura Campos – secretário da Educação e Saúde Pública de São Paulo; Henrique de Toledo Dodsworth – prefeito da cidade do Rio de Janeiro; Gaspar Velloso – diretor geral da Educação do Estado do Paraná; e Wadelmar Tavares – inspetor geral do Ensino da Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais, solicitando aos mesmos um parecer sobre a possibilidade de a *Cartilha de Higiene* ser adotada pelos departamentos educacionais de seus estados. No entanto, não localizamos fontes que possam indicar se Renato Kehl obteve sucesso nesta empreitada, a não ser pela indicação de que, em 1938, a comissão educacional da cidade do Rio de Janeiro aprovou a utilização da obra nas escolas.

**LIVROS DO DR. RENATO
KEHL JULGADOS OBRAS
DIDACTICAS**

De accordo com as instruções baixadas, em 18 de julho de 1939, pelo sr. Secretario Geral de Educação e Cultura, foram julgadas e aprovadas como obras didacticas os seguintes livros do dr. Renato Kehl: "Meu Guia — Cartilha de Hygiene — Educação Moral — Paes, medicos e mestres".

Ainda na sua ultima edição numero de agosto, a GAZETA DA PHARMACIA fez referencias ao livro: "Meu Guia", de autoria do illustre escriptor, que é o dr. Renato Kehl.

Felicitemos ao dr. Renato Kehl por haver a Comissão de livros e obras didacticas do Districto Federal, adoptado para uso nas Escolas do Rio de Janeiro, os seus excelelntes compendios de disciplina moral e educação social, acima referidos.

A Comissão de livros, que teve como presidente o dr. Pio Borges, para as suas actividades seguiu segura orientação, em cumprimento do que dispõe o decreto-lei n. 1006, de 30 de dezembro de 1938.

(da "A Gazeta de Farmacia")

Imagem 43 – Livros de Renato Kehl aprovados¹²⁵.

Além disso, é interesse destacar, que apesar de não termos encontrado nenhum vestígio oficial de que a *Cartilha de Higiene* tenha sido aprovada pela diretoria de instrução pública de São Paulo, localizamos uma correspondência que nos indica que o manual circulou pelas escolas paulistas:

¹²⁵ Livros do Dr. Renato Kehl julgados obras didacticas - De accordo com as instruções baixadas, 18 de julho de 1939, pelo Sr. Secretario Geral de Educação e Cultura, foram julgadas e aprovadas como obras didacticas os seguintes livros do dr. Renato Kehl: "Meu Guia - Cartilha de Higiene - Educação Moral - Paes, medicos e mestres". Ainda na sua ultima edição numero de agosto, a GAZETA DA PHARMACIA fez referencias ao livro: "Meu Guia", de autoria do illustre escriptor, que é o dr. Renato Kehl. Felicitemos ao dr. Renato Kehl por haver a Comissão de livros e obras didacticas do Distrito Federal, adoptado para uso nas Escolas do Rio de Janeiro, os seus excelentes compendios de disciplina moral e educação social, acima referidos. A Comissão de livros, que teve como presidente o dr. Pio Borges, para as suas actividades seguiu segura orientação, em cumprimento do que dispõe o decreto-lei n.1006, de 30 de dezembro de 1938. (da "A Gazeta da Farmacia"). *A Gazeta da Farmacia*: s/n, s/d. Recorte avulso. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

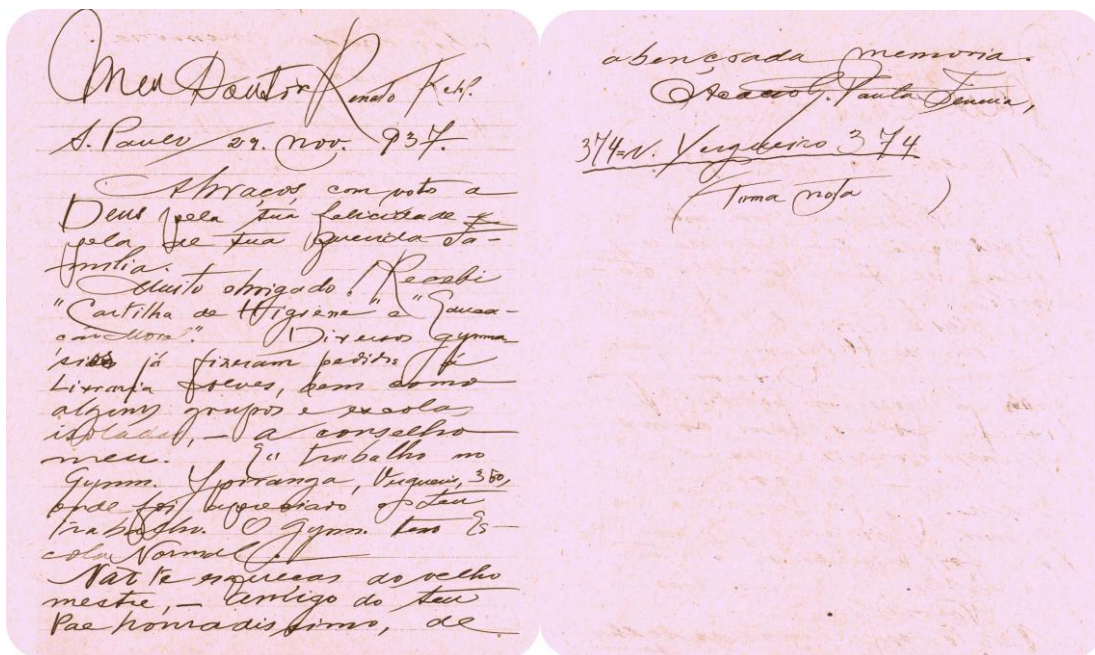


Imagem 44 – Correspondência do prof. do Gymnasio Ipiranga a Renato Kehl, 29/12/1937. São Paulo¹²⁶.

Professor do ginásio Ipiranga, além de nos informar que a *Cartilha de Higiene* foi aprovada pela instituição, também nos indica que ele mesmo recomendava as obras de Renato Kehl aos seus pares, incentivando, assim, a aquisição desses materiais por diversas instituições escolares, inclusive pelas escolas isoladas, algumas das quais já vinham realizando encomendas diretamente à Livraria Francisco Alves.

Assim, essa correspondência nos dá pistas para pensar que o manual escolar desenvolvido por Renato Kehl pode ter alcançado uma abrangência maior do que podemos identificar sob o ponto de vista dos discursos oficiais, localizados ao longo dessa pesquisa. Por outro lado, devemos recordar que, nos finais da década de 1930, quando Renato Kehl começa a divulgar a *Cartilha de Higiene*, o nazismo, pautado nos ideias da eugenia

¹²⁶ Meu doutor Renato Kehl. S. Paulo 29 nov. 937. Abraços com voto a Deus pela tua felicidade e pela de tua querida família. Muito obrigado. Recebi “Cartilha de Higiene” e “Educação Moral”. Diversos gymnasios já fizeram pedidos à Livraria Alves, bem como alguns grupos e escolas isoladas, - a conselho meu. Eu trabalho no Gymn. Ipiranga, Vergueiro, 360, onde foi aprovado o teu trabalho. O gymn. tem Escola Normal. Não te esqueças do velho mestre, - amigo do teu pai honradíssimo, de abençoada memória. Assinatura. 374 = N. Vergueiro 374. F. PAULA, G. [Correspondência] 29 de dez. 1937, São Paulo [para] KEHL, Renato. Rio de Janeiro. 1p. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

negativa, começava a esboçar suas feições mais cruéis, defendendo e executando práticas de segregação, esterilização e genocídio. Provavelmente essas ações teriam repercutido negativamente sobre a circulação dos manuais de Renato Kehl, que explicitava cada vez mais a sua filiação aos ideais eugênicos de cunho negativo, o que poderia justificar a pouca manifestação pública de intelectuais e das autoridades de ensino sobre os manuais escolares de Renato Keh, limitando, de certa forma, o acesso desses materiais nas escolas.

Conclusão

O início do século XX foi marcado pela ascensão das ideias eugênicas no mundo¹²⁷, voltadas para o aperfeiçoamento da raça e a constituição de uma identidade nacional. Tal ascensão foi fortalecida pelo apoio de diversos cientistas, políticos e intelectuais espalhados pelo mundo, os quais buscavam na ciência eugênica a resposta, quase imediata, aos problemas sociais advindos da crise econômica e política. No Brasil, essas ideias encontraram diversos adeptos, sendo Renato Ferraz Kehl o seu maior entusiasta.

Diversos profissionais propuseram medidas com viés eugenista como forma de melhorar socialmente as condições das cidades brasileiras. Para tanto, traçaram planos de intervenção política, social e cultural. Tratava-se de abranger toda a vida privada e pública do indivíduo, ao mesmo tempo em que se ia delegando ao sujeito o poder de agir por si mesmo, por meio da educação.

Convencer a todos dos benefícios de uma vida pautada nas normas sanitárias, higiênicas e, também, eugênicas era ferramentas utilizadas por esses médicos para implementar seu projeto social. Educar o indivíduo, convencê-lo a assumir a responsabilidade por preservar a sua própria vida, era uma das soluções possíveis, já que as ações autoritárias empreendidas pelo Estado não surtiam o efeito desejado. Muito pelo contrário, eram motivo de revoltas entre a população e de discórdias entre os profissionais de diversas áreas, que não concordavam com as ações que envolviam a “desapropriação de imóveis” e, também, a “invasão da privacidade”, empreendidas pelos batalhões de

¹²⁷ Nisot, no tomo II do livro intitulado *La question eugénique dans les divers pays* (1929), detalha o desenvolvimento da ciência eugênica nos seguintes países: África do Sul, Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Bolívia, Brasil, Canadá, China, Cuba, Dinamarca, Espanha, Estônia, Finlândia, Grécia, Hungria, Itália, Japão, Luxemburgo, México, Noruega, Nova-Zelândia, Polônia, Portugal, Romênia, Rússia, Suécia, Suíça, Tchecoslováquia, Turquia.

sanitaristas do Instituto Oswaldo Cruz. (HERSCHMANN; PEREIRA, 1994, p. 28). Como menciona Foucault (2009, p. 523) ao tratar da arte governar: era necessário “governar menos, para ter eficiência máxima, em função da naturalidade dos fenômenos com que se tem de lidar”.

Isso significava uma intervenção direta cada vez menor do Estado, mas não uma ausência total de seu poder de gerir as ações políticas. Dessa forma, as intervenções governamentais passariam a estar presentes na sociedade de forma sutil, não tão perceptível. O vínculo entre o Estado e a disseminação de ideias eugênicas/higiênicas fica perceptível quando as autoridades educacionais começam a aprovar os livros didáticos de Renato Kehl para uso nas escolas. Isso porque Renato Kehl era um nome reconhecidamente ligado às iniciativas eugênicas, sendo que suas realizações eram frequentemente enaltecidas na imprensa brasileira do período. Dessa forma, acreditamos que Renato Kehl, ao elaborar livros de Higiene para as escolas primárias, estava preparando as crianças para participar de um projeto eugênico. E o Estado, por sua vez, compactuava com esse ideal.

Desse modo, longe de ser um Dom Quixote científico e longe também de pregar para uma legião de panças, Kehl fazia parte de um sistema social que simpatizava com os ideais da Higiene e da Eugenia, ao mesmo tempo em que fortalecia as ações de Renato Kehl, até o momento em que elas não eram mais convenientes ao sistema social. Vale destacar que, na década de 1920, quando *A fada Hygia: primeiro livro de Higiene* foi publicado, com o propósito de convencer os indivíduos a participar do projeto de saneamento do Brasil, muitos profissionais contribuíram para a divulgação do manual em diversos espaços, inclusive nas escolas, demonstrando, assim, uma conexão desses ideais com as iniciativas de Renato Kehl e da Livraria Francisco Alves de publicar manuais escolares de Higiene.

A partir da segunda metade da década 1930, entretanto, com ascensão das práticas da Eugenia negativa atreladas ao nazismo, e o vínculo cada vez mais explícito de Renato Kehl com esse ideal extremista da ciência eugênica, observamos uma diminuição considerável da divulgação dos seus manuais escolares na imprensa. Observamos, também, que muitas autoridades educacionais e de outros campos sociais, passaram a não expressar publicamente seu apoio a Renato Kehl, eximindo-se da responsabilidade de dar um parecer favorável à utilização dos manuais escolares de Higiene de autoria do eugenista.

Assim, finalizamos este trabalho afirmando, mas sem a pretensão de esgotar as pesquisas nessa área, que a análise dos manuais escolares de Higiene selecionados para esta pesquisa permitiu visualizar como o movimento eugenista se introduziu no cotidiano da sociedade e quais as ferramentas utilizadas pelos eugenistas para penetrar em diversas esferas sociais, principalmente nas escolas primárias, com vistas à introjetar normas higiênicas, para, aos poucos, preparar e fortalecer as crianças para a assimilação das concepções eugênicas, que deveriam ocorrer no ensino secundário. Vale ressaltar, ainda, que as prescrições higiênicas estiveram presentes na produção de Renato Kehl durante toda a sua trajetória profissional, constituindo-se como base para a formação de uma população eugenizada.

Como anunciado no início dessa dissertação, durante a pesquisa localizamos uma reedição d' *Cartilha de Higiene*, intitulada *Alfabeto da saúde*, publicada em 1985 pela Livraria Editora Francisco Alves. Exatamente 11 após a morte de Renato Kehl, que faleceu em 1974. O conteúdo presente neste manual é idêntico ao seu original, isto é, ao da edição publicada na década de 1930. A única e grande diferença é a transformação da capa.



Imagem 45 – *Cartilha de Higiene – Alfabeto da Saude* [1936?] Imagem 46 – *Alfabeto da Saude* (1985)

A pesquisa está delimitada entre os anos de 1923 e 1936, período marcado pelo crescimento do movimento eugenista. Após esse período, o Brasil vivenciou outros processos sociais, culturais e políticos, em diálogo com as transformações que vinham acontecendo no mundo, entre elas ascensão e queda do regime nazista. As ações eugenistas praticadas na Alemanha aterrorizaram o mundo, sendo posteriormente negadas e condenadas. Ao localizar o manual *Alfabeto de saúde* (1985) deixamos uma porta entreaberta para novas pesquisas¹²⁸. E inúmeros questionamentos que envolvem a (re)publicação do manual ligado ao movimento eugenista, em plena década 80, quando aparentemente esses ideais foram silecionados.

¹²⁸ Nesses últimos anos, nota-se o surgimento dos primeiros empreendimento de, alguns poucos, pesquisadores no ofício de estudar as (re)significações dos ideais eugênicos pós-guerra, principalmente no ambiente escolar. Exemplo disso é a tese de doutorado defendido pela Célia Aparecida Rocha, em 2010, intitulada *A re-significação da eugenia na educação entre 1946 e 1970: Um estudo sobre a construção do discurso eugênico na formação docente*.

Bibliografia

ACQUARONE, Francisco. *História das artes plásticas no Brasil*. Rio de Janeiro: Edição Americana, 1980.

AISENSTEIN, Ângela Aisenstein; CAIRO, Maria Eugenia. El gobierno de la moral y la salud: educación alimentaria en el discurso pedagógico. *Revista História da Educação (ASPHE)*, Porto Alegre, v. 16, n. 38, p. 225-246, 2012.

ALMEIDA JR., Antônio. *Cartilha de Hygiene*. 15. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

ARRUDA, Sara Sampaio. *Rimas para Infancia*. [s.n.], 1927

BARBOSA, Marialva. *História cultura da imprensa: Brasil (1900-2000)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BENCHIMOL, Jaime Larry; TEIXEIRA, Luiz Antonio. *Cobras, lagartos & outros bichos: uma história comparada dos institutos Oswaldo Cruz e Butantan*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

BEDA, Ephraim de Figueiredo. *Octalles Marcondes Ferreira: formação e atuação do editor*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p. 476-491, set/dez. 2004.

BIZZO, Nélio Marco Vicencio. *Os meninos do Brasil: idéias sobre reprodução, eugenia e cidadania na escola*. Tese (Livre-docência) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

BLACK, Edwin. *A guerra contra os fracos: a Eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante*. São Paulo: A Girafa, 2003.

BOARINI, Maria Lúcia. (org). *Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil*. Maringá: EDUEM, 2003.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

_____. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In: FREITAS, Marcos César. (Org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez; Bragança Paulista: EDUSF, 1997.

CASTAÑEDA, Luisa Aurélia. Apontamentos historiográficos sobre a fundamentação biológica da eugenia. *Episteme*, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 23-48, 1998.

_____. Eugenia e casamento. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 901-930, 2003.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução Mary Del Priore. Brasília: Editora UNB, 1998.

_____. Textos, impressão, leitura. In: HUNT, L. (Org.) *A Nova História Cultural*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. *História da Educação*, Porto Alegre, v. 5, n. 11, p. 5-24, 2002.

_____. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, 2004.

_____. O manual escolar: uma falsa evidência histórica. *História da Educação*, Pelotas, v. 13, n. 27, p.9-75, 2009.

CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 1998.

COSTA, Maria José Franco Ferreira da; SHENA, Denilson Roberto; SCHMIDT, Maria Auxiliadora (Org.). *I Conferência Nacional de Educação (1927)*. Brasília, DF: Inep, 1997.

DALBEN, André. *Educação do corpo e vida ao ar livre: natureza e educação física em São Paulo (1930 -1945)*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2009.

DÁVILA, Jerry. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil (1917-1945)*. Tradução Claudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

DE LUCA, Tania Regina. *Leituras, projetos e (RE)vista(s) do Brasil (1919-1944)*. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.

DEL CONT, Valdeir Donizete. *Eugenia: A ciência do melhoramento das especificidades genéticas humanas*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

DIAS, Patricia Fortunato. *Prevenir é melhor do que curar: As especificidades da França nos estudos da Eugenia*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

DIWAN, Pietra. *O Espetáculo do Feio: práticas discursivas e redes de poder no eugenismo de Renato Kehl*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

_____. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1993. Vol. I.

FARIA, Accacio. *Livro de Hercules*. São Paulo: Typographia Bancaria, 1928.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; GONÇALVES, Irlen Antônio; VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. *O Brasil contado às crianças: Viriato Corrêa e a literatura escolar para o ensino de História (1934-1961)*. São Paulo: Annablume, 2011.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida (Org.). *Livros, catálogos, revistas e sites para o universo escolar*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2006.

FILGUEIRAS, Juliana Miranda. *Os processos de avaliação de livros didáticos no Brasil (1938-1984)*. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *O que é um autor?* [Lisboa]: Vega, 2006.

_____. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *Microfísica do poder*. São Paulo: Edições Graal, 2010.

FREIRE, U. *Brasil eugênico*. 2. ed. São Paulo: [s.n.], 1933.

GALTON, Francis. *Herencia y eugenesia*. Tradução e Prefácio Raquel Alvarez Peláez. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

GONDRA, José Gonçalves. Homo hygienicus: educação, higiene e a reinvenção do homem. *Caderno CEDES* [online], Campinas, vol.23, n.59, p. 25-38, 2003.

GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. Educar para regenerar e selecionar: convergências entre ideário eugênico e educacional no Brasil. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.13, n.25, p.91-110, 2008.

HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia. “*Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou*”: *raça, Eugenia e nação*. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

_____. *Agricultura e biologia na escola superior de agricultura "Luiz de Queiroz" (ESALQ): Os estudos de genética nas trajetórias de Carlos Teixeira Mendes, Octavio Domingues e Salvador de Toledo Piza Jr. (1917-1937)*. Tese (Doutorado em História das Ciências) - Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz, Rio de Janeiro, 2010.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: (sua historia)*. São Paulo: T. A. Queiroz: EDUSP, 1985.

HERSCHMANN, Micael Maiolino; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (Orgs). *A invenção do Brasil moderno: Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.

HOBBSAWM, Eric. *Noções e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1998.

HOFFMANN, H. *João Felpudo*. São Paulo: Edições Melhoramentos, [s.d.].

HUXLEY, Aldous. *Admiravel mundo novo*. São Paulo: Globo, 1996.

KEHL, Renato. *A Eugénia*. São Paulo: [s/n], 1917.

_____. *A fada Hygia: primeiro livro de Higiene*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1925; 1937.

_____. *Sexo e civilização: novas diretrizes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1933.

_____. *Conduta: guia para formação do caráter (conceitos e preceitos éticos para jovens e adultos de ambos os sexos)*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1934.

_____. *Cartilha de Higiene: alfabeto da saúde*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [1936?].

_____. *Bio-perspectivas (com prefácio de Monteiro Lobato)*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1938.

_____. *Tipos vulgares: contribución a la Psicología práctica*. Buenos Aires: Librería de la salud, 1938.

_____. *Conducta: guia para la formación del carácter*. Buenos Aires: Anaconda, 1940.

_____. *Psicologia da personalidade*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1941.

_____. *Catecismo para adultos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1942.

_____. *Medicina e bio-perspectivismo*. Rio de Janeiro: [s/n], 1942.

_____. *Pensamentos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1942.

_____. *Através da Filosofia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1946.

_____. *Tipos vulgares: introdução à Psicologia da personalidade (contribuição à Psicologia prática)*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1958.

_____. *Psicologia da personalidade (guia de orientação psicológica)*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1959.

_____. *Alfabeto da saúde*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1985.

_____. *Por que sou eugenista*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, (s/d).

_____. *A cura do espírito*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, (s/d).

_____. *A interpretação de homem*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, (s/d).

_____. *Genialidade e degeneração*. Rio de Janeiro: Revista Terapêutica (s/d).

_____. *Envelhaça sorrindo*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, (s/d).

_____. *Educação moral*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, (s/d).

KOBAYASHI, Elizabete Mayumy. *Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: A saúde como instrumento de regeneração nacional*. Dissertação. (Mestrado em Política Científica e Tecnológica) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

KUHLMANN JR., Moysés. Histórias da educação infantil brasileira. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v.14, p. 05-18, 2000.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.

LIMA, Ana Luce Girão Soares de; PINTO, Maria Marta Saavedra. Fontes para a história dos 50 anos do Ministério da Saúde. *História ciência saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, 2003.

LIMA, Nísia Trindade. O Brasil e a Organização Pan-Americana da Saúde: uma história em três dimensões. In: FINKELMAN, Jacobo (Org.). *Caminhos da saúde pública no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2002. p. 24-116.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. Pouca saúde e muita saúde: sanitarismo, interpretações do país e ciências sociais. In: HOCHMAN, Gilberto (Org.). *Cuidar, controlar, cuidar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

LOBATO, Monteiro. *Jéca Tatuzinho*. São Paulo: Cia. Graphico – Editora Monteiro Lobato, 1924.

_____. *O choque das Raças ou Presidente Negro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926.

_____. *Jéca Tatuzinho*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930.

MAI, Lillian Denise. *Boletim de eugenia (1929-1931): Um estudo sobre forças educativas no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 1999.

MAGALHÃES, Maria das Graças Sandi. *Medos, mimos e cuidados. Leituras úteis para educar as mães: os guias maternos brasileiros (1919-1957)* - Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos educadores e discurso eugênico*. Prefácio Sérgio Adorno. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994. (Coleção Ciências Médicas).

MELO, Luiz Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Prefeitura Municipal, 1954.

MORAES, Deodato de. *Vida Higienica*. 2. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, [s.d.].

_____. *Vida Higienica (Alimentação)*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1933.

NALLI, Marcos Alexandre Gomes. *Antropologia e segregação Eugênica (Uma leitura do Lições de Eugenia de Renato Kehl)*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2000.

NISOT, T. *La question eugénique dans les divers pays*. Bruxelles: Librairie Falk Fils, 1929.

OSSENBACH, Gabriela; SOMOZA, Miguel (Ed.). *Los manuales escolares como fuente para la historia de la educación en América Latina*. España: UNED Ediciones, 2001.

PICHOT, André. *Sociedade Pura – De Darwin a Hitler*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

PYKOSZ, Lausane Corrêa. *A higiene nos grupos escolares curitibanos: Fragmentos da história de uma disciplina escolar (1917-1932)*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

REIS, José Roberto F. *Higiene Mental e Eugenia: o projeto de regeneração nacional da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-1940)*. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1995.

_____. “De pequenino é que se torce o pepino: a infância nos programas eugênicos da Liga Brasileira de Higiene Mental”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 7, n.1, p. 135-157, 2000.

ROCHA, Célia Aparecida. *A re-significação da eugenia na Educação entre 1946 e 1970: um estudo sobre a construção do discurso eugênico na formação docente*. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2010.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta Rocha. *Imagens do Analfabetismo: A educação na perspectiva do olhar médico no Brasil dos anos*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

_____. *A higienização dos costumes: Educação Escolar e Saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)*. Campinas: Mercado Letras; FAPESP, 2003.

_____. Alfabetização, saneamento e regeneração nas iniciativas de difusão da escola primária em São Paulo. *Pro-Posições*, Campinas, vol.22, n.2, p. 151-172, 2011.

ROSA, Alessandra. *"Quando a Eugenia se distancia do Saneamento: as idéias de Renato Kehl e Octávio Domingues no Boletim de Eugenia (1929-1933)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) - Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ. 2005

SÁNCHEZ, Norma Isabel. *La Higiene y los higienistas en la Argentina (1880-1943)*. Buenos Aires: Sociedad Científica Argentina, 2007.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro. O pensamento sanitário na Primeira República: Uma ideologia de construção da nacionalidade. *Dados - Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v.28, n.2, p.193-210, 1985.

SANTOS, Ricardo Augusto. *Pau que nasce torto, nunca se endireita! E quem é bom, já nasce feito?: Esterilização, Saneamento e Educação: uma leitura do Eugenismo em Renato Kehl (1917 -1937)*. Tese (Doutorado em História das Ciências) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

SANTOS, Ricardo Ventura. A obra de Euclides da Cunha e os debates sobre mestiçagem no Brasil no início do século xx: Os sertões e a medicina- antropologia do Museu Nacional. *História das ciências e saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 5, suppl. 0, p. 237-254, 2012.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. *O Espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Luiz dos Santos. *A perfeição expressa na carne: A educação física no projeto eugênico de Renato Kehl – 1917 a 1929*. Dissertação (Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SILVA, João Ítalo de Oliveira. *Por uma eugenia latino-americana: Victor Delfino e Renato Kehl*. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SOARES, Carmen Lúcia. *Educação Física - Raízes Europeias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2004.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *A política biológica como projeto: a "eugenia negativa" e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) - Casa de Oswaldo Cruz, FioCruz, Rio de Janeiro, 2006.

STEPAN, Nancy Leys. *A hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. (Coleção História e Saúde)

VEIGA, Cynthia Greive, GOUVEA, Maria Cristina Soares. Comemorar a infância, celebrar qual criança? Festejos comemorativos nas primeiras décadas republicanas. *Educação Pesquisa*, São Paulo, vol.26, n.1, p. 135-160, 2000.

VIÑAO FRAGO, A. Historia de la educación e história cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n.0, p. 63-82, 1995.

Anexo I – Catálogo de livros de Renato Kehl (LIHED)

Kehl, R. F. *Conduta: Guia para formação do caráter. (conceitos e preceitos éticos para jovens e adultos de ambos os sexos)*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1934.

_____. *A fada Higia: primeiro livro de Higiene*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1937.

_____. *Bio-perspectivas (com prefácio de Monteiro Lobato)*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1938.

_____. *Através da Filosofia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1946.

_____. *Tipos vulgares: introdução à Psicologia da personalidade (contribuição à Psicologia prática)*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1958.

_____. *Psicologia da personalidade (guia de orientação psicológica)*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1959.

_____. *Envelheça sorrindo*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, (s/d).

_____. *A cura do espírito*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, (s/d).

_____. *A interpretação de homem*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, (s/d).

Anexo II – Catálogo de livros de Renato Kehl (Biblioteca Nacional de la República Argentina)

Livros em língua portuguesa:

KEHL, R. F. *A eugenia: ciencia do aperfeiçoamento moral e physico dos seres humanos*. Sao Paulo: (s.n), 1917.

_____. *Sexo e civilização: novas diretrizes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1933.

_____. *Conduta: livro guia para a formação do caráter*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1939.

_____. *Tipos vulgares: contribuição à Psicologia pratica*. Rio de Janeiro: [s.n], 1940.

_____. *Psicologia da personalidade*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1941.

_____. *Catecismo para adultos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1942.

_____. *Medicina e bio-perspectivismo*. Rio de Janeiro: [s.n], 1942.

_____. *Pensamentos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1942.

_____. *A cura do espírito*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1946.

_____. *Envelheça sorrindo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1949.

_____. *Educação moral*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, [s.d]

_____. *Genialidade e degeneração*. Rio de Janeiro: Revista Terapêutica, [s.d]

_____. *Por que sou eugenista*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [s.d]

Livros em língua espanhola:

KEHL, R. F. *Tipos vulgares: contribución a la Psicología práctica*. Buenos Aires: Librería de la Salud, 1938.

_____. *Tipos vulgares: contribución a la Psicología práctica*. Buenos Aires: Orientación Integral Humana, 1938.

_____. *Conducta: guía para la formación del carácter*. Buenos Aires: Anaconda, 1940.

Anexo III – Atuação e produção profissional de Renato Kehl

Renato Ferraz Kehl

Nasceu em Limeira a 22 de agosto de 1889. Fez os estudos primários em sua cidade natal e os secundários no Ginásio Nogueira da Gama, de Jacareí. Formando, em 1909, pela Escola de Farmácia de S. Paulo e, em 1915, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Empenhando-se na vulgarização da doutrina de Galton, fundou, em 1918, a Sociedade Eugênica de S. Paulo, a primeira no gênero surgida na América do Sul. Paralelamente, dedicou-se a estudos de medicina social, à pedagogia, etc. Em 1931, organizou a Comissão Central Brasileira de Eugenia, da qual é presidente; redator chefe do “Boletim de Eugenia”, colaborador do “Correio da Manhã”, do Rio de Janeiro, de “Viva Cem Anos” e “Hijo Mio”, de Buenos Aires, e numerosos jornais e revistas tanto do Brasil como do exterior: Organizador do serviço de Propaganda e Educação Sanitária da Inspetoria da Lepra e Doenças Venéreas do Serviço de Saneamento Rural. Foi colaborador efetivo do “Comércio

de S. Paulo”; da “Revista do Brasil”, “O Imparcial”, do “O Jornal”, da “Gazeta de Notícias”, da “Revista da Semana”, do Rio de Janeiro; de “Semana Médica”; de “La Republica”. de Buenos Aires, da “Chronica”, do Peru, etc. Redator do “Boletim do Sindicato Médico” e do “Farmacêutico Brasileiro”. Membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Rio de Janeiro, da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campos, do Conselho de Assistência e Proteção de Menores, da Liga de Higiene Mental, da Sociedade Brasileira de Dermatologia, da Associação Brasileira de Farmacêuticos, da Associação Brasileira de Imprensa. Presidente da Comissão Central Brasileira de Eugenia, sócio da Academia Nacional de Medicina de Lima, da Societé Française d’Eugenique, de Paris, da Sociedade de Antropologia e Etnologia de Pôrto, da Eugenics Society, de Londres, do Institut Internacional d’Anthropologie, de Paris, etc. **Bibliografia:** “O médico no lar: dicionário popular de medicina de urgência”, S. Paulo, Weisflog Irmãos, 1918, 240 p. in 8º; “Anais de eugenia”, 1919; “Eugenia e medicina social”, 2ª ed., 1920; “O perigo venéreo”, 1920, 64 p.; “Povo são e povo doente” Rio: Ed. Brasil Médico, 1920; “Acne e seu tratamento”, 1921; “Melhoramos e prolonguemos a vida”, Rio, Alves, 1922, 300 p.; “A cura da fealdade: eugenia e medicina social”, S. Paulo, Gráf. Ed. Monteiro Lobato, 1923, 500 p.; “A fada Higia”, 1º livro de higiene e adotado pela diretorias de Ensino de S. Paulo, Pará, Pernambuco, etc., 1923; “Como escolher um bom marido”, Rio, Alves, 1923, 140 p.; “Como escolher uma bôa esposa”, 1924, 175p.; “Conferência de higiene”, 1925; “Bíblia da saúde”, 1926, 500 p.; “A eugenia e seus fins”, 1926; “Formulário da beleza”, 1927; “Perguntas a um eugenista”, 1927; “A eugenia prática”, 1927; “Lições de eugenia”, publicada em português e vertida para o espanhol, 1929; “Livro do chefe da família”, 1929, 75 p.; “Registro individual e arquivo genealógico”, 1929; “A eugenia no Brasil”, 1929; “Certificado médico pré-nupcial”, 1930; “A campanha da eugenia no Brasil”, 1931; “Boletim de eugenia”, 1931; “Conduta: conceitos e preceitos éticos para jovens e adultos de ambos os sexos”, Rio, Alves, 1932; “Sexo e civilização”, Rio, Alves, 1933; “A fôrça do exemplo”, S. Paulo, 1933; “Política eugênica”, Pôrto, 1933; “Crença e mêdo. Análise psico-crítica”, S. Paulo, 1935; “Tipos vulgares. Contribuição à psicologia prática”, Rio, 1936; “Psicologia e crítica”, Rio, 1937; “Porque sou eugenista”, Rio, Alves, 1937; “Conduta”, 2ª ed., Rio, Alves, 1928, 272 p., 20cm.; “Bio-perspectivas, dicionário filosófico”, com prefácio de Monteiro Lobato, Rio, Alves, 1938, 183 p., 18,5x12 cm.; “A educação dos pais. A ação educadora dos médicos”. Rio, Alves, 1938, 24 p.; “Pais, médicos e mestres”, Rio Alves, 1939, 200 p., 18,5x12,5 cm.; “Cartilha de Higiene”, Rio, Alves, 1939, 48 p. ils.; “A educação moral”; “Psicologia da personalidade: guia de orientação psicológica”, Rio, Alves, 1941, 168 p.; “Catecismo para adultos: ciência e moral eugênica”, Rio, Alves, 1941, 168 p. 19x12cm.; “Guia sinótico de filosofia: notas de estudos”, Rio, Alves, 1945, 92 p.; “A cura do espírito”, Rio, Alves, 1946, 166 p.; “Através da filosofia”, Rio, Alves, 1946, 35p.; “Tipos vulgares”, 2ª ed., Rio, Alves, 1946, 141 p.; “Meu guia”, Rio, Alves; “Envelheça sorrindo”, Rio, Alves, 1949, 231 p., 21,5x15 cm.; “O médico no lar”, 5ª ed.; S. Paulo, Edições Melhoramentos, s/d., 298 p. ils. 19x14 cm.; “Tipos vulgares”, 6ª ed.,

Rio, Alves, 1950, 144 p., 19x13 cm.; “A interpretação do homem”, ensaio de caracterologia, Rio, Alves, 1951, 264p.

(MELO,1954, p. 287-288)

Anexo IV- O ensino da Eugenia nas escolas secundária (Boletim de Eugenia)

BOLETIM DE EUGENIA

SEPARATA DA "MEDICAMENTA"
REVISTA PARA MEDICOS E PHARMACEUTICOS

PUBLICAÇÃO OFFICIAL DA COM. CENTR. BRAS. DE EUGENIA Assig. annual do Boletim avulso 5\$000 Caixa Postal 2926 - Rio de Janeiro - Brasil	JUNHO DE 1931 ANNO III N. 30	DIRECÇÃO E REDACÇÃO DR. RENATO KEHL R. Smith Vasconcellos, 63 (Aguas Ferreas) Caixa Postal 2926 — Rio de Janeiro
---	--------------------------------------	---

UMA NOVA EXPLICAÇÃO PARA A RECOMBINAÇÃO FACTORIAL NA DROSOPHILA MELANOGASTER

PELO
PROF. S. DE TOLEDO PIZA JUNIOR
Prof. de Zoologia e Anatomia na E. A. "Luiz de Queiroz"

Havendo demonstrado, em recente trabalho (1), que o "crossing-over" não serve, absolutamente, para explicar as recombinações factoriaes, mostrei, que seria possível dar desse phenomeno uma explicação satisfactoria, sem recorrer a uma permuta de partes entre os cromosomios homologos. Para o caso particular da *Drosophila melanogaster*, necessario se torna, previamente, uma reforma completa na distribuição dos factores sobre cada par chromosomico. A principio poderá parecer, que essa reforma implique numa alteração arbitraria dos dados experimentaes. Tal, porém, não se dá. As modificações a fazer não contrariam, de modo nenhum, as observações colhidas da experimentação. Representam apenas o resultado de uma interpretação differente dos mesmos factos. Assim, por exemplo, dois factores quaesquer, que por se acharem sempre juntos têm sido collocados pelos experimentadores em um mesmo chromosomio podem, na realidade, pertencer a dois chromosomios distinctos, sendo que estes é que são associados. A "linkage" chromosomica pôde, pois, neste caso, substituir perfeitamente a "linkage" factorial, sem que por isso se modifiquem os resultados das experiencias. Os factores continuarão associados do mesmo modo.

A inviabilidade de uma permuta de partes entre chromosomios, tal como admite a theoria do "crossing-over", é a melhor prova de que os factores da *Drosophila* não têm aquella distribuição que lhes deram, mas uma outra que permita explicar de modo diverso as recombinações factoriaes tantas vezes constatadas. Ora, dando-se aos factores uma distribuição differente, possível será explicar as recombinações por um mecanismo muito simples tal como a associação e dissociação inter-chromosomica, innumeradas vezes observado no dominio dos animais e das plantas.

✱

De accordo com Morgan e seus colaboradores, do cruzamento de uma *Drosophila* de cor cinzenta e

(1) Localização dos factores na linha nuclear como base de uma nova theoria sobre a hereditariedade. — 1930.

azas longas com uma mosca preta de azas rudimentares (vestigiaes), resulta uma geração F1, que em virtude da dominancia dos caracteres da raça selvagem, apresenta-se constituida só por individuos "cinzento-longos".

Designando por C o caracter cor cinzenta, por L o caracter azas longas, por p o caracter preto e por v o caracter azas vestigiaes, poderemos representar do seguinte modo, o cruzamento acima indicado:

Paes	CL	CL	X	pv	pv
Gametas	CL	CL		pv	pv
F1	CLpv	(cinzento-longa).			

Apesar de phenotypicamente identicas aos individuos da raça "cinzento-longa" (CL.CL), as moscas F1 delles differem quanto á constituição genotypica (CLpv).

As femeas hybridas F1 (CLpv), cruzadas com os machos recessivos da raça "preto-vestigial" (pvpv) em vez de produzirem só individuos cinzentos de azas longas e pretos de azas rudimentares, como era de se esperar, produzem tambem individuos cinzentos de azas rudimentares (Cvpv) e pretos de azas longas (pLpv), na seguintes proporção:

41,5 %	de cinzento-longos
41,5 %	de preto-vestigiaes
8,5 %	de cinzento-vestigiaes
8,5 %	de preto-longos.

Considerando os factores C e L como localizados num mesmo chromosomio e n e p no seu homologu, esse resultado fica sem explicação uma vez que se considere impossivel uma troca de partes entre os pares synapticos, da maneira exigida pela theoria do "crossing-over".

Admittindo-se, pelo contrario, que os factores C e L se encontrem em chromosomios differentes, o mesmo se dando com p e v, facil será explicar o phenomeno. Consideremos, então, na *Drosophila* selvagem, o factor C no II chromosomio e o factor L no III.

Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl – DAD/COC.

O ensino da Eugenia nas escolas secundarias

O que a natureza realiza ás cegas e impiedosamente, deve o homem fazer precavidamente, rapida e suavemente. — F. Galton.

Não é meu proposito desenvolver no presente artigo considerações sobre as vantagens do cultivo da Eugenia nas escolas secundarias do paiz. Desejo, apenas, apresentar o esboço de um programma para o ensino desta disciplina que, como a hygiene, tem grande importancia social e racial.

A hygiene, como disse em um dos meus livros "A Biblia da Saude", constitue a arte de conservar a saude, "e sendo verdadeira a sabedoria antiga que diz representar esta o primeiro dos bens, ipso facto, deve a hygiene ser considerada a primeira das artes". A eugenia, por sua vez, creada por Francis Galton, constitue verdadeira sciencia-religião: harmoniza e concretiza ideas e intuitos regeneradores, esforçando-se para a formação de caracteres optimos, transmissiveis por herança, e concorrendo, ao mesmo tempo, para a eliminação das taras e degenerações. Ella visa, pois, a elevação physica e moral dos homens, de modo a que se constituam e se multipliquem os elementos de paz na familia, na sociedade e na humanidade.

As bases e a alta finalidade da sciencia de Galton, são sufficientemente conhecidas; dispenso-me, por isso, de entrar em detalhes, de referir-me aos seus fundamentos, aos seus principios, methodos e meios, limitando-me a estabelecer, de modo synthetico, o esboço de um programma didactico exequivel como parte da cadeira de historia natural ou, melhor, isoladamente, na ultima ou na penultima série do curso gymnasial.

- 1— Eugenia — definição e finalidades.
- 2— Historico — os precusores do eugenismo, o seu fundador, progresso realizado após a fundação.
- 3— Relações da Eugenia com a hygiene e a medicina social.
- 4— Fundamentos da Eugenia — doutrina de Lamarck (sobre a acção evolutiva do meio), de Darwin (sobre a selecção natural), de Weissmann (sobre o plasma germinativo), de Mendel (sobre a hybridação), de Semon (sobre a "mneme") de Nussbaum (sobre a identidade do plasma).
- 5— Principios eugenicos — (lei biogenetica, lei da conservação do typo ancestral, lei da evolução organica, leis da hereditariedade, lei do atavismo, lei de Galton, lei do isochronismo).
- 6— Methodo eugenico — estudos sobre as questões de hereditariedade e sobre a propaganda para despertar o interesse popular pelas medidas de defesa e protecção sociaes contra as taras e vicios degenerados.
- 7— Meios propostos: regulamentação eugenicica do casamento, propaganda contra os factores

dysgenizantes, puericultura, conceitos e preceitos eugenicos.

- 8— A responsabilidade e os deveres individuaes em face da especie.

O ensino será desenvolvido com o elevado proposito de despertar no espirito dos discentes o respeito de si proprio e dos semelhantes, tendo sempre em vista a implantação do grande ideal da regeneração moral e physica do homem.

Como disse no meu pequeno tratado de eugenia "A Cura da Fealdade": "para attingir tal escopo, bem o sei, são necessarios muitos esforços, muitos sacrificios, a marcha far-se-á lenta mas firme, através de mil impecilhos, mil estorvos, mil preconceitos, como que desbastando uma enorme floresta, cujos troncos são representados pela ignorancia, pela rotina, pela obstinação, pelo desalento, pela descrença e falta de altruismo". Estas dificuldades serão, porém, vencidas desde que o professorado se identifique com o alto alcance do assumpto, que tanto tem de interessante e empolgante, como de elevado e patriotico.

Conclusões — A educação eugenicica é imprescindivel para o progresso biologico, moral e social dos homens, devendo figurar, obrigatoriamente, no programma dos cursos gymnasiaes e normaes, como materia à parte ou, não sendo possível, como parte da historia natural ou da hygiene.

RENATO KEHL

OS PROGRESSOS DA EUGENIA

O CONGRESSO INTERNACIONAL PARA ESTUDOS SOBRE A POPULAÇÃO

Organizado pela Comissão Italiana para estudos dos problemas da população, deve realizar-se em Roma, do dia 7 a 10 de setembro proximo, um Congresso Internacional para estudos sobre a população, tendo como presidente honorario o Chefe do Governo, Benito Mussolini e como presidente effectivo o Prof. Corrado Gini, actual presidente da Comissão Italiana.

A organização do Congresso comprehende:

- a) Uma Comissão de Honra;
- b) Uma Comissão Internacional de Patrocinio, composta de presidentes ou representantes das Organizações Scientificas Nacionaes que estudaram os problemas da população e de outras personalidades, que serão encarregadas da propaganda em seus proprios paizes e das relações entre a Comissão Organizadora e aquelles que se occupam com estes estudos nas respectivas associações;
- c) Uma Comissão Organizadora composta de Membros Italianos que serão encarregados de organizar o Congresso e que serão responsaveis pelas communicações recebidas.

O programma do Congresso baseia-se em fins puramente scientificos, de modo que fica interdita qualquer propaganda politica, moral ou religiosa, mesmo no

Anexo V – Correspondência de Octavio Domingues a Renato Kehl

Universidade de São Paulo
Piracicaba, 30 de julho de 1935

Meu caro am^o

Sempre generoso para comigo! Deve ter recebido o meu agradecimento oficial pela lembrança de me incluir na diretoria da seção de Eugenia, do Congresso de Higiene Mental. Aqui vai meu agradecimento particular. Meu primeiro impulso foi recusar: primeiramente por falta de credenciais, depois por não poder comparecer. Mas raciocinando, atinei logo que a lembrança seria sua. E seria indelicadeza de minha parte, outra atitude que não a obediência.

O Piza chegou de sua viagem á Africa. Indo visitá-lo deu-me um recado seu, sobre o ultimo livro do Mendes Correa, onde há citação de meu nome. Seria bondade sua se me informasse qual é esse livro do Mendes Correa, para mandar vir de São Paulo. Desde já meus agradecimentos.

Agora, mais um aborrecimento para o meu amigo. Quem manda ter amizades com gente da roça... É que estou com os originais de um livro – “Limalhas de um eugenista” – e ando á caça de editor... Lembro-me de que me disse uma vez estar satisfeito com a Livraria Alves. Pergunto-lhe: Terei eu credenciais para ser editado pelo Alves? Qual a base de contratos num caso de livros de especiais, como seria o meu? Desde logo devo dizer que não tenho exigências a fazer. O que quero é editar o livro, por uma casa que o possa distribuir com seriedade. E sobretudo dar um cheque no Octales Ferreira, que já começou a dar coices.

Recebi o retalho de jornal do Recife, onde li sua entrevista. Parabens pelo êxito de sua viagem ali.

Meus votos de felicidade, extensivos aos seus.

Abraça-o afetuosamente

O am^o certo,
Domingues.¹²⁹

Anexo VI – Correspondência de Renato Kehl a Octavio Domingues.

Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1935

Meu caro amigo Domingues.

Recebi sua amável carta de 30 de julho. O meu ato indicando o seu nome para o Congresso de Higiene Mental não foi de generosidade, mas de reconhecimento aos seus méritos de eugenista.

Agradeço-lhe a gentileza de ter aceito minha indicação.

Soube que o Pisa estava ausente, lendo um artigo que ele publicou no “Estado de São Paulo”.

O livro do Mendes Correia no qual você é citado intitula-se “Cariocas e Paulistas”.

¹²⁹ DOMINGUES. Octávio. [Correspondência] 30 de jul. 1935, Piracicaba [para] KEHL, Renato. Rio de Janeiro. 1p. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD/COC.

Sobre a sua pergunta no tocante á publicação do seu novo livro “Limalhas de um Eugenista”, penso que fará bem em publica-lo numa editora aí de São Paulo, pois as desta Capital vão de mal a peor. Com a Livraria Alves costumo fazer o seguinte negocio: mando imprimir o livro numa tipografia, e quando ele está pronto, levo a fatura ao Snr. Paulo de Azevedo para pagar. Como sabe, ele é meu velho amigo. Parece-me que só faz isto comigo. No fim do ano é dado um balanço e creditados na minha conta 50% do saldo dos livros vendidos, isto depois de coberta a despesa da impressão. Os lucros são repartidos em partes iguais entre o autor e a Livraria Alves. Sei que o Snr. Paulo de Azevedo compra de alguns autores toda a tiragem de certas obras que sejam de carácter didático.

Devo seguir hoje para São Paulo, onde só me demorarei 2 a 3 dias a negocio. O meu endereço em São Paulo é: Rua Domingos de Moraes, 108.

Lembranças ao Piza e um afetuoso abraço do seu amigo certo, ¹³⁰

Anexo VII – Correspondência Renato Kehl a Mendes Corrêa.

Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1936

Meu querido amigo Mendes Corrêa

Porto.

Atenciosas saudações.

Respondo-lhe datilograficamente afim de, com mais presteza, dar-lhe noticiosas nossas e ao mesmo tempo informar-lhe sobre o negócio dos seus livros.

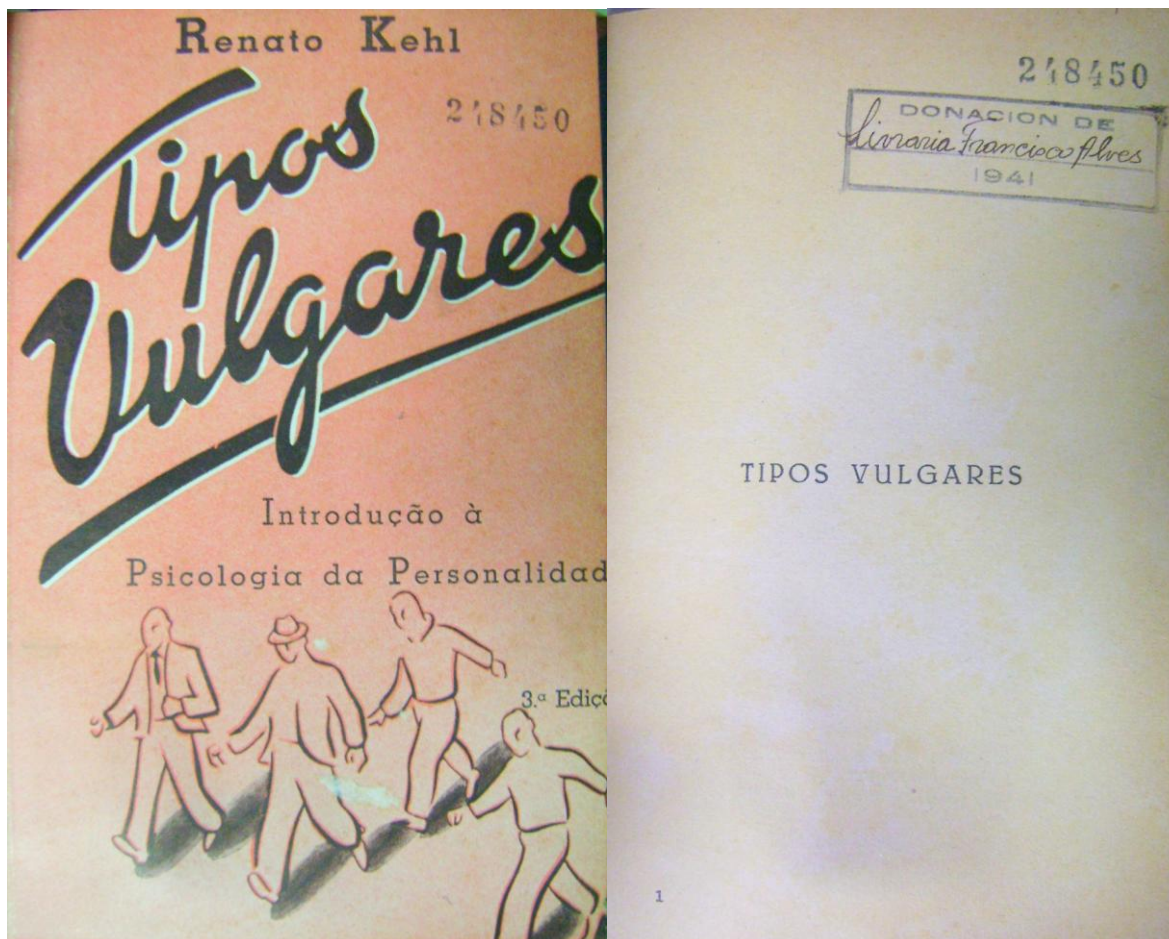
Vamos indo regularmente de saúde e procurando no trabalho as distrações que muito necessitamos no momento. Estivemos para ir a Europa, mas as condições políticas desse continente nos desanimaram. Estamos, entretanto, com vontade de fazer um pequeno passeio em Abril ou Maio próximo ano, para permanecer dois meses na Alemanha. Faremos o possível para ficar uma semana no Porto afim de rever os bons amigos e matar saudades dessa hospitaleira cidade.

Fui visitar o Snr. Antunes, que continua a merecer a máxima confiança, tais as informações que tenho obtido na Livraria Alves. Informa-me este senhor que prestou contas dos livros vendidos ao Snr. Fernando Machado, do Porto. Lamenta que o preço de 12\$000 por volume tenha impedido venda. Ultimamente a produção livresca no Brasil é imensa, mas o que aparece é para ser vendido em pequeno numero, pois as tiragens, em geral, não ultrapassam 1.000 exemplares. Pedi ao Snr. Antunes que me fornecesse uma relação dos exemplares que ainda tem em seu poder, a qual vai junto a esta. Se o livreiro em questão tivesse um serviço de propaganda bem organizado, estou certo de que seus livros teriam melhor saída não entre portugueses como também entre os brasileiros. Suponho, entretanto, que ele não tem organização neste gênero, o que é lamentável. Não envio sugestão alguma porque receio que seus livros caíam em mão de alguns livreiros, como muitos que aqui existem, que não prestam contas aos autores. O meu editor é o Snr. Paulo Azevedo (Livraria Alves), que também não faz propaganda alguma dos livros e nem os distribue, porque diz que pequenos livreiros do interior e mesmo muitos da Capital não prestam contas regularmente.

¹³⁰ KEHL, Renato. [Correspondência] 09 de ago. 1935, Rio de Janeiro [para] DOMINGUES, Octávio. Piracicaba. 1p. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD/COC.

Como vê, os autores aqui no Brasil não dispõem de qualquer meio seguro e prático para fazer valer seus esforços de publicistas.¹³¹

Anexo VIII – Carimbo de doação



Fonte: Biblioteca Nacional de la República Argentina

¹³¹ KEHL, Renato. [Correspondência] 30 de set. 1936, Rio de Janeiro [para] CORRÊA, Mendes. Porto. 1p. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD/COC.

Anexo IX – Correspondência Victor Delfino a Renato Kehl¹³²

SEMANA MÉDICA.
DIRECCIÓN, REDACCIÓN,
ADMINISTRACIÓN E IMPRENTA
24 - Córdoba - 2254
BUENOS AIRES

Buenos Aires, a 12 de Marzo de 1925. *de 1925*

Excmo Sr. Dr. D.:
Renato Kehl;

Mi ilustre y queridísimo amigo: De regreso a Buenos-Aires, de donde estuve ausente por espacio de casi tres semanas, encuentro con su afectuosa carta del 21 de Enero ppdo. que me apresuro a contestar. No tiene Vd. mi querido amigo Dr. Kehl, porque agradecerme las palabras que dedicara en "La Semana Médica" a su precioso librito de higiene para los niños (A Fada Hygia), cuya versión española Vd. se digna sugerirme. En principio acepto gustosísimo y honrado su propuesta, pero para trarla en firme, deseo antes hablar con algún editor, a ver en que condiciones tomaría la obra. Le contestaré entonces, dándole la impresión de un librero-editor sobre las posibilidades de la difusión y venta de su bello librito. Yo, por mi parte, desearía para bien de nuestros niños que A fada Hygia, se difundiera muchísimo en nuestro medio escolar; pero para lanzarnos a una edición española, es necesario esperar el parecer del editor y del Consejo de Educación, sin lo cual, no pueden ~~usarse~~ usarse en las escuelas, libros didácticos de ningún género. Mil gracias por sus buenas palabras, que agradezco en todo lo que valen. Espero siempre sus prometidas colaboraciones para "La Semana Médica", y me complazco ahora en ofrecerle las columnas de la "Revista Científica Argentina", de la cual soy también Redactor-en jefe, por si desea honrarlas con alguna producción suya.

Desearía conocer la tesis "Ginecohygia", de que me habla en su carta. Podría Vd. procurársela y enviármela a título de préstamo? Le agradece, por anticipado la deferencia y queda atentamente a sus órdenes, su affmo S.S. y amigo, q.e.s.m.

Victor Delfino

¹³² DELFINO, Victor. [Correspondência] 12 de mar. 1925, Buenos Aires [para] KEHL, Renato. Rio de Janeiro. 1p. Fonte: Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD/COC.